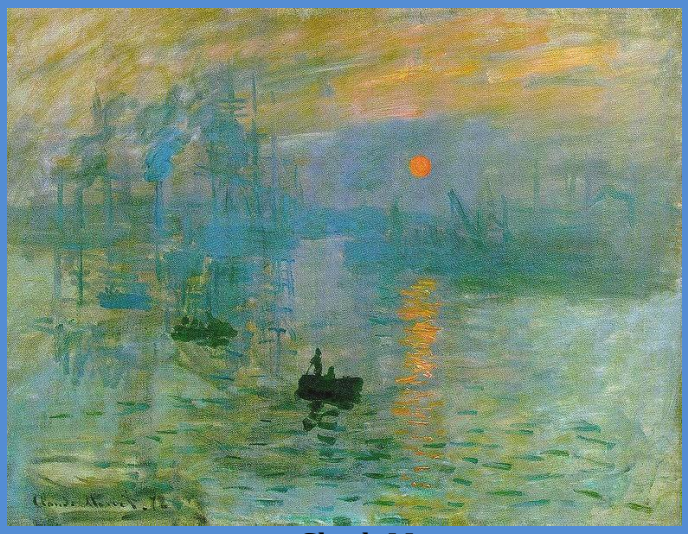
Fredrich W. H. Myers

A Personalidade Humana

Sobrevivência e
manifestações paranormais

Título do original inglês

Human Personality
and Its Survival of Bodily Death



Claude Monet
O Nascer do Sol

Conteúdo resumido

A presente obra foi um dos primeiros estudos científicos que objetivaram a investigação sistemática acerca dos fenômenos psíquicos. Fredrich Myers foi um dos pioneiros na criação de um sistema de classificação de fenômenos paranormais. As palavras "telepatia", "supranormal", além dos famosos termos "eu subliminar" e "eu supraliminar", adotados pela Parapsicologia atual, são de autoria desse grande pesquisador.

A Personalidade Humana é o resultado de anos de pesquisas levadas a efeito por Myers, com a preciosa colaboração de Henry Sidgwick e Edmund Gurney, e retratadas na obra *Phantasms of the Living* (Os Fantasmas dos Vivos), de autoria de Myers, Gurney e Podmore.

O principal objetivo da obra é esclarecer, com base na análise de fatos, a questão que mais importa ao homem: a de saber se ele possui ou não uma alma imortal ou, em outras palavras, se a sua personalidade implica algum elemento suscetível de sobreviver à morte corporal.

E além de concluir positivamente sobre a sobrevivência do ser psíquico além da morte do corpo físico, o autor chega, ainda, a uma conclusão filosófica de conseqüências ainda mais grandiosas: a de que nós somos seres espirituais em constante e permanente evolução; "esse é o nosso destino neste e nos outros mundos; a evolução gradual em numerosas etapas, à qual é impossível designar um limite".

Apreciação de autores espíritas clássicos

"... *A Personalidade Humana*, de F. Myers, professor de Cambridge, é um estudo profundo e metódico dos fenômenos espíritas, firmado numa opulenta documentação e rematado por uma síntese filosófica em que são magistralmente expostas as vastas conseqüências da ciência psíquica."

Léon Denis – No Invisível
Cap. I - A Ciência Espírita

* * *

"... respaldando a Ciência Espírita e suas bases filosóficas, temos agora (...) a obra monumental mais esquecida e de flagrante atualidade de Fredrich Myers, em colaboração com Henry Sidgwrich e Edmund Gurney, *A Personalidade Humana*."

J. Herculano Pires
O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte
Cap. 8 - Os Caminhos Escusos da Moral

* * *

"... Foi então que li a obra monumental de Myers – *Human Personality* (*A Personalidade Humana*) –, de cujas formidáveis raízes se há de erguer toda uma árvore de conhecimentos."

Arthur Conan Doyle
A Nova Revelação
Cap. 1 – As pesquisas

Sumário

Prefácio 6
I – Introdução 9
II – As desintegrações da personalidade 33
III – O gênio 59
IV – O sono 91
V – O hipnotismo 117
VI – Automatismo sensorial 156
VII – Os fantasmas dos mortos 201
VIII – O automatismo motor 238
IX – Possessão, arrebatamento, êxtase 278
X – Conclusão 315
Esboço provisório de uma síntese religiosa 324

Prefácio

O livro que finalmente decidi publicar não é mais do que uma exposição parcial de um tema em pleno desenvolvimento e que esperei por muito tempo poder tratar de maneira mais satisfatória. Mas, à medida que o conhecimento se completa, a vida se vai e eu preferi aproveitar os anos que me sobram para agregar, com este manual tão imperfeito, minha contribuição a uma ordem de investigações cuja novidade e complexidade exigem necessariamente sistematização provisória, com a esperança de que, ao sugerir novas investigações, e com o acúmulo de novos dados, logo será ultrapassada e superada. Poucos críticos deste livro perceberão melhor do que eu os seus defeitos e as suas lacunas; mas são poucos também os que até agora compreenderam toda a importância dos fatos de que trata este livro.

Grande número desses fatos já foi publicado no *Phantasms of the Living*;[1] um número ainda maior no *Comptes Rendus de la Société de Recherches Psychiques*. Mas esses fatos ainda estão longe de haver adquirido cidadania na consciência científica moderna. Estou convencido de que um dia parecerá assombroso que a divulgação desses fatos tenha sido deixada a um escritor que dispõe de tempo tão restrito e de uma bagagem científica tão incompleta.

Se este livro tem algum valor, deve-o em grande parte a outras inteligências que não a de seu autor. Sua própria extensão, antes de tudo, deve-se ao trabalho de dois amigos devotados e inestimáveis colaboradores, a cuja memória o dedico.

A parte que corresponde a esses pranteados colegas, Henry Sidgwick e Edmund Gurney, ainda que formado por sua natureza e quantidade o elemento essencial deste livro, não pode ser definida de modo exato e completo em vista das mudanças ocorridas desde a morte de ambos. Mas é possível avaliar até certo ponto a importância de sua colaboração no que concerne à revisão de meus trabalhos anteriores, às experiências realizadas em conjunto, aos pensamentos e às descobertas originais. As enormes citações tomadas diretamente de Edmund Gurney têm

por objetivo mostrar o grau de intimidade que, até sua morte, nos unia no trabalho comum. Mas o benefício que recebi desta associação tem ainda um sentido mais profundo. Sempre visamos demonstrar que para este estudo há a necessidade de uma sustentação moral íntima. Um homem isolado, um excêntrico, ou um homem que viva cercado de indivíduos de inteligência inferior à sua pensará, talvez, que é fácil trabalhar com segurança numa obra que sabe, de antemão, ser desprezada ou ignorada pela massa de seus contemporâneos. Mas a obra é mais difícil para um homem que se sente unido por numerosos laços a seus semelhantes e que deseja viver com espíritos iguais ou superiores ao seu. Um homem assim não pode desdenhar a reprovação, explícita ou implícita, do importante grupo de pessoas cujas opiniões concernentes a outros temas aprendera a estimar.

Não necessito dizer que a atitude do mundo científico e do mundo intelectual em geral era, naquela época, mais caracterizada que na atualidade. Hoje escrevo com plena consciência do escasso valor que se dá, geralmente, aos estudos que realizo. Hoje em dia um livro sobre o tema que enfrento deve esperar não somente críticas legítimas e justificadas, mas também o desdém e a oposição que excitam naturalmente toda novidade e toda heterodoxia. Não quero, porém, transformar em ato de coragem uma empresa que a geração seguinte verá, talvez, como a coisa mais natural do mundo. *Nihil ausi nisi vana contemnere* [2] – esta será, certamente, a saudação mais animadora que se dirigirá à nossa temerária independência.

Contudo, o reconhecimento me obriga a dizer que, mesmo tendo podido pensar, no meu foro íntimo, “dar prova de valor desprezando as coisas vãs”, não me atreveria nunca a aplicar os meus conhecimentos de diletante a uma publicação desta envergadura, se o meu respeito pelas opiniões de meus amigos não me houvesse aumentado um pouco a confiança em mim mesmo. Seus favores e sua amizade converteram em prazer a parte que eu realizei neste trabalho, fazendo-me considerar um verdadeiro dever a publicação deste livro.

Resta-me, ainda, agradecer a outro colega desaparecido, o Dr. A. T. Myers, que me ajudou durante anos em todas as questões médicas tratadas durante o desenrolar deste livro.

Sou também muito reconhecido aos correspondentes que me cederam os seus depoimentos originais e à *Société de Recherches Psychiques* pela autorização de utilizá-los. Contudo, devo deixar ao próprio livro o cuidado de indicar mais particularmente tudo quanto devo a numerosos homens e mulheres, e qual é a extensão do trabalho e o interesse do que vai exposto e apresentado nestas páginas.

Este livro é, com efeito, mais uma exposição do que uma demonstração. Minhas débeis forças não me permitiriam resumir o acúmulo de dados já reunidos nos dezesseis volumes do *Comptes Rendus*, nos nove volumes do *Journal*, no *Phantasms of the Living* e em outros livros e coleções manuscritas. Este ramo do conhecimento exige, como todos os demais, estudo cuidadoso dos que desejam compreendê-lo e fazê-lo avançar.

O que me propus nesta obra foi somente tornar este conhecimento mais acessível, coordenando-o de uma forma tão clara e inteligível quanto me permitiram os meus limitados recursos pessoais e natureza mesma dos fatos.

F. W. H. Myers

I
Introdução

Na longa história dos esforços do homem para compreender a sua própria natureza e assenhorear-se do seu destino, existe uma lacuna ou omissão singular que, mesmo se mais tarde tentássemos explicá-la, sua mera constatação teria sempre o ar de um paradoxo. Isto é tão verdadeiro que o homem nunca sonhou aplicar aos problemas que o interessam de modo mais íntimo os mesmos métodos de investigação que com eficácia aplicou a todos os demais problemas.

A questão que mais importa ao homem é a de saber se ele possui ou não uma alma imortal ou, para evitar a palavra *imortal*, que pertence ao domínio do infinito, se a sua personalidade implica algum elemento suscetível de sobreviver à morte corporal. Os terrores mais graves, as esperanças mais elevadas que tenham oprimido ou estimulado os espíritos humanos sempre estiveram ligados a essa questão.

De outro lado, o método que nossa raça encontrou como mais eficaz para aquisição de conhecimento é agora familiar a todo o mundo. É o método da Ciência moderna, o procedimento que consiste em interrogar a Natureza sem paixão e sem preconceito, de modo paciente e sistemático, mediante experimentação minuciosa e registro dos resultados que permitam adivinhar as verdades mais árduas segundo as indicações quase sempre mais simples. Esse método é seguido atualmente em todo o mundo civilizado e, mesmo que em certos aspectos as experiências se mostrem difíceis ou duvidosas, os fatos raros e incompletos, a Ciência prossegue lentamente sua obra e aguarda o seu momento, negando-se a cair na tradição ou lançar-se à especulação, porque as veredas estreitas são as únicas que levam aos descobrimentos memoráveis, às verdades indiscutíveis.

Esse método, dizemos, não foi aplicado nunca ao problema capital concernente à existência, às faculdades e ao destino do espírito humano, embora essa omissão não esteja baseada na convicção geral da insolubilidade do problema. Sem dúvida, a

fórmula agnóstica, quase diria a superstição científica que se resume nas palavras *ignoramus* e *ignorabimus*, conta agora com partidários entre os sábios; mas nunca constituiu, tanto hoje como antes, a crença geral do gênero humano. Existe desde uns dois mil anos, na maioria dos países civilizados, a crença de que a sobrevivência após a morte corporal foi provada indiscutivelmente por certos fenômenos que, em determinado momento, foram observados na Palestina. E fora da crença cristã, os homens guiados pela razão ou pelo instinto, ou mesmo pela superstição, acreditaram sempre que certos fenômenos espirituais eram o testemunho de uma vida cujos limites ultrapassavam a vida que conhecemos.

Mas até agora nenhum dos que, por motivos incertos ou definidos, acreditam que a questão possa ser resolvida ou que se tenha solucionado graças à observação humana e aos fatos objetivos, não realizou nenhuma tentativa séria para pôr em concordância essa crença com os dados científicos. Nenhum se empenhou suficientemente em confirmá-la, dar-lhe explicações, estabelecer analogias. Todos se contentaram em limitar as suas convicções relativas a essas questões capitais, num compartimento isolado do próprio cérebro, compartimento destinado à religião e à superstição, não à observação e ao experimento.

O fim deste livro, como o foi, desde seu início, o da *Société de Recherches Psychiques*, graças à qual pude reunir a maioria dos documentos aqui acumulados, é mostrar o que se pode fazer para suprimir esse tabique artificial de separação que excluía, até este momento, do domínio científico exatamente os problemas para cuja solução há maior necessidade de processos e métodos científicos.[3]

Devo dizer, antes de tudo, que a palavra *científico* significa para mim uma autoridade a que me submeto, não um modelo que tenha a pretensão de realizar. A Ciência de que falo não pode ser mais do que uma *ciência nascente*, não um desses vastos sistemas de conhecimentos reunidos para cuja consecução trabalham milhares de especialistas em seus laboratórios, senão algo semelhante a um desses sistemas em seus modestos começos, quando alguns monges buscavam as propriedades dos *metais nobres* ou

quando alguns pastores caldeus estudavam a posição das estrelas fixas.

Proponho-me, unicamente, dar aqui o simples rudimento socrático desses organismos do pensamento exato, os prolegômenos axiomáticos de todo progresso duradouro. Gostaria que se introduzisse na discussão dos problemas mais profundos, concernentes à natureza e ao destino humanos, a mesma análise crítica de resultados utilizada geralmente na discussão relativa à natureza e ao destino do planeta onde se movem os homens.

Conceder-me-ão, talvez, que não obstante a aparente evidência desta proposição, os que a sustentam penetram num domínio de investigações mais vasto e mais estranho do que o habitual e ultrapassam os limites estreitos nos quais, em virtude de velho convencionalismo, os partidários das diferentes soluções dessas questões estiveram confinados até agora.

Uma breve explanação de certos fatos históricos conhecidos contribuirá para esclarecer a minha opinião. Comecemos perguntando por que motivo, enquanto uns consideram solucionável o problema da sobrevivência do homem mediante as provas suficientes, e outros acham insuficientes as provas tradicionais, ordinariamente oferecidas, nenhuma das partes fez um esforço sério para averiguar se não seria possível conceber outras provas mais recentes.

Para nós, o motivo é bastante simples: numa raça cujos esforços estão inteiramente voltados para a satisfação das necessidades imediatas da vida, a importância capital deste problema central encontrava sempre fechado o caminho de seu exame metódico e científico.

Há algumas crenças para cuja verificação a humanidade não teve tempo de esperar. “O que devo fazer para saber o que sou?” Eis uma questão que tem a mesma importância da causa das marés ou das manchas solares. O homem tem necessidade de uma firme convicção no que concerne ao que deve temer ou esperar da parte do mundo invisível. As crenças surgem na razão direta dessa necessidade de acreditar, e para que se mantenham reclamam uma única lei. Com essas crenças específicas nasce o

costume geral de considerar tudo o que diz respeito ao mundo invisível como tabu, como escapando à observação e ao exame comuns.

Passemos das generalidades à história positiva da civilização ocidental. Na época em que as múltiplas crenças locais, rituais, disseminadas como soluções parciais de problemas cósmicos, destroem-se mutuamente por simples contato e fusão, produziu-se um acontecimento que, nos reduzidos anais da civilização humana em seus albores, pode ser considerado como ímpar. Foi vivida uma vida durante a qual a resposta mais alta que o instinto moral humano jamais recebera, viu-se corroborada por fenômenos que todo o mundo considera milagrosos e dos quais a Ressurreição foi a expressão culminante. Seria ilegítimo da minha parte recorrer, para favorecer minha opinião, aos argumentos proporcionados pelos fenômenos dessa Ressurreição. Tendo apelado à Ciência, procedo de acordo com ela, considerando incoerente invocar o que a Ciência, no sentido estrito da palavra, considera como uma tradição da época pré-científica.

Mas sabemos que essa grande tradição, considerada como fato, ganhou a adesão e a fé da maioria dos espíritos europeus. Os resultados completos que se seguiram ao triunfo do Cristianismo foram discutidos por número enorme de historiadores. Todavia, um resultado que vemos sob luz nova foi o de que a igreja cristã, a religião cristã, se converteram para os europeus em defensores e representantes válidos de todos os fenômenos que dizem respeito ao mundo invisível. Enquanto o Cristianismo predominou, todos os fenômenos que pareciam ir além da experiência ficavam absorvidos por ele e eram considerados como indícios secundários da atividade de seus anjos e de seus demônios. E quando o Cristianismo começava a ser seriamente atacado, essas manifestações secundárias foram perdidas de vista. Os sacerdotes achavam mais prudente defender suas tradições e instituições, em lugar de se aventurarem na busca de provas independentes que favorecessem a existência de um mundo espiritual. Seus inimigos esforçavam-se por destruir os baluartes da ortodoxia, ignorando a existência de certas praças-fortes isoladas que não formavam parte da linha de defesa principal.

Contudo, as leis da Natureza seguiam o seu caminho habitual. Como sempre, revelavam coisas que já haviam sido reveladas antes e, de vez em quando, algum fenômeno maravilhoso, mais semelhante às histórias de outras épocas do que se admitia, deslizava-se entre a superstição de um lado e a indiferença de outro. A *Magia*, o *Mesmerismo*, o *Swedenborguianismo*, o *Espiritismo*, apareceram sucessivamente entre numerosos outros fenômenos de menor importância, como testemunhos da necessidade de uma investigação mais profunda. Algumas palavras a propósito desses quatro movimentos bastarão para mostrar o seu relacionamento com o tema de que nos ocupamos.

A magia – O ensino que resulta da magia, no que diz respeito ao valor do testemunho humano, é tanto mais notável por ter sido completamente desconhecido durante muito tempo. A crença nas bruxas passou durante muito tempo como o exemplo mais notável de ignorância e loucura humanas. Num livro relativamente recente como a *Histoire du Rationalisme*, de Lecky, o declínio repentino dessa crença popular é indicado como um sinal do desaparecimento irresistível do erro e da ignorância, sob a influência da atmosfera intelectual de uma época mais esclarecida. Mas, depois das experiências praticadas na França, a partir de 1880, ficou demonstrado em que coisas uma mulher histérica pode acreditar, sob a influência da sugestão exterior ou da auto-sugestão. Começou-se a entender que os fenômenos da magia eram o que os fenômenos observados em Salpêtrière pareceriam às enfermas, se as tivessem deixado sozinhas no hospital, sem qualquer intervenção médica.[4]

Edmund Gurney, depois de ter, em *Phantasms of the Living*, submetido toda a literatura sobre a magia a uma análise mais minuciosa da que se considerara digna até aquela data, demonstrou igualmente que, do ponto de vista prático, todas as declarações de primeira mão, feitas espontaneamente, isto é, sem ter sido provocadas pela tortura, podem ter sido *verdadeiras* ou consideradas como tais pelos declarantes, representando a convicção de pessoas sãs (posto que freqüentemente histéricas) que somente eram culpadas de confundir alucinações, produto da auto-sugestão, com fatos da vida real. Inclusive as regiões insen-

síveis das bruxas eram, sem dúvida, realmente anestésicas, representando um sintoma bem conhecido hoje, as *zonas analgésicas* de Pitres e de Charcot. A bruxaria foi, na realidade, uma experiência psicopatológica gigantesca e cruel, praticada pelos investigadores da histeria, mas praticada às cegas, sem que fosse possível utilizar os resultados.

O *mesmerismo* – As possibilidades latentes da *sugestão*, ainda que sob outro nome e associadas a muitos elementos estranhos, saíram novamente à luz com o movimento inaugurado por Mesmer, simultaneamente inventor e charlatão. Ainda desta vez a época não estava bastante madura e a oposição científica, embora menos avassalante que a oposição religiosa que mandava os feiticeiros para a fogueira, foi suficientemente forte para deter de novo a *ciência nascente*. Em nossa geração, apenas uma terceira tentativa recebeu melhor acolhida. E atualmente o Hipnotismo e a Psicoterapia, nas quais todo fato bem provado de feitiçaria e de mesmerismo encontra, se não a sua explicação, pelo menos a sua analogia, estão a ponto de impor-se como métodos excelentes de alívio das misérias humanas.[5]

Esse rápido esboço do desenvolvimento, mediante impulsos sucessivos, numa atmosfera de desconfiança e desânimo, de um grupo de tendências e faculdades mentais e de sensibilidades reconhecidas hoje como realmente existentes, e com freqüência saudáveis, é paralelo à história do desenvolvimento, entre dificuldades análogas, de outro grupo de faculdades ou de sensibilidades cuja existência, sempre discutida, caso se estabelecesse com firmeza, teria para a humanidade uma importância ainda maior.

Em nenhuma das épocas que conhecemos, nem antes nem depois da era cristã, a série de manifestações de êxtase ou de possessão, que se presumia em comunicação com um mundo superior, deixaram de existir inteiramente. Às vezes, como na época de Santa Teresa, os êxtases desse gênero constituíam, por assim dizer, o fato central ou culminante do mundo cristão. Não vou me ocupar aqui desses experimentos. As provas existentes a seu favor são de caráter eminentemente subjetivo e estarão mais bem colocadas numa discussão ulterior, relacionada com o grau

de confiança que se pode conceder à interpretação dada a seus próprios fenômenos pelas pessoas interessadas.

Contudo, entre essas largas séries encontra-se a história excepcional, por assim dizer, de *Emanuel Swedenborg*. É sabido que, neste caso, parecem ter existido provas objetivas excelentes, tanto de clarividência e telestesia como de comunicação com os mortos. E não podemos deixar de lamentar que o filósofo Kant, que estava em parte convencido do poder paranormal de Swedenborg,[6] não tenha levado mais longe uma análise que valeria, pelo menos, tanto quanto as demais a que aplicou o seu espírito superior. Mas, independentemente dessas provas objetivas, o fato era em si mesmo suficientemente interessante para atrair a atenção durante mais tempo. É-me impossível discutir aqui a estranha mistura que apresentam as revelações de Swedenborg, de literalismo servil e de especulação exaltada, de ortodoxia pedante e de temeridade que lhe permitiram olhar e ver muito mais adiante do que era acessível à sua época. Basta-me dizer que, se Sócrates fez descer a Filosofia do céu à terra, Swedenborg, noutro sentido um pouco diferente, fê-la subir novamente ao céu, criando a noção de ciência do mundo espiritual de forma tão séria, ainda que de uma maneira menos persuasiva, como Sócrates criou a idéia da ciência do mundo, tal como a conhecemos.

Swedenborg foi o primeiro para quem o mundo invisível era principalmente um domínio das leis, como uma região onde reinam não só a emoção etérea e a adoração imóvel, mas um progresso definido, resultado de relações definidas entre causas e efeitos, de leis fundamentais que presidem a existência e as relações espirituais, que um dia chegaremos a perceber e formular. Não considero Swedenborg nem como um profeta inspirado nem como um comentarista digno de confiança no tocante às suas próprias experiências, senão como um ilustre precursor desta grande ciência à qual nos propomos trazer nossa contribuição.

O precursor seguinte, que felizmente ainda vive, que devo mencionar nesta breve nota, é o célebre físico-químico, Sir W. Crookes.[7] Da mesma forma que Swedenborg, foi o primeiro

cientista ilustre que tratou de, honestamente, provar mediante experiências de uma precisão científica as recíprocas influências que existem entre o mundo espiritual e o nosso e sua contínua interpenetração. Mas enquanto Crookes contentou-se com estabelecer certos fatos paranormais, sem ir mais além, há um grupo de pessoas que fundamentaram sobre esses fatos e outros análogos um esquema de crença, conhecido sob o nome de *Espiritualismo Moderno* ou *Espiritismo*. Os capítulos seguintes mostrarão tudo o que devo às observações feitas pelos membros desse grupo. E, ao mesmo tempo, ver-se-á que mais de uma vez minhas conclusões coincidem com as conclusões a que eles chegaram anteriormente. Por esse motivo esta obra constitui, na maior parte, uma refutação crítica do principal dogma espírita, do qual Alfred Russel Wallace é atualmente o partidário mais ilustre, segundo o qual todos os fenômenos paranormais se devem à interferência dos espíritos dos mortos.[8]

Acredito, ao contrário, serem devidos, na sua maioria, à ação de espíritos encarnados, quer do próprio sujeito ou de um agente qualquer. Mas, apesar das diferenças especulativas que nos separam, estou concorde com ele em não desejar que o que considero como um ramo da investigação científica, que decorre naturalmente de nossos conhecimentos atuais, degenere numa crença sectária. Acredito que, na maior parte, deve-se à adesão irracional que, com freqüência, degenera numa credulidade cega, o escasso progresso da literatura espírita e os estímulos que os cientistas encontraram num grande número de manifestações fraudulentas para se declararem hostis ao estudo dos fenômenos registrados e defendidos por meios e procedimentos tão contrários à Ciência.

Não sei que grau de originalidade e de importância atribuiriam os nossos pósteros a contribuição que trouxemos para a solução desses problemas. Por volta de 1873, quando o materialismo que acabava de invadir nossas costas estava, por assim dizer, em seu apogeu, um pequeno grupo de amigos, reunidos em Cambridge, imbuiu-se da convicção de que as profundas questões em litígio mereciam uma atenção e um esforço mais sério do que o que lhes tinham sido consagrados até então. A meu ver,

nenhuma tentativa digna de tal nome havia sido feita até então para determinar se somos ou não capazes de saber algo a respeito do mundo invisível. E adquiri a convicção de que se algo relacionado a esse mundo podia ser conhecido, de tal forma que a Ciência pudesse adotar e manter esse conhecimento, não era como conseqüência do exame da tradição, nem com ajuda de especulações metafísicas, senão simplesmente pela experiência e a observação, pela aplicação aos fenômenos que se passam em torno de nós e dentro de nós, dos mesmos métodos de investigação exata, imparcial, prudente, aos quais devemos o conhecimento do mundo visível e palpável.[9]

Alguns de meus atuais leitores verão nisto, talvez, uma redundância, outros um paradoxo. Mas, redundância ou paradoxo, este pensamento tornava necessário um esforço que, segundo entendo, não havia sido feito anteriormente. As investigações que se impunham não podiam se limitar à simples análise de documentos históricos ou às origens desta ou daquela revelação do passado. Essas investigações deveriam basear-se, como toda investigação científica, no sentido estrito da palavra, em fatos subjetivos realmente observáveis, e repousar em experiências que pudéssemos repetir hoje com a esperança de superá-las amanhã. Não se podia tratar mais que de investigações baseadas, para empregar uma expressão ultrapassada, na hipótese uniformizada, isto é, na proposição de que, *se existe um mundo espiritual, e se esse mundo foi, numa época qualquer, suscetível de se manifestar e de ser descoberto, pode-se fazer o mesmo em nossos dias*.

Deste lado, e partindo dessas considerações, o grupo ao qual pertencia abordara o tema. Nossos métodos, nossos princípios, tudo estava por fazer. Fazendo todo o possível para descobrir as provas, reunindo em torno de nós um pequeno grupo de pessoas desejosas de ajudar-nos na investigação dos fenômenos obscuros, relativos à natureza e à experiência do homem, finalmente tivemos a sorte de descobrir num ponto definido e importante um acordo entre os dados experimentais e os dados espontâneos. Chegamos a acreditar que não estava desprovida de verdade a tese que, desde Swedenborg e os primeiros mesmeristas, foi

formulada freqüentemente, ainda que de um modo superficial e ineficaz, segundo a qual podem estabelecer-se comunicações de espírito a espírito sem intervenção de órgãos sensoriais conhecidos. Achamos que o fator por meio do qual se produzem as comunicações desse gênero, susceptíveis de serem discernidas com ajuda de provas apropriadas em ocasiões habituais, parecia associado a um fator mais ativo e, em todo caso, mais reconhecível, que se manifestava nos momentos críticos ou na hora da morte. Edmund Gurney, o colaborador e amigo imprescindível, cujo desaparecimento, ocorrido em 1888, foi para nós uma fonte de profundos desânimos, havia exposto esses dados numa grande obra, *Phantasms of the Living*, em cujo preparo Gurney e eu tivemos somente um papel secundário. Os quinze anos transcorridos desde a publicação desse livro aumentaram os elementos de que dispunha Gurney e mostraram (atrevo-me a afirmar) o valor geral do conjunto de provas e de argumentos que serviram de materiais à sua obra.

É, com efeito, de importância capital a doutrina da telepatia, que se pode considerar como a primeira lei oferecida à curiosidade humana e que, mesmo operando no mundo material, é, na minha opinião, ao menos uma lei do mundo espiritual ou metaetéreo. Tratarei de mostrar, no desenvolver desta obra, mediante numerosos exemplos, a importância das conseqüências que se depreendem da doutrina das comunicações interespirituais diretas ou parassensoriais. Entre essas conseqüências, a mais importante é a luz que derrama essa descoberta sobre a natureza íntima do homem e sobre a possibilidade da sua sobrevivência após a morte.

Descobrimos gradualmente que as narrações que tratam das aparições no momento da morte, e são testemunhos de uma comunicação parassensorial entre o moribundo e o amigo que o vê, conduzem-nos diretamente, sem nenhuma aparente solução de continuidade, às aparições que sobrevivem à morte da pessoa vista, sem que o sujeito tivesse conhecimento da morte, as quais são devidas, não à emergência de latente recordação, mas antes à ação persistente do espírito da pessoa morta. A tarefa que nos incumbia, imediatamente, era a de colecionar e analisar os dados

desta categoria e muitos outros, com o fim de provar a sobrevivência espiritual do homem.

Mas, após haver continuado nessa tarefa durante alguns anos, dei-me conta de que a passagem da ação do espírito encarnado para a do espírito desencarnado era de uma natureza demasiadamente brusca, quer me parecer. À medida que se acumulavam as provas a favor das aparições, o indivíduo percebia que as aparições dos vivos formavam uma seqüência contínua com as dos defuntos. Mas todo o conjunto de provas que, à primeira vista, propendia a mostrar a sobrevivência do homem, era de um gênero muito mais complexo. Essas provas consistiam, por exemplo, em grande parte, em manifestações faladas e escritas que se traduziam por intermédio da mão e da voz da pessoa viva, mas empenhadas em fazer crer que tinham sua origem num espírito desencarnado. A essas manifestações, apreciadas em seu todo, não se aplicou, até agora, um critério satisfatório.

Considerando os casos desse gênero, vi claramente que, antes de poder afirmar com certeza que tal conjunto de manifestações implica numa influência de além-túmulo, era necessário submeter as faculdades da personalidade encarnada do homem a uma análise mais profunda do que a considerada pelos psicólogos, pouco a par dos novos dados, como suficiente.

Lentamente, e como impulsionado pela necessidade, propus-me uma tarefa que, para ser realizada completamente, exigia conhecimentos e capacidades superiores aos que eu possuía. O esboço, realmente sumário, que constitui o fruto de meus esforços, não é, a meu ver, mais do que um ensaio preparatório que precederá a um tratamento mais completo e profundo do tema que o novo século receberá, estou seguro, de mãos mais competentes. Este livro terá já alcançado um grande sucesso se puder ser logo superado por outro melhor; porque isso será a prova de que não me equivoquei ao afirmar que o tratamento sério dessas questões nada mais é que o complemento e a conclusão inevitáveis do processo lento pelo qual o homem reuniu seguidamente, no domínio da Ciência, todos os grupos de fenômenos acessíveis, todos, à exceção deste.[10]

Abordo, sem mais preâmbulo, o exame das faculdades humanas, tal como se manifestam nas diferentes fases da personalidade, com a esperança de tirar delas os elementos que nos permitam compreender melhor esses fenômenos pouco conhecidos. Evitarei, o quanto possível, nesta discussão, tudo o que seja do domínio da Metafísica ou da Teologia. Evitarei a Teologia porque penso, como já disse, que usando os argumentos fundados na experiência e na observação, não tenho o direito de apelar para as considerações tradicionais ou subjetivas, qualquer que seja a sua importância. Por análogas razões não quero começar a expor a idéia da personalidade por um resumo histórico das opiniões filosóficas que diferentes pensadores professaram a respeito, nem especular sobre matérias não susceptíveis de uma prova objetiva. Nada mais farei do que resumir, com a maior brevidade possível, duas opiniões sobre a personalidade humana que não podemos separar, ou seja: o antigo ponto de vista do bom senso, e que é ainda o da maioria das criaturas, e o ponto de vista mais recente da Psicologia experimental, que considera a personalidade humana ou animal como um conjunto de elementos heterogêneos, um composto.

O seguinte trecho, de uma famosa obra de Reid, *Essai sur les facultés intellectuelles de l'homme*, expressa o primeiro desses pontos de vista:

> "A convicção que todo homem possui de sua própria identidade, por mais distantes que remontem as suas recordações, não necessita do socorro da Filosofia para ser reforçada e nenhuma filosofia é capaz de debilitá-la sem haver determinado previamente um certo grau de loucura... Minha identidade pessoal implica, conseqüentemente, a existência contínua dessa coisa indivisível que chamamos *eu*. Seja o que for esse *eu*, é algo que pensa, reflete, resolve, trabalha e sofre. Não sou nem pensamento, nem ação, nem sentimento; *sou algo que pensa*, trabalha e sofre. Meus pensamentos, atos e sentimentos mudam constantemente; constituem uma existência sucessiva, não contínua; mas o *eu* ao qual pertencem é permanente e conserva uma posição invariável com relação a todos os pensamentos, todas as ações e todos os

sentimentos que se sucedem e que eu chamo de *meus*... A identidade de uma pessoa é uma identidade perfeita; no que é real, não admite graus, é impossível que uma pessoa seja em parte a mesma, em parte diferente, porque uma pessoa é uma *mônada*, isto é, indivisível. A identidade aplicada às pessoas não sofre nenhuma ambigüidade, não admite graus de mais ou menos. É a base de todos os direitos, de todas as obrigações e de todas as responsabilidades, e sua noção é fixa e precisa." [11]

Em oposição a esse trecho citaremos o que forma a conclusão do ensaio de Ribot sobre *As Enfermidades da Personalidade*:

"A personalidade consiste no organismo e no cérebro, sua manifestação suprema, contendo em si os restos de tudo aquilo que fomos e as possibilidades de tudo o que seremos. O caráter individual inteiro está ali inscrito, com suas aptidões ativas ou passivas, suas simpatias e antipatias, seu gênio, seu talento ou sua imbecilidade, suas virtudes ou seus vícios, sua inércia ou sua atividade. O que emerge até à consciência é pouco em comparação com o que fica enterrado, posto que ativo. A personalidade consciente nada mais é que uma débil parte da personalidade física.

A unidade do *eu* não é, pois, a da entidade *una* dos espíritas que se dissolve em múltiplos fenômenos, senão a coordenação de determinado número de estados que renascem sem interrupção e que têm como único ponto de apoio o sentimento vago de nosso corpo. Essa unidade não vai de cima para baixo, mas de baixo para cima; não é um ponto inicial, mas um ponto final.

Existe a unidade perfeita? No sentido rigoroso, matemático, evidentemente não. No relativo encontra-se raramente e de passagem. No excelente atirador que aponta, no hábil cirurgião que opera, o sentimento da personalidade real desaparece, o indivíduo consciente fica reduzido a uma idéia, de forma que a perfeita unidade de consciência e o sentido da personalidade se excluem. Retornamos, por outro caminho, à mesma conclusão: *o eu é uma coordenação*. Ele oscila entre

esses dois pontos extremos, além dos quais deixa de ser a unidade pura, a não-coordenação absoluta.

A última palavra sobre isso é que o consenso da consciência, estando subordinado ao consenso do organismo, o problema da unidade do *eu* é, em sua forma íntima, um problema biológico. Cabe à biologia explicar, se puder, a gênese dos organismos e a solidariedade de suas partes. A interpretação psicológica não pode deixar de segui-la." [12]

Eis duas maneiras de ver que afiguram-se-nos incompatíveis, uma sugerida pela nossa consciência interna e a outra pela observação que não admite réplica. Os partidários do conceito: *o eu é uma coordenação*, isto é, da Psicologia experimental, abandonaram honestamente toda noção de unidade, de vida independente do organismo, numa palavra, de alma humana. Por outro lado, os partidários da unidade do *eu*, ainda que não tenham sido sempre suficientemente explícitos na sua *negação* da opinião exposta, contentaram-se em *ignorá-la*. Que eu saiba, não se fez esforço algum para conciliar as duas opiniões mediante uma síntese mais profunda. E se me iludo de haver realizado nesta obra um esforço nesse sentido, não o foi remendando os velhos e gastos argumentos metafísicos. Essa é uma tarefa da qual não me sinto capaz, mas pensei humildemente que estamos de posse de novos dados que permitem considerar a questão sob uma nova luz e ao mesmo tempo resolver a controvérsia por um juízo a favor de ambas as partes, e mais decisivo do que era lícito esperar. Por um lado, a favor dos partidários da coordenação, pode-se dizer que toda a sua decomposição do *eu* em seus elementos constitutivos, tudo quanto invocam em termos de observação positiva e de experiência objetiva, deve ser mantido sem restrições. Deixemo-los levar a sua análise tão longe quanto queiram; deixemo-los descer, se podem, a esses últimos e infinitesimais elementos psíquicos que formam a estrutura complexa, composta, coletiva do homem. Com isso terão feito um trabalho válido e importante. Mas as conclusões *negativas* dessas escolas estarão fortemente limitadas. Uma investigação mais profunda, mais audaz na direção que preconizam, mostra que se equivocaram ao afirmar que a análise não provava a existência de nenhuma

faculdade além daquela que a vida terrena, tal como eles a concebem, é capaz de produzir e o meio terrestre de utilizar. Porque, na realidade, a análise revela os indícios de uma faculdade que a vida material ou planetária jamais poderia engendrar e cujas manifestações implicam e necessariamente fazem pressupor a existência de um mundo espiritual.

Por outro lado, e a favor dos partidários da unidade do *eu*, pode-se dizer que os novos dados são de natureza a dar às suas pretensões uma base mais sólida e uma prova presuntiva que ultrapassam em valor a todas as que poderiam imaginar: a prova, particularmente a de que o *eu* pode sobreviver e sobrevive, realmente, não só às desintegrações secundárias que o afetam no curso de sua vida terrena, como também à última desintegração resultante da morte corporal. Na presença desta confirmação inesperada do seu sonho mais caro, podem muito bem resignar-se a sacrificar o conceito insustentável e restrito do *eu* unitário, que foi tudo o que a *filosofia do senso comum* pôde afirmar. O *eu consciente* de cada um de nós ou, designando-o melhor, o *eu empírico* ou *supraliminar* não pode compreender a totalidade de nossa consciência e de nossas faculdades. Existe uma consciência mais vasta, com faculdades mais profundas, da qual a consciência e as faculdades desta vida se desenvolveram em conseqüência de uma seleção. A maioria dessas faculdades permanecem latentes durante a vida terrena e só se restabelecem em toda a sua plenitude depois da morte.

Cheguei lentamente a essa conclusão, que tomou para mim a forma atual há uns 14 anos, como conseqüência de profundas reflexões baseadas em provas que se multiplicavam progressivamente. Trata-se de um conceito que foi até agora considerado como exclusivamente místico. Se eu agora me dedicar a dar-lhe uma base científica, não terei a oportunidade de poder formulá-lo em termos definitivos, nem de apoiá-lo com a ajuda de bons argumentos, que só uma experiência mais extensa é capaz de fornecer. Mas o valor desse conceito aparecerá aos olhos do leitor, se examinar a sucessão das diferentes provas expostas neste livro.

As críticas que se formularam até aqui ao meu conceito não me parecem bastante decisivas para inspirar-me a menor dúvida quanto ao seu fundamento. “Normalmente, ao menos – disse um crítico resumindo em poucas palavras a opinião corrente –, toda a consciência que temos num dado momento corresponde à atividade que se realiza no cérebro no mesmo momento. Existe um estado de consciência unitário que acompanha todas as excitações cerebrais simultâneas e cada porção do processo cerebral contribui para a constituição desse estado. Nenhum dos processos cerebrais é capaz de separar-se do resto e ter a sua própria consciência.”

Esse é, sem dúvida, o dado aparente da consciência, mas nada mais. Já demonstramos que as noções da consciência necessitam de maiores correções do que pode parecer ao observador superficial. E não temos, sem dúvida, o direito de considerar como conteúdo da consciência o que nela não encontramos, ou de admitir, por exemplo, que se pode provar que uma consciência separada do organismo não existe, pela simples razão de que não sabemos nada a seu respeito.

Mas, à medida que reveste uma expressão mais científica, esse conceito da consciência unitária tende a se tornar mais natural. Repousa sobre a concepção principal do homem, de que é *uno*. A Psicologia experimental tende a debilitar e desmembrar essa concepção, ao admitir a coexistência de graus de consciência localizados no cérebro e que não são, em caso algum, redutíveis a um estado único. Aqueles mesmos que pretenderiam permanecer neste lado da posição que ocupo experimentam a necessidade de recorrer a metáforas para expressar as diferentes correntes de percepções que sentimos coexistir em nós. Falam de *margens* da consciência comum, de *associações marginais*, de percepção ocasional de *correntes de intensidade débil*.

Todas essas metáforas podem ter sua utilidade num domínio em que a metáfora constitua nosso único meio de expressão, mas nenhuma delas consegue abranger os fatos colhidos até hoje. E, por outro lado, não há necessidade de dizê-lo, existe uma quantidade enorme de frases que colocam as questões da alma e do corpo, do espírito do homem e dos espíritos exteriores em termos

que nada têm de científicos. Necessitamos de uma fórmula de aplicação mais vasta e que repouse o menos possível sobre suposições. E uma fórmula semelhante não é tão difícil de encontrar.

A idéia de limiar (Schwelle) da consciência, de um nível que um pensamento ou uma sensação devem ultrapassar para entrar na vida consciente, é tão simples quanto familiar. A palavra *subliminar*, que significa o que está sob o limiar, já foi empregada para designar as sensações demasiadamente débeis para serem diferenciadas individualmente. Proponho estender o sentido desse termo, de modo a ser empregado para designar *tudo* o que se encontra sob o limiar comum ou, se convier, fora do limite comum da consciência. Não só esses estímulos débeis, que a própria debilidade obriga a ficarem submersos, por assim dizer, mas também muitas outras coisas semelhantes que a Psicologia atual apenas percebe. Sensações, pensamentos, emoções que podem ser fortes, definidas e independentes, mas que, em virtude da constituição mesma do nosso ser, emergem raramente nessa corrente supraliminar de nossa consciência, que identificamos a nós mesmos. Como reconheço (e tratarei de justificar minha opinião durante o desenvolver desta obra) que essas emoções e pensamentos submersos possuem as mesmas características das que associamos com a vida consciente, acredito-me autorizado a falar de consciência *subliminar* ou *ultramarginal* que, como veremos, manifesta-se, por exemplo, por meio de frases escritas ou faladas tão complexas e tão coerentes que se diriam ditadas pela consciência *supraliminar*.

Empregando esses termos, não pretendo absolutamente afirmar que existe sempre em nós dois *eus* correlatos ou paralelos. Designaria melhor por *eu subliminar* a parte do *eu* que permanece ordinariamente subliminar, e admito que possa existir não só *cooperação* entre essas duas correntes de pensamentos quase independentes, mas também mudanças de nível e variações da personalidade, de tal forma que o que está sob a superfície pode chegar à superfície e manter-se ali de maneira mais ou menos provisória ou permanente. E considero, por fim, que todo *eu* do qual possamos ter consciência nada mais é que fragmento do *eu*

mais vasto que de cada vez se revela, modificado e limitado por um organismo que não permite a sua manifestação plena e completa.

Mas essa hipótese se encontra evidentemente exposta a duas objeções que até certo ponto se neutralizam. De um lado foi atacada, como já dissemos, por ignorar abusivamente os fatos sobre os quais pretende apoiar-se, por atribuir aos momentos transitórios da inteligência inconsciente uma continuidade e uma independência maiores das que na realidade possuem. Essas ondas que se produzem na superfície podem ser explicadas – argumentam – sem que nos vejamos obrigados a admitir a existência de fontes e correntes nas camadas profundas da personalidade. Mas encontraremos em seguida um grupo de fenômenos que nos mostrará esses afloramentos subliminares, os impulsos e as comunicações que chegam das camadas profundas da personalidade às camadas superficiais, diferindo, com freqüência, pela sua qualidade, de todo elemento conhecido de nossa vida supraliminar ordinária. São diferentes porque implicam uma faculdade da qual não tivemos nenhum conhecimento precedente e por serem produzidos num meio do qual não tivemos até hoje idéia alguma.

Toda a minha obra visa justificar essa ampla afirmação. Ao admitir, para facilitar a discussão, que isso seja exato, veremos em seguida que o problema do *eu* latente muda inteiramente de aspecto. A telepatia e a telestesia, captação de pensamentos e percepção de cenas distantes sem intervenção dos órgãos sensoriais conhecidos, sugerem uma incalculável extensão de nossas faculdades mentais e uma influência exercida sobre nós por espíritos mais livres, menos embaraçados que o nosso. E esta segunda hipótese, que pretendia explicar todos os fenômenos paranormais pela ação dos espíritos desencarnados, parece à primeira vista simplificar o problema e foi desenvolvida por A. R. Wallace e outros até o ponto de eliminar a hipótese gratuita e incômoda, segundo ele, de um *eu subliminar*.

Aparecerá claramente, assim espero, durante o desenvolver desta obra, a hipótese de uma intervenção e uma direção espirituais quase contínuas, que se torna realmente necessária a partir

do momento em que se negam ao homem as faculdades subliminares, cuja existência afirmo. E o meu conceito de um *eu subliminar* aparecerá, ao mesmo tempo, não extraordinário nem inútil, mas como uma hipótese limítrofe e racionalista, se a aplicarmos aos fenômenos que, à primeira vista, sugerem efetivamente a opinião mais extremada de Wallace, mas que eu explico pela ação do próprio espírito do homem, sem recorrer à intervenção de espíritos estranhos. Não quero dizer que essa explicação seja aplicável a todos os casos, nem que implique na exclusão completa da hipótese dos espíritos. Essas duas opiniões, pelo contrário, apóiam-se e corroboram-se mutuamente, porque esse poder de comunicação a distância existe, mesmo que o atribuamos ao nosso próprio *eu subliminar*. Podemos, nesse caso, influenciar-nos mutuamente a distância pela telepatia. E se os nossos espíritos encarnados podem trabalhar assim, de um modo independente, pelo menos na aparência, do organismo carnal, temos então uma presunção a favor da existência de outros espíritos independentes dos corpos e susceptíveis de nos influenciarem da mesma maneira.

Em suma, a hipótese exaustivamente debatida da intervenção espiritual aparece sempre após à do *eu subliminar*, mas esta hipótese intermediária deve parecer útil aos partidários de cada uma das outras duas hipóteses, mesmo que seja somente o começo de um estudo que promete delongar-se. Os que se negam a admitir a ação de outros fatores além dos espíritos das pessoas vivas ver-se-ão obrigados a formar uma convicção, a mais alta possível, das faculdades mantidas em reserva por esses espíritos enquanto vivos. Aqueles que crêem na influência dos espíritos desencarnados encontrarão na nossa hipótese um ponto de transição e ao mesmo tempo uma norma para a inteligibilidade provisória da sua hipótese.[13]

As especulações desse gênero tornam particularmente interessante o estudo que abordamos. Mas independentemente da sua importância, no que diz respeito às provas da vida futura, o estudo futuro de nossa lembrança submersa, desses processos que se realizam em nós e dos quais nada mais percebemos que fulgores indiretos, refratados, por assim dizer, parece, na época

atual, ser exigido especialmente pelo espírito da moderna Ciência. As investigações destes últimos anos mostraram sobre que base instável e complexa, feita de experiências ancestrais, repousa a vida individual de cada um de nós. Voltamos a percorrer, num processo de recapitulação, em forma de resumo e simbolicamente, desde o embrião até o organismo completo, toda a história da vida sobre a Terra, desde milhões de anos.

Durante o decorrer de nossas adaptações a meios cada vez mais vastos deve-se ter produzido um deslizamento contínuo do umbral da consciência, consistindo na submersão do que antes se encontrava na superfície mesma de nosso ser. A cada fase de nossa evolução, nossa consciência nada mais é do que a maré fosforescente de um mar insondável, e como as marés, não unicamente superficial, mas também variada e mutável. Nossa unidade psíquica é complexa e instável; nasceu de acumulações irregulares que datam de um passado muito distante; hoje mesmo compõe-se de uma colaboração limitada de múltiplos grupos. Os psicólogos antigos encontravam o meio de ignorar essas descontinuidades e incoerências do *eu*. Mas a infância, a idiotia, o sonho, a loucura, a decadência, essas paradas e interrupções na corrente da consciência sempre estiveram lá, para nos mostrar, com maior força do que o poderiam fazer as hipóteses mais sutis, que a primitiva concepção da personalidade humana contínua e unitária era completamente errônea e que, se há realmente uma alma que anima o corpo, essa alma deve ser atentamente procurada por trás do corpo, que estorva e obscurece as manifestações.[14]

A diferença entre a velha e a nova concepção do princípio unificador ou alma (admitindo-se que a alma existe) considerada esta como manifestação através das limitações corporais, assemelha-se à diferença existente entre a velha e a nova concepção do processo pelo qual o sol se manifesta aos nossos sentidos. A noite, as nuvens de tempestade e os eclipses são por nós conhecidos desde os tempos mais remotos, mas hoje o homem sabe que mesmo ao meio dia o raio solar que ilumina, decomposto por um prisma, apresenta lados e faixas mais ou menos escuros, e aprendeu, ao mesmo tempo em que embora o aspecto pareça

desvanecer em cada um dos seus extremos para extinguir-se na aparente obscuridade completa, na realidade estende-se para mais longe e contém raios de um número ilimitado, ainda não descobertos.

Acho interessante desenvolver um pouco essa analogia. Compararei os progressos sucessivos realizados pelo homem no conhecimento de si mesmo com o gradual decifrar dos mistérios da Natureza e da explicação da luz solar que lhe chega na forma de invisível mistura de luz e calor. Dessa forma, a vida de consciência, a sensação de um mundo dentro de si e de um mundo que lhe é externo, chegam à criança num indivisível impacto de chocante fulgor. A análise óptica decompõe o raio branco na infinidade de raios que o compõe. Igualmente a análise filosófica decompõe a consciência indefinida da criança em diversas faculdades, em diversos sentidos externos, em diversos modos de pensamento interior. À Psicologia descritiva e introspectiva devemos esse resultado. A Psicologia experimental leva a análise mais longe.

No espectro solar e nos espectros estelares existem numerosas linhas ou lados escuros, devidos à absorção de certos raios por alguns vapores espalhados na atmosfera do Sol, da Terra ou das estrelas. Da mesma forma, o espectro de nossas sensações e faculdades apresenta desigualdades permanentes ou temporais de lucidez e clareza. Nossa atmosfera mental está obscurecida por vapores e iluminada por chamas e o grau de obscurecimento e de iluminação varia de acordo com as épocas. O psicólogo que observa, por exemplo, as modificações produzidas pelo álcool na duração das reações, parece-se ao físico que investiga as linhas que obscurecem a interposição de vapores especiais. Nosso conhecimento do espectro de nossa consciência faz-se, assim, cada vez mais exato e detalhado.

Mas tomando-se mais uma vez o lado físico de nossa analogia, observamos que nosso conhecimento do espectro solar visível, por mais detalhado que seja, nada mais é que a introdução a um conhecimento mais perfeito que esperamos adquirir um dia, no que concerne aos raios solares. *Os limites de nosso espectro não correspondem ao sol que brilha, mas aos olhos que*

percebem o resplendor. Para lá de cada um dos extremos da faixa prismática existem ondulações do éter que a nossa retina não percebe. Para lá da parte vermelha encontram-se as ondas que percebemos ainda, mas como calor, não como luz. As ondas situadas além da parte violeta são ainda mais misteriosas; permaneceram ignoradas durante séculos e suas propriedades íntimas só nos são dadas a conhecer de maneira imperfeita.

Dessa mesma forma, além de cada um dos extremos do espectro de nossa consciência, estende-se um grupo de percepções e de faculdades que superam as que conhecemos e que só se adivinham de um modo muito indefinido. Os artifícios da Física moderna dilataram em ambas as direções o espectro visível, tal como Newton o conhecera. A tarefa da Psicologia moderna consiste em descobrir os artifícios que permitam estender, em todas as direções, o espectro da consciência, tal como o conheceram Platão ou Kant. Os fenômenos citados nesta obra são, no que diz respeito aos fenômenos conhecidos, o que a fluorescência é com relação à parte violeta do espectro. Os *raios X* do espectro psíquico ainda estão por descobrir.

Nossa analogia, digamos logo, é muito imperfeita. O conjunto das faculdades humanas não pode ser expresso numa forma linear. Mesmo um esquema de três dimensões, uma irradiação de faculdades de um centro de vida, dá só uma idéia imperfeita de sua complexidade. Sem dúvida, essa imagem rudimentar nos proporciona alguma clareza, representando as faculdades humanas conscientes sob a forma de um espectro linear cujo controle dos movimentos musculares voluntários e das sensações orgânicas corresponde à parte vermelha do espectro solar, enquanto o ponto em que o esforço supremo do pensamento e da imaginação se dissipa em sonho e êxtase corresponde ao ponto do espectro solar onde começa a se diluir o violeta.

Tudo nos faz crer que cada um dos extremos desse espectro apresenta um prolongamento importante. Além do extremo *vermelho*, já o sabemos, estendem-se certas faculdades vitais. Sabemos que em nós se realizam constantemente processos orgânicos que escapam ao nosso controle, mas que formam a base de nossa existência física. Sabemos que os limites habituais

de nossa atividade voluntária podem ser superados sob a influência de forte excitação. Não devemos, pois, estranhar que artifícios apropriados, como o hipnotismo ou a auto-sugestão, aumentem também o poder da vontade sobre o organismo.

As faculdades situadas além do *extremo violeta* de nosso espectro psicológico exigem um exame mais sutil e são menos evidentes.[15] A energia actínica que se manifesta além da porção violeta do espectro solar exerce sobre nosso mundo material uma influência menos evidente que o calor escuro que se desprende além da parte vermelha. Pode-se dizer também que a influência das faculdades ultra-intelectuais ou supranormais sobre o nosso bem-estar, como organismos terrestres, é menos marcante na vida comum que a influência das faculdades orgânicas ou subnormais. Mas é precisamente esse *prolongamento extremo* de nosso espectro que merece maior atenção de nossa parte. Nele é que os nossos estudos nos farão descobrir horizontes cósmicos e abrirão diante de nós um caminho infinito.

As primeiras fases desse progresso são por si mesmas extensas e complicadas e não seria inútil concluir este capítulo de introdução indicando brevemente as etapas principais que formam a nossa tortuosa rota. Procurarei conduzir os meus leitores através de formas de transição, o quanto possível variadas e graduadas, desde os fenômenos considerados como normais aos considerados supranormais, mas que são, como os outros, pura e simplesmente efeitos e manifestações necessárias da lei universal.

Nosso estudo começará naturalmente pela discussão da estrutura subliminar no homem são e no homem doente, nas duas fases conhecidas da personalidade humana: o sonho e a vigília. Considerarei a seguir o modo pelo qual, à desintegração da personalidade através da enfermidade, corresponde a sua reintegração e a sua modificação intencional através do hipnotismo e da auto-sugestão. Enquanto isso já teremos dito o suficiente sobre os fenômenos subliminares em geral para poder tratar separadamente dos seus diferentes grupos.

A seguir me ocuparei da sua forma de manifestação automática e, sobretudo (Capítulo VI) do *automatismo sensorial* que

constitui a base das alucinações. Aqui encontraremos fenômenos que parecem ter sua origem num espírito estranho ao do autômato. E mostraremos que essa origem deve ser antes buscada em espíritos de outras pessoas vivas, o que nos levará a passar em revista as diferentes formas de telepatia. Mas o conceito de telepatia, por sua própria natureza, não deve estar limitado aos espíritos encarnados e teremos provas a favor das comunicações diretas entre os espíritos encarnados de um lado e os espíritos desencarnados de outro (Capítulo VII). O restante do livro será consagrado à discussão dos meios e dos resultados dessas comunicações supranormais.[16]

II
As desintegrações da personalidade

Sabemos com certeza que a Humanidade atravessou inumeráveis idades e sofreu múltiplas transformações. Sabemos também que essas transformações continuam e continuarão ainda com uma rapidez crescente, durante um período de tempo em comparação com o qual toda a nossa História conhecida ficará reduzida a apenas um momento. É impossível prever quais serão as mutações vindouras. Na sua maioria são tão inconcebíveis para nós como a visão para os nossos ancestrais cegos. Só nos é dado notar, na medida do possível, as leis fundamentais das mudanças realizadas até aqui, prevendo que, durante certo tempo, as novas mudanças se produzirão em sentido análogo.

Todo homem é, por sua vez, profundamente unitário e infinitamente complexo; herda de seus antepassados terrestres um organismo múltiplo, por assim dizer polizóico e, talvez, também polipsíquico no mais alto grau, mas ao mesmo tempo traz uma alma ou espírito, absolutamente inacessíveis aos nossos atuais meios de análise, que dirige e unifica esse organismo – alma nascida num meio espiritual ou metaetéreo e que, mesmo encarnada num corpo, permanece em comunicação com esse meio e volta a ele após a morte corporal.[17]

Impossível representar a forma em que a vida individual de cada célula de nosso corpo está relacionada com a unidade da vida central que preside o corpo em seu conjunto. Mas essa dificuldade não corrobora de modo algum a hipótese de uma alma separada e persistente. Não existe hipótese capaz de nos explicar a colaboração e a subordinação das vidas celulares de um animal multicelular. Esse fenômeno continua tão misterioso para a estrela do mar como para Platão, e os *oito cérebros de Aurélia*, com sua vida individual e comum, são tão inconcebíveis como a relação da vida dos fagócitos que habitam as veias do filósofo com o pensamento central deste.

Considero que a antiga hipótese de uma alma inserida no organismo, possuindo-o e servindo-se dele, mas representando um

vínculo real, ainda que obscuro, com os diferentes grupos conscientes, díspares de um modo mais ou menos aparente e manifestando sua existência em conexão com o organismo e com os grupos mais ou menos localizados da matéria nervosa, considero que essa hipótese não é nem mais obscura nem mais embaraçosa que as demais, propostas até o dia de hoje. Afirmo ainda que pode ser provada – e no meu caso a prova já foi realizada – mediante a observação direta. Está provado para mim que certas manifestações de individualidades centrais, associadas na atualidade ou anteriormente a organismos definidos, foram observadas independentemente desses organismos, quer durante a vida destes últimos, quer depois de sua morte. Mas esteja ou não esse fato suficientemente provado, isso não o põe em desacordo com nenhum princípio científico nem com nenhum fato estabelecido.

Parece mais provável que uma observação contínua acabe por fornecer a prova suficiente. Pelo contrário, a tese negativa é uma tese de equilíbrio instável, pois não se pode prová-la de forma absoluta através de argumentos negativos, qualquer que seja o número destes, e pode, ao contrário, ser inteiramente refutada por um único argumento positivo. Possivelmente goza na atualidade do maior *favor* científico, mas não possui nenhuma autoridade verdadeiramente científica no que diz respeito à opinião que defendemos.[18]

Deixando, no momento, essas questões de lado, podemos admitir que o organismo, tal como o observamos na vida comum, longe de apresentar uma completa unidade e invariabilidade, constitui uma hierarquia complexa de grupos celulares que exercem funções vagamente delimitadas e funcionam simultaneamente com uma precisão desigual, uma harmonia moderada, um êxito favorável. Nada prova que essas potências funcionem simultaneamente de um modo perfeito. Nosso sentido de saúde nada mais é do que uma síntese grosseira do que ocorre dentro de nós. É, com efeito, impossível imaginar um estado ideal permanente de um organismo em equilíbrio instável, sempre em movimento, cuja vida se constitui pela explosão de componentes instáveis e que busca sempre a realização de novos fins às custas dos antigos.

Iniciamos, pois, a descrição das perturbações e desintegrações da personalidade. Mas o leitor que me quiser seguir deve ter presente o ponto de vista em que me coloco ao escrever este livro. O fim de minha análise não é o de destruir, mas o de completar, ou melhor dizendo, mostrar que o modo pelo qual a personalidade humana tende a se desintegrar é de natureza a sugerir métodos suscetíveis de favorecer sua integração mais completa.

A melhora das condições naturais do organismo não é coisa desconhecida. Da mesma forma que o estudo da histeria se relaciona comumente com as instabilidades do umbral da consciência, o estudo das enfermidades zimóticas relaciona-se principalmente com a instabilidade da constituição sangüínea. O objetivo comum do médico é pôr fim a essas instabilidades, substituir o sangue viciado por sangue normal. Mas o objetivo do biólogo que pesquisa vai mais longe: propõe-se a proporcionar ao homem um sangue melhor que o que lhe proporcionou a Natureza, extrair do vírus um elemento cuja infusão nas veias seja suscetível de o imunizar contra as invasões microbianas. Da mesma forma que o adulto, graças ao seu desenvolvimento melhor, está mais garantido contra essas invasões do que a criança, o adulto imunizado está mais protegido do que o homem comum. As mudanças que se produziram em seu sangue com a maturidade protegem-no contra a coqueluche. As mudanças que se produzem em seu sangue, como conseqüência de uma injeção antitóxica, protegem-no temporariamente da difteria. Em vista disso, melhoramos a natureza e nosso procedimento foi *profilático*, antecipando em certo sentido a evolução.

Por que a Psicologia experimental não poderia chegar a resultados semelhantes? Mas antes de abordar a discussão do fenômeno da desintegração da personalidade temos que nos pôr de acordo quanto ao sentido que vamos dar à palavra *consciência*. Porque, particularmente, consideramos como conscientes outros atos além dos nossos, assim agimos quer porque esses atos nos parecem *complexos*, isto é, realizados *com um fim determinado*, quer porque sabemos que são suscetíveis de passar ao estado de lembrança. Assim, o atirador ou o jogador de xadrez parecem-

nos completamente conscientes; dizemos a mesma coisa de um homem que parecia ter perdido a memória como conseqüência de um golpe recebido na cabeça, mas que estava, na realidade, consciente durante todo o tempo porque recordava os menores incidentes. A reminiscência de um ato constitui, com efeito, uma prova melhor de seu caráter consciente do que de sua complexidade.

Negou-se a consciência às pessoas hipnotizadas e aos cães; mas é mais fácil provar o estado consciente de uma pessoa hipnotizada do que o de um cão, porque o primeiro, mesmo sendo capaz de esquecer, quando desperto, os incidentes que ocorreram enquanto estava em estado de hipnose, pode recordá-los durante o estado seguinte e predispor-se a recordar em estado de vigília, enquanto que nos é difícil tirar alguma conclusão da complexidade dos atos dos cães, em que medida têm consciência desses atos. No caso do cão a recordação dos atos transcorridos constituiria a melhor prova e, sem dúvida, ainda que todos reconheçam que a nossa memória grandiloqüente é uma prova de nossa consciência passada, poucas pessoas admitiriam que o mesmo pode ocorrer com a memória do cão. Sem dúvida, dizem, o organismo do cão reage de maneira diversa a cada repetição de um mesmo estímulo, mas esse fato é observado mais ou menos em todos os organismos vivos e também nas porções do organismo e em atos que todos estão de acordo em reconhecer como totalmente desprovidos de consciência.

O conceito de consciência tem, portanto, que ser ampliado. As primeiras reflexões que os homens fizeram a respeito da consciência tiveram um caráter puramente moral ou legal e tinham por objetivo determinar se, em certo momento, o homem era ou não *responsável* por seus atos ante o tribunal humano ou divino. O senso comum parecia estimular esse método de demarcação definitiva. Julgamos facilmente, do ponto de vista prático, se um homem é consciente ou não, sem levar em conta os estados intermediários.

Mas desde o momento em que o problema é considerado como essencialmente psicológico, submetido à observação e à experiência, essa linha divisória se desfaz até o ponto de desapa-

recer e somos levados a considerar a consciência como um atributo geral que caracteriza, em maior ou menor grau, todos os estados da vida animal e vegetal, como a equivalência psíquica da vida e de toda a existência fenomênica. Todo ato ou estado pode, portanto, ser considerado como consciente, quando é *passível de ser lembrado*, quando o sujeito é capaz de lembrar-se dele em circunstâncias determinadas. Que estas circunstâncias se apresentem enquanto o indivíduo está encarnado neste planeta ou não, pouco importa: somos incapazes de recordar a maioria de nossos sonhos e é de se presumir que esses sonhos, desaparecidos de nossa memória, não sejam menos conscientes que os que a invadem quando somos despertados bruscamente. Alguns indivíduos hipnotizados, nos quais a sugestão desperta a lembrança de seus sonhos, recordam, aparentemente, os sonhos latentes até então, com a mesma facilidade que os que recordaram durante muito tempo. E poderíamos citar muitos outros exemplos de lembranças aparecidas de modo inesperado, relacionadas com experiências e atos que se admitiam desaparecidos completamente da memória.

Creio estarmos autorizados a tirar esta conclusão negativa: nada prova que o que chamamos nossa consciência central difira completamente da natureza da consciência menor da qual parece, de certo modo, ter surgido. Creio, a meu ver, que a diferença existente entre essas duas variedades de consciência não é desprezível, mas que a apontada diferença não se baseia em nossas sensações subjetivas. Devemos abordar o estudo da multiplicação ou do desdobramento da personalidade sem qualquer idéia preconcebida contra a possibilidade de determinado ajuste ou de uma certa divisão da soma total de nossa consciência.

Mas antes de apresentarmos a forma pela qual se produz a *desintegração* da soma total da consciência, seria conveniente fazer-se uma idéia do modo pelo qual se produz sua *integração*, mas aqui nos deparamos com uma dificuldade cuja origem remonta ao momento determinado em que o ser unicelular se transforma em organismo pluricelular. Se o modo pelo qual uma simples célula é capaz de se manter e conservar sua unidade constitui um mistério para nós, o fato da união de várias células

em função de uma vida comum e independente é um mistério ainda maior. Na unidade coletiva de certas *colônias animais* temos uma espécie de esboço ou de paródia de uma existência determinada complexa.

As inteligências superiores podem nos considerar, tal como nós consideramos os hidrozoários, isto é, como criaturas compostas de diferentes *pessoas*, uma *pessoa hidriforme* que se alimenta, uma *pessoa meduziforme* incumbida da propagação da espécie e assim sucessivamente. Outros tantos elementos do animal, diferenciados em razão de seus diferentes fins, que de um lado estão em relação de mútua dependência, como o nosso cérebro e o nosso estômago, são capazes de, por outro lado, ter uma existência separada e suscetíveis de uma regeneração independente. À medida que ascendemos na escala animal os organismos se tornam, ainda que de uma forma menos aparente, cada vez mais complicados e encontramos no homem a expressão mais pura dessa complexidade *colonial* e do seu controle centralizado.[19]

Não necessito dizer que, no tocante à natureza íntima dessa estreita coordenação, desse governo centralizado, se encontra a Ciência, no momento, precariamente informada. É possível, numa certa medida, seguir a evolução e a progressiva complexidade do mecanismo nervoso; mas, quanto a saber como está governado esse mecanismo, em virtude de que tendência se realiza a sua unidade, onde reside esta última, que relação existe entre ela e as diferentes partes do organismo pluricelular; esses são os problemas que concernem à natureza da vida, problema cuja solução ainda se desconhece.

Considero que a solução desse problema só poderá encontrar-se com o descobrimento das leis primitivas que regem essa parte invisível e espiritual da existência, na qual vejo a origem mesma da vida. Se pudéssemos ver na telepatia o primeiro indício de uma lei desse gênero, considerá-la como desempenhando no mundo espiritual um papel semelhante ao da gravitação no mundo material, estaríamos autorizados a imaginar uma força semelhante à força de coesão que realizasse a síntese psíquica da personalidade humana.

A lei da passagem dos organismos inferiores aos superiores mostra, com efeito, que a personalidade humana constitui uma reunião de inumeráveis entidades psíquicas inferiores, na qual cada uma delas conserva suas próprias características, com a restrição de que uma entidade psíquica mais extensa, preexistente ou não, mantém o conjunto unificado, do qual as entidades inferiores são unicamente os fragmentos sobre os quais exerce um domínio contínuo, ainda que incompleto.

Uma vez que se admita isso, pode-se afirmar que todas as nossas operações psíquicas penetraram, ao mesmo tempo, ou num momento qualquer, na mesma corrente central de percepções, ou que flutuaram sobre o que chamamos de limiar ordinário da consciência. Estamos seguros de que isso não se dará com algumas pessoas, mas pode-se saber por antecipação em quais pessoas se dará? Podemos responder somente que a percepção das sensações pela consciência supraliminar se realiza em virtude de uma espécie de exercício funcional e que, igual a outros milhares de casos onde exerce uma função, uma parte dessa faculdade compreende as operações que o organismo realiza em virtude de sua estrutura elementar e a outra parte (uma vez determinada a estrutura) as operações impostas pela seleção natural, e que por isso significam uma vantagem prática. Desse modo, o fato de que a consciência acompanha as combinações cerebrais pouco familiares pode ser considerado como um resultado necessário da estrutura nervosa, da mesma forma que o fato de *abrir novos caminhos* deve estar acompanhado por uma sensação perceptível de novidade. Como por outro lado é possível que a conscientização de combinações cerebrais novas constitua uma aquisição posterior e se deva simplesmente à vantagem evidente de impedir que essas novas combinações se consolidem antes que tenha sido confirmada sua utilidade – da mesma forma que um músico executa uma nova peça com atenção concentrada, para impedir que sua execução se torne automática, antes que tenha aprendido a tocar a peça como ele deseja. Parece que, numa certa medida, a maior parte do conteúdo de nossa consciência supraliminar tenha nascido em virtude da seleção natural,

de forma a operar tendo sob seu domínio as percepções que nos são mais imprescindíveis na vida.

Essas noções elementares da constituição da personalidade já nos indicam o caminho pelo qual se pode operar a sua dissolução.

É possível que, se nos fosse dado o discernimento de modo mais minucioso, a Psicologia dessa infinidade de mudanças, que contém modificações demasiadamente ínfimas para ser consideradas como anormais, até transformações completas e radicais do caráter e da inteligência, parecer-nos-ia ininterrupta e veríamos os elementos psíquicos se distanciarem lentamente e de maneira contínua, um atrás do outro, da síntese primitiva. É possível, por outro lado, que exista realmente uma ruptura no ponto em que se mostra à nossa observação externa quando, em particular, a personalidade entra em sua nova fase, passando pelo sono ou pela possessão. E vejo que existe outra solução de continuidade num ponto muito mais avançado, quando alguma inteligência externa se apodera, de algum modo, do organismo e substitui por algum tempo a atividade intelectual comum por sua própria atividade.

Deixaremos de lado, por enquanto, os casos desse gênero e nada mais consideraremos do que os casos cuja solução de continuidade é realizada pelo sonho ou pelo êxtase. Iniciaremos pelas hipertrofias e excrescências psíquicas localizadas, para em seguida passarmos às instabilidades de natureza histérica (com ou sem períodos de êxtase intermediários) e concluiremos pelos estados mais avançados de semivigília e de dimorfismos que sempre parecem separados da corrente comum da vida consciente pela barreira do êxtase. Todas essas mudanças são, de maneira geral, daninhas ao organismo psíquico e será muito mais simples iniciar insistindo sobre sua natureza nociva e considerá-las como fases sucessivas da desagregação mental.

O processo começa por algo que é, com relação ao organismo psíquico, o que é um furúnculo ou um calo para um organismo físico. Conseqüência de alguma sugestão vinda do exterior ou de alguma tendência ancestral, um pequeno grupo de unidades psíquicas sofre um exagerado crescimento que se opõe desde

logo às comunicações e às mudanças livres e normais entre esse grupo e o resto da personalidade.

Assim, a *idéia fixa* constitui o primeiro sintoma da desagregação que consiste na persistência de um grupo de idéias e de emoções que escapam ao controle, sendo insuscetíveis de modificações. Graças ao seu isolamento, à ausência de toda comunicação entre elas e a corrente geral do pensamento, tornam-se estranhas e intrusas, de modo que alguma imagem ou idéia especial invada a consciência com uma freqüência inusitada e penosa. Podemos supor que a idéia fixa representa aqui o aspecto psicológico de alguma lesão cerebral definida, ultramicroscópica. Ou se pode, talvez, pensar por analogia, quer num furúnculo, quer numa calosidade, quer num tumor enquistado, quer num câncer.

A idéia fixa pode se assemelhar a um abscesso endurecido que se arrebenta quando o apertamos. Ou também pode ser considerada como um centro inflamatório hipertrofiado que dá origem a dores que se espalham por todo o organismo. Certas idéias fixas de natureza histérica podem ser comparadas aos tumores que resultam do crescimento isolado e exagerado de um fragmento de tecido embrionário que acidentalmente se encontra excluído do desenvolvimento regular do embrião. Esses tumores podem estar enquistados, de modo que por pressão ocasionem danos aos tecidos que os rodeiam, enquanto que seu próprio conteúdo só pode surgir mediante incisão.

Exemplo disso são os terrores esquecidos, descritos por Janet como responsáveis por ataques de histeria. Esses tumores do espírito são, às vezes, suscetíveis de serem operados psicologicamente, de serem eliminados mediante a discussão. Os casos mais graves são os dos cancriformes nos quais a degeneração, iniciada num ponto qualquer, invade rapidamente todo o domínio do espírito, produzindo ali as mais profundas perturbações.

A idéia fixa, provocada por causas provavelmente muito diferentes, pode desenvolver-se em múltiplas direções. Pode, em particular, converter-se num centro de explosão ou num núcleo de separação ou ser ainda o início da morte. Pode determinar o acesso de convulsões histéricas, atuando por sua vez como um

corpo estranho que comprime uma região sensível do organismo. Ou pode então atrair para o seu centro parasitário tantos elementos psíquicos que acabe por formar uma espécie de personalidade secundária, que existe, junto à personalidade primitiva, às vezes em estado latente, mas também capaz de apoderar-se dela, mediante um verdadeiro golpe de mão. Em outros casos, os novos centros, quase independentes, apresentam tendências anárquicas, cada célula se revolta e se levanta em permanente guerra contra o organismo, que não tarda em se dissolver e sucumbir.

As idéias fixas constituem uma simples expressão de algo que, num grau atenuado, não nos é totalmente desconhecido. Suponho que poucos espíritos estejam completamente livres da tendência a certas formas de pensamento e de emoção sobre os quais não possuímos domínio suficiente, retornos permanentes e inúteis ao passado, ansiedades sobre o futuro, diversos vestígios, talvez, de nossa experiência infantil, fixadas com demasiada solidez para que desapareçam completamente. Dessas observações, algumas devem remontar ainda mais distantes do que a infância. As tendências herdadas aos terrores parecem pertencer, especialmente, ao passado pré-histórico. O medo do escuro, da solidão, do trovão, a amnésia direcional, são tantos testemunhos da impotência do homem primitivo, da mesma forma que o medo dos animais ou dos estranhos é prova de sua vida selvagem e entregue ao acaso. Todos esses sentimentos instintivos podem, com a maior facilidade, sofrer um desenvolvimento mórbido, e a melhor prova de que esse desenvolvimento mórbido nem sempre está unido a uma lesão cerebral nos é dada pelos casos em que as idéias fixas foram suprimidas por um tratamento unicamente psicológico. Sabemos, por outro lado, que os casos em que o tratamento psicológico fracassou, se mostraram da mesma forma rebeldes a qualquer outro tratamento. Pode-se dizer, pois, que as perturbações cerebrais que foram curadas dessa forma eram de natureza funcional, enquanto as que levaram à demência eram orgânicas, ainda que a distinção entre o funcional e o orgânico nem sempre seja fácil de captar nesse domínio ultramicroscópico.

Seja como for, conhecemos um número enorme de casos em que as idéias fixas, mais ou menos intensas, foram guiadas pela sugestão, isto é, por intermédio da ação, com a ajuda de comportamentos subliminares, de movimentos nervosos apenas perceptíveis, que escapam ao controle e à direção de nossa consciência supraliminar. Mas se a consciência subliminar é capaz de exercer uma função de controle sobre esses elementos, deve-se igualmente a ela que os distúrbios em questão se manifestem com freqüência cada vez maior. Quando uma idéia fixa, por exemplo a agorafobia, surge em meu espírito, deve-se provavelmente a que o poder de controle e de coordenação de meu pensamento, que deveria ser capaz de exercitar a vontade, caiu num nível em que escapa à ação da vontade. Não sou, por assim dizer, agora, capaz de me convencer, mediante o raciocínio, de que não há para mim perigo algum em atravessar uma praça. E a culpa disso é devida ao meu *eu* subliminar, encarregado de ter sempre ao meu alcance as idéias de que necessito na vida cotidiana e que, como conseqüência de sua fraqueza ao agir sobre o organismo, não soube cumprir sua tarefa.

Não é difícil, de acordo com o que acabamos de dizer, estabelecer uma relação entre as idéias fixas e as manifestações mais profundas da histeria. Vimos que as primeiras resultaram especificamente do deslocamento do nível comum da consciência. Dir-se-ia que fragmentos de conteúdo subliminar escaparam através das fendas que se formaram no espírito consciente e caíram em um nível do qual só os pode tirar a sugestão hipnótica. Em outros casos podemos dar um passo adiante e dizer que essas idéias fixas não nos mostram só um instinto supraliminar que funciona sem controle, senão que se trata, melhor dizendo, de um instinto primitivamente oculto que surge de modo inconsciente, alcançando rapidamente proporções exageradas e funcionamento desordenado. Em outras palavras, encontramo-nos na presença de uma instabilidade do umbral da consciência que, com freqüência, implica ou constitui a manifestação de uma perturbação ou de um distúrbio da camada hipnótica, isto é, da região da nossa personalidade que só conhecemos quando podemos atingi-la mediante a sugestão hipnótica.

No que concerne à histeria, podemos dizer inicialmente que os sintomas formam, de um modo geral, caricaturas fantasmagóricas de doenças reais do sistema nervoso, uma série de ficções realizadas sob o sistema nervoso, doenças irreais, como as que nenhum mecanismo fisiológico nos parece capaz de produzir. Como veremos mais adiante, essas doenças se devem, com efeito, na maioria das vezes, a causas intelectuais, mais do que puramente fisiológicas, e constituem outras formas de auto-sugestão.

Passemos rapidamente em revisa alguns dos tipos mais freqüentes de incapacidade histérica, tomando por guia a admirável obra do Dr. Pierre Janet, *L'état mental des hystériques* (Paris, 1893).

Qual é, em especial, o conceito geral desse autor a respeito dos estados psicológicos de alto grau de histeria?

> "Na expressão *eu sinto* – diz (pág. 39) – temos dois elementos: um pequeno fato psicológico novo, *sentir*, e uma enorme quantidade de pensamentos que formam um sistema, o *eu*. Esses dois elementos se encontram misturados e combinados, e dizer *eu sinto* equivale a dizer que a personalidade, então desenvolvida, captou e absorveu essa nova e pequena sensação... como se o *eu* fosse um ser amebóide estendendo os seus tentáculos que se apoderariam dessa pequena sensação nascida fora dele."

Pois o que caracteriza a histeria adiantada, segundo Janet, é precisamente a falta de assimilação dessas sensações elementares ou estados afetivos pelo que Janet chama a *percepção pessoal*. O campo consciente do histérico está tão limitado que não pode conter um mínimo de sensações necessárias para sobreviver.

> "Aquele que necessita especialmente de suas sensações visuais e auditivas descuida de suas sensações táteis e musculares, das quais acredita poder prescindir. No começo ainda é capaz de fixar sua atenção nas últimas e de fazê-las entrar, pelo menos durante um certo temp, no campo de sua percepção pessoal. Mas a ocasião pode não se apresentar com freqüência e o *vício psicológico* torna-se adquirido. Um

dia, o paciente – porque agora se trata realmente de um verdadeiro paciente – é examinado pelo médico. Belisca-se-lhe o braço esquerdo, perguntando se sentiu alguma coisa. Para grande surpresa sua, apercebe-se o paciente de que já não experimenta sensações conscientes, de que já não é capaz de introduzir na sua percepção pessoal sensações que descuidara durante muito tempo, de que se tornou anestesiado... A anestesia histérica constitui, portanto, uma distração fixa e contínua que torna aos que dela padecem incapazes de incorporar à sua personalidade certas sensações; é o resultado de um estrangulamento do campo da consciência...”

A prova dessas afirmações se baseia no elevado número de observações concordes entre si, revelando que a anestesia histérica afeta com menor profundidade a personalidade do que a verdadeira anestesia, conseqüente de uma perturbação nervosa ou do seccionamento do nervo.

Desse modo, o histérico é quase sempre *inconsciente* de sua anestesia, que só o médico descobre e que em nada se parece à verdadeira anestesia, à *máscara tabética*, por exemplo, isto é, à insensibilidade da metade do rosto que com freqüência se observa na *tabes dorsalis*. Um incidente relatado pelo Dr. Janet serve para ilustrar *essa particularidade*: Uma jovem feriu gravemente a mão direita com pedaços de vidro e queixou-se de insensibilidade palmar. O médico que a examinou achou que a sensibilidade da palma da mão direita diminuíra como conseqüência do seccionamento de certos nervos. Mas, ao mesmo tempo, descobriu uma insensibilidade histérica na metade esquerda do corpo. Jamais a mulher dera-se conta de tal peculiaridade. Assombrou-se o médico ao vê-la queixar-se de insensibilidade numa parte tão insignificante, como a palma da mão, enquanto que a da metade esquerda do corpo não parecia preocupá-la de nenhum modo. Todavia, como Pierre Janet observa, a mulher poderia ter resolvido que os fatos eram assim e que o médico era quem deveria encontrar aquela diferença.

Outra particularidade: as zonas e as placas anestésicas da histeria nem sempre estão, nem ocasionalmente, relacionadas com zonas anatômicas definidas, como sucede nos casos de lesões

nervosas. Com maior freqüência acham-se dispostas de forma arbitrária, caprichosa, e as indicações dadas pelos pacientes poderiam ser facilmente consideradas como fantásticas e imaginárias, se o médico não fosse logo constrangido a convencer-se, pelo fato de encontrar-se na presença de efeitos objetivos, mensuráveis, suscetíveis de produzir com freqüência perturbações mais profundas, de certa gravidade e duradouras. Isso está de acordo, por outro lado, com a minha opinião, no que diz respeito ao que chamei de *camada hipnótica* da personalidade. Considero, com efeito, que a região acessível à sugestão hipnótica apresenta uma estranha mistura de força e debilidade, que possui faculdades cada vez mais potentes e menos coerentes que as do nosso estado de vigília. Creio que nesses casos o *eu* subliminar se comporta aproximadamente do mesmo modo que o *eu* supraliminar, quando os *centros de nível superior* permanecem inativos durante algum tempo (por exemplo no sonho) e os *centros de nível médio* operam sem inibição nem coordenação.

Vejo aí a explicação dos estranhos contrastes que observamos durante a hipnose, a de profundo domínio sobre o organismo e a assombrosa facilidade com que o sujeito obedece passivamente às menores indicações do hipnotizador. A inteligência que reage desse modo não é, para mim, mais do que uma inteligência fragmentária; é um pedaço do *eu* subliminar funcionando como num estado de sonho, fora do controle do *eu* central e profundo.

Da mesma forma que o sujeito hipnotizado obedece aos caprichos do hipnotizador, o sujeito histérico obedece aos da camada hipnótica. Algum centro de nível médio do *eu* subliminar (para expressar uma idéia difícil, com a primeira frase que me vem à memória) sugere a noção de que existe, por exemplo, um *bracelete anestésico* em torno do punho esquerdo, e eis que o fato parece realizado e o sujeito perde a consciência de todas as sensações que se produzem no nível dessa zona fantástica. Esses fatos adquirem maior interesse por estabelecer uma divisão do corpo humano baseada não sobre a zona nervosa local, mas sobre a ideação, que de resto nem sempre é coerente.

A anestesia histérica é caracterizada, portanto, pelo fato de que a porção da faculdade de percepção sobre a qual o indivíduo

perdeu todo o poder de controle, na realidade não desaparece, mas é imediatamente deslocada para baixo do limiar da consciência, sob a guarda, por assim dizer, de um estado hipnótico do *eu* subliminar que se apropriou dessa categoria de percepções, seja por razões de fácil discernimento, em virtude, por exemplo, de sugestões sofridas ou por razões que nos são desconhecidas. Se assim é, podemos esperar que as mesmas sugestões que começaram por separar tal grupo de percepções da massa total, possam também favorecer a aparição delas, seja sobre ou sob o limiar da consciência.

O estudo do estado do campo visual dos histéricos mostra, com efeito, que as percepções submersas não cessam de manifestar sua atividade. Freqüentemente sucede que o campo visual diminui até o ponto em que o sujeito não mais é capaz de distinguir os objetos colocados diretamente diante dos olhos. Mas, quando um objeto suscetível de particularmente excitar a camada hipnótica, como por exemplo o dedo do hipnotizador, que, geralmente, serve de sinal para a aparição da hipnose, coloca-se na parte do campo visual que parece ter escapado ao controle da consciência, produz-se de imediato uma percepção subliminar provada pelo fato de que o sujeito não tarda em cair num sono hipnótico. Igualmente, pela persistência da ação das percepções submersas, explica-se o fato de que, apesar da anestesia com freqüência muito pronunciada, senão total, de seus membros, os indivíduos histéricos poucas vezes estão expostos aos acidentes, às queimaduras, etc., que são, ao contrário, muito freqüentes entre os siringomiélicos. Basta, por outro lado, atrair mediante um estímulo qualquer a atenção do histérico sobre o seu membro anestesiado para que as sensações submersas subam novamente à consciência supraliminar. Exemplo disso é a enferma de Pitres, afetada por cegueira histérica no olho esquerdo. Sobre um lençol colocado diante dela escrevia-se uma palavra ou uma frase, mas de modo que o seu olho direito, que estava são, não pudesse ler mais do que a metade. Forçando sua atenção, conseguia valer-se de seu olho esquerdo cego e ler a frase inteira.

O que acabamos de dizer a respeito das perturbações sensíveis dos histéricos pode ser aplicado também às suas perturba-

ções motoras. Nesse ponto também as faculdades sobre as quais o *eu* supraliminar perdeu todo o poder de controle continuam obedecendo às ordens da consciência subliminar. O caso seguinte, do Dr. Janet, mostra de modo mais evidente a diferença que existe entre as faculdades ainda sob as ordens da personalidade supraliminar e as que não são mais transmissíveis a não ser com o auxílio de impulsos automáticos do *eu* subliminar.

> "Quando dizemos a um hemiplégico ou a um amiotrófico que aperte o dinamômetro, obtemos uma cifra de 5 ou 10, coisa que não nos deve assombrar, uma vez que estamos na presença de indivíduos afetados de verdadeira paralisia, isto é, impotentes, cuja brandura e debilidade se manifestam em cada um dos seus atos. Sem dúvida os histéricos, que não são em absoluto impotentes, que são capazes de costurar, trabalhar, transportar peso sem nenhuma perturbação aparente, conseguem também no dinamômetro, cifras semelhantes. Por exemplo, Celestina é uma campônia robusta, acostumada aos trabalhos duros e que pede, como um favor, autorização de encerar e lustrar o chão. É muito ativa e quando alguma coisa não está a seu gosto sacode as camas, muda-se de lugar e transporta num só braço as poltronas. Tem acessos de cólera terríveis e em alguns dos asilos em que esteve chegou a sustentar lutas vigorosas contra homens robustos.
>
> Pois bem, apanho essa jovem durante o trabalho e ponho entre suas mãos o dinamômetro. Devo dizer inicialmente que tem uma anestesia completa de duas metades do corpo e que é obrigada a olhar o dinamômetro para estar segura de que o aperta. Realizei diversas vezes essa experiência e todas as vezes o dinamômetro marcava 9 na mão direita e 5 na esquerda. Sem dúvida, repito, essa demonstração de debilidade muscular contradiz completamente os seus atos habituais. Fiz essa experiência comigo mesmo e posso apertar o dinamômetro até marcar 50, contudo não posso levantar as cadeiras nem empurrar as camas com a mesma facilidade de Celestina... É evidente que o histerismo apresenta uma transformação especial da força muscular quando a submetemos a uma experiência e pedimos que concentre a atenção e aper-

te o instrumento com uma *vontade pessoal* para fazer ver sua *força pessoal*. É incapaz então de empregar sua força do modo indicado, ainda que a força exista sempre e seja empregada diversas vezes em todos os atos da vida cotidiana, *com a única condição de que não pense nisso*. Estamos em presença de um defeito, não da força muscular, mas da vontade." [20]

Seria sem dúvida errôneo afirmar que os fenômenos aqui estudados constituem sempre e em todos os casos uma expressão de decadência e que todas as perturbações psíquicas são devidas à cólera, ao terror ou ao instinto sexual. Com freqüência acontece que sentimentos considerados como superiores e honrosos adquirem um grau de vivacidade e delicadeza capazes de expor os indivíduos que os possuem a perturbações que os egoístas jamais conhecerão. Os instintos de limpeza pessoal e de modéstia feminina, o amor ao próximo e a Deus, são causas de alterações entre os indivíduos cujo organismo aparenta antes um excesso de sensibilidade do que uma diminuição da resistência. Existem muitas pessoas para as quais os motivos de pensar e trabalhar são mais poderosos do que o amor egoísta e o instinto de conservação. E isso porque a vida humana tende cada vez mais a basear-se em idéias e emoções cuja relação com a conservação da raça e do indivíduo é indireta e obscura. Os sentimentos utilitários se desenvolveram fora de qualquer proporção, graças às vantagens que podem proporcionar aos seus possuidores na luta pela existência.[21]

Os *Studien über Hysterie* dos Drs. Breuer e Freud (Leipzig, 1895) constituem importante contribuição a essa questão. Tomando seus doentes não só nas salas de hospital, mas também entre a clientela privada, tiveram a sorte de encontrar e a possibilidade de penetrar a fundo em muitos casos de paixões não egoístas, mas muito mais fortes, que produziam perturbações de equilíbrio em espíritos até então bem organizados e que haviam recebido sólidos princípios e uma educação esmerada.

"Apressamo-nos demais ao aplicar aos histéricos a qualificação de *degenerados*. Esse termo – diz o Dr. Milne-

> Bramwell – foi aplicado com tal liberdade e freqüência por alguns autores modernos, que nos sentimos tentados a acreditar que se encontram entre os degenerados todos os que não se conformam com algum tipo selvagem, primitivo, que possua um sistema nervoso imperfeitamente desenvolvido.”

Nossos *degenerados* são, com efeito, freqüentemente *progenerados* e suas perturbações podem ocultar uma evolução que nós e nossos filhos estaremos obrigados a realizar, tão logo eles nos tenham mostrado o caminho.

Eis-nos ante a categoria dos histéricos que *dirigem o mundo*! Partimos, por assim dizer, da região das idéias fixas de um tipo mórbido e inferior para chegar às idéias fixas razoáveis e honradas, mas que se tornam mórbidas por força da intensidade. Aqui é onde a *histeria* se encontra com o *gênio*, não com o gênio de forma intelectual, antes com o “gênio moral”, o “gênio da santidade” ou a possessão por alguma idéia altruísta, que é o sustentáculo das vidas heróicas.

Todas as religiões nos oferecem exemplos inumeráveis desse tipo. O homem cuja conduta parece razoável à grande parte da Humanidade passará dificilmente por um grande santo. Com motivo ou sem ele, determina-se a este um lugar à parte e tratamo-lo com veneração ou como um ser ridículo. Ora o consideramos como um inspirado, ora como um doente, enquanto sua vida só apresenta um número determinado de idéias fixas, não desprovidas de valor em si mesmas, mas que alcançaram tal força que, segundo os acidentes, sua ação propulsora o encaminha quer ao sublime, quer ao ridículo.

Os mártires, os missionários, os cruzados, os niilistas, os entusiastas de qualquer gênero guiados por impulsos que nascem muito abaixo do limiar da consciência comum, todos esses homens emprestam aos assuntos humanos uma força mais concentrada e mais intensa do que aquela do raciocínio frio e medido. Em virtude da estabilidade de suas idéias, realmente fixas, sofrem de contínuas auto-sugestões. Mas essas idéias não são tão isoladas, tão enquistadas neste caso, como nos verdadeiros histéricos. Ainda que mais profundas e imutáveis que suas idéias

sobre outros assuntos, suas convicções subliminares não podem atuar sobre outros espíritos, senão chamando em seu auxílio os produtos da razão subliminar de seus autores. O profundo horror subliminar nascido diante do espetáculo de odiosas crueldades não deve favorecer apenas as alucinações, como acontece no histérico e com freqüência no reformista, mas deve também, se ele quiser cumprir a sua missão de reforma, aparecer com clareza diante da razão supraliminar e poder expressar-se por escrito ou verbalmente de uma forma apta a influir sobre outros espíritos.

Até agora só nos ocupamos dos casos de *isolamento* de determinados componentes da personalidade, os elementos que assumem uma existência quase independente e a forma de idéias fixas, representações físicas ou de equivalentes somáticos de idéias fixas obscuras, como as alucinações e as perturbações persistentes do paladar ou do olfato. Chegamos, neste ponto, à segunda variedade de desintegração da personalidade, caracterizada pela formação de uma *personalidade secundária*. Existe entre essas duas variedades uma diferença análoga à existente entre as lesões isoladas do corpo, as alterações diatésicas mais profundas e sutis, resultantes de uma mudança de clima ou alimentação. Produz-se algo que faz com que o organismo responda a todas as reações de uma nova forma. Os fenômenos do *sonho* constituem o melhor ponto de partida para o estudo desses estados secundários.

Discutiremos num capítulo posterior certas características raras dos sonhos. Aqui só consideraremos os sonhos comuns, no tocante aos indícios que nos proporcionam sobre a estrutura de nossa personaloidade e sobre as influências que tendem a modificá-la.

Devo antes dizer que o estado de sonho constitui, senão a forma normal de nossa mentalidade, ao menos a forma que ela assume com mais agrado e mais freqüência. Sonhos de todos os gêneros atravessam provavelmente nosso espírito dia e noite, sem que os interrompam a tensão das idéias que constituem nosso estado de vigília. Cada um teve, mais de uma vez, oportunidade de certificar-se disso durante o estado de adormecimento momentâneo ou durante os desvios fugazes da atenção: tem-se,

dessa forma, a sensação de que os fragmentos de imagens e idéias que apresentam uma continuidade aparente, mas dos quais nem sempre se tivera consciência, atravessam o espírito; é um estado semelhante ao que se tem quando alguém se esforça por seguir uma palestra ou ler em voz alta entre o sono e a vigília.

Desse estado mental devem ter-se desenvolvido nossos estados mais coerentes. O estado de vigília implica a fixação da atenção sobre um único fio do confuso novelo do nosso pensamento. No caso de alguns indivíduos, essa fixação é impossível, enquanto que em outros é involuntária ou segue um fio que não deveria.

Os sonhos apresentam outra particularidade que não atraiu suficientemente a atenção dos psicólogos, mas que desempenha importante papel do ponto de vista do fracionamento da personalidade. Refiro-me ao seu caráter dramático.

Em primeiro lugar nossos sonhos evoluem num meio ou num cenário que não inventamos, mas que encontramos pronto, esperando nossa entrada, por assim dizer. Em outros casos, nossos sonhos compreendem uma *conversa* durante o curso da qual aguardamos com impaciência e escutamos surpresos as réplicas de nosso interlocutor que, nesse caso, só pode representar outro segmento ou outro lado de nós mesmos. Esse desdobramento pode ser penoso ou agradável. Um sonho febril pode simular as confusões que caracterizam a loucura, ou o enfermo pode acreditar que é constituído por duas pessoas. Pode-se inclusive chegar a dizer que nos primeiros instantes do sonho desaparece a unidade superficial da consciência e o mundo dos sonhos nos dá uma representação mais exata do fracionamento ou da multiplicidade real que existe sob a aparente simplicidade que a clareza da consciência de vigília impõe à nossa vista mental.

Por menos que se aceitem essas idéias, não se terá qualquer dificuldade em admitir que a passagem do sono comum ao sonambulismo, longe de constituir uma raridade isolada, é antes a expressão da formação de um estado secundário, no qual as idéias adquiriram um certo grau de intensidade. Os estados de semivigília que nascem do sono apresentam, com efeito, todas as

características que se desprendem de sua origem eminentemente subliminar. São menos coerentes que os estados secundários que se observam durante a vigília, porém mais ricos em faculdades supranormais. Esses estados foram muitas vezes observados em conexão com faculdades como a hiperestesia e a telepatia. O estudo dessas faculdades será objeto de capítulo à parte.

Por enquanto só nos ocupamos de personalidades secundárias constituídas por elementos que se destacaram da personalidade total ou primitiva por *seleção emocional*. Vimos grupos especiais de sentimentos que adquiriam uma intensidade mórbida, a ponto de dominar toda a vida mental do sujeito, seja com acessos ou de modo contínuo, fazendo-o parecer *uma pessoa mudada* que, sem estar necessariamente louca, é totalmente diferente do que se apresenta na vida mental normal. Nos casos desse gênero a emoção mórbida comunica, por assim dizer, à nova personalidade uma coloração particular característica, a exemplo das personificações dramáticas dos ciúmes, do terror, etc. Nos demais aspectos a divisão entre a nova personalidade e o *eu* antigo não é muito profunda. As dissociações da memória, por exemplo, são raramente inacessíveis à sugestão hipnótica. A cisão não alcançou as profundezas do ser psíquico.

Mas existem casos em que a causa da cisão é completamente arbitrária e nos quais a cisão em si é, por essa razão, muito profunda. Não se trata aqui da exageração mórbida de uma emoção, mas de toda uma porção da personalidade que, sem nenhuma determinação, sofreu um desenvolvimento independente do resto do ser psíquico. Voltando à nossa analogia física, já não se trata de uma calosidade, de um abscesso ou câncer, mas de um tumor formado às expensas de um fragmento de tecido embrionário que ficou excluído do processo de desenvolvimento geral do organismo.

As personalidades secundárias desta última categoria nascem com mais freqüência de um acesso de sonambulismo que, ao invés de transformar-se novamente em sonho, se repete e se consolida até dar lugar a um encadeamento de recordações que lhe são próprios e que alternam com o encadeamento primitivo.

Essas personalidades secundárias constituem manifestamente uma degeneração do estado primitivo, mesmo quando certos indícios de faculdades supranormais possam ser discernidas no seu restrito campo psíquico.

Os estados *pós-epiléticos* são estados secundários meramente degenerativos. Apresentam analogias com todos os estados secundários que descrevemos. Primeiro, parecem-se ao estado normal com a única diferença de que os atos que os caracterizam carecem de *fim* racional e que neles talvez se possa constatar *uma volta aos costumes e às idéias de uma fase anterior da história do sujeito*. Parecem-se igualmente a determinados estados hipnóticos e lembram essas personalidades fictícias que se produzem através da escrita automática. Parecem-se ainda a esses estados em que uma idéia fixa aparecida de repente, e triunfando sobre o restante, poderia levar o sujeito aos mais nefandos crimes, que, em estado normal, o aterrariam. Não pode haver exemplo melhor de funcionamento não reprimido, que escapa ao domínio secreto dos centros superiores, que, embora ativos durante o sono hipnótico, estão aqui não só num estado de fadiga psicológica, mas também de esgotamento fisiológico.

Existem, sem dúvida, casos em que o estado secundário, longe de ser uma expressão de degenerescência, aparece antes como *superior* ao estado primitivo, de modo que nos perguntamos, com espanto, como o mesmo homem pôde ser o que era antes, ou converter-se subitamente em outra coisa tão diferente ao que era. É uma verdadeira mudança caleidoscópica e ninguém saberia dizer por que este e não aquele arranjo das peças deve ter prioridade.

Exemplo disso é o caso de Félida X..., observado pelo Dr. Azam,[22] bem como o de Mary Reynolds, observado pelo Dr. Weir Mitchell.[23] Assistia-se, neste último, a uma transformação completa e notável do caráter, a despreocupação infantil do estado secundário, modificando completamente as preocupações tristes e sombrias do estado primitivo. Temos então um exemplo muito instrutivo da diferença que existe entre as mudanças *alotrópicas* ou reconstruções do caráter e o mero predomínio de um fator mórbido característico dos indivíduos histéricos ou que

padecem de uma idéia fixa. Esses dois estados apresentavam, além disso, no caso de Mary Reynolds, uma tendência aparente a fundir-se e a produzir um terceiro estado, superior aos precedentes.

No caso de Louis Vivé temos um exemplo notável de dissociações dependentes de relações temporais, de épocas especiais de sua vida, às quais se ordenava ao doente que se transportasse. E essa transposição se opera de um modo muito profundo.

Entre as diversas condições de seu organismo, todas (ou quase todas) mórbidas, como conseqüência de uma grave lesão central, cada uma delas pode ser vivida novamente e toda a gama dessas mutações atravessa o seu sistema nervoso com a facilidade e a rapidez das imagens cinematográficas. Louis Vivé produzia, dessa forma, um número e uma variedade de fases de sua personalidade, quer espontaneamente, quer como conseqüência de diversas experiências, com ajuda da *metaloterapia*, executadas pelos médicos que o atenderam. Essas experiências produziam curiosas variações na sua paralisia histérica e, ao mesmo tempo, regressões aos diferentes períodos de sua vida, provavelmente relacionadas com formas particulares de paralisia. E não só os estados mentais, passados e esquecidos, voltavam à memória ao mesmo tempo que as impressões físicas dessas variações, senão que, quando um estado mental passado e esquecido era sugerido ao paciente como se fosse o seu estado atual e presente, ele acreditava na sugestão e experimentava a seguir as impressões físicas correspondentes. Deve-se notar que quando realizaram as primeiras experiências de *metaloterapia*, os experimentadores desconheciam a história de seu paciente. Aos poucos foram conhecendo-a e, através de cuidadosa comparação entre as lembranças passadas e presentes, concluíram que as diferentes fases encarnadas foram tomadas da história de sua própria vida.[24]

Vou citar por extenso o seguinte caso publicado pelo Dr. Osgood Mason (num ensaio intitulado: *Double Personalité, ses rapports avec l'hypnotisme et la lucidité* e que apareceu no *Journal of American Medical Association* a 30 de novembro de 1895).

Alma Z... era uma rapariga muito sadia e inteligente, de caráter sólido e atraente, com enorme espírito de iniciativa em tudo o que empreendia: estudos, esporte, relações sociais. Como conseqüência de um esgotamento intelectual e de indisposição mal cuidada viu sua saúde fortemente abalada e, após dois anos de grandes sofrimentos, uma segunda personalidade fez brusca aparição. Numa linguagem semi-infantil, quase índia, anunciava-se a personalidade nº 2, vinda para aliviar os sofrimentos da primitiva (nº 1). Mas o estado da nº 1 era, naquele momento, deveras deplorável: dores, debilidade, síncopes esparsas, insônia, estomatite mercurial, originada dos medicamentos que tornavam impossível sua alimentação. A nº 2 era alegre e meiga, conversava com finura e graça, conservava sempre a sua consciência, alimentando-se bem e abundantemente, em proveito, segundo dizia, da nº 1. A conversa refinada e interessante que tinha não fazia suspeitar, em nada, os conhecimentos adquiridos pela primeira personalidade. Manifestava uma inteligência supranormal a respeito dos acontecimentos que se passavam ao seu redor. Nessa época comecei a acompanhar o caso e não o perdi de vista durante seis anos consecutivos. Quatro anos depois da aparição da segunda personalidade surgiu uma terceira que se anunciou como *rapaz*. Completamente diferente das outras duas, tomou o lugar da nº 2 e conservou-o durante quatro anos.

Todas essas personalidades, ainda que absolutamente distintas e caracterizadas, eram muito agradáveis, cada qual no seu gênero, e a de nº 2 em particular é ainda a alegria de seus amigos, sempre que aparece e tem oportunidade de estar junto a ela. Essa personalidade surge sempre nos momentos de extrema fadiga, de excitação mental, de prostração. Então sobrevém e às vezes persiste durante alguns dias. O *eu* original afirma sempre sua superioridade, pois os demais não estão lá senão no seu interesse e vantagem. A personalidade nº 1 desconhece qualquer das outras duas, mas, sem dúvida, as conhece bem, especialmente a de nº 2, pelos relatos dos demais e pelas cartas que recebe dela. E a de nº 1 admira as sutis mensagens espirituais e freqüentemente instrutivas que lhe trazem essas cartas ou relatos dos amigos.

E o Dr. Mason acrescenta:

> "Existem três casos (o acima citado, outro de uma de suas doentes e o de Félida X...), nos quais uma segunda personalidade, perfeitamente sadia, equilibrada, em harmonia completa com o meio, vem à superfície e assume o controle absoluto da organização física por longo período. Durante o funcionamento desta segunda personalidade, o *eu* primitivo ou original é suprimido totalmente e se produz por isso uma espécie de lacuna no tempo. Em nenhum dos casos descritos, o *eu* primitivo tinha consciência da segunda personalidade, a não ser pelos relatos de outros ou pelas cartas do segundo *eu*, deixadas num lugar onde o *eu* primitivo podia encontrá-las ao readquirir a consciência. A segunda personalidade tinha em todo caso conhecimento do *eu* primitivo, que considerava, porém, como uma pessoa estranha. Nos casos de Félida X... e de Alma Z... o aparecimento da segunda personalidade era seguido de uma rápida e marcante melhora do estado físico."

De quanto acabamos de expor neste capítulo resulta que a personalidade humana constitui um complexo muito mais modificável do que se reconhece em geral, um complexo que foi, por outro lado, tratado até agora de uma forma grosseira e empírica. Cada fase, cada procedimento de desintegração sugere uma fase e um procedimento correspondente de integração. Dois pontos ressaltam particularmente deste capítulo: primeiro, a aparição de um rudimento de faculdade *supranormal rudimentar*, de algo que provavelmente não tem utilidade para nós, mas que indica a existência, sob o nível de nossa consciência, de uma reserva de faculdades latentes, insuspeitáveis; em segundo lugar, que, sempre que foi possível apelar, com ajuda da sugestão hipnótica, às camadas profundas de nossa personalidade, esse apelo raras vezes ficou sem resposta. E cada um dos casos observados proporcionava um ensino novo, que nos permitia aperfeiçoar os meios empregados, tendo em vista o restabelecimento da personalidade. Essas perturbações da personalidade não são para nós o que foram para a geração precedente, isto é, simples milagres nos quais os céticos, segundo a moda antiga, têm o direito de não

crer. Pelo contrário, começa-se a considerá-los como problemas de psicopatologia do mais alto interesse, cada um dos quais nos dá uma visão da estrutura íntima do homem.[25]

III
O gênio

O dogma da *perfectibilidade humana* engendrou muito entusiasmo e sugeriu numerosos projetos de sociedades utópicas que postulavam, para os homens e as mulheres do futuro, um acréscimo indefinido de saúde e de vigor físico e moral. É verdade que, de uma forma geral, a seleção natural, a seleção sexual e os progressos da Ciência contribuíram em muito para aperfeiçoamentos desse gênero. Mas é também verdade que essas tendências, em comparação com os nossos desejos e aspirações, são lentas e incertas, e poderemos supor que o progresso aparente de nossa espécie seja um produto da melhora de nosso meio material através das nossas conquistas científicas e não um aperfeiçoamento real do caráter e das faculdades do homem durante o decorrer do período histórico.

Mas como não temos nenhuma possibilidade de saber até que ponto chega, para uma espécie determinada, a virtualidade interna do aperfeiçoamento, os pessimistas poderiam afirmar, com alguma aparência de razão, que a espécie humana já atingiu o limite de sua evolução. É possível a domesticação de algumas espécies de animais selvagens (e talvez de algumas tribos de homens selvagens) sem deter ao mesmo tempo a sua potência de reprodução. Também naqueles animais que são mais fáceis de domesticar e que se prestam mais à mestiçagem com variedades já domesticadas, como a pomba, é impossível levar o desenvolvimento de certos órgãos para além de certos limites, sem determinar uma fragilidade de constituição que provocará, mais tarde, a extinção da espécie. Certas conhecidas diatribes foram inspiradas por temores desse gênero. Max Nordau, por exemplo, escreveu uma obra para protestar contra a estafa e o esgotamento nervoso de nossa época. Reduzindo essa vaga discussão a exemplos concretos, Lombroso e outros antropólogos analisaram o *homem de gênio* e chegaram à conclusão de que o gênio não representa o ponto mais alto da espécie, sendo apenas, pelo contrário, uma manifestação anormal, uma aberração semelhante

à do criminoso ou do psicopata; que os homens de gênio sofrem falta de equilíbrio e apresentam uma organização incompleta, com desenvolvimento exagerado de uma parte de sua natureza que, dependendo da ocasião, pode ser útil ou daninha para os outros.

Para mim o gênio é, pelo contrário, uma potência que permite, aos que o possuem, utilizar em medida maior que o resto dos mortais suas faculdades inatas e submeter os resultados do processo mental subliminar à corrente supraliminar do pensamento. A *inspiração genial* é, para mim, apenas um aparecimento, no domínio das idéias conscientes, de outras idéias em cuja elaboração a consciência não participou, mas que se formaram sozinhas, isto é, independentemente da vontade, nas regiões profundas de nosso ser. Não há ali nenhum desvio do estado normal, ou pelo menos nenhuma anomalia, nenhuma expressão de degenerescência, mas um aperfeiçoamento do estado normal, um estado supranormal, uma fase nova, superior, que se manifesta no decurso da evolução.

Não se pense, por isso, que estou afirmando a *superioridade intrínseca* do subliminar sobre o supraliminar; o que eu quero dizer é que o homem de gênio constitui o tipo acabado do homem normal pela sua possibilidade de utilizar mais elementos de sua personalidade do que as pessoas comuns. A distinção entre o subliminar e o supraliminar é, portanto, puramente psicológica e visa à descoberta das relações existentes entre duas categorias de percepções e de faculdades humanas. Acreditamos apenas que o que se processa por baixo do limiar da consciência e fora dos limites da porção de nosso campo de consciência adaptado às necessidades da vida ordinária é, ao mesmo tempo, mais extenso e complexo do que aquilo que se contém nos referidos limites. Achamos em um dos extremos da escala subliminar os sonhos, um produto subliminar normal, porém menos útil do que qualquer produto supraliminar; na outra extremidade achamos os conhecimentos mais raros e preciosos que nos proporcionam a telepatia, a telestesia, o êxtase. Entre esses dois pontos extremos encontramos uma multidão de produtos intermediários cuja

origem é a mesma, mas de importância eminentemente variável.[26]

Hoje distinguimos, na região supraliminar, os centros superiores que presidem aos nossos pensamentos mais complexos e à nossa vontade, os centros intermediários, cuja atividade determina o movimento dos músculos voluntários, e finalmente os centros inferiores (que, na minha opinião, são puramente subliminares), dos quais dependem nossas funções automáticas, como a respiração e a circulação, que se realizam fora da consciência, mas que são indispensáveis à vida. É relativamente fácil saber se certo ato foi determinado pelos centros superiores ou se foi realizado fora do controle destes centros, devido apenas à atividade dos centros intermediários.

Assim sendo, a palavra e a escrita ordinárias dependem dos centros superiores. Mas quando esses centros ficam esgotados em conseqüência de uma descarga epiléptica de energia nervosa, os centros intermediários funcionam sem controle e determinam os movimentos convulsivos dos braços e das pernas, característicos do ataque. E quando também os centros intermediários ficam esgotados, os centros inferiores funcionam sozinhos e o doente entra em estado de coma, embora continue respirando regularmente.

No domínio subliminar assistimos a uma subdivisão semelhante. Parece-nos, realmente, que nossas percepções e faculdades subliminares convergem para um único fim, que formam um verdadeiro *eu* coordenado em alguma harmoniosa *inspiração genial* ou em alguma transformação profunda e razoável, como o sono hipnótico ou na realização paranormal de alguma visão clarividente, ou, finalmente, em uma projeção de toda a personalidade num mundo espiritual. Os elementos subliminares que entram em jogo nos casos deste gênero correspondem aos centros superiores da vida supraliminar.

Mas esse grau de clareza e de coesão não pode durar muito tempo. As faculdades e percepções subliminares agem, freqüentemente, de maneira menos coerente e coordenada. Na maioria dos casos nos encontramos na presença de produtos que, embora apresentando indícios de uma faculdade fora do nosso alcance,

não parecem menos acidentais e irracionais do que as convulsões dos braços e das pernas nos ataques epilépticos. Trata-se da série de fenômenos que designamos pelo nome de *sonhos* e que podemos considerar dependentes dos centros intermediários do *eu* subliminar. Quando esses centros intermediários subliminares, que escapam ao controle dos centros superiores, manifestam sua atividade no homem de gênio, já não provocam o surgimento da obra-prima, mas de uma obra estranha, atormentada. Não a Madona Sixtina, mas a visão da cabeça guilhotinada de Wiertz. Avançando mais ainda, chegaremos a esses estados hipnóticos em que as pessoas aspiram deleitadas o cheiro do amoníaco e comem com prazer velas de sebo, ou aos movimentos automáticos confusos e incoerentes que são atribuídos à inspiração do diabo, e assim até que os centros intermediários ficam também esgotados e são visíveis apenas as manifestações psíquicas ainda compatíveis com a circulação cerebral, como no ataque de epilepsia, quando a falta de coordenação dos movimentos das pernas provoca, com o esgotamento dos centros intermediários, a respiração estertorosa do estado de coma.

É esse o paralelismo aparente que existe entre nossa região supraliminar e a região subliminar. Nós homens, *clausi tenebris et carcere caeco*, podemos alargar ou limitar nossa visão da realidade das coisas. Na mania e na epilepsia perdemos o controle dos centros supraliminares superiores, dos quais depende a nossa vida racional terrestre. Mas no automatismo, no êxtase ou nos estados semelhantes desviamos para nossa vida supraliminar uma parte da corrente subliminar. Quando os centros subliminares que influem em nosso estado de vigília pertencem ao nível intermediário, fazem nascer em nós apenas o erro e a confusão; quando, inversamente, eles fazem parte do nível superior, são capazes de revelar-nos verdades insuspeitas.

A obra em cuja elaboração participam esses elementos subliminares constitui precisamente o que se chama *obra genial*. Essa obra deve preencher duas condições. Deve implicar qualquer coisa de original, de espontâneo, não aprendido, inesperado, e deve despertar também a admiração da Humanidade. Mas, psicologicamente falando, enquanto a primeira dessas duas

condições supõe um fato real, a segunda é puramente acidental. O que o poeta sente ao escrever um poema constitui um fato psicológico de *sua* história; o que seus amigos sentem lendo o mesmo poema pode constituir um fato psicológico da história *deles*. Mas isso não altera absolutamente o esforço criador do poeta, que continua sendo o que foi, embora ninguém, excluindo ele, tenha lido o seu poema.

Repito: como psicólogos, devemos basear nossa definição do gênio em um critério estritamente psicológico e não nos sinais exteriores que nos guiam como artistas ou literatos e que apenas exprimem o grau de prazer que nos proporciona uma outra obra. O artista falará do gênio artístico de Rafael, não o de Haydn, do gênio dramático de Corneille, não do de Voltaire. Mas a autobiografia de Haydn, de uma intensidade trágica que acabou no suicídio, mostra que as figuras contorcidas de sua *Ressurreição de Lázaro* lhe apareceram com o intenso sentimento de uma inspiração direta. Voltaire, em certa oportunidade, escrevia ao presidente Henault [27] sobre a sua ilegível tragédia *Catilina*.

Seria completamente absurdo classificar *A Ressurreição de Lázaro* na mesma categoria *artística* da *Madona Sixtina*. Mas essas duas obras pertencem incontestavelmente à mesma categoria *psicológica*. Não obstante a diferença de gênero, os dois pintores experimentaram o mesmo processo interior, a mesma invasão de seu ser por uma corrente subliminar, essa concentração mental que atrai à consciência imediata produtos e elementos ocultos até então no fundo do *eu*.

Falamos até aqui de faculdades paranormais. Antes de começar a análise não seria inútil estabelecer o sentido exato das palavras *norma* e *normal* aplicadas ao homem.

Na linguagem comum a palavra *normal* significa duas coisas, freqüentemente bem diferenciadas; conformidade com um modelo, posição intermediária entre dois extremos. Com freqüência esta posição intermediária constitui precisamente a conformidade com seu modelo, como quando se diz que um gás apresenta uma densidade normal. Mas quando se trata de organismos vivos, entra em jogo um novo fator. *Vida* significa *mudança*; todo organismo vivo muda; cada geração é diferente da

anterior. Atribuir uma norma fixa a uma espécie que está em estado de constante mudança é como atirar num pássaro voando. Em nenhum momento o estado intermediário corresponde ao modelo ideal. A última fase da evolução atualmente realizada terá a tendência, se o meio permanecer estável, de converter-se no estado intermediário do futuro.

A evolução humana não é tão simples nem tão aparente quanto a evolução de uma espécie de pombas. Mas seria ousado afirmar que ela não é mais rápida do que a que sofrem os animais domésticos. Apenas cem gerações nos separam do começo da História; cem gerações separam também o vencedor moderno do Derby do corcel de Gustavo Adolfo; e certas espécies de micróbios atravessam em apenas um mês o mesmo número de gerações. Do ponto de vista físico, as mudanças sofridas pelo homem são menos acentuadas que as sofridas pelo cavalo, provavelmente porque o homem não foi educado para o mesmo fim, nem com as mesmas intenções; mas, levando em conta o poder de adaptação ao meio, o homem descreveu nesses trinta séculos uma curva de evolução infinitamente mais vasta do que qualquer espécie cavalar desde o *hippos*. Se formos até às origens primitivas, vemos que os antepassados do homem variaram muito mais do que os dos animais, pois percorreram no mesmo lapso de tempo um trajeto muito mais longo. Variaram ainda em direções mais numerosas e integraram em maior número as infinitas faculdades que se achavam latentes em um punhado de matéria.

Entre todas as criaturas, foi o homem que fez os maiores progressos, tanto do ponto de vista da diferenciação quanto da integração; depois de haver ativado o maior número de faculdades que o gérmen primitivo virtualmente encerrava, estabeleceu sobre elas um domínio central dos mais severos. O processo continua sempre. Essa evolução só pode continuar no sentido de uma extensão e uma intensidade maiores. E eu afirmo que o homem de gênio é quem está mais perto desse ideal.

Sabemos que o espectro solar não apresenta apenas uma banda contínua de luz colorida. Ele encerra também algumas linhas escuras, mais numerosas, nos espectros das outras estrelas. O

mesmo acontece no espectro da consciência humana, cuja claridade está interrompida por linhas opacas e escuras, sendo que até nos melhores exemplares de nossa espécie sua claridade é opaca e desigual.

O que caracteriza o gênio é que nele os elementos subliminares aumentam a intensidade do espectro da consciência e projetam um pouco de luz sobre suas partes obscuras. Mas é possível, ao mesmo tempo, colocar na mesma categoria do gênio certos automatismos motores e sensoriais que, à primeira vista, parecem não estar relacionados com ele. O gênio representa uma seleção restrita entre uma multidão de outros fenômenos semelhantes, dentre os numerosos elementos subliminares que emergem nos limites do espectro da consciência ou fora de tais limites.

Examinaremos mais tarde os casos de automatismo motor e sensorial e veremos que não existe uma percepção que não seja capaz de emergir das capas inferiores da consciência, sob uma forma muito intensificada, com a mesma rapidez de impressão e de ação que as inspirações mais altas do gênio. Veremos, por exemplo, que o homem pode ter uma inspiração como a que teve Virgílio, da segunda metade de um hexâmetro difícil.

Ao fim de algum tempo o público das grandes cidades teve freqüentemente ocasião de se divertir e de ser surpreendido pelo que se chama de *jovens calculadores*, os *prodígios aritméticos*, jovens geralmente capazes de resolver mentalmente e quase instantaneamente problemas que a maior parte de nós teria que resolver com o lápis na mão e durante um tempo muito maior, sem estar sempre seguros de acertar.

A vantagem especial que apresenta o estudo desses prodígios é que neles a impressão subjetiva coincide quase exatamente com o resultado objetivo. O calculador subliminar sente que o resultado é exato, e com efeito o é, o que nem sempre sucede com as verdadeiras inspirações do gênio.

Um psicólogo americano e um francês [28] reuniram algumas explicações dadas por esses prodígios no seu método de trabalho. Mas o resultado foi muito pequeno, ainda que os dados que

possuímos bastem para demonstrar que, na realidade, o trabalho havia começado por ser subliminar e o esforço consciente ou supraliminar está completo e absolutamente ausente ou não entrava em jogo, até que a capacidade em questão houvesse sofrido um prolongado exercício, até o ponto de facilitar as comunicações entre as duas camadas. O prodígio, ao chegar à idade adulta e ao reconhecer os artifícios aritméticos a que recorrera inconscientemente quando jovem, assemelha-se a um sujeito hipnotizável exercitado através da sugestão para lembrar durante a vigília os acontecimentos que tiveram lugar durante o sono hipnótico.

Sob todos os pontos de vista é possível a comparação: achamos que o dom de cálculo se parece às outras manifestações da faculdade subliminar, mais que os resultados de um esforço francamente supraliminar como a faculdade de análise lógica. Em primeiro lugar, essa capacidade, apesar de seu aparente relacionamento com a aptidão genérica pelas matemáticas, observa-se indiferentemente, quer entre as pessoas que não possuem dotes matemáticos e que, inclusive, não são inteligentes, quer entre os verdadeiros matemáticos. Em segundo lugar, manifesta-se com maior intensidade durante a infância e com os anos atenua-se, até desaparecer totalmente, assemelhando-se nisto à capacidade visionária em geral, à de evocar as visões alucinatórias em particular, cujas faculdades, de acordo com os resultados de Galton e os nossos, são mais freqüentes durante a infância e a juventude do que na idade adulta. Devemos ainda notar que quando o dom de cálculo desaparece logo, é capaz de não deixar qualquer vestígio na memória do sujeito. E mesmo quando, após ter persistido durante muito tempo num espírito capaz de reflexão, esse dom acaba por ser (digamos assim) adotado pela consciência supraliminar, é ainda suscetível de se manifestar através de verdadeiros relâmpagos de inspiração, quando a resposta se apresenta à mente sem qualquer percepção dos estados intermediários.

Reforçando as proposições que acabamos de expor, apresentamos o seguinte quadro, publicado por *Scripture*:

Nomes	Idade, em anos,	Duração	Inteligência

	em que se manifestou pela 1ª vez o dom		
Ampère	4	?	Brilhante
Bidder	10	Toda a vida	Boa
Buxton	?	?	Medíocre
Colburn	6	Toda a vida	Mediana
Dase (ou Dahse)	Infância	Alguns anos	Muito medíocre
Fuller	–	?	Medíocre
Gauss	3	?	Brilhante
Mangiamele	10	Alguns anos	Mediana
Mondeux	10	Idem	Medíocre
Prolongeau	6	Idem	Medíocre
Safford	6	Idem	Boa
M. Van R., d'Útica	3	Idem	Mediana
Whately	8	Idem	Boa

No quadro acima, de treze nomes, temos dois homens de inteligência transcendente e outros três dotados de aptidões superiores.

Sobre o dom de Gauss e de Ampère possuímos alguns xistes encantadores. Após ter-se manifestado numa idade em que não poderia, ainda, ser questão de esforço mental supraliminar, parece ter desaparecido logo na corrente geral de seu gênio. No caso de Bidder, o dom persistiu durante toda a via, mas debilitando-se com a idade. Num ensaio publicado no volume XV dos *Proceedings of the Institute of Civil Engineers*, ele dá aos calculadores certos conselhos práticos e demonstra que as operações de cálculo mental só são possíveis graças a uma singular facilidade de comunicação entre as diversas camadas mentais.

"Sempre – explicou – que me convidavam a recorrer às reservas de meu espírito, estas pareciam vir à tona com a rapidez de um relâmpago". E no volume CIII da mesma coleção, W. Pole, ao descrever a forma pela qual Bidder podia determinar o logaritmo de um número, composto de 7 a 8 algarismos, descreve: "Possuía uma capacidade quase milagrosa de encontrar, por assim dizer, intuitivamente, os fatores cuja multiplicação dava um número tão avantajado. Assim é que, no número 17.861, achava instantaneamente ser o resultado da multiplicação de 337

por 53... Não sabia, segundo declarava, explicar como o fazia: era nele um instinto quase natural”.

No que diz respeito ao Arcebispo Whately, recorro a *Scripture*, que nos informa o seguinte:

> “Minha capacidade de cálculo apresentava certa particularidade. Manifestou-se entre os 5 e 6 anos e continuou por 3 anos. Fazia mentalmente as mais complicadas somas e com maior rapidez do que aqueles que as faziam no papel. E nunca foi provado qualquer erro nas minhas operações. *À idade em que comecei a ir à escola minha capacidade de calcular desaparecera e desde então fiquei deveras deficiente em matemáticas*.”

O caso do Professor Safford é ainda mais notável. Possuidor de verdadeira aptidão para a Matemática, atualmente professor de Astronomia, é capaz, como qualquer um, de cálculo mental, enquanto que aos 10 anos fazia de memória, e sem errar nunca, multiplicações cujo resultado era composto de 36 algarismos.

> “Van R..., de Útica – diz *Scripture*, de acordo com informações de Gall –, apresentava, aos 6 anos, uma extraordinária capacidade de cálculo mental, que desapareceu completamente passados 2 anos. *Não tinha a menor noção sobre a maneira pela qual realizava suas operações mentais*.”

Entre os prodígios inteligentes, ou que não receberam qualquer instrução, somente Dase parece ter conservado sua capacidade durante toda a vida. Colburn e Mondeux, e talvez Prolongeau e Mangiamele, perderam-na uma vez saídos da infância.

Ainda que não tenhamos qualquer dado sobre a forma pela qual os prodígios desta última categoria executavam suas operações mentais, temos razões para supor que a separação entre a corrente supraliminar e a camada subliminar do pensamento devia ser perfeita. Buxton resolvia seus problemas enquanto falava sobre assuntos totalmente estranhos à questão de que se ocupava. A focalização e a clareza da visão interna parecem, com efeito, constituir as únicas condições necessárias ao funcio-

namento dessa capacidade, e o controle supraliminar nada mais é que uma condição totalmente acessória.

Em determinados casos a atividade subliminar mostra-se deveras intensa e engenhosa. Assim, Mangiamele, filho de pastor siciliano, que não recebera qualquer instrução, aos 10 anos e 4 meses foi apresentado por Arago à Academia de Ciências, encontrando em menos de um minuto a raiz cúbica do número 3.496.416, e em tempo equivalente o resultado das duas equações:

$$x^2 + 5x^2 - 42x - 40 = 0 \quad \text{e} \quad x^5 - 4x - 16.799 = 0$$

No que diz respeito à constituição física e ao estado orgânico dos prodígios citados, sabemos só que Colburn possuía dedos supernumerários e que Mondeux era histérico. Quanto aos demais, parecem ter permanecido imunes a qualquer tara física ou nervosa. Nada nos autoriza a considerar a existência dessa capacidade subliminar como um sinal de dissociação dos elementos psíquicos. Essa existência de uma capacidade subliminar superposta à atividade supraliminar não poderia ser considerada como um sinal de integração, característico de uma individualidade mais completa, e não seria devida ao funcionamento inusitado do hemisfério cerebral direito, geralmente pouco ou quase inativo? Nestes casos os indivíduos dotados da capacidade para o cálculo mental deveriam apresentar-se ambidestros. Mas das informações recolhidas por nós sobre isto resulta que só dois deles demonstravam uma capacidade destrocerebral *um pouco mais pronunciada* do que entre o comum dos homens.[29]

Antes de estudar o papel que corresponde à atividade subliminar no funcionamento de nossos sentidos altamente diferenciados da vista e do ouvido, vejamos até que ponto as percepções menos diferenciadas, aparecidas no transcurso do tempo pela sensação do peso ou pela resistência muscular, são suscetíveis de sofrer uma intensificação da atividade subliminar. As sensações desta categoria constituem os elementos mais profundos de nossa existência orgânica e o sentido do tempo, em particular, apresenta-se em muitos lugares como uma faculdade eminentemente subliminar. Possuímos muitos testemunhos demonstrando que

esse sentido é muito mais exato durante o sono do que durante a vigília nos sujeitos hipnotizados, do que durante o sono normal. As observações de sonambulismo espontâneo estão repletas de fatos em que as ordens dadas pelo sujeito a si mesmo foram executadas, talvez em virtude da auto-sugestão, na hora precisa, fixada de antemão, sem auxílio de relógio. Esse conhecimento oculto pode, inclusive, tomar a forma de uma imagem de sonho, como no caso publicado pelo professor Roger, de Harvard, no qual um sujeito vira em sonhos um enorme relógio brilhante, cujos ponteiros marcavam as 2:20 e que, ao despertar, logo a seguir, constatou que eram, de fato, 2:20.

Passando às produções subliminares de tipo visual, apraz-me poder citar a seguinte passagem, onde encontro uma confirmação de minha teoria, da lavra de um dos mais lúcidos pensadores da geração precedente. Esta passagem é citada de um artigo sobre a *Visão Sensorial*, publicado por Sir Herschel no seu *Familiar Lectures on Scientific Subjects* (1816). Sir John descreve algumas experiências pessoais que "consistiam na produção involuntária de impressões visuais cuja regularidade geométrica constituía o caráter principal em circunstâncias que tornavam absolutamente inútil qualquer explicação tirada da possível regularidade da estrutura da retina e dos nervos ópticos. Duas vezes essas figuras apareceram no estado de vigília, em pleno dia, sem que sua aparição tenha sido seguida pela menor indisposição. Freqüentemente apresentavam-se na semi-obscuridade, mas sempre durante a vigília. Da mesma forma apresentaram-se duas vezes também, quando o paciente estava sob os efeitos do clorofórmio, mas – diz – tinha a consciência de estar acordado e na plena posse de meu espírito, ainda que totalmente insensível ao que se passava. Qual era a natureza desses espectros geométricos, como e em que parte do organismo corpóreo ou mental nasceram? Na certa, não se tratava de sonhos. O espírito, longe de adormecer, estava ativo e consciente na direção de seus pensamentos; mas as figuras em causa impunham-se à sua atenção e arrastavam a corrente das idéias numa direção que ela não tomara sozinha. Se é verdade que o conceito de uma figura geométrica regular implica o exercício do pensamento e da inteligência, pareceria,

no caso que cito, que alguém se encontra quase na presença de um pensamento, de uma inteligência que funciona em nós, mas é diferente da nossa personalidade." E Sir John expõe a opinião de que essas figuras complexas, que invadem o espírito desta forma arbitrária e aparente, lançam alguma luz sobre o *princípio sugestivo* que

> atua de maneira determinante e decisiva sobre a nossa vontade, quando esta passa à ação. É, a meu ver, sumamente interessante considerar os casos em que, num fato tão abstrato, tão desprovido de qualquer elemento moral ou emocional, como a produção de figuras geométricas, possamos captar esse princípio em seu pleno desenvolvimento.

Na minha maneira pessoal de encarar, não posso deixar de admirar a sagacidade de que dá mostras o grande pensador, apesar do número escasso de observações de que dispunha. Não parece ter captado as relações existentes entre essas *alucinações esquemáticas*, para usar a expressão do Prof. Ladd,[30] e as figuras ilusórias de homens ou de animais que enxergamos, quer no gozo de perfeita saúde, quer durante a doença. Mas a sua conclusão me parece irrefutável: "Achamo-nos na presença de um pensamento, de uma inteligência que funciona em nós, mas é diferente da nossa personalidade."

Considero-o, com prazer, como o primeiro partidário da teoria que sustento, independentemente, baseando-me em fatos e observações infinitamente mais numerosos.

Um jovem médico francês consignou num livro os resultados de uma pesquisa direta, com diversos de seus ilustres compatriotas, sobre os seus métodos de trabalho mental.[31] Citarei algumas das respostas que recebeu, iniciando pela de Sully-Prudhomme, psicólogo e poeta, que fala da clareza subconsciente de uma cadeia de raciocínios abstratos:

> "Às vezes aconteceu-me captar subitamente uma demonstração geométrica que me apresentaram um ano antes, e isto sem o menor esforço de atenção. Dir-se-ia que os conceitos arraigados no espírito por minhas leituras amadureceram es-

pontaneamente, fazendo nascer, da mesma forma, as provas eficazes a seu favor."

Pode-se antepor a essa resposta o aforisma seguinte, de Arago:

> "Ao invés de insistir na compreensão imediata de uma proposição, admito, provisoriamente, que é verdadeira; no dia seguinte espanto-me ao compreender perfeitamente o que no dia anterior me parecera obscuro."

Condilac conta também que muitas vezes acordou com uma obra já elaborada em sua mente e que não existia na noite anterior.

Ratté,[32] poeta, conta por sua vez ao Dr. Chabaneix que freqüentemente adormecia com uma estrofe por terminar e no dia seguinte a encontrava terminada.

E Vincent d'Indy, compositor, diz que com freqüência percebia, durante a vigília, o brilho efêmero de um efeito musical que, como a lembrança de um sonho, só pode ser retido através de absoluta e imediata concentração do espírito.

Alfred de Musset escreve: "Não se trabalha, escuta-se, é como se um desconhecido falasse ao ouvido."

Remy de Gourmont: "Meus conceitos invadem-me a consciência com a rapidez de um relâmpago ou o vôo de um pássaro."

Lamartine diz: "Não sou eu quem pensa, são minhas idéias que pensam por mim."

M. S. escreve: "Ao escrever esses dramas, parecia assistir como espectador à sua representação; olhava o que se passava em cena com a espera impaciente do que se seguiria. E ao mesmo tempo sentia que tudo isso vinha do âmago de meu ser."

Saint-Saëns só tinha de escutar, como Sócrates escutava o seu demônio.[33]

E Ribot, resumindo determinado número de casos semelhantes, diz:

> "O inconsciente é o produtor do que vulgarmente se chama inspiração. Esse estado é um fato positivo que apresenta

caracteres físicos e psíquicos próprios. Antes de tudo, é pessoal e involuntário, age como um instinto, quando e como quer. Pode ser solicitado, mas não suporta pressões. Nem a reflexão, nem a vontade podem substituí-lo na criação original... Os hábitos estranhos que os artistas adquirem, no momento em que compõem a sós, tendem a criar um estado psicológico especial, a aumentar a circulação do cérebro de forma a provocar ou manter a atividade inconsciente."

Desconhecemos as modificações que se produzem na circulação do cérebro. Mas diversas conclusões de ordem psicológica parecem advir dos fatos que acabamos de citar. Em primeiro lugar deve-se notar que uma submersão pouco profunda e de curta duração, sob o limiar da consciência, é suficiente para transmitir novo vigor à corrente supraliminar do pensamento. As idéias que amadurecem, sem que nos ocupemos delas, durante alguns dias ou durante uma noite, não descem demasiadamente sob a consciência. Representam, por assim dizer, a primeira fase do processo que, se bem com freqüência invisível, não é por isso contínuo, isto é, a manutenção da vida supraliminar se faz por meio de impulsos que vêm de baixo. Em segundo lugar, temos em alguns desses casos de *abstração* profunda e fértil um início de desdobramento da personalidade.[34] John Stuart Mill, que compunha capítulos inteiros da sua *Lógica*, enquanto empurravam-no nas filas de Leadenhall Street, faz pensar em determinados casos mórbidos de distração histérica, com a diferença de que no caso dele o processo era de integração ao invés de dissolução, resumindo-se não por uma diminuição, mas por um aumento de poder de seu organismo.

Vemos finalmente, em alguns casos dos quais nos ocupamos, que o homem de gênio chega espontaneamente a resultados semelhantes aos que o sujeito hipnotizado só chega através de artifícios apropriados. E isso porque o gênio coordena, com efeito, na sua existência, os estados de vigília e sono. Traz ao sono seus conhecimentos e intenções das horas de vigília e reintroduz no estado de vigília o benefício dessas assimilações profundas que se realizam durante o sono. A sugestão hipnótica mostra precisamente essa cooperação entre o estado de vigília,

durante o qual a sugestão proporciona, por exemplo, o projeto de alguma modificação funcional, e o sono, durante o qual se produz a transformação cujo benefício se estende durante o estado subseqüente de vigília. O estado hipnótico, que é um sono desenvolvido, *realiza para o homem comum o que o sono realiza para o homem de gênio*.[35]

Por imperfeitas e incompletas que sejam a estatística e as observações que acabamos de citar, parecem encaminhar-nos para uma direção mais racional do que a que nos indicam os fatos reunidos por esse grupo de antropólogos modernos que consideram o gênio como uma espécie de doença nervosa, como uma perturbação do equilíbrio mental semelhante à que se observa entre os loucos e criminosos.

Não é correto que a raça humana tenda, de modo geral, à degeneração nervosa, nem que essa degeneração alcance o auge entre seus representantes mais eminentes. Sem dúvida, pode-se reconhecer, com alguma aparência de razão, que a proporção de perturbações nervosas tende a aumentar em relação a outras, mas esse aumento, longe de constituir o sintoma de uma degeneração nervosa, é antes devido a que as modificações nervosas e o desenvolvimento nervoso se realizam atualmente entre os povos civilizados com maior rapidez do que anteriormente. Assistimos, com efeito, a uma adaptação a meios cada vez mais amplos e essa adaptação deve inevitavelmente ser acompanhada, nos casos mais marcantes, de determinado estado de instabilidade nervosa.

Até certo ponto essas modificações podem parecer lamentáveis, mas não se deve esquecer que o aumento e o agravamento das perturbações nervosas é apenas relativo, já que outras causas de doenças, como a fome e a sujeira, tendem a diminuir entre os povos civilizados. É provável que os selvagens e os povos primitivos sofram de instabilidade nervosa com igual freqüência, mas não têm inteligência suficiente para se dar conta e preocupar-se com isso. Quanto à minha outra proposição, segundo a qual a evolução nervosa se cumpriria em nossa época com maior rapidez do que anteriormente, vejo a prova disso em todos os atos que exigem uma rápida e precisa adaptação do sistema nervoso. Os recordes atléticos de nossos dias são mais devidos aos nervos

do que aos músculos. E o nível de adaptação moderna, para qualquer tipo de trabalhos intelectuais ou manuais, sobe tão rapidamente quanto o grau de perfeição da maquinaria destinada a substituir nossas forças físicas.[36]

Repito: o desenvolvimento acelerado de nossa capacidade nervosa não pode deixar de dar lugar a um determinado grau de instabilidade nervosa. Mas não podemos esquecer que essa instabilidade nada mais é que uma forma, que uma expressão particular da evolução e que todas as manias, todos os tiques, gostos fantásticos, sensibilidade exagerada e aberrante, que Lombroso notou em grande número de indivíduos célebres, nada mais são do que perturbações passageiras que acompanham o desenvolvimento do organismo humano até a sua plenitude, ou que precederam os derradeiros esforços destinados a apresentar ao mundo um organismo renovado.

É esse o meu ponto de vista. Para torná-lo aceitável, deveria poder mostrar que se depreende logicamente de considerações mais distantes e meramente especulativas referentes à natureza e ao valor de toda a existência e toda a evolução humanas. Possuímos já diversas sínteses desse gênero, entre as quais a síntese materialista aparece como a mais superficial. No nosso profundo desconhecimento das fontes e origens da vida não temos o direito de considerá-la, como os materialistas, um produto planetário destinado a fins igualmente planetários. O biólogo que afirmasse que a vida terrestre só serve para produzir nova vida terrestre assemelhar-se-ia ao geólogo que, antes do surgimento da vida, tivesse afirmado que as forças geológicas constituíam a única fonte de atividade de nosso planeta.

Desde que surgiu o primeiro gérmen de vida sobre a terra, sua história foi não só a de uma *adaptação* progressiva a um meio conhecido, mas também a de uma descoberta progressiva de um meio desconhecido, ainda que sempre presente. O que chamamos de irritabilidade primitiva simples era, na realidade, uma vaga panestesia, uma faculdade virtual, mas ainda inconsciente de todos os atos aos quais tinha de responder. Com o desenvolvimento dessas faculdades de sensação e de reação revelaram-se gradualmente aos organismos vivos meios até então desconheci-

dos. Para dar um único exemplo: por acaso a energia elétrica não existiu sempre e não manifestou sempre a sua atividade, mesmo antes que os organismos vivos descobrissem que possuíam a aptidão de reagir a essas atividades? Por que não supor que existem ao redor de nós outros meios, outras energias das quais não suspeitamos e que a qualquer dia chegaremos a descobrir, mas que sem dúvida atuam sobre nós e sobre os outros seres vivos, provocando igualmente reações de nossa parte, das quais não nos damos conta porque não atravessaram ainda o limiar do *eu* supraliminar? E o que nos impede de admitir que as ações telepáticas ou as influências que os espíritos exercem a distância, sobre outros espíritos, formem parte dessas energias a serem descobertas, mas sem dúvida existentes e sempre ativas? e de admitir que vivemos num meio inconcebível e sem limites, mundo de pensamento ou universo espiritual carregado de vida infinita, que penetra e ultrapassa a todos os espíritos humanos e ao qual uns chamam *Alma do mundo* e outros *Deus*?

No momento não me ocuparei dessas faculdades paranormais. O que pretendo demonstrar é que o gênio, longe de poder ser colocado na mesma categoria da loucura e considerado como uma aberração do espírito humano ou como um sinal de degenerescência, constitui antes uma das fases mais avançadas da evolução humana; e que as produções do gênio, a meu ver a filosofia, as artes plásticas, a poesia, as matemáticas puras, que tantos consideram como *resultados acessórios*, sem qualquer utilidade para a existência material, são outras intuições de verdades novas e de novas forças, inacessíveis ao homem médio que, ao invés da inspiração, só possui esse consenso de capacidades diferenciadas que a natureza elevou sobre o limiar da consciência, tendo em vista os fins da vida cotidiana.

Outra vez: a explicação meramente materialista da evolução é impossível. E é absurda quando supõe como seu objetivo a sobrevivência dos animais mais aptos a vencer os inimigos. Ninguém explica a evolução sem a tácita suposição de que, de alguma maneira, a Natureza tende a criar a inteligência; que o coelho e o micróbio da gripe não constituem seus resultados últimos. Mas sobre a qualidade e a quantidade de inteligência

que pode criar, devemos dizer que não se trata do homem sensual mediano, mas dos melhores exemplares de nossa raça. A estes é que devemos perguntar qual é o fim da sua vida: se o seu trabalho tende apenas a proporcionar-lhes o tormento cotidiano ou se é o produto do amor e da sabedoria.

A inspiração genial e o pensamento lógico-consciente formam duas quantidades talvez incomensuráveis. Da mesma forma que o jovem calculador resolve problemas com o auxílio de métodos que diferem dos usados pelos matemáticos, nas produções artísticas esse *algo estranho*, que comporta "toda a beleza deslumbrante", pode ser a expressão de uma diferença real entre o mundo da percepção subliminar e o da atividade supraliminar. Parece-me que esta diferença é particularmente sensível no que diz respeito às relações do *eu* subliminar com a função da linguagem. Ao tratar a linguagem como um ramo da arte ou da poesia, o *eu* subliminar ultrapassa com freqüência o esforço consciente, e algumas vezes permanece nesse esforço, quando se vê obrigado a usar as palavras como uma forma necessária para exprimir idéias para as quais a linguagem comum não foi criada.

Desse modo, na presença de uma das obras-primas verbais da Humanidade, o *Agamenon* de Ésquilo, por exemplo, temos a vaga impressão de que uma inteligência diversa da razão supraliminar ou da seleção consciente contribuiu para a elaboração desta tragédia. O resultado, mais do que a perfeição de uma escolha racional entre dados conhecidos, assemelha-se a uma apresentação imperfeita de algum esquema baseado em percepções por nós desconhecidas.

Mas, por outro lado, ainda que o gênio possa servir-se das palavras de uma forma que lembre um pouco a nostalgia misteriosa da música, parece-me que a nossa educação subliminar está menos ligada à faculdade da linguagem do que a supraliminar. Existe na linguagem corrente uma frase cujo alcance psicológico é maior do que se pensa. Daquilo que chamamos gênio e de tudo que com o gênio relacionamos, arte, amor, emoção religiosa, dizemos que *vai além do alcance da linguagem*.

Ainda que a linguagem falada e escrita se tenha convertido em nosso principal meio de expressão e de comunicação de

nossos sentimentos e emoções, não temos qualquer razão para admitir *a priori* que possa expressar *todos* os nossos pensamentos e emoções. Afirmou-se que "toda linguagem principia como poesia e termina como álgebra". O que resta por dizer é que se inicia como uma emergência subliminar para terminar como artifício supraliminar. Os instintos orgânicos determinam a emissão dos primeiros sons, as leis inconscientes do espírito proporcionam o primeiro esboço da gramática. Mas em nossos dias, a singeleza da linguagem começa a desaparecer. As necessidades da Ciência e do comércio tornaram-se dominantes, a primeira por ter criado deliberadamente, para seu uso, um sistema de signos, uma disposição de letras e de números ou vocabulários técnicos, construídos sobre um plano, decidido de antemão, o segundo esforçando-se por conseguir o mesmo caráter algébrico com a contabilidade, os códigos telegráficos, etc.

É certo que os progressos da linguagem não dependem unicamente do que se faz nos bancos ou nos laboratórios. Antigamente favorecia-se a espiritualização da linguagem humana, de modo a tornar o nosso vocabulário, ainda que baseado em objetos ou sensações diretas, adequado à expressão das idéias filosóficas. Mas, apesar desses esforços, nossas manipulações supraliminares deixam-nos um instrumento cada vez menos capacitado a exprimir a crescente complexidade de nosso ser psíquico.

Recorrendo ao simbolismo, no sentido mais amplo da palavra, tal como se expressa na arte, o homem de gênio consegue suprir a insuficiência da linguagem. Falo do simbolismo no sentido de um acordo preexistente, mas oculto, entre as coisas visíveis e invisíveis, entre a matéria e o pensamento, este e a emoção, através do qual as artes plásticas, a música e a poesia, cada qual a seu modo e no domínio que lhes é próprio, fazem suas descobertas e as põem em evidência, para a felicidade e a educação humanas.

Ao me valer da palavra simbolismo, estou longe, repito, de aderir às fórmulas de qualquer escola. O simbolismo de que falo nada tem em comum com o misticismo. Acredito não poder existir aí um abismo real nem uma divisão marcante entre as escolas realistas e idealistas. Tudo o que existe é contínuo e a

arte não pode simbolizar um determinado aspecto, sem, ao mesmo temp, simbolizar, de uma forma implícita, outros aspectos menos visíveis e aparentes.

A arte expressa o simbolismo em todos os graus de transparência e obscuridade, desde o simbolismo que nada mais faz do que resumir a linguagem, até o simbolismo que a ultrapassa. Algumas vezes, e este é o caso da música, é inútil buscar uma interpretação demasiado exata. A música flui e fluirá sempre através do seu mundo ideal e imaginário. Sua melodia pode ser de um forte simbolismo, mas do qual os homens perderam a chave. A poesia, ao contrário, vale-se das palavras, cujo sentido aspira a superar. Se pretende continuar sendo poesia, deve, segundo a expressão de Tennyson, "exprimir através das palavras um encanto que as palavras não podem proporcionar".

Considerada, quer sob o ponto de vista de seu desenvolvimento na raça, quer na sua manifestação entre os indivíduos, a música surge não como um produto de nossas necessidades terrestres e de seleção natural, mas como uma aptidão subliminar, que se manifesta de forma acidental, independente das influências externas e do *eu* supraliminar. Sabemos até que ponto é difícil explicar as suas origens, de acordo com qualquer das teorias concernentes à evolução das capacidades humanas. Sabemos que a música é algo que se descobre, antes de ser um resultado fabricado, e as sensações subjetivas dos próprios músicos estão de perfeito acordo com essa concepção da natureza, essencialmente subliminar, da referida aptidão. Não existe outro ramo onde o *gênio* ou a *inspiração* constituam uma condição tão essencial do êxito. As obras-primas musicais não nasceram da reflexão sobre as relações recíprocas das notas da música. Nasceram, como no caso de Mozart, de uma inesperada explosão de sons, de uma alegria imprevista que se revelou espontaneamente. Nasceram, como no caso do Abade Vogler, de Browning, das profundezas da alma e das alturas do céu. Transportando essas frases poéticas aos termos de que nos servimos, podemos dizer que chegamos a um ponto em que os afloramentos subliminares são reconhecidos pela personalidade supraliminar como

mais profundos, mais verdadeiros, mais permanentes do que os resultados do pensamentos voluntário.

Sabemos que o que distingue o gênio dos estados semelhantes ao hipnotismo e ao automatismo é a colaboração, a cooperação que se manifesta entre o subliminar e o supraliminar que se completam sem produzir qualquer alteração da personalidade propriamente dita. Ao contrário, no hipnotismo as operações subliminares imprimem uma transformação à personalidade, substituindo o sono pela vigília, e no automatismo a racionalização subliminar interrompe-se no domínio supraliminar sem confundir-se com ele, como na clarividência ou na escrita automática. Na prática, a separação entre esses estados é menos evidente, menos precisa do que possa parecer, e no que diz respeito ao gênio, em particular, existem numerosos laços, quase sempre pouco aparentes, que o ligam ao automatismo de um lado e ao hipnotismo de outro.

Pode-se dizer, com efeito, que, assim como a cólera é um rápido acesso de loucura, o relâmpago da genialidade é uma manifestação instantânea do automatismo.

Os momentos de inspiração de Wordsworth, quando, como ele mesmo dizia:

> *Some lovely image in the song rose up*
> *Full-formed, like Venus from the sea.* [37]

eram, com efeito, momentos de manifestação automática, apesar da imediata e simultânea cooperação do *eu* supraliminar. Esta súbita criação poética assemelha-se estranhamente com o anúncio que o calculador faz do produto de dois números, ou à precipitação brusca de outros para encontrar o papel e o lápis e escrever a palavra desejada e buscada durante muito tempo e que aparece de improviso.

Mas esse automatismo instantâneo se vai um pouco mais longe e chegamos ao que se chama faculdade de improvisação. Que significa essa expressão? Trata-se de uma atividade subliminar ou do exercício rápido de uma faculdade comum?

É evidente, em primeiro lugar, que muito do que se chama improvisação é quase sempre uma questão de memória. O auto-

matismo chamado secundário, em virtude do qual o pianista é capaz de tocar uma peça conhecida sem atenção consciente, leva facilmente a improvisações que o mesmo pianista pode considerar, de boa fé, como originais, mas que consistem, na realidade, em fragmentos lembrados, reunidos por laços artificiais. Acontece o mesmo com o orador que, improvisando, começa pela repetição automática de frases banais, mas logo se percebe que, pouco a pouco, saem de seus lábios extensos períodos imprevistos e inéditos.

Não se trata aqui de uma sinergia estereotipada ou da adaptação de um grupo particular de centros nervosos à atividade comum, mas, antes, de um certo grau de adaptabilidade e de invenção, criando novas combinações que nos podem ser explicadas pela simples recorrência de antigos precedentes.

Esse problema lembra a dificuldade que se encontra para explicar o que ocorre durante o restabelecimento ou a *substituição* de uma função, após uma lesão cerebral. Nesse caso os elementos indenes assumem progressivamente as funções que, em aparência, nunca haviam exercido antes e estabelecem novas comunicações, de forma a restabelecer a antiga eficiência da porção atingida do cérebro. Esse restabelecimento, longe de ser rápido, realiza-se gradualmente, como uma cura ou um novo crescimento, sugerindo a idéia de um processo fisiológico ao invés de um controle inteligente, como no caso de renascimento, de acordo com um modelo preestabelecido, de uma pata de caranguejo separada do corpo. Esse restabelecimento das funções cerebrais é, no momento, inexplicável, como todo crescimento. Podemos chamá-lo, com alguma razão, de *manifestação superior do crescimento humano*. Considerado assim, ocupa o ponto intermediário entre o crescimento comum de um osso ou músculo, sempre segundo um plano predeterminado, e essa criação súbita de novas conexões ou trajetos cerebrais que caracteriza a inspiração genial.

Essa comparação não contradiz em nada minha opinião de que o gênio é o resultado da colaboração de uma corrente *subliminar* de idéias, tão desenvolvidas no seu gênero quanto a ideação supraliminar de que possuímos consciência. A natureza e o

grau da capacidade subliminar devem ser julgadas de acordo com suas manifestações mais elevadas. E a analogia entre as operações inconscientes do gênio e o crescimento proporcionam-me antes um novo argumento, fazendo-me considerar o crescimento orgânico como submetido ao domínio de algo semelhante à inteligência ou à memória, e que em certas condições, por exemplo, durante o sono hipnótico, é suscetível de trazer sua colaboração à vontade consciente.

O dom da improvisação, que nos sugeriu essas analogias, pode, às vezes, agir de um modo mais fixo do que nos casos do orador e do músico. Razões existem para supor que desempenha um papel enorme nas obras de imaginação, inclusive as mais comuns. E, em primeiro lugar, a *diátesis improvisatrice* – se me permitem empregar esta expressão – deu lugar a uma literatura que, durante toda uma geração, foi uma das fontes mais abundantes de emoção para o pensamento europeu. Precisa-se conhecer bem a vida e os escritos de George Sand para poder discernir nas suas confissões a mentira inconsciente da verdade singela e transparente. Minha opinião é a de que, com exceção de determinados casos, em que a mentira lhe foi ditada pelo interesse de sua defesa pessoal, George Sand aparece sempre como psicóloga tão verdadeira e introspectiva como o próprio Wordsworth. As diferentes passagens de sua autobiografia, das quais uma ou duas representam, a meu ver, fatos reais, são confirmadas, ou ao menos não são refutadas, pelos testemunhos de pessoas ao corrente de seus métodos de trabalho. Consideradas como exatas, revelam um vigor e uma fecundidade extraordinários de produção literária, que se realizou num estado que se aproxima ao do sono.

A vida de George Sand não esteve isenta de defeitos morais, mas os defeitos eram os de uma organização superior, não mórbida, e pertenciam, além disso, à sua vida interior. Durante os longos anos de maturidade e velhice sadia deu o exemplo notável de enorme produtividade imaginativa, associada à tranqüilidade interior e à placidez da meditação. O que sentia George Sand no ato de compor era uma contínua corrente de idéias que não lhe exigia esforço algum, com ou sem exteriorização aparente dos

personagens que fazia figurar nas suas novelas. Em outro autor, tão sadio e quase tão produtivo como George Sand, encontramo-nos com um fenômeno que, num espírito menos robusto e ativo poder-se-ia considerar índice de loucura. Lendo as alusões que, nas suas cartas, Dickens faz à aparente independência dos seus heróis, e comparando essas alusões aos fatos por nós conhecidos, sente-se tentado a considerá-las mistificações. Mrs. Gamp, sua criação mais importante, falava-lhe, segundo ela própria dizia (geralmente na igreja) com voz semelhante à de um aviso interior.

Curel, distinto dramaturgo francês, narrava a Binet que suas personagens, após um penoso período de incubação, tomavam uma existência independente e mantinham conversas independentes da sua vontade e da sua atenção de escritor. O processo da invenção continuava, dessa forma, sem qualquer fadiga consciente de sua parte. Isso nos faz pensar em certos atos realizados sob a sugestão hipnótica, sem qualquer sensação de esforço.

Curel é um dramaturgo engenhoso e refinado, ainda que não muito popular. Sua obra é do gênero suficientemente elevado para dar um real interesse à análise minuciosa e séria que faz do seu método, ou melhor, de suas experiências durante o trabalho.[38]

Principia por abordar seu tema de modo comum e até mesmo com mais dificuldade e apreensão do que se observa em outros escritores. A seguir, sente que determinado número de semipersonalidades surgem nele e falam do mesmo modo que Mrs. Gamp falava a Dickens, na Igreja. Essas personagens não são totalmente visíveis, mas movem-se ao redor dele, num cenário de casa ou jardim, que ele percebe também de uma forma vaga, como se percebe uma cena que nos surge em sonhos. A partir desse momento já não compõe ou cria, nada mais faz do que a revisão literária; as personagens falam e agem por si mesmas, e quando o interrompem, durante seu trabalho ou durante a noite, quando dorme, a peça desenvolve-se sozinha em seu cérebro. Quando se distrai e não pensa mais na obra, ouve às vezes as frases que são partes de cenas, das quais ainda não se ocupou. É que a elaboração subliminar da peça foi além do ponto em que se

detivera o trabalho supraliminar. Curel vê nessas pequenas transformações da personalidade uma espécie de brotos, de excrescências da personalidade primitiva, que esta última absorve novamente, aos poucos, ainda que mantendo penosa luta, logo que termina o drama.

Trata-se de algo semelhante às idéias fixas que são o resultado da auto-sugestão. O mesmo poder de cristalização ao redor de um núcleo apresentado, que no histérico tem como resultado a formação da idéia obsessiva, produz, quando submetida ao domínio supraliminar bem dirigido, a criação de personagens vivos numa obra.

Tentamos mostrar que o gênio representa, não só uma cristalização de idéias já existentes, ainda que em forma instável, na inteligência supraliminar, mas também uma corrente de ideação independente, embora paralela, relacionada com aqueles conteúdos cujo conhecimento é acessível à inteligência normal, mas que as apreende com extrema rapidez e facilidade.

Levemos mais longe nossa investigação e perguntemo-nos: No que chamamos gênio entra o conhecimento de coisas inacessíveis à inteligência normal, um conhecimento, por assim dizer, paranormal que não se adquire por comportamentos comuns?

Pareceria que, no que diz respeito à apreciação daquilo que chamaria o conteúdo vago e paranormal dos momentos de inspiração, só podemos examinar a um restrito grupo de homens de gênio. Se existem gênios capazes de se lançarem num mundo espiritual inacessível ao comum dos mortais, ninguém deveria estar tão capacitado como o filósofo e o poeta. Mas, inclusive nos limites desse grupo tão restrito, nossa escolha é deveras limitada. Poucos filósofos foram homens de gênio, no sentido por nós empregado nesta obra; e poucos poetas falaram com a sinceridade e solenidade suficientes, para que seus depoimentos possam ser citados como argumentos válidos.

Esses depoimentos, caso existam, devem ser buscados, mais do que na poesia épica e dramática, nas obras dos poetas do tipo essencialmente subjetivo. Não vamos compilar uma antologia de passagens relacionadas com o tema que nos interessa. A análise

de um único poeta, mesmo de um só poema, serve para o fim que nos propomos atingir. Qualquer que seja o posto que se dê a Wordsworth na arte da linguagem, é impossível negar-lhe a vivacidade vetusta de poeta introspectivo. *O Prelúdio* ou o *Desenvolvimento do Espírito de um Poeta* foi considerado por alguns críticos como um poema egoísta e cansativo. Mas, qualquer que seja a qualidade do gozo poético que procure, seu valor como "documento humano" é ímpar, do ponto de vista que nos interessa. Encontraremos, com efeito, passagens introspectivas de enorme interesse e beleza em Goethe, Browning e especialmente em Tennyson. Mas nenhum, nem mesmo Goethe, apreciou suas próprias faculdades, com tanta seriedade e em profundidade, como Wordsworth. O *Prelúdio* constitui uma tentativa consciente, pertinaz, de narrar a verdade, sobre as emoções e intuições que diferenciam o poeta do homem comum. E é necessário acrescentar (e este é um juízo estabelecido por cima e à margem das flutuações da crítica vulgar) que Wordsworth tinha total direito de considerar-se como uma espécie de poeta "tipo". Frio ou entusiasta, ocupa uma posição acima de qualquer discussão.

Wordsworth não só se sentia forçado a contar a verdade sobre si mesmo, como, igualmente, era particularmente capaz de criá-la. Seu auto-respeito levava-o a querer ser diferente do que, de fato, era.

Vejamos, pois, a forma pela qual descreve o *conteúdo aparente* dos momentos de inspiração profunda. Vejamos como Wordsworth insiste, particularmente, no *caráter diferenciado* de suas aflorações subliminares.

Fala da "bruma interior" que se converte "numa tempestade", uma energia superpotente conduzindo em todos os sentidos a sua própria criação".

A imaginação é "esse terrível poder surgido dos abismos do espírito, como um vapor impenetrável que, de súbito, envolve o caminhante solitário. Estava perdido, detido, sem poder realizar qualquer esforço para livrar-me; mas posso agora dizer à minha alma consciente: reconheço tua glória. Nessa força de usurpação,

quando a luz dos sentidos se apagou e só existe um lampejo que revela o mundo invisível, sente-se uma verdadeira grandeza".

Essa passagem expressa, numa linguagem poética, as verdadeiras relações entre o subliminar e o supraliminar que neste capítulo destacamos.

A influência nasce de uma fonte inacessível; surpreende e perturba, durante alguns momentos, o espírito consciente, mas logo é reconhecida como fonte de conhecimentos que trazia à luz a visão interna, enquanto que a ação dos sentidos se encontra suspensa numa espécie de êxtase momentâneo. Todavia, o conhecimento adquirido dessa forma é simplesmente uma percepção do "mundo invisível" sem que o possamos considerar como uma revelação caracterizada.

O poeta diz sobre sua infância: "Eu vivia, então, lampejos semelhantes aos de um escudo que reluzisse na escuridão; a terra e a natureza, no seu aspecto comum, diziam-me coisas que me pareciam lembranças."

E, como essas lembranças são apenas discernidas pela visão interna, produz-se uma crescente confusão entre o subjetivo e o objetivo; entre o que nasce no vidente em si e o que o universo visível proporciona – indicações que são, antes, alusões: "de meu espírito partia uma luz auxiliar que transmitia um novo resplendor ao sol poente". "Os olhos corporais estavam totalmente esquecidos e o que eu assistia parecia-me como algo em mim, como um sonho, como uma visão da mente",

Assim, insiste Wordsworth em outra passagem, ocorre com os espíritos apoiados no conhecimento de um poder transcendente: "vivem num mundo de vida, desligados das impressões sensíveis, contudo, sob o império de impulsos vitais que os tornam aptos a entabular conversas com o mundo espiritual".

Por mais vagos que sejam esses trechos (e outros de gênero semelhante que pudéssemos citar) são tão eloqüentes como as visões dos santos e os iluminados das diferentes religiões. A simplicidade sadia de Wordsworth torna pouco verossímil a menor suspeita de prevenção; segundo o conselho de Bacon, tornou seu espírito concêntrico em relação ao universo e nada

existe nessas revelações que possa ser contraditado ou atingido por outras.

Uma consciência imprecisa, mas verdadeira do meio espiritual, é o grau de revelação acessível ao gênio do artista ou do filósofo. Em outras palavras, os afloramentos subliminares, enquanto intelectuais, tendem a se converter em *telestésicos*. Trazem vagos indícios daquilo que considero uma grande verdade, isto é, que o espírito humano é passível de experimentar percepções mais profundas do que as percepções sensoriais, de adquirir um conhecimento direto dos fatos que estão além do alcance de nossos órgãos sensoriais e de nossas visões terrenas.

Mas, a telestesia não é só uma lei espiritual, nem a atividade subliminar, uma atividade meramente intelectual. Por cima e à margem da capacidade inata de percepção dos fenômenos universais, existe entre os próprios espíritos um vínculo universal que, nas suas manifestações terrestres e inferiores, se chama *telepatia*. Nossa capacidade oculta (a atividade subliminar do gênio) pode-se estender tanto nessa direção como na da telestesia. O conteúdo emocional dessa atividade é ainda mais importante e profundo do que seu conteúdo intelectual, assim como o amor e a religião são mais profundos e importantes do que a ciência e a arte.

Essa primitiva paixão, repito-o, que une a vida com a vida, que nos une quer com a vida próxima e visível, quer como a vida imaginária e invisível, essa paixão não constitui um impulso meramente orgânico e terrestre, antes forma o aspecto interno da lei telepática. Existe, pois, entre o amor e a religião um vínculo de continuidade; são as diversas fases de uma gravitação universal e mútua das almas. A carne separa ao invés de unir, ainda que nesta separação sugira a idéia da união que é capaz de realizar. Não se trata de uma emoção corpórea, nem unicamente humana. O amor é a força de integração que realiza um cosmos de uma enorme quantidade de coisas.

Esse é o conceito platônico do amor que se confunde quase com a religião, quando ela exprime a nossa atitude emocional e moral com relação à vida invisível. Para o amante platônico, a imagem do ser amado, independentemente da consciência e da

imaginação, converte-se num impulso permanente e instintivo para os pensamentos e atos nobres.

Assim é, para um São Francisco e para uma Santa Teresa, a imagem da divindade que adoram; e se pretendem, às vezes, nos momentos de crise, sentir um domínio, uma orientação, e ter uma *communicatio idiomatum* com o Divino, podemos dar fé aos seus depoimentos mais humildes, contudo mais tangíveis e evidentes, dos quais resulta que uma intercomunicação telepática e influências impalpáveis que se efetuam à distância existem entre as almas ainda encarnadas e as que deixaram seu invólucro carnal.

O tipo psíquico ao qual temos dado o nome de gênio pode assim ser reconhecido em qualquer região do pensamento e da emoção. Em cada direção, nosso *eu* cotidiano pode ser mais ou menos afetado pelos impulsos subliminares. Quem não apresenta essa permeabilidade, senão em ligeiro grau, agindo de acordo com as considerações supraliminares, concordes aos raciocínios, segundo ele, mas não de acordo com os impulsos, vive seguro de si, dentro de sua prudente mediocridade. Não utiliza mais do que uma parte da natureza humana que foi exercitada e preparada de há muito para os trabalhos deste mundo. Aquele, ao contrário, cuja permeabilidade aos impulsos subliminares é maior, torna-se capaz de abarcar um número maior de possibilidades e segue na vida um caminho menos estável.

Quais são as condições que favorecem o aparecimento do gênio, que fazem que uns sejam permeáveis mais do que outros aos impulsos subliminares? Das três hipóteses que procuram explicar o mistério das variações individuais, da aparição de qualidades e propriedades novas, as hipóteses lamarckiana, darwiniana e a teoria das reminiscências de Platão; esta última parece-me a mais verdadeira, sob a condição de baseá-la em dados científicos estabelecidos em nossos dias. Acredito, especialmente, que deve ter existido no protoplasma, base primitiva de toda a vida orgânica, uma força virtual de adaptação à manifestação de todas as faculdades que se desenvolveram na vida orgânica. Considero também que se produzem em cada instante variações que nem sempre é possível prever e que se manifestam pela acidental

aparição entre os descendentes de capacidades que não se encontravam nos ascendentes. Mas afasto-me da opinião geralmente creditada, ao não considerar que essas capacidades se manifestam pela primeira vez graças à feliz combinação de elementos hereditários. Considero essas capacidades não como aparecidas pela primeira vez, senão como reveladas e que a seleção, ao invés de dar origem a uma nova capacidade, nada mais fez do que arrebatar à região subliminar uma capacidade que sempre estivera ali.

Essa opinião, levada até às últimas conseqüências, parece contrapor-se ao conceito corrente da evolução, porque nega serem todas as faculdades humanas um resultado da experiência terrenal. Admite um *eu* subliminar dotado de faculdades desconhecidas, nascidas não se sabe como e não, simplesmente, pelo contato com as necessidades experimentadas pelo organismo terrestre. Parece, dessa forma, introduzir um novo mistério, coisa que não é assim, uma vez que todas as faculdades humanas, falando no genérico, devem ser colocadas novamente no protoplasma e dali retiradas. Primeiro, deve-se explicar como se encontram mescladas aos organismos primitivos e inferiores e, a seguir, como se desenvolveram e se difundiram nos organismos ulteriores e superiores. Mas, repito, todas as faculdades dos organismos superiores existiam, virtuais, nos organismos inferiores e qualquer diferença entre meu conceito e a opinião corrente reduz-se à diferença quanto ao sentido dado à palavra *virtual*.

A diferença real entre as duas opiniões aparece quando se consideram as próprias capacidades, que eu chamei de desconhecidas. Se essas faculdades realmente existem, minha opinião proporciona a melhor explicação delas. Mas considero que a telepatia e a telestesia realmente existem: a telepatia como comunicação entre os espíritos encarnados, ou entre os espíritos encarnados, de um lado, e os desprovidos de invólucro carnal, de outro; a telestesia, como conhecimento das coisas que se situam além dos limites de nossa percepção comum e que proporciona, talvez, um vislumbre de mundo diverso do terrestre. E essas faculdades não podem ter sido adquiridas através da seleção natural, tendo em vista a conservação da espécie; são antes o

produto de uma evolução extraterrena. E se isto sucede com essas capacidades poderia ocorrer o mesmo com outras capacidades humanas. As formas especializadas da percepção não constituem, pois, novidades reais no universo, senão adaptações imperfeitas do protoplasma à manifestação de capacidades perceptivas gerais que ali estavam incluídas.

Possuímos capacidades que se tornaram supraliminares, sob a influência da luta pela sobrevivência. Mas possuímos outras que essa luta deixou intactas e que se conservaram subliminares. O *eu* supraliminar não tem acesso a estas últimas capacidades. Mas, como conseqüências de um *acaso da evolução* ou de um exercício qualquer, se produz num ponto uma comunicação entre as diferentes camadas do nosso ser, e uma faculdade subliminar sai à luz da consciência supraliminar.[39]

Portanto, afirmo a existência no homem de uma alma que tira sua força e sua graça de um espírito universal e afirmo também a existência de um espírito acessível à alma humana e que com ela se comunica. Estes dois postulados carecem, todavia, de base científica, mas foram formulados mais de uma vez na história da humanidade. Foram formulados e reconhecidos por todas as religiões, ainda que cada uma delas tenha restringido a aplicação ao ponto de tornar sua verdade menos evidente e manifesta. Mas o que as religiões reclamaram para seus fundadores e santos: o que é a santidade senão o gênio na ordem moral? A Psicologia o reclama para cada manifestação de nossa vida espiritual: o sono, o sonho, a recuperação hipnótica, o automatismo sensorial e motor, a obsessão, o êxtase. O filósofo que exclamou com Marco Aurélio: “A providência ou os átomos!”, declarando que sem essa base apoiada no Invisível “o cosmos moral ficaria reduzido ao caos”, não teria saudado com alegria a mais humilde tentativa de tirar de cada um dos problemas ainda por resolver alguma alusão à lei desconhecida que um dia nos dará a solução de todos?

IV
O sono

Os capítulos anteriores nos fizeram avançar alguns passos em nosso caminho. No capítulo II fizemos uma idéia do que se relaciona à composição da personalidade humana, analisando alguns dos acidentes a que está submetida: as idéias obsessivas, as instabilidades histéricas, as desagregações e alternativas parecem destruir a unidade interna a cuja sensação estamos instintivamente unidos. No terceiro capítulo vimos essa mesma personalidade em seu estado normal de vigília, a maneira pela qual essa normalidade deve ser definida e por quais os caminhos certas pessoas privilegiadas lograram estender seu poder de concentração interior e integrar ainda mais sua personalidade, utilizando os afloramentos de sua capacidade subliminar para completar ou cristalizar os produtos de seu pensamento supraliminar.

A revisão desses capítulos indica, com bastante clareza, qual será nossa próxima etapa. É evidente que nessa revisão das fases ou alternativas da personalidade, deixei de lado a hipótese mais constante, a mais importante dentre todas. Nada disse do *sono*, em particular; mas, sem dúvida, todos os meus leitores terão pensado nele, não como uma curiosidade mórbida, mas como uma função essencial da vida.

Estudaremos agora o sono, a partir de dois pontos de vista. Considerando-o como uma fase alternativa da personalidade, devemos investigar quais são suas características e capacidades. Considerando-o como um fator integrante de nossa existência terrestre, da mesma forma que o estado de vigília, devemos investigar como as faculdades do sono e da vigília podem ser melhoradas e concentradas durante o curso da evolução física e psíquica do homem. Uma melhora ou concentração dessa classe supõe um conhecimento da verdadeira natureza do sono, que estamos longe de possuir.

Consideremos, primeiramente, os caracteres específicos do sonho. A definição deste último constitui um dos pontos mais

difíceis da fisiologia. E penso que as experiências com o sono hipnótico, acumuladas durante os últimos anos, são de uma natureza que torna ainda maior essa dificuldade. A explicação fisiológica tende a mostrar que determinado estado corporal, como por exemplo a ocupação do cérebro por produtos de dissociação, constituem pelo menos o antecedente comum do sono normal. Mas é certo, por outro lado, que entre um grande número de pessoas se pode obter um sono profundo e prolongado pela simples sugestão, qualquer que seja o estado corporal. A hipnose, como demonstraram Wetterstrand e outros, pode ser prolongada, com real vantagem para o que dorme, muito além do ponto que o sono espontâneo dos indivíduos normais é capaz de alcançar. Um bom indivíduo pode ser despertado e novamente hipnotizado, quase à vontade, independentemente do estado de nutrição e fadiga. Um sono desse gênero pertence aos fenômenos que podemos, se quisermos, qualificar de nervosos, mas que não podemos observar e sobre os quais não podemos exercer nenhum poder fora do elemento psicológico.

Não se pode, baseando-se exclusivamente nos dados conhecidos, esperar chegar a uma definição do sono mais satisfatória do que as que já possuímos. Sem dúvida, podemos postergar esse ensaio até o momento em que tenhamos recebido outros dados, além dos conhecidos, relacionados ao que se produz, ou não, durante o sono. Um único ponto parece estar afirmado: que não é necessário tratar o sono, como usualmente, só por seu aspecto negativo. Não devemos nos satisfazer com insistir, como nos manuais em uso, sobre a mera *ausência* das capacidades que constituem o estado de vigília, sobre a diminuição da percepção exterior, sobre a ausência de uma inteligência diretriz. Devemos, ao contrário, tratar o sono como fenômeno *positivo*, no que for possível, como uma fase determinada de nossa personalidade, que apresenta certas relações com o estado de vigília. Cada uma dessas fases diferenciou-se, na minha opinião, a partir de um estado de indiferença primitiva, próprio dos organismos inferiores, no qual teria sido impossível dizer se estavam acordados ou adormecidos. E, igualmente, dever-se-ia pronunciar sobre a questão de qual dos estados, se a vigília ou o sono, é o primitivo

e qual o secundário; poder-se-ia afirmar, a meu ver, que o sono, de acordo com todas as aparências, é o primitivo, pois é o que domina a vida pré-natal e infantil e, inclusive no caso dos adultos, em qualquer grau que nos associemos através do pensamento ao estado de vigília, esse estado parece secundário e acessório, uma vez que não pode ser mantido senão durante um curto período que nos é impossível prolongar artificialmente sem recorrer freqüentemente a esse afluxo de vitalidade que traz o sono.

Do sono procedem qualquer novo vôo e qualquer nova iniciativa de atividades despertadas. Quanto às atividades que nascem e se manifestam durante o sono, temos ainda que delas falar. Abordando o exame da faculdade característica do sono, devemos iniciar pela parte vermelha do espectro de nossa consciência, que representa o poder mais profundo que um esforço (no estado de vigília) seja capaz de exercer sobre o nosso organismo físico.

Nosso exame da eficiência do sono deve iniciar além desse limite, porque o sono encerra, seguramente, um elemento cuja eficiência supera tudo o que observamos a respeito no estado de vigília. Reconhece-se, embora o fato não esteja explicado de uma forma completa, que a propriedade regeneradora do sono normal é algo *sui generis*, que o mais completo repouso do estado de vigília não pode igualar. Alguns momentos de sono, uma simples lacuna no campo da consciência, trazem, às vezes, uma verdadeira regeneração, que é impossível obter em vigília, mesmo deitado durante horas inteiras, em meio ao silêncio e à escuridão. Uma simples inclinação da cabeça sobre o peito, se a consciência se detém por um ou dois segundos, é capaz de mudar nosso modo de ver o mundo. Em momentos semelhantes, e mais de uma pessoa pode, como eu, testemunhar a favor de sua realidade, sente-se que o que se realiza no organismo, a modificação da pressão sanguínea, etc., ficou interrompido de algum modo; que houve ruptura do mecanismo interior devido a outra causa que não a simples ignorância momentânea dos estímulos externos. A ruptura da consciência está associada, em certo grau, a uma modificação fisiológica potente, o que vale dizer que mes-

mo nos casos de sono comum momentâneo observamos já a aparição dessa energia reparadora especial, que é característica do sono prolongado e que alcança, como veremos adiante, um grau ainda mais elevado durante o sono hipnótico.

Essa energia reparadora se encontra além da linha vermelha do espectro de nossa consciência desperta. Nessa região obscura enxergamos somente um crescimento de potência e de domínio sobre as funções fundamentais da vida corporal. Mas, se passamos além dos limites do espectro da consciência desperta, quando chegamos ao domínio dos músculos voluntários ou à capacidade sensorial, percebemos que nossa comparação entre o sono e a vigília torna-se bem menos simples. De um lado, constatamos uma lacuna geral e a ausência de qualquer controle sobre o domínio das energias despertas, ou melhor, como no sono parcial, uma simples paródia fantástica dessas energias num sono incoerente. Por outro lado, constatamos que o sono é capaz de estranhos desenvolvimentos e que à noite pode, às vezes, superar subitamente as operações mais complexas do dia.

Tomemos, primeiramente, o controle sobre os músculos voluntários. No sono comum, esse controle não existe nem é desejado; no pesadelo, a perda desse controle está exagerada de uma forma quase histérica e dá lugar a um imenso terror; enquanto que no sonambulismo, espécie de personalidade desenvolvida *ad hoc*, o que dorme, como mais tarde veremos, atravessa os caminhos mais perigosos com passo firme. De modo geral, o sonambulismo mórbido é, com relação ao sono normal, o que a histeria é com relação à vida normal. Mas entre o sonâmbulo sadio e a vítima de um pesadelo constatamos, de outro ponto de vista, uma diferença que lembra a que existe entre o homem de gênio e o histérico. Como o homem de gênio, o sonâmbulo coloca em jogo recursos inacessíveis ao homem comum e ao estado normal. Por outro lado, da mesma forma que entre alguns histéricos certos movimentos comuns caem sob o controle da vontade, da mesma forma o sonhador que deseja vagamente mover uma perna intumescida é, com freqüência, incapaz de dirigir-lhe uma corrente de energia motriz suficiente para efetuar a mudança de posição desejada. Essa incapacidade angustiante de movimento que

sentimos no sonho "quando o que foge é incapaz de fugir e o que persegue incapaz de perseguir", essa sensação que Virgílio e Homero [40] tomaram como o tipo de extravio paralisante, constitui precisamente a *abulia dos histéricos*, esse estado em que um homem leva meia hora para colocar o chapéu, enquanto que uma mulher passa uma tarde inteira contemplando seu bordado sem ser capaz de dar um único ponto.

Mas o termo "sonambulismo" é demasiado vago e indefinido para nossa presente discussão. Somente através da comparação com o hipnotismo, no capítulo seguinte, chegaremos a um conceito um pouco mais claro a respeito dos estados de *semivigília*.

Consideremos a *capacidade sensorial encefálica*, a capacidade da "vida espiritual", tal como se manifesta no sono ou no sonho. Aqui encontramos a mesma que preside a capacidade motriz, isto é, que de maneira geral a capacidade sensorial está obscurecida e inibida pelo sono, mas também existem indícios de um poder persistente, com a mesma vivacidade anterior e, às vezes, mesmo com uma acuidade mais evidente.

À primeira vista, parece paradoxo falar de hiperestesia durante o estado de sonolência; de sensação viva num estado descrito geralmente como caracterizado por um toldar ou extinguir progressivo dos sentidos. E, naturalmente, na produção de imagens interiores, mais do que nas percepções de imagens exteriores, se manifestará a atividade durante o sono.

Existe um fenômeno que, apesar de sua freqüência relativa e de sua evidência, passou, até agora, inadvertido à ciência, nisto semelhante a tantos outros fenômenos humanos que apresentam um interesse mais científico do que terapêutico. Baillarger, na França, e Griesinger, na Alemanha, foram os primeiros (por volta de 1895) a chamar a atenção sobre as imagens vivas que surgem diante da visão interna de determinadas pessoas, entre o sono e a vigília. Aldred Maury, o conhecido helenista, deu, alguns anos mais tarde, a essas imagens o nome de *ilusões hipnagógicas* e publicou uma série notável de observações sobre si mesmo. Galton faz referência a elas, na sua obra *Inquiry into Human Faculty*, e se encontrarão vários casos desse gênero no *Proceedings of the S. P. R.*,[41] págs. 390-473, etc.

As visões podem ser hipnopômpicas ou hipnagógicas, isto é, podem-se apresentar no momento em que o sono se dissipa ou no momento em que inicia; nos dois casos, as visões estão totalmente unidas aos sonhos; as "ilusões hipnagógicas" renovam-se, às vezes, nos sonhos; as imagens hipnopômpicas consistem, principalmente, na persistência de uma imagem de sonho durante os primeiros momentos de vigília. Em ambos os casos as imagens são testemunhos de uma intensificação da visão interna num momento significativo, num momento que é, real e virtualmente, do sono, mas confunde-se quase com os momentos próximos da vigília. Podemos qualificar esse estado de *hiperestesia da visão cerebral* ou *espiritual* e considerá-lo como o efeito de uma sensibilidade exagerada de centros cerebrais especiais, determinada por esses estímulos internos, desconhecidos, que, inclusive durante a vigília, originam visões internas análogas, ainda que mais débeis.

Para os que já são bons visionários, esses fenômenos, ainda que suficientemente notáveis, não constituem uma experiência extraordinária. Pelo contrário, para os maus visionários, a vivacidade dessas imagens hipnagógicas pode parecer uma verdadeira revelação. A meu ver, posso dizer que, sem esses resplendores ocasionais que sobrevêm entre o sono e a vigília, seria incapaz de conceber o que é realmente um bom visionário. As imagens vagas, obscuras, instáveis, que constituem tudo quanto minha vontade é capaz de evocar são substituídas, num momento de sonolência, por uma pintura que aparece ante meus olhos espantados, tão clara e brilhante como o próprio objeto. A diferença se assemelha à existente entre um instantâneo (fotografia), em cores naturais, e uma vista vaga e difusa, projetada por uma lanterna mágica, quase no momento de apagar-se. Muitas pessoas devem ter feito essa experiência, espantando-se ante a força insuspeita de uma capacidade revelada nesses momentos.

As imagens que chamei *hipnopômpicas*, isto é, as que se produzem no momento em que o sono se dissipa, não são menos notáveis. Freqüentemente sucede que uma figura que era parte num sonho continua sendo observada sob a forma de uma alucinação, durante os primeiros instantes que se seguem ao sono, o

que prova a força dessa capacidade visionária que engendra os sonhos. A produção de uma figura alucinatória constitui, provavelmente, independentemente da utilidade ou inutilidade dessa produção, o ponto mais elevado que a capacidade visionária do homem é capaz de alcançar, e é notável que na maioria das pessoas esse ponto só seja alcançado durante o sono. Às vezes essa persistência da alucinação pode ser considerada como uma pós-imagem e outras vezes como resultado de uma "sugestão" inspirada pelo sono. Nesses casos hipnopômpicos, o visionário parece *nascer* durante o sono; nos casos hipnagógicos pertence a uma fase intermediária.

O grau de acuidade de todos os sentidos no sonho forma um objeto de observação direta e, inclusive, nas pessoas capazes de dominar seus sonhos, de experiência direta. Descrevi, por outro lado, alguns dos esforços que, pessoalmente, fiz para dar-me conta da potência de visualização do sonho, e devo dizer que o resultado foi que esse poder não era superior ao poder de que sou capaz no estado de vigília mais comum. Alguns correspondentes acusam, sem dúvida, um considerável acréscimo do poder sensorial, quando sonham. Um caso notável é o sonho tido pela Sra. A. W. C. Verrall, de Cambridge, e minuciosamente anotado; desde o início apresenta uma identificação de todos os sentidos. A Sra. Verrall nada mais tem do que rudimentares percepções musicais e, quando lhe disseram no seu sonho que aquelas percepções iriam ficar excitadas, não experimentou de início senão um prazer medíocre. Sem dúvida, a sensação surgiu como algo totalmente novo, como uma "verdadeira harmonia que até então só ouvira sob a forma de ecos, no ritmo de um verso ou no suspirar do vento entre os pinheirais. Meu ouvido achou-se purificado, menos, talvez, devido à realização de um desejo, que graças à criação de um desejo que, nem bem nascera, alcançou a plenitude do gozo". Outros falam do acréscimo de vivacidade das concepções dramáticas, ou do que, entre os sujeitos hipnóticos, foi chamado de "objetivação dos tipos". Em cada um desses sonhos, escreve uma mulher, eu era homem; num deles, era um ser brutal e covarde e noutro um dipsomaníaco. Nunca, antes dessas experiências, tivera a menor noção quanto à maneira de

sentir e pensar das pessoas dessa espécie". Outro correspondente fala de dois sonhos, sem relação um com o outro, tidos simultaneamente, um sonho emocional e outro geométrico, e da sensação de confusão e fadiga que depois experimentou.

O *Capítulo dos Sonhos*, da novela de R. L. Stevenson: *Across the Plains*, comporta a descrição de experiências sobre os sonhos que pertencem às mais bem relatadas que conhecemos. Com auxílio da auto-sugestão, antes do sono, Stevenson era capaz de produzir, durante o sonho, imagens cuja clareza e intensidade eram suficientes para proporcionar-lhe os temas de suas melhores novelas. Seu relato escrito com admirável sagacidade psicológica deve ser lido por todos os que se ocupam dessa questão. Menciono esses conhecidíssimos fenômenos, sob um ponto de vista novo, para mostrar particularmente que as percepções sensoriais internas ou a capacidade imaginativa do sonho podem deixar para trás o que se observa sobre isso no estado de vigília, da mesma forma que a força reparadora do sono supera a *vis medicatrix* de nossas horas de vigília.

Passo a fenômenos menos freqüentes que nos mostram, ao mesmo tempo, a intensidade de imaginação durante o sonho e o vestígio duradouro que os produtos dessa imaginação imprimem ao organismo desperto: uma auto-sugestão involuntária que podemos comparar à auto-sugestão voluntária de Stevenson.

O resultado constante de um sonho é freqüentemente de tal gênero que nos mostra claramente que o sonho não é o efeito de uma mera confusão das experiências despertas da vida pregressa, mas que possui um inexplicável poder que lhe é próprio e que extrai, como no caso da sugestão hipnótica, das profundezas de nossa existência, o que a vida de vigília é incapaz de alcançar. Dois grupos de casos dessa espécie são suficientemente manifestos para poderem ser facilmente reconhecidos, particularmente o caso em que o sonho deu lugar a uma conversão, ou a uma transformação religiosa notável. É o caso em que o sonho foi o ponto de partida de uma idéia obsessiva, ou de um acesso real de loucura.[42] Os sonhos que convertem, reformam, mudam o caráter e a fé têm, à primeira vista, a pretensão de ser considerados como algo além do que sonhos comuns; e sua discussão pode ser

deixada para mais tarde. Os que, por outro lado, degeneram rapidamente em idéias fixas irracionais são, íntima e manifestamente, semelhantes às sugestões pós-hipnóticas, a que o *eu* que as inspirou é incapaz de se opor. Assim é o sonho relatado por Taine,[43] em que um policial, impressionado por ter assistido uma execução capital, sonha que vai ser guilhotinado e termina por sofrer de tal modo a influência do sonho que se suicida. Muitos casos desse gênero foram reunidos por Faure.[44] E Tissié, no seu interessante livro *Les Rêves*, publicou algumas observações notáveis.

O caso seguinte, narrado por Kraft-Ebbing,[45] é ainda mais impressionante:

> "Seis de maio de 1888 – A doente (Ilma S...) encontra-se hoje agitada. Queixa-se à irmã de dores intensas sob o seio esquerdo, acredita que o professor queimou-a durante a noite e pede à monja que obtenha sua mudança para um convento, onde esteja ao abrigo de semelhantes intervenções. A negativa da monja ocasiona nela uma crise de histerismo. Finalmente, no sono hinótico, a doente explica sua dor, da seguinte forma: "Recebi, na noite passada, a visita de um velho que parecia um sacerdote e que se fazia acompanhar de uma freira, cuja esclavina trazia uma grande letra *B*, em ouro. A freira assustou-me, mas o velho era amistoso e amável. Molhou uma pena no bolso da freira e escreveu sob meu seio esquerdo as letras *W* e *B*. Numa das vezes, molhou mal a pena e fez uma mancha entre as duas letras. Nesse lugar e onde se encontra a letra *B* sinto dores, mas no local da letra *W* não. O homem explicou que o *W* significava que eu deveria ir à igreja de *M* e confessar-me no confessionário *W*".
>
> Nem bem terminara essa estória, a doente exclamou: "Eis novamente o velho, leva correntes em torno das mãos".
>
> Quando a doente despertou para a vida comum, sofria dores na região indicada, onde havia "perdas superficiais de substância, que penetravam no cório e que assemelhavam-se a um *W* invertido e a um *B* e entre essas duas letras uma pequena superfície hiperemiada". Essa alteração trófica, singu-

> lar, da pele, semelhante às que se produziram experimentalmente sobre a doente, não apresentava qualquer vestígio de inflamação. A dor e a lembrança do sonho foram suprimidas pela sugestão; mas a auto-sugestão de confessar na igreja *M* persiste, e a enferma, sem saber por que, vai confessar-se com o sacerdote da sua visão."

Neste caso, achamo-nos na presença de um sonho que desempenha o papel de uma sugestão pós-hipnótica potente. No capítulo seguinte discutiremos o sentido vago do termo "sugestão". Basta ver aqui o poder intenso de uma sugestão subliminar que pode deixar uma impressão que supera, em força, não só um sonho fugaz comum, como também a impressão resultante das experiências da vida de vigília.

Mas o mesmo caso nos sugere, igualmente, reflexões ligadas às relações que existem entre a memória, como funciona normalmente, nos sonhos, e a memória hipnótica, relações que, como veremos, indicam a existência de uma memória subliminar contínua, situada mais profundamente do que a memória da vida comum, isto é, essa provisão de lembranças conscientes da qual podemos chegar à vontade.

Do ponto de vista da memória, como das sensações, parece que na vida de vigília fazemos uma seleção, tendo em vista os fins de nossa existência terrenal. Na confusa memória pré-consciente, que depende da organização mesma da matéria viva, a consciência, tal como surgiu nos organismos superiores, tem por missão fazer uma seleção apropriada e tornar claras certas séries de recordações úteis. A pergunta na qual se condensa o senso da conservação individual: "O que devo saber para fugir a meus inimigos?" supõe a pergunta: "O que devo recordar para agir sobre os fatos que conheço?". As correntes de lembranças seguem às correntes de sensações: se sou incapaz, por falta de exercício, de notar a tempo um fato qualquer, sou igualmente incapaz de recordá-lo mais tarde.

Basta, talvez, esta regra, se considerarmos somente organismos simples. Mas o homem tem necessidade de uma fórmula mais complexa, porque pode acontecer, como já vimos, que o

homem tenha duas personalidades, cada uma das quais toma posse, arrebatando-as à massa comum de recordações latentes, de um grupo especial de lembranças para seu uso exclusivo. Esses grupos especiais podem, por outro lado, apresentar entre eles as mais diversas relações, quer uns abranjam os outros, quer excluam-se mutuamente e só surjam com alternativas.

Essas dissociações e alternâncias das recordações estão repletas de ensinamentos. As que se apresentam aqui não são as menos importantes. Qual a relação existente entre o sono e essas lembranças dissociadas, paralelas ou concêntricas? Quando uma lembrança supõe outra, é a lembrança consciente, por causa de sua clareza, maior na aparência, mais profunda e potente. O contrário não é exato?

A resposta dada pela experiência a essas perguntas é espantosamente clara e direta. Em cada uma das observações publicadas, se me recordo bem, houve um certo grau de *unificação* entre os estados alternativos, de forma que fosse possível a comparação: a memória mais distanciada da vida de vigília é a que possui alcance mais vasto e cujo poder sobre as impressões armazenadas no organismo é mais profundo. Por mais inexplicável que pareça esse fenômeno, aos observadores que com ele se depararam, sem possuir a chave do enigma, as observações independentes de centenas de médicos e hipnotizadores são testemunhos de sua realidade. O exemplo mais comum é o que proporciona o sono hipnótico comum. O grau de inteligência que se manifesta no sono varia de acordo com os sujeitos e com as épocas. Mas sempre que esse grau é suficiente para autorizar um juízo, achamos que existe durante o sono hipnótico uma memória considerável, que não é, necessariamente, uma memória completa ou raciocinada, como a da vigília, enquanto que, na maioria dos indivíduos despertos, a não ser que se lhes dê uma ordem especial, dirigida ao *eu* hipnótico, não existe qualquer lembrança relacionada ao estado hipnótico. Em muitos casos de histeria, encontra-se a mesma regra geral, isto é, que quanto mais nos afastamos da superfície, é mais vasta a expansão da memória.

Se tudo isso é verdade, temos, então, diversos pontos que merecem atento estudo. O sono comum pode ser considerado como

ocupando uma posição intermediária entre a vida de vigília e o sono hipnótico profundo; e parece provável, *a priori*, que a memória pertencente ao sono comum está ligada, por um lado, à que pertence à vida de vigília e, por outro, à que existe no sono hipnótico. E isto assim é, na realidade, pois os fragmentos da memória do sono comum estão intercalados entre as duas correntes. Por exemplo, sem qualquer sugestão especial antecipada, os atos realizados durante o sono hipnótico são suscetíveis de ser recordados no sonho, com a mesma ilusão que o hipnotizador os circundou. Exemplificando, o sujeito hipnotizado, ao qual Auguste Voisin ordenou apunhalar um doente – um manequim – deitado na cama ao lado.[46] O sujeito obedeceu sem lembrar-se de nada após despertar. Três dias depois voltou ao Hospital, queixando-se de que sofria a obsessão de um rosto de mulher que o acusava de tê-la assassinado a punhaladas. Foi necessário outra sugestão para livrá-lo daquele fantasma de papelão.

Inversamente, os sonhos esquecidos durante a vigília podem ser rememorados durante o sono hipnótico. Dessa forma, Albert, paciente do Dr. Tissié, sonhou estar a ponto de realizar uma de suas fugas sonambúlicas ou viagens sem destino; uma vez hipnotizado, confessou ao médico o sonho que esquecera durante a vigília.[47] A verdade dessa confissão foi provada pelo fato de que o doente preparava realmente as viagens que sonhara e que suas outras viagens foram precedidas ou estimuladas pelos sonhos rememorados.

Não necessito insistir sobre a existência, incompleta, em qualquer caso, da lembrança da vida comum nos sonhos; igualmente, sobre a ocasional formação de correntes de lembranças separadas, compostas de sonhos sucessivos e coerentes. Devo acrescentar que não sabemos exatamente qual é a extensão da lembrança que possuímos da vida de vigília nos sonhos, uma vez que nos é impossível formar uma idéia sobre esse tema, de acordo com a recordação, notoriamente deficiente, que possuímos, durante a vigília, de nossos sonhos passados.

Existem exemplos em que as recordações desaparecidas da memória desperta, independentemente da sugestão hipnótica, reapareceram durante o sono comum, como nesses casos ecme-

nésicos como conseqüência de novo choque violento e nos quais a perda da memória estende-se, inclusive, a um certo período *anterior* ao choque. Exemplo disto é o caso da doente de Charcot, que, em conseqüência de uma comoção moral violenta, apresenta um longo ataque de histeria e perde completamente a memória, não só a respeito dos fatos acontecidos no acidente, mas também dos ocorridos durante as seis últimas semanas que o precederam. Tomando consciência de seu estado, anotava todos os acontecimentos em que tomara parte e tudo o que acontecia, mas, ao ler novamente suas anotações, não se lembrava de nada, como se os fatos consignados não lhe dissessem respeito. Após o acidente, foi mordida por um cão raivoso e tratada no Instituto Pasteur, sem que se lembrasse disso. Porém, os vizinhos perceberam que tinha o costume de falar quando dormia e que, nos fragmentos dos sonhos, em voz alta, revelava muitos fatos relacionados com o seu período ecmenésico. Charcot, supondo que se tratava de crise prolongada de histerepilepsia, hipnotizou a doente e descobriu que no sono hipnótico sua memória estava intacta. Com a ajuda da sugestão pós-hipnótica, foi possível colocar novamente a doente de posse dos fatos esquecidos de sua vida pregressa.[48]

Mas a memória pertencente ao sonho apresenta propriedades ainda mais curiosas:

a) pode, em particular, tratar de acontecimentos que o *eu* da vigília conhecera em outros tempos, mas, logo a seguir, esquecidos;

b) pode compreender fatos que chegaram ao campo sensorial, mas dos quais o sujeito não teve jamais conhecimento ou conceito supraliminar.

Talvez sejam estas recordações que proporcionam os elementos dos sonhos que podem ser *retrospectivos*, *prospectivos* ou, usando a terminologia de Pope, dando-lhe novo significado, *circunspectivos*, isto é, não relacionados com fatos passados ou futuros, antes, sobre o estado atual das coisas que se encontram além dos limites comuns da percepção. Compreende-se que as manifestações desse gênero podem ser tomadas como erro, retro-

conhecimento, premonição e clarividência diretas; quando, na realidade, só constituem percepções subliminares.

Esses sonhos hipermnésicos nos proporcionam um meio de interpretar com maior exatidão certos fenômenos chamados maravilhosos e de ver mais claramente o que as teorias comuns são incapazes de explicar, na maioria dos casos mais completos.

É, com efeito, um fato rotineiro, mas cuja estranheza não nos surpreende, o lembrar-se durante o sono de algo que desaparecera totalmente da consciência desperta. Como exemplo, citaremos o sonho de Delboeuf, relatado no seu interessante livro *O Sono e os Sonhos*. Nesse sonho, o nome de "*Asplenium Ruta Muralis*" figurava como uma frase familiar. Uma vez acordado, perguntou-se em vão onde poderia ter ouvido esse termo botânico. Algum tempo depois encontrou o nome mencionado escrito por sua própria mão, numa pequena coleção de flores e plantas, cujas designações escrevera seguindo os ensinamentos de um botânico, seu amigo.

Neste caso e em outros semelhantes, o objeto primitivo do conhecimento formara parte, num certo momento, da consciência supraliminar. Mas, creio eu, existem casos em que os fatos e as imagens, que jamais fizeram parte da consciência supraliminar, são retidos pela memória subliminar e às vezes se apresentam nos sonhos com um objetivo que parece definido.

Como veremos mais adiante, a cristalografia nos proporcionou os fenômenos mais curiosos sobre esse assunto. A Srta. Goodrich Freer,[49] por exemplo, vê num cristal o anúncio da morte de uma amiga, fato totalmente estranho ao seu *eu* consciente comum. Ao ler o *Times* encontra numa página, da qual se servira para proteger o rosto contra o calor da lareira, o anúncio da morte de uma pessoa que era homônima da sua amiga; de modo que as palavras penetraram no seu campo de visão sem chegar à consciência desperta.[50]

Existem casos em que a memória subliminar, manifestando-se no sonho, substitui a insuficiência de um sentido qualquer. Esse é o caso de Herbert Lewis, atacado de pronunciada miopia e que, após ter procurado, sem êxito, um importante documento,

numa sala onde acreditava tê-lo perdido, teve durante o sonho a indicação precisa e exata do lugar onde estava o documento em questão e onde o encontrou, de fato (*Proceedings of the S. P. R.*,, VIII, pág. 389).

Produziu-se neste caso um espasmo momentâneo, que passando inadvertido para o músculo ocular, teve por resultado a extensão do campo visual? Para que esta suposição não pareça demasiado fantástica, citarei algumas linhas da observação pessoal de uma sonâmbula de Dufay:

> "São 8 horas; várias operárias trabalham ao redor de uma mesa, sobre a qual está colocada uma lâmpada. A Srta. R. L... toma parte no trabalho, produzindo risotas, de vez em quando. Repentinamente ouve-se um grito: é a cabeça da Srta. R. L... que se despruma, com violência, sobre a mesa. É o começo do acesso. Ao fim de alguns segundos, levanta-se, tira, com enfado, os óculos e continua o trabalho que iniciara, sem precisar das grossas lentes côncavas que sua pronunciada miopia a obrigava a usar, colocando-se o mais distante possível da lâmpada." [51]

A Srta. Goodrich Freer teve, por sua vez, uma experiência durante a qual o título de um livro que desconhecia, e que se esforçava, em vão, para decifrar, enquanto o livro se encontrava distante dela, apareceu-lhe com o auxílio da cristaloscopia. Neste último caso, uma alteração espasmódica da visão, semelhante à que se produz na hipnose, é apenas admissível.

Nos casos citados até aqui, vimos que o *eu* dos sonhos mostrava cenas significativas para eleger, em sua galeria de fotografias, a imagem especial desejada pelo espírito desperto, sem necessidade de tirar a conclusão, mais ou menos complexa, dos fatos de que dispunha. Ocupar-me-ei agora de um pequeno grupo de sonhos no qual o *eu* subliminar raciocina, ao mesmo tempo em que rememora, onde, talvez, se trata de algo mais do que um mero raciocínio sobre fatos adquiridos, de uma forma qualquer, de algo que vai além do tema deste capítulo.

Em primeiro lugar, parece certo que os fatos conhecidos são suscetíveis de ser tratados no sonambulismo ou no sono comum,

com uma sagacidade que supera a inteligência desperta. Tais são os casos dos problemas matemáticos resolvidos durante o sonambulismo ou a colocação esquelética por Agassiz, durante o sonho, de diversos ossos por ele descobertos, após havê-lo tentado em vão, várias vezes durante a vigília. Em certos casos desse gênero, a capacidade que assim se manifesta durante o sono alcança o grau de intensidade mais elevado nos limites de nosso espectro comum; e, em quase todas as regiões desse espectro, vimos que a capacidade em questão mostrava, em seus limites, mais ou menos estreitos, sinais dispersos que permitiam tirar a conclusão de uma igualdade ao menos potencial com o estado de vigília.

Fizemos idêntica constatação, no que concerne aos movimentos musculares, à visão e à audição interiores e à memória; os últimos exemplos nos mostram a impossibilidade de realizar durante o sono operações intelectuais de ordem mais elevada. *Kubla Khan*, de Coleridge, demonstrou há muito o que um grande poeta é capaz de realizar, graças ao obscurecimento dos sentidos despertos. E a própria imperfeição de *Kubla Khan*, a lembrança truncada por uma interrupção, lembra-nos, por sua vez, o conhecimento parcial que temos durante a vigília das operações realizadas durante o sonho.

Depois disso, como não nos sentiremos autorizados a ver uma certa semelhança entre as operações que se realizam durante o *sonho* e as operações de que é capaz o *gênio*? Em ambos os casos, observamos a mesma espontaneidade triunfante, a mesma resolução de não se fechar nos limites do funcionamento neurocerebral, antes de apelar a fontes desconhecidas, isentas dessas limitações.

Até aqui, o papel que atribuímos ao sonho, do ponto de vista da aquisição de conhecimentos, nada demonstra de anormal, nada que não possam realizar nossos sentidos durante a vigília. Agora resta-nos verificar se não seria possível descobrir no sonho a manifestação de uma capacidade *supranormal*, uma experiência que autorize a reconhecer que o homem constitui, ao mesmo tempo que um organismo terrestre, um espírito cósmico que é parte de um mundo espiritual ao mesmo tempo que do

mundo terrestre. Se esta suposição resultasse verídica, pareceria natural que essa participação num meio espiritual se manifestasse no sonho de uma forma mais perceptível do que na vigília. O dogma que meu ponto de vista torna assim possível constitui, talvez, considerando apenas seu lado histórico, a base de todos os dogmas que desfrutaram em todos os tempos a adesão universal da humanidade.

"Quod semper, quod ubique, quod ab omnibus": qual é a proposição teológica, inclusive a mais estreita, que não tenha tido a pretensão de ter sido reconhecida e admitida em todas as partes, sempre e por todas as pessoas? Mas, qual é o dogma cuja antigüidade, ubiqüidade e unanimidade, do ponto de vista da crendice humana, iguala à crença nas aparições dos espíritos durante o sonho? Na idade da pedra, o cético que se atrevesse a contradizer isto devia possuir uma grande dose de coragem. E mesmo reconhecendo que esta "psicologia paleolítica" passou de moda há alguns séculos, não penso, referindo-me às provas a favor da telestesia reunidas até hoje, que seja possível considerar como uma *raridade* o constante retorno da idéia relacionada às visitas feitas durante o sono a um lugar distante, adquirindo, em conseqüência, a consciência de novos fatos que teria sido impossível conhecer de outro modo.

Partindo, pois, não da autoridade primitiva, senão do exame dos fatos e das modernas provas, encontraremos, a meu ver, a existência, entre o sonho e a verdade, de coincidências que nem mesmo o acaso, nem a hipótese de uma lembrança subconsciente comum são capazes de explicar. Encontraremos a existência de casos de percepção de objetos materiais ocultos; ou de cenas distantes e também de pensamentos e sentimentos pertencentes a outros espíritos e em comunhão com esses pensamentos e percepções. Todos esses fenômenos foram observados praticamente em épocas e lugares diversos e, com particular interesse, pelos primeiros mesmeristas franceses. Os fenômenos do primeiro desses grupos receberam o nome de fenômenos de *clarividência* ou de *lucidez*; os do segundo grupo constituem os fenômenos de *comunicação* ou *transmissão de pensamento*. Esses termos não são suficientemente explícitos para que sejam o bastante para um

estudo mais sistemático. As percepções à distância não são percepções *óticas* e não estão limitadas ao sentido aparente da visão. Estendem-se a todos os sentidos e compreendem, igualmente, as impressões que não podemos atribuir a um sentido especial qualquer. Da mesma forma, a comunicação entre as pessoas distantes consiste na transmissão não só de pensamentos, mas também de emoções, de impulsos motores e de certas impressões difíceis de definir. Em 1882 propus os termos mais amplos: *telestesia*, ou sensação à distância, e *telepatia*, ou simpatia à distância e empregarei esses termos durante o curso desta obra, sem que seu uso implique, de nossa parte, a pretensão de que correspondam a grupos definidos de fenômenos e devidamente separados, nem que compreendam todas as manifestações paranormais. Pelo contrário, parece provável que os fatos do mundo metaetéreo são muito mais complexos do que os do mundo material e que as vias através das quais os espíritos se comunicam e percebem, à margem do organismo carnal, são extremamente mais sutis e variadas do que as vias através das quais se operam as comunicações e percepções comuns. Semelhante a quaisquer organismos em relação, temos um sistema de forças que age sobre outros sistemas de forças e cuja influência se exerce por meios conhecidos e desconhecidos; da mesma forma, devemos considerar os espíritos humanos como sistemas de forças muito mais complexos, que agem uns sobre os outros ultrapassando a nossa capacidade comum de compreensão. Isso torna-se particularmente evidente nas premonições de que damos alguns exemplos neste capítulo e que parecem ainda mais distantes de nossos comportamentos de percepção comum que a telepatia e a telestesia.

Do que acabamos de dizer resulta que é impossível classificar os fenômenos paranormais numa ordem lógica. Não derivam uns dos outros, antes constituem manifestações emergentes e fragmentadas de uma lei mais profunda e geral. A distinção feita acima, entre a telepatia e a telestesia, entre o conhecimento paranormal, que parece ser adquirido por intermédio de outro espírito, e o conhecimento supranormal, que parece ser adquirido diretamente, sem a intervenção de outro espírito, não pode ser

considerada, em si mesma, fundamental. Não podemos dizer, na realidade, em que casos e em que medida os espíritos exteriores contribuíram para a percepção de uma cena distante. Nem sabemos, tampouco, se a atividade de um único espírito é suficiente para uma percepção paranormal.[52]

Fiz, anteriormente, alusão a uma linha divisória, sugerida pelas sensações pessoais do que sonha, para distinguir entre a excursão psíquica ativa e o recebimento passivo de uma invasão psíquica externa. Mas, também aqui, já o dissemos, é difícil estabelecer uma divisão clara; pois quer se trate de percepções durante o sonho, de cenas materiais distantes, de pessoas vivas distantes ou de espíritos desencarnados, o que sonha está freqüentemente impossibilitado de dizer a partir de que ponto de vista se observa e onde se acha a cena que vê. Onde se encontra quando participa de uma cena situada no futuro e em que medida a participação aparente nesta cena futura difere da participação numa cena atual, ainda que distante, em meio à qual sua presença fantasmagórica pode ser discernida por um dos atores? Nossas respostas a essas perguntas, por mais imperfeitas que possam ser, devem ser postergadas até que tenhamos diante de nós não só os sonhos, senão toda essa série de manifestações automáticas sensoriais que parecem desafiar nossas noções correntes de tempo e de espaço.

Limitar-me-ei, no momento, a esboçar brevemente alguns dos principais tipos de sonhos supranormais, na ordem ascendente.

Citarei, inicialmente, alguns casos em que a pessoa que dorme discerne, através de visões clarividentes, uma cena que interessa diretamente a um espírito diverso do seu, por exemplo, a morte iminente de um amigo. Existe, às vezes, uma espécie de visão fugidia que parece representar exatamente a cena crítica; outras vezes a visão é menos rápida e vem acompanhada de uma sensação de *comunhão* com a pessoa interessada. E, ainda, em outros casos, menos numerosos mas mais interessantes, as circunstâncias da morte aparecem como se tivessem sido mostradas simbolicamente ao adormecido, pelo próprio morto ou por um espírito relacionado a este.

Um dos melhores exemplos de visão fugidia é o de Canon Warburton, que, tendo ido ver seu irmão, encontrou sobre a mesa deste um recado de escusas, por não estar em casa para recebê-lo, uma vez que fora a um baile. Aguardando o regresso do irmão, Canon sentou-se numa poltrona e adormeceu, despertando bruscamente ao receber a visão do irmão despencando de uma escada. Alguns instantes depois entra o irmão e narra ter corrido perigo iminente, pois estivera a ponto de quebrar o pescoço ao cair de uma escada (*Phantasms of the Living*, I, pág. 338).

A impressão produzida neste caso assemelha-se a uma sacudidela transmitida ao delicado vínculo que unia os dois irmãos. O que se encontrava em perigo deve ter pensado insistentemente no outro, lamentando não ter ficado em casa para esperá-lo, e pode-se explicar esse incidente, como já o fizemos, desde sua primeira publicação, admitindo a projeção da cena no espírito de seu irmão por aquele que estava em perigo. O irmão, passivamente adormecido, sentiu-se, por sua vez, como subitamente transportado, em meio a essa cena, talvez como resposta ao súbito apelo do irmão em perigo, e quero ressaltar este último aspecto do incidente, pelas analogias que mostra com outros casos que iremos citar. Torna-se evidente ser difícil pronunciar-se com segurança a favor de qualquer dessas explicações.

Citarei, a seguir, um caso analisado por Gurney, um pouco antes de sua morte e estampado no *Proceedings of the S. P. R.*, III, págs. 265-266:

> "Vicary Boyle, enquanto permanecia em Simla (Índia), viu, certa noite, em sonhos, seu sogro, que morava em Brighton (Inglaterra), pálido e estendido sobre a cama, enquanto que sua sogra atravessava, silenciosamente, a habitação e prodigalizava-se em cuidados ao marido. A visão dissipou-se; a seguir, Boyle continuou dormindo, mas ao despertar tinha plena convicção de que seu sogro, de cuja enfermidade não tinha notícia e em quem nem pensara sequer há vários dias, estava morto. Isso foi confirmado por um telegrama que chegou dias depois, o que confirmava a visão que Boyle teve de seu sogro morto, nove horas após o acontecimento."

A visão (que apareceu, neste caso, duas vezes) era simples e pode ser interpretada como uma impressão transmitida pela mulher do finado e captada pelo genro nove horas após a morte. Enquanto o pensamento consciente da viúva se comunicava com outras pessoas, naquele momento, é provável que pensasse em sua filha, mais do que no genro. Mas Boyle possuía uma sensibilidade psíquica muito delicada que conseguiu captar (por desvio) a mensagem dirigida à esposa; mas, inclusive neste caso, a presença da Sra. Boyle era um fator necessário para a percepção experimentada por seu marido.[53]

Um único sonho, que um homem teve na vida, apresenta um valor tão inestimável quanto uma única alucinação da vigília. Exemplo disto é o sonho de Hamilton, que sonha que seu irmão, estabelecido na Austrália há 12 anos, voltara à Inglaterra, pouco mudado, mas que trazia uma das mãos ferida, com o punho quebrado e tumefato. Na manhã seguinte recebeu, imediatamente, uma carta de seu irmão, originária de Nápoles, em que lhe comunicava estar a caminho da Inglaterra; dizia, naquela carta, que salvo um acesso de gota à altura do punho esquerdo, estava perfeitamente bem. Porém, viu-se obrigado a desembarcar não em Londres, onde o esperavam, senão em Plymouth, pois os médicos diagnosticaram-lhe uma infecção sanguínea que ocasionou a formação de um abscesso furunculoso na articulação do punho. Pelas informações proporcionadas por seu irmão, resulta que o sonho de Hamilton coincidira com o momento em que o primeiro escrevia sua carta. Caso se confirmasse esse fato, tratar-se-ia de uma projeção de si próprio, feita pelo irmão doente (*Journal S. P. R.*, III, pág. 267).

Ocupar-me-ei agora de um grupo de sonhos mais interessantes e complexos, que não vou sequer tratar de explicar. São os sonhos *precognitivos*, isto é, as imagens e as visões pelas quais se predizem e representam, antecipadamente, os fenômenos futuros, de forma mais ou menos simbólica e tão distanciada das previsões ditadas por nossa sagacidade terrestre, que nos sentiremos tentados, numa posterior discussão, a falar em termos vagos de uma espécie de galeria de quadros cósmicos que bruscamente se abre diante de nossos olhos, ou de representações

teatrais compostas e oferecidas a nós por inteligências superiores a todas que conhecemos. Sobre isto é deveras característico o caso da duquesa de Hamilton, quer por sua precisão como por sua ausência de inteligibilidade isolada e carência de objetivo. Essa mulher teve um sonho no qual viu o conde de L. moribundo, naquele instante, sentado numa poltrona e como quem tivesse sofrido um ataque; ao seu lado estava um homem de barba ruiva e um lavatório, sobre o qual havia uma lâmpada vermelha. O conde morre quinze dias depois e uma pessoa que assistiu aos seus últimos instantes confirmou a exatidão da visão da duquesa (*Proceedings of the S. P. R.*, XI, pág. 505).

A seguir, temos casos como os do Dr. Bruce (*Phantasms of the Living*, I, pág. 384) e da Sra. Storie (Idem, I, pág. 370), nos quais o sujeito vê em sonhos, e em todos os detalhes, a cena e todas as circunstâncias do falecimento de um parente (assassinato de um cunhado, no primeiro caso; irmão gêmeo esmagado por um trem, no segundo). No primeiro caso, a cena do assassinato foi vista não só por Bruce, mas também por uma irmã da vítima que igualmente se encontrava distante do local; e a Sra. Storie viu não só como seu irmão era esmagado pelo trem, como pôde distinguir num dos vagões a presença de duas pessoas conhecidas, que de fato lá estavam.

No caso da Sra. Storie, a cena apresentou-se como um sonho, mas como um sonho invulgar, pois o sujeito sabia estar deitado na sua cama. Noutros casos, a "invasão psíquica" pelo espírito de uma pessoa viva ou morta engendra uma enorme variedade de estados de semivigília, tanto no sujeito como no agente. Num estranho relato (o de M. Pike, *Phantasms of the Living*, II, pág. 105), um homem que sonha entrar em casa é *ouvido* em sua casa pedindo água quente e experimenta uma estranha sensação de "bilocação" entre o compartimento do trem e seu dormitório. O caso da Sra. Manning (*Journal S. P. R.*, VII, pág. 100) é quase idêntico ao anterior, com a única diferença de que a Sra. Manning ao invés de ver em sonho o futuro imediato, revive lances da infância, com singular espontaneidade. Nestes casos, o sonho transportara o sonhador a outro momento do tempo e do espaço,

mas com uma tal vivacidade que outras pessoas o perceberam nessa situação imaginária.

Newham (*Phantasms of the Living*, I, pág. 225) não só se vê transportado até a sua noiva, sendo que, na verdade, toca-a ao mesmo tempo em que ela se sente tocada por ele, no momento exato em que ia deitar-se. Este caso é uma prova evidente de "invasão psíquica", conceito que examinaremos melhor no capítulo seguinte.

Ser-nos-ia fácil multiplicar os casos e exemplos, mas os que citamos já nos são suficientes para considerar o sonho de um ponto de vista diverso da vida comum. Não dedicamos especial atenção ao caráter *negativo* do sonho, nem ao que os diferencia das características das horas de vigília. Ao contrário, considera-mo-lo como uma fase autônoma da personalidade, da mesma categoria que a vigília é dotada de capacidades que lhe são próprias, mesmo quando não se manifestem sempre de forma perfeita. No exame destas capacidades, não nos deixamos deter pela aparente inutilidade de algumas, do ponto de vista das necessidades e fins da vigília. *Inútil* é um termo pré-científico, anticientífico, que durante largo tempo foi a ovelha negra das investigações psicológicas. Para a ciência, o *objetivo* dos fenômenos é revelar as leis, e quando o fenômeno é mais raro e sem significação, mais possibilidade existe de que nos revele uma lei até então desconhecida. Ao passar em revista os fenômenos do sonho, vimos, em primeiro lugar, que este possui uma capacidade renovadora que os dados conhecidos da psicologia e da fisiologia não explicam satisfatoriamente. Vimos que poderia existir durante o sonho um aumento do grau de coordenação e de centralização do controle muscular e uma clareza e vivacidade maiores das percepções encefálicas, que indicam uma compreensão mais exata do que na vigília, das modificações intraperiféricas. De conformidade com esse ponto de vista, encontramos ainda que o *eu* que dorme pode ter experiências sensoriais e emocionais mais intensas do que durante a vigília e capazes de produzir efeitos duradouros sobre o corpo e o espírito. Vimos também, finalmente, que as impressões corporais e espirituais específicas, cujo conjunto constitui o que chamamos memória,

podem, durante o sonho, ser mais profundas e possuir um conteúdo mais rico do que a memória desperta. E não só a memória se encontra dessa forma identificada, mas também o raciocínio, o cálculo, a argumentação, porque vimos casos em que os problemas foram resolvidos durante o sonho, enquanto que sua solução foi buscada em vão durante a vigília.

Existem indícios fragmentários de uma inutilidade prática se se quiser, da existência durante o sonho de capacidades que agem sobre os mesmos temas que as do estado de vigília e com freqüência com potência maior. Mas vimo-nos obrigados a levar mais adiante nosso estudo e a perguntarmo-nos se, durante o sonho, o *eu* não manifesta capacidades de uma ordem diversa das capacidades pelas quais nossa consciência desperta mantém nossa atividade. E constatamos que assim era, de fato, que o espírito do *eu* adormecido era capaz de relações que desafiam os limites espaciais, de percepção telestésica de cenas distantes, de comunicação telepática com pessoas distantes e, inclusive, com espíritos, dos quais não se pode dizer que estejam perto ou distante, uma vez que estão libertos da prisão carnal.

As conclusões que advêm destas observações estão em perfeito acordo com a hipótese que serve de base à minha obra.

Pretendia que o homem representava um organismo constituído e possuído por uma alma. Esta opinião implica a hipótese segundo a qual viveríamos em dois mundos, ao mesmo tempo, levando uma vida planetária neste mundo material, frente à qual nosso organismo está destinado a reagir, e uma vida cósmica no mundo espiritual ou metaetéreo, que constitui o meio natural da alma. Esse mundo invisível é o que proporciona a energia destinada a constantemente renovar o organismo. Não podemos entender essa renovação: não podemos imaginá-la como um processo protoplasmático, ou como uma relação entre o protoplasma, o éter e algo que se encontra além do éter e sobre o qual será inútil discutir agora.

Admitindo, pelas necessidades da causa, essas afirmações audazes, temos, igualmente, que reconhecer que é necessário que a atenção da alma se abstraia, com freqüência, das coisas do mundo, a fim de prosseguir com maior intensidade, o que pode-

ríamos chamar de sua tarefa protoplasmática, a manutenção das relações fundamentais íntimas entre o organismo e o mundo espiritual. Esse estado mais denso, por corresponder a necessidades mais fundamentais e primitivas, deve ser mais primitivo que o estado de vigília. E, na realidade, é assim: o sonho é o estado que predomina na criança; o estado pré-natal assemelha-se mais ao sono do que à vigília, o mesmo ocorrendo com nossos antepassados inferiores. Por ser mais *primitivo*, o sono é, acima disso, mais *geral* e *plástico*.

Temos, assim, duas fases da personalidade que se desenvolvem em direções opostas, e perseguindo diferentes objetivos, mas que têm um tronco comum. A personalidade da vigília desenvolverá os órgãos dos sentidos exteriores e se adaptará progressivamente a uma vida subjugada pelas relações com o mundo exterior. Esforçar-se-á em submeter os recursos da personalidade a um domínio cada vez mais completo e alcançará seu ponto culminante naquilo que chamamos *gênio*, quando, em sua busca de fins definidos, tenha conseguido unir, no que for possível, o subliminar com o supraliminar.

A personalidade, tal como se manifesta no sono, se desenvolverá em direções difíceis de prever. Que fará, além disso, da intensificação comum da força reparadora? Segundo minha teoria, só nos resta presumir que no seu desenvolvimento dará mostras de uma crescente tendência a tornar a alma menos exclusivamente ligada à atividade do organismo. A alma prescindirá, cada vez mais, da superfície específica das coisas materiais (que se nos perdoe esta pobre metáfora) para entrar numa zona na qual as relações existentes entre a matéria e o espírito já sejam estabelecidas através do éter ou, de outro modo, serão mais profundamente distintas. Esta mesma abstração da superfície, ao diminuir o poder sobre os processos musculares complexos, aumenta o que possuímos sobre os processos orgânicos profundos e, ao mesmo tempo, a potência de ação que a alma é capaz de desenvolver nesse mundo espiritual, ao qual o sonho nos aproxima.

Concorde com este conceito do sono, não deve surpreender-nos a possibilidade existente de aumentar a proporção do sono

com relação à vigília, com ajuda da sugestão hipnótica. Tudo quanto podemos dizer é que, mesmo reconhecendo à alma o direito de pretender uma quantidade *mínima* de sono, necessária para manter o corpo com vida, não podemos atribuir limite algum superior à quantidade de sonho que é suscetível de pretender, isto é, à quantidade de atenção que pode reclamar em favor das operações especiais do sono, em comparação com as da vida de vigília.[54]

Aqui se encerra o nosso estudo do sono. Se a hipótese que sugerimos explica os fatos que citamos no desenrolar deste capítulo, só o faz em favor de afirmações demasiado audaciosas para serem aceitas sem confirmação ulterior. É nosso dever prosseguir, nos capítulos seguintes, o desenvolvimento da personalidade que se manifesta no sono, nas duas direções por nós indicadas, a de reparação orgânica, através do sono hipnótico e a da atividade independente da alma na possessão e no êxtase.

V
O hipnotismo

Durante o desenrolar deste estudo da personalidade e da evolução humanas, tratamos de aclarar dois ou três pontos que são, em nossa opinião, de natureza a modificar os conceitos correntes sobre o assunto.

Nossa discussão relativa à desintegração da personalidade nos permitiu, no capítulo anterior, propor um conceito do gênio no sentido de uma integração da personalidade subliminar com a personalidade supraliminar, de uma utilização cada vez mais ampla do ser psíquico do homem, tendo em vista os fins definidos do *eu* supraliminar. Até agora o gênio parecia ser antes resultado de uma combinação feliz e fortuita de fatores elementares, do que um exercício sistemático; mas é importante demonstrar que um nível assim tão superior ao nosso já foi alcançado durante a evolução normal da espécie.

Submetemos à discussão o fenômeno do sono. Os sonhos abriram-nos, ainda que de um modo incoerente e obscuro, horizontes particularmente vastos sobre o ambiente e o destino do homem. Mostraram-no em relação com um mundo muito mais profundo do que o familiar ao gênio e de posse de faculdades cujo grau de potência o gênio jamais alcançou.

Desse modo chegamos a um conceito do sono que, independentemente da confirmação que possa receber um dia por parte da ciência, está em perfeito acordo com as idéias desenvolvidas nesta obra. Segundo esse conceito, nossa vida humana existe e manifesta sua energia, ao mesmo tempo, num mundo material e num mundo espiritual. A personalidade humana, desenvolvendo-se a partir de seus antepassados inferiores, dividiu-se em duas faces, uma adaptada às necessidades materiais e terrenas, a outra à existência espiritual e cósmica. O *eu* subliminar, pela simples direção que dá ao sono, já é capaz de rejuvenescer o organismo, infundindo-lhe a energia tomada do mundo espiritual, ou de enfraquecer temporal ou parcialmente o elo que o une ao organismo e se expandir no exercício de funções supranormais:

telepatia, telestesia, êxtase. Ao estudar, no capítulo II, as diferentes formas de desintegração da personalidade, tivemos ocasião de entrever com freqüência os efeitos felizes e benéficos produzidos pela ação de faculdades subliminares. Vimos as camadas mais profundas do *eu* intervirem, de vez em quando, com fim terapêutico, ou pôr em marcha, ainda que sem objetivo e de forma esporádica, faculdades que escapam ao controle do *eu* supraliminar. E vimos, ainda, que com a ajuda da hipnose se provocava com freqüência a ação dessas faculdades subliminares. Mas nada disse sobre a natureza do estado hipnótico; a única coisa evidente era que se tratava de algo similar ao sonambulismo, induzido ou artificial, que parecia sistematizar o domínio benéfico para o organismo que os estados de semivigília espontânea exerciam só de modo irregular. Agora devemos nos dedicar a compreender *ab initio* esses fenômenos hipnóticos e prosseguir no estudo, o mais longe que seja possível, daquilo que se pode chamar de evolução experimental do sono.

Suponhamos, por um momento, que sobre este ponto não possuímos maiores conhecimentos do que os existentes na época do jovem Mesmer. Saberemos perfeitamente, como psicólogos experimentais, o que desejamos fazer; mas não teremos noção alguma de como alcançar nosso objetivo. Desejamos submeter a nossa vontade, apropriarmo-nos para nosso uso das faculdades da semivigília, que tão raramente aparecem. Do ponto de vista físico, desejamos reforçar sua ação de inibição sobre a dor e seu poder regenerativo sobre o organismo; do ponto de vista emocional, tornam mais intensa a sensação de liberdade, de expansão e de alegria que nos proporciona sua ação. Mas, antes de tudo, desejamos aquilatar o valor destas faculdades supranormais: a telepatia e a telestesia, das quais percebemos manifestações isoladas e irregulares no sonambulismo e no sonho.

A essas esperanças, a experiência chamada “histórica” parece negar toda a possibilidade prática. Encontramos na história exemplos, por outro lado muito vagos, de sugestão e influência terapêuticas exercidas de homem a homem, mas esses fatos parecem ser considerados como outros tantos mistérios que seria impossível reproduzir à vontade.

Mas, que pense o leitor somente em todas as possibilidades inesgotáveis do organismo humano e da vida humana. Que visite um dos centros de prática hipnológica, como o do Prof. Bernheim ou a clínica do Dr. Van Rentorghen; que veja centenas de pacientes submersos diariamente, no espaço de alguns minutos, no sono hipnótico e que se lembre que esse comportamento, que parece hoje tão fácil e simples como a deglutição de uma pílula, foi totalmente desconhecido, não só para Galeno e Celso, como também para Hunter e Harvey e, uma vez descoberto, denunciado como uma ficção fraudulenta. Aquele que, muito jovem, teve a oportunidade de ser testemunha das curas efetuadas no hospital mesmeriano do Dr. Elliotson, antes que a negligência e a calúnia impedissem esse esforço em prol da humanidade, e que viu a indiferença popular e o preconceito profissional privar toda uma geração desse procedimento terapêutico, não se pode manter cético diante de todas as negações das faculdades humanas, de todos os *obiter dicta* de homens eminentes cujo único erro consiste em não ter conhecimento algum acerca da questão em litígio. Não são preferíveis "as experiências dos insensatos" (como pensava Darwin) ao invés dessa ignorância imemorial, baseada numa espécie de incredulidade irracional?

As experiências de Mesmer eram quase "experiências de insensato" e o próprio Mesmer, quase um charlatão. Mas, Mesmer e seus sucessores, freqüentemente com diversos pontos de vista, e seguindo teorias diferentes, abriram um caminho que se vai alargando cada vez mais e nos conduziram a um ponto em que podemos esperar, com ajuda das experiências feitas não ao acaso, antes de modo sistemático, poder reproduzir e sistematizar a maioria desses fenômenos de sonambulismo espontâneo que anteriormente parecia estar fora de nosso alcance.

Essa promessa é, com efeito, enorme; mas seria conveniente imbuir-se, imediatamente, de sua verdadeira extensão. Não devemos supor que vamos poder, num primeiro momento, submeter à nossa experiência um *eu* central, razoável e integral. Pelo contrário, é característico da histeria e, geralmente, também do sonambulismo, que as modificações que se produzem durante esses estados, ainda que sendo subliminares, são apenas parciais,

que essas modificações (para empregar a conhecida terminologia de Hughlings-Jackson) afetam os centros do nível médio, não os do nível superior, nem os centros que presidem as percepções da ideação superior, antes os que estão encarregados do controle dos movimentos coordenados complexos, como as sinergias necessárias ao caminhar, à vista ou à palavra ininteligível, incoerente, como no sonho.

Essa metáfora de níveis superior e inferior, ainda que pareça imprópria, segue sendo útil quando se trata de uma sucessão de faculdades que, hipoteticamente, se encontram sob o umbral da consciência. O que sabemos dos processos subliminares nos obrigou a reconhecer nesta região submersa uma graduação semelhante. Podemos, artificialmente, alcançar qualquer faculdade subliminar, sem poder alcançar um juízo central ou um juízo de controle. Podemos alcançar os centros que exercem somente sobre essas faculdades subliminares um poder fragmentário, e nada terá de estranho que as manifestações provocadas por nossa experiência mostrem um caráter estranho, incoerente. Devemo-nos contentar, ao menos ao princípio, com poder afetar a personalidade, mesmo que seja só nos limites em que o faz a histeria e o sonambulismo, atuando de um modo predeterminado e útil, onde estas duas afecções exerçam uma ação mais prejudicial e irregular. É já uma grande esperança poder inibir a dor, como no caso do histérico, concentrar a atenção como faz o sonambulismo ou descobrir e fixar parte dessa faculdade supranormal, cujos resplendores fugidios enxergamos durante a visão ou durante o sonho. Na natureza intrínseca da faculdade trazida à luz e não no conhecimento de sua direção natural, que freqüentemente depende de uma ordem emanada da região supraliminar, é onde devemos procurar uma prova a favor de sua procedência das camadas profundas de nosso ser.

O nome de Mesmer é o que primeiro se deve mencionar na história do hipnotismo. Acreditava, em princípio, nos eflúvios terapêuticos e seu método parece ter sido uma combinação de passes, de sugestão e de uma presumível “metalo” ou “magnetoterapia” (a célebre cubeta) que, indubitavelmente, nada mais era do que uma forma de sugestão. Seus resultados, ainda que des-

critos de maneira imperfeita, não passam de experiências pessoais. As crises que sofriam alguns de seus pacientes são semelhantes às crises de histeria; mas é provável que fossem freqüentemente seguidas de rápida melhora, sem a qual não exerceriam uma impressão tão forte nos sábios e na burguesia de Paris. Devemos, também, a Mesmer o primeiro conceito dos poderes terapêuticos de uma brusca e profunda modificação nervosa. Devemos-lhe, ainda, em grande parte, a doutrina da influência nervosa ou dos eflúvios nervosos que passam de um homem a outro, doutrina que, apesar de despojada da importância excessiva que ele lhe atribuía, não pode ser, a meu ver, ignorada ou negada.

O mais importante de seus sucessores imediatos, o marquês de Puysegur, parece, pelo que se denota de seus escritos,[55] um dos homens mais hábeis e puros entre os praticantes do mesmerismo; também foi um dos que fizeram experimentos em grande escala e com um objetivo que não era unicamente terapêutico. Quase se pode dizer que foi o descobridor do sonambulismo; obteve a clarividência e a telestesia em diversos indivíduos e descreveu seus casos com tantos detalhes, que é difícil ver em tudo isso o resultado de uma observação defeituosa, ou de telepatia emanada de pessoas presentes. Outros observadores, como por exemplo Bertrand, um médico de alto gabarito, seguiram o mesmo caminho e esse breve período é, talvez, de todos os que mencionamos em nosso tema, o mais fértil em experiências desinteressadas.

Vem, em seguida, a era inaugurada por Elliotson, na Inglaterra, e por Esdaille, em seu hospital em Calcutá. Seu procedimento consistia em passes mesmerianos; o principal intuito de Elliotson era a cura direta das enfermidades, enquanto que Esdaille se propunha, especificamente, a obter uma anestesia suficientemente profunda para poder executar operações cirúrgicas. O êxito deste último foi ímpar e, deixando de lado os fenômenos paranormais, os resultados obtidos por ele constituem o fato mais extraordinário da história do mesmerismo. Se esses resultados não estivessem consignados nas atas oficiais, a aparente impos-

sibilidade de reproduzi-los bastaria, naquela época, para desacreditar totalmente o procedimento em questão.

O grande passo seguinte dado pelo hipnotismo foi considerado por Elliotson e seu grupo como uma demonstração hostil. Quando Braid descobriu que a hipnose pode ser produzida sem passes, os mesmerianos acreditaram estar seriamente ameaçada sua teoria dos eflúvios terapêuticos. E era certo: porque essa teoria foi, na realidade, relegada ao esquecimento, de maneira demasiadamente absoluta, na minha opinião, pelo recurso, cada vez mais amplo e exclusivo, da simples sugestão. As experiências de Braid diferem consideravelmente daquelas praticadas antes e depois dele. Seu método inicial da visão convergente produziu resultados que ninguém conseguiu atingir, depois dele; e o estado que obtinha lhe parecia suscetível de deter e dissipar enfermidades que nem o hipnotizador nem o paciente acreditavam suscetíveis de cura. Porém, mais tarde abandonou esse processo, a favor da simples sugestão verbal, porque se assegurou que a única coisa necessária era preocupar-se em influir nas idéias do paciente. Mostrou, a seguir, que todos os fenômenos chamados frenológicos e que os efeitos presumíveis dos ímãs, dos metais, etc., também podiam ser produto da sugestão. Assim, atribuía importância enorme ao poder do paciente em resistir às ordens do operador e a produzir sobre si mesmo os efeitos do hipnotismo, sem ajuda do operador. A inovação mais importante, introduzida por Braid, foi, na minha opinião, a possibilidade da auto-hipnotização, por concentração da vontade. Essa experiência nova sobre as faculdades humanas, sob certo aspecto a mais importante de todas, conseguiu apenas escassos imitadores. Falando das idéias divulgadas pelo grupo de Braid, devemos mencionar um hábil experimentador, ainda que inferior a Braid, cujas obras parecia desconhecer.

Vamos falar do Dr. Fahnestok, cuja obra *Stavolism, or Artificial Somnambulism* (Chicago, 1871) não atraiu a atenção que merecia, quer por causa de seu estranho título, por causa de sua falta de clareza, quer por causa de sua publicação numa cidade que, naquela época, achava-se totalmente nos confins da civilização. Fahnestok parece ter obtido, pela auto-sugestão em pesso-

as sãs, resultados que, sob muitos aspectos, são muito superiores aos demais conhecidos até então.

Não temos razão alguma para duvidar desses resultados, só porque não foram reproduzidos com o mesmo êxito; e meu objetivo é precisamente mostrar que na história do hipnotismo, a impossibilidade de reproduzir com êxito as experiências que outros realizaram com sucesso não tem importância alguma.

O hipnotismo recebeu um novo impulso na França, graças a Charles Richet, cuja obra está liberta de toda estreiteza de critério e de toda conceituação falsa; mas o movimento inaugurado por ele foi impulsionado numa direção singular e infeliz por Charcot e sua escola. Fato estranho: Charcot, que foi talvez o único homem eminente que deveu sua reputação profissional exclusivamente a seus trabalhos sobre o hipnotismo, é, ao mesmo tempo, o homem cujas idéias são consideradas naturalmente errôneas e que aparece a todos como tendo seguido um caminho errado, do qual querem os seus discípulos afastar-se agora. Os principais resultados obtidos por Charcot (como os de seus antecessores supracitados) são os que se reproduzem com raridade depois. As famosas "três fases" do *hipnotismo maior* são coisas nas quais hoje ninguém crê. Mas isto não se aplica ao que outros hipnotizadores possam obter, caso o queiram, mas ao qual as experiências mostraram que os resultados e os sintomas, aos quais Charcot atribuía enorme importância, só são o produto superficial de sugestões prolongadas e, por assim dizer, endêmicas, como as observadas em Salpêtrière.

Chegamos à corrente atual de maior importância e que conta em seu ativo com o maior número de curas. A escola de Nancy, iniciada por Liébault, combate, pouco a pouco, com uma crescente convicção, os presumíveis "sinais somáticos" de Charcot, a irritabilidade neuromuscular, etc., que era considerada como a condição essencial do hipnotismo, até que Bernheim declarou corajosamente que o estado hipnótico é igual ao sono comum e que a sugestão hipnótica era a única causa da reação hipnótica, nada mais sendo do que um simples conselho ou ordem verbal. Isso, infelizmente, era demasiadamente simples para ser correto. Nenhum sono, entre um milhão, constitui realmente o estado

hipnótico, e nem a sugestão, entre um milhão, alcança o *eu* subliminar nem influi realmente sobre ele. Se as teorias de Bernheim, consideradas em sua última expressão, fossem verdadeiras, na atualidade ter-se-iam curado todos os doentes.

O que Bernheim fez foi curar muitas pessoas sem passes mesmerianos, sem nenhuma crença na força superior à do operador ou à do indivíduo que iria ser hipnotizado. E, nesse aspecto, estão as suas experiências mais valiosas, que mostram o hipnotismo reduzido a seus aspectos mais simples.

"O sono hipnótico – disse com efeito Bernheim – é o sono comum, a sugestão hipnótica, uma ordem comum. Ordena-se ao paciente que durma e, caso durma, ordena-se que se porte bem e, imediatamente, se porta bem." Desse modo ouvimos ao prestidigitador que nos explica "como realizou suas façanhas" sem esperar reproduzi-las com um resultado tão brilhante. Uma ordem comum não consegue curar um homem comum de seu reumatismo ou de odiar o cheiro de aguardente que tanto apreciava, até então. Resumindo: a sugestão é algo mais complexo do que uma palavra; supõe com certeza uma profunda mudança nervosa, provocada por uma atividade nervosa vinda de dentro ou de fora. Antes de ficarmos satisfeitos com a fórmula de Bernheim, devemos considerar novamente as mudanças a que nos propomos efetuar e ver se os métodos empregados até aqui pelos hipnotizadores eram capazes de provocá-las.

Segundo Bernheim, somos todos suscetíveis à sugestão e o que nos propomos obter é um aumento de nossa suscetibilidade a ela. Mas deixemos, por um momento, do encanto das palavras do oráculo. Trata-se de tornar o organismo mais obediente, para o fim a que o dedicamos. O sono, com o qual geralmente se identifica o hipnotismo, não constitui, neste caso, uma condição essencial, porque as modificações subliminares se obtêm, com freqüência, sem vestígio algum de sonolência.

Vejamos, agora, se certas ações nervosas, ora difusas, ora especializadas, tendem a fazer surgir, não o sono nem a catalepsia, antes essa espécie de reação fácil com a ajuda de gestos visíveis, ou com processos ativadores nutritivos invisíveis, que constituem a hipnose, tal como é entendida na prática, com seriedade.

Entre os agentes externos suscetíveis de influir sobre o sistema nervoso, em geral, os medicamentos narcóticos ocupam o primeiro lugar. O ópio, o álcool, o clorofórmio, a *cannabis indica*, etc., afetam o sistema nervoso de maneira tão especial, que tornam a idéia de empregá-los a título de agentes hipnóticos completamente natural. E alguns pesquisadores observaram, com efeito, que uma ligeira cloroformização torna os indivíduos mais sensíveis à sugestão. Janet citou um caso de sugestibilidade produzido durante a convalescença do *delirium tremens*. Outros hipnotizadores (Bramwell) descobriram que o clorofórmio tornava os indivíduos menos hipnotizáveis e o álcool é, no geral, considerado como um agente que diminui a suscetibilidade hipnótica. Aguardando outras experiências com os diversos narcóticos, podemos dizer que os resultados conhecidos até agora tornam pouco provável a opinião que considera a hipnose como o resultado de uma atividade fisiológica direta, exercida por agentes externos.

A semelhança aparente entre a narcose e a hipnose diminui, com efeito, quando a submetemos a uma análise mais profunda. Produz-se, tanto numa como na outra, uma fase caracterizada por uma ideação incoerente, delirante; só que, no sujeito narcotizado, esta fase precede o estado de inibição de todo o sistema nervoso e os centros superiores são os primeiros a paralisar; enquanto que na hipnose a inibição das faculdades supraliminares parece, na maioria dos casos, só uma condição preliminar necessária à entrada em jogo de faculdades novas, entranhadas nas profundas regiões do *eu*.

Temos que citar ainda, no número de fatores externos capazes de produzir efeitos difusos em todo o sistema nervoso, as impressões súbitas, cuja ação pode ocasionar a morte por parada do coração, provocar paralisia, ou o *stupor attonitus* (uma forma consagrada de loucura) que determina essa imobilidade cataléptica na qual um simples soar de gongo pode aterrorizar uma doente de Salpêtrière.

Fenômenos semelhantes foram observados em certos animais, como a rã, o escaravelho, etc. Todavia, o caráter hipnótico desses estados é extremamente duvidoso. Não se demonstrou a existên-

cia, nos casos desse gênero, de uma verdadeira faculdade de reação, de obediência à sugestão, a menos que se trate (como em certos casos da Salpêtrière) de uma forma de sugestão tão evidente e habitual que a obediência a essa sugestão possa ser considerada como parte do estado cataléptico. Assim, a "maleabilidade" do cataléptico, cujos braços se mantêm na posição em que os colocaram, deve ser considerada com maior exatidão, como um estado caracterizado por um poder de reação menos forte e rápida aos estímulos internos e externos.

Existe uma forma de produção da hipnose entre certas pessoas histéricas, que se distancia igualmente dos estímulos maciços, difusos e das ações locais. É, propriamente dito, um estímulo local; mas não se vê por que razão, a não ser que seja em virtude de um capricho profundo do organismo, o trajeto especial, que neste caso é um trajeto sensitivo, se desenvolveu numa direção mais do que em outra.

Falo da produção do estado hipnótico como conseqüência da pressão exercida sobre o que se chama de *zonas hipnógicas*, cujo ponto de partida é constituído pelas zonas de anestesia que se encontram nos histéricos, os "estigmas das bruxas" de nossos antepassados.

De acordo com o que sabemos atualmente acerca disso, a disposição desses "estigmas" é completamente arbitrária, isto é, não parece depender de nenhuma lesão central como as "dores irradiadas" que se produzem durante o curso de lesões orgânicas profundas e que se manifestam por zonas de sensibilidade superficial que seguem a disposição dos troncos nervosos. As zonas anestésicas são um exemplo do que eu convencionei chamar de auto-sugestão irracional da zona hipnótica e são, com mais precisão, determinadas por caprichos incoerentes do que por antecedentes puramente fisiológicos. Quanto aos pontos que se chamam de *zonas histeróginas*, *zonas hipnógicas*, *zonas hipnofrenatrices*, etc., e que sua constância no mesmo indivíduo poderia fazer com que fossem consideradas como a causa fisiológica imediata da ação subseqüente à pressão exercida em seu nível, parecem-me, apesar de sua constância, como localizações puramente arbitrárias, criadas em virtude de uma decisão incons-

ciente do *eu* subliminar, do qual constitui o resultado externo. A pressão local exercida ao nível desses pontos não seria, na minha opinião, mais do que um simples sinal, um aviso às faculdades preexistentes dos centros da camada hipnótica, cujo funcionamento não se submete a lei alguma. Onde outros vêem uma ação fisiológica, vejo tão-somente o efeito da auto-sugestão.

Certos técnicos recorreram, para praticar a sugestão, ao que se chama de *estimulação monótona*. Dessa forma, Auguste Voisin, ao se ocupar de pessoas incapazes de fixar sua atenção, recorreu ao seguinte procedimento: depois de separar as pálpebras com a ajuda de um blefaróstato, fazia com que fixassem a vista durante horas seguidas num ponto ou num objeto qualquer, por exemplo, uma lanterna elétrica acesa. Os indivíduos acabavam por cair num estado semicomatoso, que os tornava extremamente suscetíveis à sugestão. Trata-se, neste caso, de um antecedente verdadeiramente fisiológico do sono hipnótico? Não o creio. A excitabilidade mórbida dos indivíduos constituía simplesmente um obstáculo para a hipnose e, se tivessem sido capazes de prestar uma atenção suficiente à sugestão verbal (que foi necessária em todos os casos), o sono hipnótico teria sido obtido sem estimulação monótona.

As estimulações monótonas, por exemplo, o tique-taque de um relógio, o ruído produzido pela hélice de um navio, longe de serem capazes de provocar sempre a hipnose, na maioria dos casos terminam por desviar a nossa atenção ou por nos incomodar. O mesmo ocorre com o embalo, que ainda que sirva para adormecer algumas crianças, atua de maneira irritante sobre outras. Em todo o caso, o embalo atua sobre os centros espinais e os canais semicirculares, e sua ação soporífica deve-se menos à sua repetição monótona do que aos movimentos maciços do organismo. Os mesmos “passes” atuam menos como estimulação monótona do que como simples sugestão e isso de acordo com a experiência de técnicos como Milne Bramwell, que os empregam sempre com êxito.

A conclusão que se depreende de nossa análise dos processos que se supõe exerçam uma ação fisiológica que termina no sono hipnótico, é que estes comportamentos constituem somente

maneiras diversas de praticar a *sugestão* e isso nos leva a considerar, com a escola de Nancy, a sugestão como único meio de provocar a hipnose.

Mas como e em que condições atua a sugestão? É evidente que a obediência à sugestão não pode depender da vontade do indivíduo, pela simples e única razão de que se dirige a uma região situada muito além da região em que se manifesta a vontade. Tal indivíduo pode desejar curar-se de determinada doença, pode desejar obedecer, mas uma simples expressão verbal feita por alguém de seu desejo, que sob a forma de uma ordem ou um impulso não basta para concretizar sua cura. Para que o resultado desejado se produza é necessária a interferência de outro fator, que até agora não foi suficientemente considerado: é necessário que a sugestão externa se transforme numa sugestão vinda de dentro, isto é, numa auto-sugestão, e assim a sugestão se converte num "apelo eficaz ao *eu* subliminar", não só necessariamente ao *eu* em seu aspecto mais central e unitário, mas ao menos a uma das camadas das faculdades subliminares que descrevi anteriormente. Ao formular essa definição da sugestão, não desejo, em absoluto, dar qualquer explicação acerca da sua eficácia em certos casos e de sua ineficácia em outros. Tudo que posso dizer é que a maior ou menor eficácia da sugestão não depende, como até agora se acreditou, desta ou daquela diferença entre os diversos meios de sugestão empregados. A ação da sugestão é caprichosa e não se deixa reduzir a leis; mas encontramos a mesma aparência arbitrária e fortuita nos fenômenos da desintegração da personalidade, do gênio, do sono, do automatismo motor e sensorial. Encontramo-nos ali diante de um mistério que é parte do mistério relativo às relações existentes entre o *eu* subliminar e o *eu* supraliminar.

Mais tarde iremos tratar de esclarecer um pouco esse mistério. Vejamos, entretanto, se a concepção do *eu* subliminar pode, por sua natureza, proporcionar novos elementos suscetíveis de lançar um pouco de luz sobre os fenômenos hipnóticos.

Podemos dizer, em primeiro lugar, que, tendo descoberto o fato de que as faculdades subliminares encontram seu mais completo desenvolvimento durante a fase do sono, devemos

esperar que a evocação artificial dessas faculdades seja, por sua vez, seguida do próprio sono. Mas é precisamente um estado particular semelhante ao sono, o que caracteriza principalmente a hipnose; e ainda que as chamadas sugestões hipnóticas manifestem, às vezes, seus efeitos durante a vigília, os maiores êxitos terapêuticos obtidos mediante o hipnotismo produziram-se durante um sono mais ou menos profundo, um sono compatível com atividades mais ou menos estranhas, mas que é seguramente mais profundo do que o sono normal. Eu me absterei de seguir a Bernheim, que assemelha o sono hipnótico ao sono normal. Direi, antes, que no hipnotismo, da mesma forma que no êxtase, na letargia e no sonambulismo, o *eu* subliminar aparece na superfície de um modo que conhecemos e substitui ao *eu* supraliminar na medida necessária para o cumprimento de sua obra. O caráter dessa obra já o conhecemos, só que aquilo que vimos, em outras ocasiões, se realizar espontaneamente, se produz então, como resposta ao nosso chamado.

Este conceito simplificado do hipnotismo nos permitirá compreender muitos fenômenos cuja interpretação e explicação são ainda muito discutidas. Assim, as diferentes fases do estado hipnótico descritas por Charcot, Liébault e Gurney, cada uma das quais apresenta, como disse Gurney, sua própria memória, sem relação nem confusão com a memória dos estados que a precedem ou a seguem; estas fases, dissemos, demonstram uma notável semelhança com as desintegrações mórbidas da personalidade, com as multiplicações da personalidade que descrevemos no capítulo II, onde vimos que cada nova personalidade apresentava lacunas, soluções de continuidade na corrente mnemônica. As fases hipnóticas apresentam personalidades secundárias ou alternativas de um tipo superficial e por isso mesmo eminentemente próprias para mostrar-nos a que gênero de desintegração subliminar são devidas as desintegrações mais profundas da personalidade.

A fase mais profunda do sono hipnótico poderia ser definida como uma adaptação científica feita, tendo em vista um fim definido, em cuja disposição se intensifica o que pode ser útil e se afasta o que pode constituir um obstáculo. Nosso sono normal

é, por sua vez, instável e incapaz de reação; podem-nos despertar com o espetar de uma agulha, mas quando nos falam não ouvimos nem respondemos nada, a menos que nos desperte o ruído das palavras. Esse é o sono criado pelas necessidades de nossos temerosos antepassados.

O sono hipnótico é, ao mesmo tempo, instável e capaz de reação; resistente às excitações que deseja ignorar, facilmente acessível às chamadas a que se decide responder. Espete-se ou belisque-se o indivíduo hipnotizado e, ainda que certas camadas de sua personalidade possam ser em determinado ponto conscientes do ato, não será o sono por isso interrompido. Mas, quando se lhe dirige a palavra ou se conversa pausadamente diante dele, ouve, por mais profunda que seja a sua letargia aparente. Isso ocorre na fase inicial do sono; numa fase mais profunda, o *eu* supraliminar encontra-se, finalmente, em completa liberdade e é capaz não só de receber, mas também de responder. O estado hipnótico tem por objetivo facilitar e tornar possível a direção supraliminar do *eu* subliminar.

Esta direção se exerce por dois caminhos diferentes e atua quer por *inibição*, quer pela *dinamogenia*, isto é, reprimindo certos atos, certas emoções e certos estados afetivos, ou provocando e favorecendo outros. E nisto a sugestão hipnótica aproxima-se da educação, que, igualmente, tem por objetivo impedir nas crianças o desenvolvimento de certos instintos e hábitos reputados maus e favorecer outros instintos e hábitos reputados bons.

Sem dúvida, o trabalho da dinamogenia na educação apresenta dificuldades muito maiores do que o da inibição. Sabemos muito bem o que queremos impedir que a criança faça; é muito mais difícil determinar o que deve uma boa educação ensiná-la a fazer. A primeira lição que lhe inculcamos, a *atenção*, é na realidade de um alcance do qual não nos damos conta. Contentamo-nos, igualmente, com o lado negativo da lição que consiste na inibição do pensamento disperso; a *intensidade* da atenção assim obtida constitui um problema à parte. A educação intelectual que a atenção torna possível compreende o exercício das faculdades de percepção, de memória e de imaginação; mas

todas essas faculdades freqüentemente adquiriram um grau de intensidade considerável, mediante a sugestão hipnótica. Por sua vez, a educação moral supõe o exercício da atenção, principalmente na direção emocional, tanto mediante a inibição como a dinamogenia. Eliminamos os temores mórbidos inculcando os conceitos de valor e de respeito próprio; servimo-nos do "poder de expulsão dos novos afetos" para suprimir os desejos indignos. Existem numerosos exemplos que mostram o poder da sugestão nos casos em que a vida parece irremediavelmente arruinada por alguma preocupação obsessiva ou algum medo irresistível.

As virtudes pessoais dependem, antes de tudo, do poder da inibição, enquanto que a dinamogenia se torna necessária quando estas virtudes têm necessidade de ser antes estimuladas que contidas, aplicando-se o estímulo aos instintos já existentes. Cada um de nós deseja, em maior ou menor grau, a saúde, a riqueza, a consideração, o êxito. Mas, quando das virtudes pessoais passamos às virtudes altruístas, não estamos seguros de encontrar um impulso pronto a se desenvolver.

Quando se alcançou um certo grau de generosidade e de afabilidade, encontramo-nos diante de qualidades superiores de abnegação, de entusiasmo pessoal, etc., que superam o alcance da educação comum e da sugestão hipnótica comum. Certos dipsômanos e morfinômanos curados levam uma vida digna de consideração; alcançaram, por assim dizer, um certo grau de estabilidade moral; mas é pouco provável que sejam capazes de manifestar virtudes superiores.

Na realidade, ninguém pode pedir ao médico que lhe proporcione a santidade; do mesmo modo que não pode esperar que um homem egoísta e feliz se transforme num homem generoso e separado dos bens deste mundo: esse homem se adaptou a seu modo ao meio em que vive e não pede para ser mudado profundamente. Não é, pois, nos quartos dos hospitais nem nos consultórios que encontraremos as grandes mudanças de caráter com relação aos fins espirituais. Essas mudanças não podem ser o objetivo de experimentos realizados a sangue frio. Assim não se produzem. Em todos os povos e em todas as épocas houve conversões, mudanças e aprimoramentos de caráter atribuídos à

graça divina e mais tarde veremos que sobre esse aspecto nosso exame dos efeitos do hipnotismo se confunde com as considerações mais amplas sobre o poder espiritual do homem.

Mas, antes de chegar a este ponto de vista mais amplo, devemos passar em revista, sucessivamente, as diferentes formas, tanto de inibição como de dinamogenia, que constituem a educação comum desde o berço.

A forma mais comum de restrição ou de inibição consiste, como já dissemos, nos esforços que fazemos para evitar que a criança adquira "maus hábitos". Essas associações mórbidas dos centros motores, de início agradáveis, acabam sempre por tornarem-se incuráveis, até o ponto de resistir a qualquer tratamento, até o ponto em que um ato aparentemente insignificante como chupar o dedo pode causar graves distúrbios.

Sem dúvida, os resultados da sugestão são os mais inexplicáveis, nos casos desse gênero. Em parte alguma assistimos a tão completa libertação, quase momentânea, de um costume que anos inteiros de penosos esforços não conseguiram suprimir.

Esses casos eqüidistam da terapêutica comum e da persuasão moral. A importância de encontrar aqui o meio de tratamento mais breve e rápido salta à vista e não temos razão alguma para crer que as curas assim obtidas sejam menos completas e mais permanentes do que as devidas a um esforço moral, lento e gradual. Não se devem perder de vista esses fatos quando se percorre toda a série de efeitos hipnóticos superiores, porque são de natureza a nos tirar qualquer inquietude com relação à exclusão possível de todo exercício ou esforço moral, nos casos de cura rápida e quase milagrosa. Devemos supor que cada um desses esforços consiste numa modificação de certos grupos de centros nervosos e precisamente nisso o resultado que o treinamento moral obtém na região da consciência é mais lento e penoso. Entre essas duas formas de agir existe a mesma diferença que separa os resultados obtidos pela aplicação intelectual comum dos que realiza o homem de gênio. O homem a quem se sugeriu a "sobriedade" pode, sem dúvida, liberar-se de todo esforço de paciência e de resolução, da mesma forma que o escolar Gauss, que escrevia as soluções dos problemas enquanto

estes eram enunciados, ao invés de ficar horas refletindo sobre eles. Mas o progresso moral é, essencialmente, tão ilimitado quanto as ciências matemáticas e o homem cujo caráter sofreu, num ponto qualquer, uma transformação, sem que isso lhe custasse o menor esforço, pode ainda encontrar na vida ocasiões de realizar um esforço moral, de adestrar seu caráter e de tomar decisões.

Entre os maus hábitos aqui tratados, a *cleptomania* apresenta um interesse particular, porque é freqüente um indivíduo sentir a tentação de se perguntar se este, assim chamado, costume mórbido não serve de desculpa para uma simples tendência criminosa. Todavia, os resultados obtidos pelo tratamento são a melhor prova da existência de uma enfermidade; e certas curas mostram que o impulso, neste caso, se deve realmente a uma excitabilidade mórbida dos centros motores, movidos por um estímulo especial, uma idéia fixa que tende a se transformar, imediatamente, em ato.

Certas palavras e atos *violentos* correspondem à mesma categoria dos casos em que o impulso de gritar ou de golpear adquiriu a rapidez irracional e automática de um *tic*; só podem ser inibidos através da sugestão, da mesma forma que certas aberrações sexuais.

Os narcóticos e certas substâncias estimulantes constituem uma ameaça perpétua à moralidade humana. Por um estranho acidente de nosso desenvolvimento, a tendência de nosso organismo ao emprego de certas drogas, o álcool, o ópio, etc., é suficientemente poderosa para prevalecer em muitas pessoas não só sobre os impulsos altruístas, que são de aquisição recente, mas também sobre as tendências primitivas de defesa e de conservação pessoal. Vemo-nos aqui, novamente, por assim dizer, diante da "quimiotaxia" dos organismos inferiores e nos envolvemos num estranho conflito entre nossa responsabilidade moral e nossas afinidades moleculares, uma vez que nossa vontade central encontra-se saturada por inumeráveis elementos inertes de nosso ser. Nesses estados, a sugestão hipnótica opera de uma forma bastante curiosa, menos no sentido de um fortalecimento de nossa vontade central do que no de uma nova junção molecu-

lar; deixa o paciente, indiferente ao estimulante, que quase lhe produz nojo. O homem sobre o qual o álcool produzia anteriormente alegria ou terror extremados, comporta-se então como se vivesse num mundo onde não existisse o álcool.

Também o escravo da morfina recobra às vezes uma liberdade semelhante. Antigamente acreditava-se que as curas dos morfinômanos eram equivalentes à sua morte, tendo em vista os numerosos suicídios levados a cabo pelos morfinômanos privados de seu estimulante. Mas em certos casos, curados pela sugestão, a súbita privação não deixou atrás de si desejo algum nem lamento. Trata-se de algo mais profundo do que uma reforma moral: dir-se-ia que um espírito permanecia intacto no meio das degradações sofridas pelo corpo.

Chegamos às idéias conhecidas sob o nome de *fobias*, como a agorafobia, a claustrofobia, a misofobia (temor de contaminação), que expressam uma espécie de deslocamento ou de contração da atenção, nas quais a sugestão se mostra às vezes muito eficaz, quer suscitando a atividade dos centros antagônicos, quer abrindo canais até então fechados, determinando, numa palavra, um rápido desaparecimento da idéia obsessiva. Refiro-me, nos casos deste gênero, a uma mudança intelectual que consiste na reposição da atenção deslocada. Mas os efeitos morais não são menos importantes do que nos casos de inibição da dipsomania, etc., que já foram por nós mencionados. Esses terrores mórbidos que a sugestão faz desaparecer atuam arruinando e degradando o caráter. Os elementos de antipatia, de ciúmes, que freqüentemente encerram, tornam os sujeitos que os padecem tão perigosos para os demais como odiosos para si mesmos.

A supressão dessas idéias fixas, mediante a sugestão, lembra um pouco a extirpação cirúrgica dos tumores do organismo. Mas, a extirpação dos tumores não constitui a única maneira de limpar o organismo; e o organismo psíquico, para prosseguir a nossa metáfora, está igualmente sujeito a destruições e retenções que, com freqüência, é preciso em parte dissipar. O tesouro da memória pode acumular resíduos. Os ensinamentos tirados da experiência são freqüentemente absorvidos e a calma filosófica pode degenerar em apatia. “A experiência acumulada, afirmou-se com

toda a razão, paralisa a ação, perturba a reação lógica do indivíduo ao meio. A falta de controle que, com freqüência, marca a decadência das faculdades mentais, não é (às vezes) mais do que um controle defeituoso, produzido pela preponderância das influências secundárias sobre as primitivas”.[56]

Deste modo, a eliminação da *falsa vergonha* através da sugestão hipnótica constitui, na realidade, uma limpeza da memória, uma inibição da lembrança de antigas faltas e um colocar em movimento as aptidões necessárias num certo momento. Assim, no caso de um rapaz ao qual se pede para recitar em público, o hipnotismo, ao despertar o instinto primitivo da loquacidade, liberta-o do paralisante medo ao ridículo. Ao contrário, no músico uma sugestão semelhante fará com que desapareça o instinto secundário adquirido pelos dedos, ao libertá-lo de instintos secundários de indecisão e embaraço, próprios do escolar.

Devo aqui observar (de acordo com Gurney e Bramwell) que o termo *monoideísmo* aplicado aos estados hipnóticos parece-me totalmente inadequado. Ocorre, com certeza, no indivíduo hipnotizado uma *seleção* de idéias e uma *concentração* da atenção sobre esta ou aquela idéia pré-escolhida; mas essas idéias podem, por sua vez, ser complexas e mutáveis e nisso reside uma das diferenças que separam o estado hipnótico do sonambulismo, no qual encontramos, com freqüência, um grupo muito restrito de centros cerebrais chamados à ação. A doméstica sonâmbula, por exemplo, segue pondo a mesa do chá, ainda que se ordene outra coisa, e isto é, com efeito, monoideísmo; mas o indivíduo hipnotizado é capaz de obedecer simultaneamente a ordens mais variadas e numerosas do que faria durante a vigília.

Dessas inibições da memória ou da atenção dirigida para as experiências do passado, dirigimos a atenção para a experiência atual. E aqui chegamos a um ponto central, a *mancha amarela* do campo mental e veremos que entre os efeitos mais importantes do hipnotismo, alguns podem ser considerados como modificações da *atenção*.

Qualquer modificação da atenção pode realizar-se quer no sentido de interrupção, quer no de estimulação, ou nos dois ao mesmo tempo. Indubitavelmente, eu espantaria mais de um

leitor, ao dizer que a *supressão hipnótica da dor* é devida a uma *inibição da atenção*. Nas anestesias de causa orgânica (envenenamento, traumatismo, etc.) são produzidas modificações na estrutura íntima dos nervos que têm como conseqüência não só a supressão de sua comunicação com o sistema nervoso central, mas também a diminuição, inclusive o desaparecimento, da atividade funcional do nervo em geral; ao contrário, na anestesia hipnótica, o sistema nervoso permanece tão vigoroso e ativo como sempre, quase capaz tanto de transmitir a dor, como de inibi-la; numa palavra, o indivíduo hipnotizado está *sobre* a dor, ao invés de estar *sob* ela. O hipnotismo tem por fim não suprimir a causa orgânica, física da dor, antes debilitar a faculdade de representação, mediante a qual nosso sistema nervoso central transforma em dor esta ou aquela perturbação orgânica. Esse enfraquecimento nem sempre chega à eliminação completa; com freqüência, a dor que pode ser suprimida durante o transcorrer de uma operação, estando o enfermo hipnotizado e inclusive anestesiado, desperta, num certo momento, durante o sono (por exemplo), o que prova que a dor esteve simplesmente relegada a uma das camadas de nossa consciência, inacessíveis ao nosso exame e aos nossos olhares.

Esse poder de inibição que o hipnotismo possui proporciona, por menos que o indivíduo se considere sugestionável, um poder de *concentração* da atenção, de *escolha* no exercício de nossas faculdades, e isto nos permite separar, relegar a uma camada profunda de nossa consciência, todas as faculdades que não sejam estritamente necessárias para alcançar o fim a que se propusera. Isto supõe uma dissociação dos elementos que até aqui pareciam indissoluvelmente ligados, e a escolha entre os que são imediatamente indispensáveis e os que, sem ser de qualquer utilidade no momento, nada mais fazem do que distrair nossa atenção. Chegamos assim a uma concentração desta última, que com freqüência pode alcançar um grau comparável ao que acreditamos tenha existido entre os Newtons e os Arquimedes.

A inibição compreendida desta forma aproxima-se ao que se poderia chamar a *atividade dinamogênica* da sugestão hipnótica.

Mas, neste caso, a dinamogenia mostra, por assim dizer, um caráter meramente *negativo*: elevamos o grau de uma faculdade, a atenção, separando-a dos objetos que não podem ser considerados como meios que permitam alcançar um fim definido; devolvemos-lhe em intensidade o que lhe fizemos perder em extensão.

Mas a sugestão hipnótica tem ainda uma ação dinamogênica *positiva*, isto é, capaz de aumentar a vitalidade, de fortalecer a vontade, de tornar mais intensa a energia e o funcionamento de todas as nossas faculdades, sem recorrer à inibição. Assim procedendo parece tirar do organismo mais do que lhe é permitido pelas condições fisiológicas. É verdade que a energia física do organismo depende de condições fisiológicas como o calor e a nutrição. Mas, mesmo dentro desses limites, muito amplos por outro lado, do metabolismo fisiológico, a energia produzida mediante o calor e a nutrição é suscetível de variações indefinidas, tanto no caráter como na intensidade. Da mesma forma, a energia psíquica está muito longe de ser fechada num circuito estreito, de apresentar um grau constante. Com a educação nos propomos a:

1) que nossos filhos adquiram, através de seus órgãos sensoriais externos, todos os divertimentos sadios, todos os conhecimentos que esses órgãos são capazes de proporcionar;
2) dar a seus órgãos sensoriais centrais, ou ao mundo interior da imaginação, uma fecundidade sadia e útil;
3) tornar as crianças capazes de dominar suas energias intelectuais retendo, através da memória, todos os atos que anteriormente solicitaram sua atenção;
4) converter seus conhecimentos e sua imaginação em sabedoria e virtude, através do exercício da vontade esclarecida.

Este é um caminho lento e difícil; mas veremos que em cada caso a sugestão hipnótica nos proporciona um início de ajuda e contribuição.

A ação da sugestão sobre nossas *faculdades de percepção* através dos órgãos dos sentidos externos manifesta-se, principalmente, de três maneiras:

a) pela restituição dos sentidos comuns, afetados por uma anomalia de funcionamento, ao estado normal;

b) pela intensificação dos sentidos comuns: hiperestesia;

c) pelo desenvolvimento de novos sentidos: heterestesia.

No que concerne à primeira categoria, trata-se, na maioria dos casos, quer de um costume adquirido pelo *eu* subliminar para compensar um defeito orgânico real (espasmo involuntário do músculo ciliar, para corrigir uma insuficiência do cristalino), quer de uma insuficiência da atenção. Portanto, basta suprimir-se o costume ou despertar a atenção, e ambos os efeitos não podem ser obtidos a não ser com a ajuda da sugestão hipnótica, para devolver o órgão ao seu funcionamento normal.

Os casos de hiperestesia são muito numerosos e de maneira suficientemente provada para que haja necessidade de insistir aqui sobre eles. Digamos, unicamente, que provam que o funcionamento dos nossos sentidos só apresenta o mínimo de adaptação a nossas necessidades cotidianas, mas possuem potencialidades latentes que a sugestão hipnótica pode trazer à luz.

Os casos de heterestesia apresentam-se de maneira um tanto diversa. É possível que a heterestesia constitua unicamente uma manifestação de certos sentidos que herdamos do protoplasma primitivo, o qual estava provavelmente dotado de *panestesia*, isto é, que possuía latente todos os sentidos próprios dos seres vivos. Destes sentidos não desenvolveram durante o curso da evolução mais do que os adaptados aos nossos fins e necessidades humanas terrenas; portanto, encontraram-se providos de órgãos terminais. Mas isso não exclui a possibilidade da existência de outros sentidos que não tiveram ocasião de se exteriorizar, mas que, a exemplo dos trajetos olfativos e óticos, não permanecem no sistema nervoso central. É, portanto, improvável que o impulso externo ou interno seja capaz de torná-los evidentes à inteligência desperta, ou ao menos perceptíveis no estado de concentração limitada (êxtase). Mas, por outro lado, sinto-me

inclinado a pensar que as percepções, aparentemente novas, da heterestesia representam somente uma mistura de formas comuns de percepção levadas ao novo grau, interpretadas pelo sistema nervoso central com uma acuidade igualmente nova.[57]

Vou agora abordar o estudo dos efeitos dinamogênicos da sugestão sobre os processos vitais centrais, isto é, que afetam quer o sistema vasomotor, quer o sistema neuromuscular, quer, finalmente, os trajetos sensoriais centrais.

No que concerne aos efeitos da sugestão sobre o sistema vasomotor, estes são conhecidos por todos e as experiências acerca deles são de uma simplicidade infantil: coloca-se sob as narinas de um indivíduo um frasco que contém amoníaco, dizendo-lhe que é água de colônia; o sujeito aspira o odor com prazer e seus olhos não lacrimejam. Faz-se a experiência contrária, isto é, dá-se água de colônia e diz-se que é amoníaco; o sujeito espirra e os olhos lacrimejam. Essas experiências mostram a influência que a sugestão hipnótica é capaz de exercer sobre a atividade secretora das glândulas. A "estigmatização", que durante um tempo enorme foi considerada como uma fraude por alguns e como um milagre por outros, não constitui em nossa opinião mais do que um efeito da auto-sugestão sobre o sistema vasomotor, que possui uma plasticidade extrema e um maravilhoso poder de reação.

A estigmatização não é, com efeito, mais do que uma vesicação sugerida ao próprio indivíduo durante o êxtase pela contemplação permanente das chagas de Cristo.

Os efeitos da sugestão sobre nossas *faculdades sensoriais centrais*, sobre nossa faculdade de representação interna de visões, de sons, etc., são muito mais importantes e só foram tratadas até agora de forma superficial. Esses efeitos são conhecidos pelo nome de *alucinações*. Ocupar-nos-emos das alucinações no capítulo sobre o *automatismo sensorial*. Aqui somente diremos que, longe de considerar as alucinações hipnóticas como o efeito de uma inibição, como a expressão de um monoideísmo, ao contrário, enxergamos nelas uma manifestação dinamogênica, uma intensificação da imaginação, que se relaciona às vezes a temas fúteis, mas que de todos os modos representa uma facul-

dade de ordem superior, indispensável, de uma forma ou de outra, à produção das obras que mais admiramos. Esse poder intenso de imaginação não é só efeito da sugestão; possui ainda outra característica, a de confundir-se com nosso *eu* subliminar e de persistir ali em estado latente. Tal prova nos é proporcionada pela exatidão e precisão com que se executam as sugestões pós-hipnóticas, isto é, as ordens sugeridas durante o sono hipnótico, mas que devem ser executadas mais tarde, em data e hora determinados, através de um sinal convencionado. No momento de executar esta ordem, o indivíduo cai, momentaneamente, no sono hipnótico e não se recorda de a ter executado. Isso prova que a ordem sugerida formava parte de uma corrente de recordações que existia simultaneamente com aquela do estado de vigília, mas sem relações com esta última.

A faculdade subliminar que preside as alucinações se exerce em limites muito amplos, tão amplos como os limites nos quais se manifestam os efeitos terapêuticos da sugestão. Com efeito, as alucinações pós-hipnóticas não afetam unicamente a vista e o ouvido (aos quais, com freqüência, se restringem as alucinações espontâneas), mas todas as reações vasomotoras e todas as sensações orgânicas, cardíacas, gástricas, etc., e produzem efeitos que artifício algum conseguiria produzir nas pessoas durante a vigília.

A sugestão atua, portanto, intensificando nosso poder e nossas faculdades sensoriais comuns, elevando a um grau inacessível, no estado normal, nossa capacidade de percepção periférica ou central. Pode-se perguntar até que ponto os órgãos terminais especializados participam nessa atividade exagerada de percepção, e a resposta a esta pergunta nos permitiria esclarecer o estranho fenômeno conhecido sob o nome da *transposição dos sentidos* e que eqüidista entre a hiperestesia e a telestesia ou a clarividência. Sabe-se em que consiste esse fenômeno: é, por assim dizer, a substituição de um órgão dos sentidos por outro, como, por exemplo, a visão com o auxílio da ponta dos dedos, etc. Trata-se de uma verdadeira substituição e um órgão é, realmente, capaz de assumir a função que não lhe corresponde e que é da jurisdição de outro órgão definido, especializado em relação

a esta função? Não o creio. Ao meu ver, as pontas dos dedos não constituem, no caso em questão, um órgão da visão, como as zonas chamadas hipnógenas não constituem órgãos destinados à transmissão da sugestão hipnótica. Trata-se, antes, de um estado de telestesia que não implica necessariamente a percepção pelo organismo corporal; só o espírito que percebe desta forma supranormal se encontra sob a impressão de que percebe através deste ou daquele órgão corporal.[58]

Chego, neste momento, à terceira ordem dos efeitos dinamogênicos da sugestão: à sua influência em especial sobre a *atenção*, a *vontade* e o *caráter*, este último resultado da direção e da persistência da atenção voluntária.

Constatamos, nos fenômenos hipnóticos tratados nesta obra, que a inteligência intervém em certa medida e grau. Passemos agora de uma fase da consciência e da atividade inteligente a outra mais elevada. Pode-se reconhecer, na consciência deste tipo, três graus:

a) ignoro completamente a maneira pela qual o sangue flui em meu braço; é um processo orgânico que se realiza inteiramente sob o nível da consciência;

b) sei, até certo ponto, como movo o braço; é um processo orgânico associado a certas sensações conscientes de escolha e vontade;

c) a partir do momento em que movo o braço, posso compreender, de maneira mais uniforme do que nas fases anteriores, como escrevo letras num papel.

Esse ato encerra um elemento considerável de capacidade adquirida e de escolha consciente. Mas o que desta vez nos propomos a demonstrar é o modo pelo qual a sugestão hipnótica realiza a passagem da fase “b” à fase “c”, isto é, da fase em que o elemento consciente desempenha um papel mínimo à fase em que seu papel se torna importante e complexo.

Consideremos, por um momento, o grau de inteligência que intervém nas modificações do organismo, produzidas pela sugestão hipnótica, como a formação de bolhas cruciformes. Esta formação supõe, com efeito, uma combinação de capacidades

bastante raras: a capacidade de impregnar as modificações fisiológicas com uma direção nova e a de reapresentar-se e imitar uma idéia abstrata, arbitrária, não fisiológica: a idéia de *cruciformidade*.

Tudo isso é, na minha opinião, a expressão de um controle subliminar sobre todo o organismo, controle mais eficaz e profundo do que o *supraliminar*. E, para dar uma aparência mais concreta a essa expressão abstrata, eu descreveria esse aumento da capacidade de modificação do organismo como uma *volta à plasticidade primitiva*; essa plasticidade latente durante o estado normal é despertada com a sugestão. Esse despertar não se dá às cegas, nem conscientemente, antes, parece-se a um *capricho inteligente*. Por exemplo, a vesicação cruciforme localiza-se de acordo com um plano predeterminado, o que prova que o processo não é completamente cego e, por outro lado, muitos indivíduos atingidos por ele ficariam contentes de se verem livres dele, o que prova que o processo não é nem consciente nem voluntário; tudo o que se pode dizer é que a ordem, em virtude da qual se formam as bolhas cruciformes, é uma *ordem caprichosa*, mas executada inteligentemente. Estamos aqui na presença de uma atividade dos centros do nível médio que põe em marcha as faculdades subliminares.

Chegamos agora às sugestões que afetam mais diretamente as faculdades centrais e se dirigem mais aos *centros de nível superior*. Citemos, primeiramente, os fatos em que as faculdades superiores obedecem a sugestões feitas tendo em vista fins puramente caprichosos. Falei, anteriormente, dos *cálculos* realizados subliminarmente, em virtude de sugestões pós-hipnóticas. Estas sugestões, a *prazo fixo*, isto é, ordens dadas durante o sono e que devem ser executadas em circunstâncias determinadas, depois de um lapso de tempo definido, mostram-nos o grau de inteligência que pode entrar em jogo, fora de qualquer intervenção da consciência supraliminar. Assim, Milne Bramwell ordena a um indivíduo hipnotizado que trace uma cruz quando tenham transcorrido 20.180 minutos a partir do momento em que a ordem tenha sido dada. O fato de que essa ordem tenha podido ser executada demonstra que existe uma memória subliminar ou

hipnótica que se mantém durante o transcorrer de nossa vida comum e que desperta quando aparecem circunstâncias propícias para que a ordem seja executada. Das experiências desse gênero e dos fatos já citados, de solução de problemas aritméticos durante o sonambulismo, resulta que, graças à educação, esta acuidade da memória subliminar é suscetível de auxiliar bastante nossa atividade supraliminar.

Todos compreendem que o que Richet chamou de *objetivação dos tipos* é produzido durante a hipnose com uma vivacidade muito maior do que no estado normal e sabe-se igualmente que o "medo" (dos atores ou dos oradores) é uma emoção que a sugestão pode facilmente suprimir. Certas pessoas podem, em cena ou na tribuna, dar a aparência da genialidade, evocando com a sugestão ou a auto-sugestão uma corrente subliminar de idéias ou de palavras, de gestos dramáticos ou de entonação que, ainda que não seja de rara qualidade, evitaria ao artista colocado em tais condições as violências e torpezas que cometeria sem ela.

Aqui também a hipnotização constitui uma espécie de extensão do "automatismo secundário", isto é, uma eliminação da consciência comum dos movimentos (o caminhar, os movimentos dos dedos sobre o piano, etc.) freqüentemente executados. E esses fatos fazem-nos entrever a possibilidade da associação, no homem, da estabilidade do instinto e da plasticidade da razão. O inseto, por exemplo, realiza com grande facilidade e perfeição certos atos difíceis que lhe são ditados por um instinto, que nada mais é, com freqüência, do que uma "inteligência decadente", um esforço vagamente consciente no início e que, à força de se repetir inúmeras vezes, transformou-se num automatismo ininteligente, contudo preciso. O homem é freqüentemente guiado por um automatismo secundário desse gênero, mas em grau ínfimo, se compararmos com a freqüência pela qual se manifesta, com a quantidade de trabalho que efetua em virtude de um esforço consciente. Esse automatismo é suscetível de se estender em duas direções e o homem chega a cumprir com indiferença as necessidades desagradáveis e com facilidade as difíceis.

O hipnotismo pode ter um grande valor prático do ponto de vista do desenvolvimento da atenção *em geral*, que constitui um

dos fins a que se propõe a educação. A incapacidade, a indolência, a falta de atenção repartem entre si a maioria das faltas e dos erros que cometemos diariamente. A falta de atenção é, sem dúvida, freqüentemente, uma forma especial de indolência; mas, em outros casos, pode ser "constitucional" até o ponto de não poder ser vencida por um esforço enérgico da vontade. Se nos fosse possível cortar essa precipitação do foco central até os centros indesejáveis de ideação como podemos deter os movimentos desordenados da moléstia de Parkinson, resultaria numa elevação do nível da inteligência humana, não do ponto de vista qualitativo, mas do ponto de vista quantitativo, ao se prever as perdas. Os conhecidos casos das enfermeiras do Dr. Forel que podiam, graças à sugestão, dormir profundamente junto aos enfermos de que tinham que cuidar, não despertando senão quando os enfermos tinham necessidade de serem atendidos, demonstra que a atenção pode ser concentrada em impressões escolhidas e determinadas e evitado o desgaste de energia por meios mais eficazes do que os exercícios comuns da vontade.

No que diz respeito à influência da sugestão sobre a *vontade*, limitar-me-ei aqui a chamar a atenção sobre a energia e a resolução com que se realizam as sugestões hipnóticas, sobre a *ferocidade* mesma, com que o sujeito hipnotizado afasta as resistências mais vigorosas. Não creio que o sujeito hipnotizado se exponha assim a graves riscos, porque estou convencido (com Bramwell e outros) que o sujeito hipnotizado se dá conta vagamente de que não se trata, em suma, mais do que de um experimento. De todas as maneiras, corre um certo risco, conduz-se como deve conduzir-se um homem resoluto e cheio de confiança em si, por mais tímido e agressivo que seja seu caráter habitual. E creio que se pode tirar muitas vantagens dessa confiança temporária em si mesmo que a sugestão faz nascer no indivíduo. Aí temos um meio adquirido de inibição contra timidez e contra desconfiança do indivíduo acerca de si, tal como se manifesta no estado supraliminar, e a possibilidade de concentrar o *eu* subliminar sobre um objeto determinado, por mais difícil que seja de se conseguir. Em outras palavras, estamos de posse de um meio que permite tirar o maior partido possível das faculdades inatas do indivíduo e

esperamos fazê-lo executar não só excursões clarividentes, mas também exercer uma ação a distância sobre a matéria, a *telecinesia*. Admite-se, geralmente, que a hipnose debilita a vontade, que as pessoas hipnotizadas sofrem cada vez mais a influência do hipnotizador, que pode sugerir ao sujeito atos criminosos. E, sem dúvida, não há nada mais fácil, tanto para o sujeito como para o hipnotizador, do que prever e afastar as influências indesejáveis. Um amigo fiel nada mais tem do que sugerir ao sujeito hipnotizado que ninguém será capaz de lhe sugerir o que for, e obterá o resultado almejado. No que concerne aos crimes supostamente cometidos por pessoas hipnotizadas sob a influência da sugestão, sua veracidade não foi até hoje demonstrada apesar de todos os esforços realizados nesse sentido.

Esse fato está em concordância com as idéias formuladas neste capítulo, pois demonstra que os centros superiores subliminares (para chamá-los assim) não abdicam jamais da realidade de seu papel; que podem permanecer passivos enquanto que os centros médios obedecem aos caprichos do experimentador, mas que estão dispostos a assumir novamente o seu poder de controle, quando o experimento ameace converter-se em perigo para o indivíduo. Por outro lado, é o que observamos no sonambulismo espontâneo, onde os acidentes, a menos que haja um despertar brusco, são tão raros, apesar das extraordinárias façanhas realizadas pelo sujeito.

Só nos resta considerar a influência da sugestão sobre o *caráter*, a função que resulta da combinação da vontade e da atenção e que é, em última análise, função de todas as possibilidades que o germe individual encerra latentes.

Na cura da morfinomania já observamos com freqüência um vôo moral tão surpreendente, uma elevação tão brusca da queda extrema à vida normal, como raras vezes se produz em outras ocasiões... Sabe-se que, com efeito, não existe um único rasgo de caráter que escapa à ação nefasta do envenenamento morfínico. A covardia, a mentira, o egoísmo mais desalmado, são o que caracterizam o morfinômano, mesmo quando o esgotamento físico tornou o indivíduo incapaz de ativamente manifestar sua violência e seus apetites. Esse desaparecimento completo do

respeito a si mesmo não dá motivo algum à ação moral que se sentiria tentado a realizar o sábio e o evangelista. E, sem dúvida, a sugestão hipnótica produz aqui modificações mágicas e devolve ao pária rechaçado pela sociedade uma posição honrada entre seus concidadãos.

De que gênero são essas transformações? Os êxitos obtidos são devidos a que nesses casos se trata de uma degradação funcional não orgânica? Sabemos, com efeito, que é possível curar um estado mórbido dos tecidos, enquanto que nada podemos fazer contra uma deformidade ou uma má conformação congênita. O estado do morfinômano não seria mais do que uma espécie de *vício químico*, um envenenamento das células que durante algum tempo funcionaram normalmente e são capazes de retomar seu funcionamento normal, se se chega a eliminar o veneno?

Não é uma tarefa muito mais difícil a de criar a honorabilidade, a castidade e a abnegação num cérebro cuja conformação deve manter um espírito que pensa por ele ao nível do bruto? Essa pergunta apresenta um interesse psicológico enorme e a resposta, por mais rudimentar que seja, ainda é das mais animadoras. Conhecemos exemplos que mostram que os sujeitos hipnotizáveis e nos quais é aplicada a sugestão com uma perseverança e uma habilidade suficientes, podem se elevar da mais completa decadência e apesar das nossas qualificações de *insano moral* ou de criminoso nato a um estado em que podem prestar serviços à comunidade.

É evidente que não podemos ultrapassar o limite das capacidades naturais. Da mesma forma que não podemos improvisar um gênio, não podemos tornar um homem comum num santo. Mas a experiência nos ensina que é possível fazer uma seleção entre os sentimentos e as faculdades mais inferiores e pobres e trazer à luz os sentimentos sadios e as faculdades eficazes, suficientes para assegurar ao homem, supostamente degenerado, uma estabilidade moral e uma colaboração útil do ponto de vista da espécie.

Mas o fato de a sugestão hipnótica se ter mostrado eficaz contra certos maus hábitos indica que seja capaz de curar todos os casos de decadência moral?

Todos os vícios e faltas podem ser classificados nas quatro categorias seguintes:

1) vícios carnais que dependem de tentações específicas, como por exemplo, a embriaguez; estes vícios são facilmente acessíveis à sugestão;
2) vícios associados à má formação congênita do organismo; podem ser, igualmente, suprimidos mediante a sugestão;
3) vícios que dependem de uma idéia fixa: o ciúme é um exemplo clássico, mas o ciúme é sempre um sentimento mórbido; "meu ódio a B porque A prefere B em vez de mim" é o resultado irracional de uma associação de idéias obsessivas que freqüentemente a sugestão destrói de modo surpreendente;
4) vícios mantidos intencionalmente, tendo em vista vantagens presumíveis que supõem possa auferir aqueles que os têm.

No que diz respeito a esta última categoria de vícios, não possuímos prova experimental de que sejam curáveis pela sugestão e isto se explica porque os indivíduos que os têm raras vezes demonstram interesse em se verem livres deles e, mesmo quando interessados, buscam o remédio numa direção antes moral ou religiosa do que médica.

Para expor somente um exemplo, o estado moral de um testemunho falso diferencia-se profundamente do de um dipsômano. Este último se dá conta de que não existe equilíbrio entre ele e seu meio, e a voz do instinto de conservação contrapõe-se, freqüentemente, com a de suas inclinações mórbidas. Pelo contrário, o falso testemunho se encontra, mediante artifícios especiais, adaptado ao seu meio provisório, isto é, ao seu meio terrestre. Portanto, não podemos contar com o instinto de conservação para fazê-lo mudar de caráter, mas podemos presumir que em

todo homem existe alguma consciência subliminar de sua relação com outro mundo.

Detenhamo-nos um instante, com o fim de dar-nos conta do ponto a que chegamos. Começamos por definir o hipnotismo como o desenvolvimento empírico do sono. O elemento mais importante desta última fase, e que é, ao mesmo tempo, a função mais evidente do *eu* subliminar, consiste na regeneração dos tecidos gastos, no rejuvenescimento físico e moral do organismo cansado. Mostramos de que maneira esta função se realiza durante a hipnose, como conseqüência da sugestão ou da auto-sugestão. E estamos convencidos de que o hipnotismo constitui uma verdadeira evolução destas energias reparadoras que dão ao sono seu valor prático. Deste ponto de vista que é, por outro lado, o único em que se coloca uma pessoa para considerar o sono, nossa análise do hipnotismo é completa e poderíamos encerrar este capítulo por aqui.

Mas o fim a que nos propusemos desde o início não se teria conseguido, porque nossa definição do sono é muito mais ampla do que a corrente, pois estamos convencidos de que durante o sono o *eu* subliminar realiza outras funções além da de simples recuperação do organismo. Estas outras funções apresentam relações, ainda desconhecidas por nós, com o mundo espiritual e a prova de sua atividade nos é proporcionada pela aparição esporádica, durante o sono, de fenômenos supranormais. Trata-se agora de saber se esses fenômenos supranormais se manifestam, igualmente, durante a hipnose. Pode ser esta última produzida por comportamentos supranormais? Pode ser o resultado de uma influência ou atividade telepática? Em resumo, pode ser atribuída a influências cientificamente inexplicáveis e que se estabelecem de um homem a outro?

Sabemos agora, graças às pesquisas da escola de Nancy, cujos resultados foram imediatamente averiguados e confirmados de maneira definitiva, que a sugestão pura e simples constitui a única causa do sono hipnótico. Desse modo livramo-nos das afirmações dos mesmeristas e das da escola chamada fisiológica, as quais, cada uma ao seu modo, atribuíam ao hipnotismo uma causa material. Mas, ao considerar a sugestão como a única

causa eficaz do sono hipnótico, não vemos de que maneira poderia manifestar seus efeitos a não ser mediante *uma operação subliminar que se realiza sem que saibamos como* e temos razões para supor que o êxito ou o fracasso da sugestão depende de uma influência telepática que tem seu ponto de partida no espírito do hipnotizador. Sabemos, com certeza, que a prática do hipnotismo tal como a realiza Bernheim parece excluir toda idéia de relação íntima entre a vontade e o organismo do hipnotizador, e os do sujeito que cai, imediatamente, sob o sono hipnótico, mesmo antes que o hipnotizador tenha tido tempo de pronunciar a palavra "durma!". Mas este não é o único modo de agir e existem muitos casos em que o êxito da sugestão depende de mais alguma coisa do que uma simples ordem. E nos casos de sugestão a distância (como nos experimentos do Dr. Gilber, do Havre),[59] não se trata de verdadeira comunicação a distância entre o espírito do operador e o do sujeito? Na presença de fatos deste gênero não consideramos as atividades dos antigos hipnotizadores, como os toques, os passes, etc., como simples artifícios inúteis e as sensações que os sujeitos pretendiam experimentar, como conseqüência desses toques e passes, como sensações sugeridas e imaginárias; pelo contrário, não nos parece de fato improvável que eflúvios ainda desconhecidos da ciência, mas que as pessoas sensíveis podem perceber, como percebem os impulsos telepáticos, emanem por irradiação dos organismos vivos e possam influir sobre outros organismos, quer por intermédio das mãos, quer através do espaço.[60]

Desse modo, a região subliminar do sujeito que vai ser hipnotizado pode ser alcançada por procedimentos muito mais sutis do que a mera sugestão verbal. Resta-nos considerar os elementos supranormais que formam parte da *resposta* hipnótica. Esses elementos são lembrados mediante um impulso subliminar direto, ou dependem de faculdades especiais inatas ao indivíduo que queremos hipnotizar? No momento, é impossível qualquer pronunciamento a esse respeito. Sabemos, somente, que são raramente evocados como resposta a uma sugestão hipnótica rápida e, por assim dizer, superficial; raras vezes aparecem na prática hospitalar e exigem uma educação e um desenvolvimento

que só se obtém num indivíduo entre cem. A primeira fase dessa resposta constitui-se pela relação subliminar que se estabelece entre o sujeito e seu hipnotizador, e que se manifesta no que se chama de *relação* ou *comunhão de sensações*. As primeiras fases dessa *relação* resultam, provavelmente, de uma simples auto-sugestão ou de sugestões pelas quais o operador concentra a atenção do sujeito, exclusivamente, sobre a sua pessoa e encontramos a prova de que pode estabelecer um vínculo mais estreito entre as duas pessoas, no caso em que o sujeito hipnotizado toca ou sente o que o hipnotizador (que lhe é desconhecido) toca ou sente ao mesmo tempo.

A partir desse momento, sua faculdade de percepção supranormal é suscetível de ganhar, tanto em extensão como em profundidade. O sujeito pode ser capaz de se comunicar com o passado e com o futuro, de participar de acontecimentos que se realizam longe dele, e isto por meios que só se poderiam classificar de supranormais, porque nenhum dos meios normais, comuns, reconhecidos pela ciência, nos proporciona as informações e os conhecimentos que tem o sujeito cujas faculdades subliminares adquiriram esse grau de tensão e acuidade.

E eis aqui a conclusão metafísica deste capítulo. Quando dizemos que um organismo existe em certo meio, entendemos por isso que sua energia, ou uma parte dela, entra como elemento em certo sistema de forças cósmicas que representa alguma modificação especial da Energia Primitiva. A vida de um organismo consiste nas mudanças de energia entre ele e seu meio, na absorção que opera em proveito próprio de um fragmento dessa força preexistente e ilimitada. Os seres humanos vivem, antes de tudo, num mundo material do qual extraem a subsistência necessária ao exercício de suas funções corporais.

Mas também existimos num mundo etéreo, isto é, estamos constituídos de tal forma que respondemos a um sistema de leis que, em última análise, são, indubitavelmente, contínuas em relação às da matéria, mas que sugerem um novo conceito, mais geral e profundo, do cosmos. Este novo aspecto das coisas é, com efeito, diferente do antigo que fala, geralmente, do éter como de um novo meio. Desse meio, nossa existência orgânica

depende, de maneira absoluta, ainda que pouco evidente, mais que do meio material. O éter se encontra na base de nossa existência física. Ao perceber o calor, a luz, a eletricidade, reconhecemos somente de um modo visível, como na percepção dos raios X a reconhecemos de um modo menos visível, a influência permanente que exercem sobre nós as vibrações do éter, cujo poder e variedade superam em muito nosso poder de reação.[61]

Creio que mais além do mundo etéreo e dando ao cosmos um aspecto mais geral e profundo, encontra-se o mundo da vida espiritual, contínuo até um ponto determinado ao mundo do éter, mas absolutamente independente do mundo material e formando o mundo *metaetéreo*. Vejamos qual é o alcance desta última hipótese, do ponto de vista da explicação dos fenômenos do hipnotismo. Qual é, com efeito, o fim último de todos os procedimentos hipnógenos? É o de dar energia à vida, de alcançar mais rápido e completamente resultados que a vida abandonada a si mesma não realiza senão lentamente e de maneira incompleta. O que caracteriza a vida é a faculdade de adaptação, sua faculdade de responder às necessidades novas, de soerguer o organismo todas as vezes que está ferido, essa *vis medicatrix Naturae* que constitui o mistério mais profundo do organismo vivo. O hipnotismo nos mostra essa *vis medicatrix* sob um aspecto definido e acessível ao controle. Mostra-nos nesta *Natureza* que no caso particular é o *eu* subliminar do auto-sugestionado, uma inteligência que, longe de ser vaga e impessoal, mostra, ao contrário, certas semelhanças, achando-se em determinadas relações diretas com a que reconhecemos como a nossa.

Em resumo, temos aqui uma notável representação da inteligência e do poder subliminar. Já se falou bastante em nossa inteligência subliminar para mostrar que estas ordens terapêuticas complexas não poderiam ser compreendidas de outra maneira; mas de onde vem a energia necessária a uma resposta eficaz?

A palavra *energia* se presta, é certo, a uma objeção imediata. Pode-se dizer, em particular, que não se trata de um verdadeiro acúmulo de energia, antes de uma simples transformação num novo modo de atividade, de uma energia produzida pela simples nutrição material. Assim, a oração não empregaria mais energia

do que a blasfêmia, uma teoria filosófica mais do que o capricho de um maníaco. É evidente, com efeito, que a rapidez do metabolismo orgânico não varia em proporção ao valor dos resultados obtidos. Com efeito, o pensamento anárquico e desordenado do maníaco implica, provavelmente, numa maior destruição de tecidos que o pensamento tranqüilo do filósofo. Mas essas simples modificações químicas estão longe de constituir o que chamamos energia. O que desejo é uma integração da personalidade, uma concentração intelectual, moral e espiritual. Essa concentração só pode ser mantida dificilmente; sinto que necessito para isso, mesmo nos seus graus inferiores, de um esforço especial que chamamos atenção, e tenho razões para crer que existem graus infinitamente superiores que não podem ser alcançados com qualquer esforço da vontade. Ninguém está em condições de dizer-nos a que categoria de forças pertence a energia desse esforço vital e enquanto essa energia não fique reduzida às forças mais conhecidas, creio-me autorizado a formular a hipótese que a considera como energia *sui generis*, a procurar indícios de sua origem e fazer uma idéia da sua possível extensão.[62] Assim, para mim, todo homem é essencialmente espírito encarregado do controle de um organismo composto de vidas inferiores e mais estreitas. O controle exercido pelo espírito não é uniforme em todos os organismos nem em todas as fases da vida orgânica. No estado de vigília, nada mais controla do que o centro das idéias e os sentimentos supraliminares, pouco ocupando-se dos centros menos profundos que foram educados tendo em vista um funcionamento contínuo, suficiente para responder às necessidades comuns. Mas, nos estados subliminares, onde os processos supraliminares se encontram inibidos, os centros orgânicos inferiores estão submetidos de forma mais direta ao controle do espírito. À medida que nos aproximamos das partes mais profundas do ser humano, cada vez mais nos aproximamos das fontes da vitalidade humana. Chega-se assim a uma região na qual a obediência aos estímulos espirituais é muito maior do que a manifestada pelas camadas superficiais, do que as necessidades exteriores plasmaram e fixaram tendo em vista uma adaptação determinada ao meio terrestre.

A última lição da sugestão hipnótica, sobretudo no estado de sonambulismo, consiste em mostrar-nos que podemos alcançar por artifícios empíricos estas camadas de maior plasticidade – plasticidade relacionada às forças internas, não externas – em que o espírito exerce sobre o organismo um controle mais imediato atuando sobre ele com maior liberdade.

Este conceito parece lançar alguma luz sobre um fato freqüentemente observado, mas que espera ainda sua explicação. O estado de sonambulismo parece, com efeito, implicar duas faculdades completamente diversas, a faculdade autocurativa e a faculdade telestésica, isto é, um restabelecimento corporal mais completo e uma atividade espiritual mais independente. Torna-se assim o espírito mais capacitado a atrair a energia metaetérea para o organismo, ou a trabalhar independentemente do organismo. Os casos de "clarividência migratória" produziram-se, com efeito, durante o estado de sonambulismo provocado com um fim de cura. Sinto-me levado a crer que o espírito pode, nestes casos, ou *modificar* mais facilmente o corpo, ou *abandoná-lo* em parte, para em seguida voltar a ele. Noutros termos, pode, durante um certo tempo, ou manifestar a respeito do corpo uma maior atenção, o que lhe causa um certo benefício, ou desviar sua atenção do corpo sem que este por isso sofra. Empreguei a palavra *atenção* porque, tendo em vista a impossibilidade de imaginar o modo pelo qual um espírito pode exercer controle sobre o organismo, o termo mais apropriado me pareceu aquele pelo qual designamos nossas próprias tentativas de concentrar nossa personalidade. Podemos dizer que a alma mantém o corpo com vida graças aos cuidados que lhe dispensa, e que vigia as operações centrais mais diretamente que as superficiais, as atividades que se manifestam durante o sono mais diretamente que as que caracterizam a vigília. Nos estados profundos pode distrair em parte sua atenção do organismo para encaminhá-la a outro lugar, sendo capaz de, instantaneamente, voltar à sua atitude comum a respeito do organismo. A morte corporal se produz quando a atenção da alma se afasta completa e irremediavelmente do organismo que, por causas físicas, tornou-se incapaz de incorporar-se à direção do espírito. A vida significa o

manter essa atenção e este manter é resultado da absorção pela alma da energia que comporta o mundo espiritual ou metaetéreo. Porque se nossos espíritos individuais vivem graças a essa energia espiritual que forma a base da energia química, em virtude da qual se realizam as mudanças orgânicas, é verossímil que devemos renovar a energia espiritual de uma forma tão contínua como a energia química. Para manter o nível da energia química, temos necessidade de calor e de alimentação; igualmente, para manter o nível da energia espiritual, temos que viver no meio espiritual e absorver de vez em quando as emanações que nos chegam da vida espiritual. Se isto é assim, muitas das experiências subjetivas dos poetas, filósofos, místicos e santos encerram realmente uma verdade mais profunda da que geralmente se supõe. Se é verdade o pressentimento que têm de uma vida que lhes chega de fonte desconhecida, se as cintilações subliminares que os iluminam e os renovam vêm, na realidade, de algum meio situado mais além da abóbada celeste, a mesma influência deve, por analogia, manifestar-se em toda a gama dos fenômenos psicofísicos, não só no domínio das emoções espirituais superiores, mas sempre que nos elevemos por sobre a vida orgânica rudimentar. A vida nascente de cada um de nós é, talvez, um fragmento que acaba de se separar da energia cósmica e a vida contínua é representada por esse fragmento em estado de variação contínua. Nessa energia circunstante (chame-se como se lhe aprouver) vivemos, caminhamos e existimos; e é possível que certas disposições do espírito, certas fases da personalidade, sejam capazes de, durante um certo tempo, ligar-se a uma corrente vivificadora mais completa dessa energia. Esta hipótese reconciliaria *todas* as opiniões, tanto as espiritualistas como as materialistas, que atribuem a certas direções da atenção e da vontade determinados efeitos práticos sobre o organismo humano. “A oração inspirada na fé salva os enfermos”, diz São João. “No hipnotismo só existe a sugestão”, diz Bernheim. Na minha linguagem mais grosseira estas duas proposições (fazendo abstração do elemento telepático que podem encerrar as palavras de São João) podem ser expressas em termos semelhantes: “Haverá auto-sugestão terapêutica ou moral, sempre que, por meio de um artifício qualquer, a atenção subliminar dirigida sobre uma

função corporal, ou sobre um fim moral, haja alcançado um grau de intensidade suficiente para poder tomar energia do mundo metaetéreo”.

Não pretendo ter esclarecido completamente o mistério desse fenômeno, que em conjunto constitui a sugestão. Como meus predecessores, não estou em condições de explicar por que certos organismos se tornam em determinados momentos tão superiores a si mesmos e capazes de uma revolta tão vigorosa, de uma submissão a um controle tão profundo. Mas formulei um ponto de vista que permite fazer com que se entre nesse mistério, num mistério mais vasto, o do fim universal, e creio ter estabelecido uma relação mais verdadeira do que a que devemos à escola de Nancy entre a sugestão de um lado e a persuasão externa e a vontade interna de outro. A escola de Nancy fala da sugestão como se fosse comparável à persuasão supraliminar, a um esforço supraliminar. Tratei de mostrar que sua eficácia real depende de processos subliminares; nada mais é que um meio empírico destinado a facilitar a absorção de energia espiritual e a aquisição de forças-guias, tomadas a um meio situado mais além da abóbada celeste.[63]

VI
Automatismo sensorial

Os fenômenos do automatismo sensorial e motor, pelos quais se manifesta especialmente a faculdade da telepatia e da telestesia, introduzem-nos num domínio onde desaparecem as limitações da vida orgânica. Considerando, por outro lado, que a porção de nossa personalidade que exerce esta faculdade durante nossa existência continua exercendo-a mesmo depois da morte corporal, temos que reconhecer uma relação obscura mais indiscutível entre o *eu* subliminar e o *eu* que sobrevive.

Iniciarei, pois, por definir o automatismo como o termo mais amplo aplicável às influências subliminares que se manifestam na vida comum. Algumas dessas influências já receberam nomes especiais: histeria, gênio, hipnotismo. Mas a grande variedade de manifestações subliminares permanece ainda por ser descrita. Assim, não falamos ainda das alucinações verídicas, nem da escrita automática, nem das manifestações de sonambulismo espontâneo. Os produtos da visão e da audição internas, exteriorizados de forma a revestir o caráter de quase-percepções, é o que chamo *automatismo sensorial*. As mensagens enviadas por intermédio dos movimentos das pernas, das mãos ou da língua, e atribuídos a impulsos motrizes internos, independentes da vontade consciente, é o que chamo *automatismo motor*. Examinados em conjunto, todos esses fenômenos dispersos revelam, apesar dessa diversidade de forma, uma analogia essencial e podem ser considerados como mensagens que o *eu* subliminar dirige ao *eu* supraliminar, como esforços conscientes ou não, emanados das camadas profundas de nossa personalidade e destinados a mostrar ao pensamento comum da vigília fragmentos de conhecimento que o pensamento da vigília não pode alcançar.

Enquanto que a psicologia comum vê na vida supraliminar a manifestação da personalidade normal e substancial, da qual a vida subliminar constituiria ou o substrato semiconsciente, uma margem parcialmente iluminada ou, finalmente, uma excrescência mórbida, considero a vida supraliminar como um *aspecto*

específico da personalidade, como uma fase especial cujo estudo nos é fácil, já que se encontra simplificado pela consciência clara que temos do que nela ocorre, mas que estaria longe de ser considerada como a fase central ou predominante, caso nos fosse possível abarcar com uma vista d'olhos a nossa existência em sua totalidade. E, do mesmo modo que a personalidade supraliminar, toda faculdade humana, todo sentimento humano, constituem aspectos específicos de uma força mais geral. De acordo com esta hipótese, cada um de nossos sentidos especiais pode ser concebido como tendente a um desenvolvimento mais completo que o possibilitado pela experiência terrestre. E cada sentido especial é, por sua vez, um sentido interno e um sentido externo, isto é, implica, ao mesmo tempo, um trajeto cerebral de uma capacidade desconhecida e uns órgãos terminais cuja capacidade presta-se melhor à avaliação. A relação entre esta visão interna, mental, com a percepção psicológica não sensorial de um lado, e a visão ocular do outro, constitui precisamente um dos pontos cujo exame mais profundo parece necessário. Obrigamo-nos a falar da percepção visual mental em termos emprestados à percepção sensorial, caso não quisermos tornar impossível qualquer discussão.

Mas a experiência comum pretende que só o órgão terminal é capaz de receber informações novas e que o trajeto central só serve para combinar essas informações novas com as que já estão armazenadas. Assim é, por exemplo, o caso dos conhecimentos adquiridos pela vista ou pelo ouvido, isto é, conhecimentos que nos trazem as ondas etéreas ou aéreas, e que são recebidos por um aparelho terminal especial. Mas todos os fenômenos de visão e audição não ocorrem necessariamente por meio dos olhos e dos ouvidos.

A visão de nossos sonhos (só falamos da visão para simplificar o problema) é uma visão não-ótica. Nasce no cérebro sem ter sido transmitida pela retina impressionada. As leis óticas não podem ser aplicadas a esta visão, senão dando aos termos um sentido novo.

Esse fato é geralmente considerado como pouco importante, porque a visão dos sonhos é considerada, em si mesma, como

desprovida de valor, como uma simples reprodução de conhecimentos adquiridos durante a vigília.

É-nos impossível concordar com esta opinião. É-nos impossível dizer, *a priori*, por quais as vias ou de que regiões vem o conhecimento ao *eu* subliminar. Isso deveria ser um mero assunto de observação e de experiência.

O que devemos fazer é generalizar o mais que possamos o nosso conceito de visão, deixando de identificá-lo com os fenômenos definidos da visão da retina ou ótica e encontrar depois que espécies de mensagens nos chegam pelas diversas formas de visão que resultam nesse conceito genérico.

Mas, antes de tudo, uma análise rápida das relações existentes entre a visão central e a visão periférica não seria de todo inútil. Partimos de uma região situada sob o ponto de especialização da faculdade visual. O estudo das modificações dérmicas e nervosas sucessivas que deram lugar ao nascimento dessa faculdade compete à biologia: só temos que mostrar que o fato isolado dessa faculdade num germe animado de vida metaetérea indica que uma certa percepção, que devia servir de ponto de partida à visão, preexistia no mundo original invisível. O germe estava constituído *ab initio*, de maneira que pudesse desenvolver-se neste caminho e em outros, e isto independentemente da questão de saber se cada uma das modificações específicas existiam (podendo ser discernida por um observador onisciente) desde o início, ou se não existia, por assim dizer, mais que um fundo sobre o qual se formaram pouco a pouco e sucessivamente os elementos determinados e precisos tomados ao mundo da vida. Sabemos, vagamente, como se realizou a diferenciação periférica da visão, à medida que aumentava a sensibilidade das manchas pigmentárias à sombra e à luz. Mas deve ter-se produzido também uma diferenciação cerebral e uma diferenciação psicológica, isto é, o nascimento de uma sensação diferente, oposta às sensações escuras precedentes, das quais não é impossível se reconstituir a história.

Não acredito que persistem sempre em nossa estrutura cerebral os vestígios dessa transição de nossa sensibilidade contínua, não diferenciada e primitiva, ao estado atual que é o da especia-

lização dos sentidos. Em cada um de nós existe, provavelmente, de maneira mais ou menos diversa, uma certa *sinestesia* ou concomitância de impressões sensoriais, independentemente da lei de associação. Um segundo sentido vem freqüentemente reagir, de forma automática, a uma excitação que parecia dirigida num único sentido. Não me atrevo a dizer que unicamente o ladrar de um cão faça nascer diante de nós o aspecto de um cão, porque o ladrar sugere tal imagem; esta é uma consideração que resulta da experiência adquirida no curso da vida. Mas, para um verdadeiro sinestesista, para um "visionário dos sons" (para usar a forma mais comum desta repercussão central das impressões sensoriais) existe entre a vista e os sons uma conexão instintiva complexa e que para nossa inteligência é totalmente arbitrária. Podemos, em diversos casos, observar esses cromatismos, senão na sua origem, ao menos em seu desenvolvimento, e atribuí-los então a alguma associação estranha e caprichosa. Mas, ao lado deste primeiro grupo existe um segundo, onde o cromatismo é, por assim dizer, anterior ao nascimento da conscientização, como nos casos em que existe uma correspondência precisa, inexplicável, entre tal nota tocada no piano e a cor verde da maçã. A meu ver, essas sinestesias eqüidistam das percepções de origem externa e das de origem interna. Por outro lado, essas irradiações da sensibilidade, congênitas na aparência, não podem ser consideradas como um fenômeno puramente mental, nem classificadas entre os fenômenos da visão exterior, porque freqüentemente são o resultado de um processo de associação mental. Seria mais conveniente chamá-los *entencefálicos*, por analogia aos fenômenos *entópticos*, uma vez que parecem ser atribuídos a uma particularidade na estrutura do cérebro, como as percepções entópticas estão unidas a certas particularidades da estrutura do olho.

Desse fotismo entencefálico passamos por uma insensível transição à forma mais característica da visão entóptica e à mais interna da visão externa: as faíscas luminosas que provocam a eletrificação do nervo ótico. Aparecem a seguir os fosfenos, como conseqüência de uma pressão exercida sobre o nervo ótico ou de uma irritação da retina; as figuras de Purkinje, ou as som-

bras projetadas pelos vasos sangüíneos da camada média da retina sobre sua camada papilar; moscas voando ou sombras projetadas pelas partículas do humor vítreo sobre a camada fibrosa da retina.

As *pós-imagens* formam uma transição da visão entóptica à visão externa comum; essas imagens, ainda que perceptíveis com os olhos fechados, pressupõem uma estimulação externa prévia da retina; formam na realidade os vestígios entópticos da visão externa comum.

Em último lugar, temos a visão comum externa, que podemos levar ao mais alto grau de intensidade com a ajuda de processos artificiais. Aquele que olha as estrelas através de um telescópio procura para seus órgãos terminais o maior aperfeiçoamento mecânico que se possa obter na atualidade.

Consideremos agora o grau mais avançado da faculdade da visão interna. Essa visão é virtualmente independente do olho; isto é, pode persistir mesmo depois da destruição do olho, contanto que este tenha funcionado o tempo suficiente para dar ao cérebro uma educação visual. Não sabemos quais são os limites exatos dessa independência; um estudo mais completo do que o realizado até agora sobre os cegos inteligentes é a única coisa que nos poderia informar sobre isso. Não podemos dizer até que ponto o olho é, por sua vez, influenciado pelo cérebro nas pessoas clarividentes. Abster-me-ia de qualquer síntese no que diz respeito à existência de uma corrente retrógrada do cérebro à retina, do mesmo modo que me abstive, para indicar o lugar primitivo da vista, de qualquer expressão mais específica que o termo *cérebro*. Trata-se aqui de um nexo psicológico que pode ser discutido, sem que haja necessidade de entrar no domínio da fisiologia.

As *imagens-lembrança* constituem o tipo mais comum de visão interna. Entenda-se, essas imagens não nos trazem conhecimentos novos, antes têm exclusivamente por objetivo manter os conhecimentos adquiridos através da visão externa. Na sua forma espontânea mais simples constituem os vestígios *cerebrais* da visão externa, da qual as pós-imagens constituem os vestígios retinianos. Esses dois gêneros de imagens podem se achar mes-

clados em certos casos. Mas o que caracteriza as impressões armazenadas no cérebro, e o que as distingue das armazenadas pela retina, é que encerram um elemento psíquico que se manifesta por uma nova disposição e uma generalização das impressões retinianas.

Existe um grupo muito conhecido de imagens-lembrança, nas quais a disposição subliminar é, particularmente, marcante. São os sonhos que se subdividem em *imagens imaginativas* e em *alucinações*. As primeiras designam a nova combinação consciente de nossa reserva de imagens visuais, que elaboramos ora por mero prazer, como quando sonhamos acordados, ora como artifícios destinados a fazer-nos compreender melhor determinados fenômenos naturais, como ao construirmos figuras geométricas, e Watt, imaginando sua máquina a vapor enquanto estava deitado numa casa às escuras, alcançou o último limite da visão interna involuntária.

A visão interna consciente não pode ir mais longe. Mas, por outro lado, as imagens imaginativas, qualquer que seja seu valor, constituem um mero esforço para submeter ao controle supraliminar as visões que, como as imagens-lembrança, são, antes de qualquer coisa, de origem subliminar. Desse modo pode-se reconhecer, com segurança, que a imagem da máquina a vapor, tal como apareceu a Watt, adentrou pronta em sua razão supraliminar, enquanto que esta permanecia nessa atitude de *expectativa* que desempenha um alto papel em todas as invenções. Sem pretender a exata compreensão da proporção do esforço, voluntário ou involuntário, desenvolvido pelo espírito criador, temos, de maneira inconteste, o direito de considerar as imagens visuais como que emergentes de forma espontânea no homem de gênio, como uma fase mais avançada da visão interna.

Chegamos, desta forma, às *alucinações* por três caminhos diversos: os sonhos são alucinações de pouca intensidade; as *imagens imaginativas* são suscetíveis de adquirir intensidade semelhante à das alucinações, nos indivíduos cuja faculdade visual esteja muito desenvolvida, e as *inspirações geniais* se apresentam com freqüência ao espantado artista com toda a vivacidade de uma alucinação.

O que é uma alucinação? Pode-se dizer que é a expressão de uma hiperestesia central. Pode nascer, às vezes, como conseqüência de uma excitação periférica direta; mas na maioria dos casos é uma visão puramente interna que envolve a idéia como uma forma visual. É que, com efeito, qualquer idéia constitui, segundo a predominância dos elementos motores ou sensoriais, ou um movimento ou uma alucinação nascentes. A visão mental tem, como a visão retiniana, seus limites habituais determinados em cada caso pela seleção natural ou, expresso de outra maneira, os limites mais adequados à raça e aos recursos do organismo. Mas em certos indivíduos esses limites podem ser amplamente superados, com ou sem vantagem. Uma acuidade excepcional da visão ocular, inútil à maioria dos indivíduos, é de grande utilidade para o astrônomo; uma excepcional faculdade de visualização interna, simples curiosidade para a maioria, é de grande utilidade quanto se quer desenhar de memória pássaros no vôo.

Trata-se agora de interpretar todos os fenômenos conhecidos sob o nome de alucinações. Até os últimos anos eram considerados como fenômenos patológicos, como expressão de perturbação física. Mas as investigações estatísticas e analíticas de Gurney mostraram que, num grande número de casos de automatismo sensorial, tratava-se de pessoas completamente sadias e que freqüentemente era impossível encontrar uma explicação qualquer desse fenômeno. Onde a causa parecia demonstrada com alguma probabilidade, sua maneira de agir permanecia obscura. Em certas pessoas a ansiedade, o pesar, a espera pareciam desempenhar determinado papel; mas, por um lado, na maioria delas, as alucinações se produziam em momentos de perfeita calma, enquanto tinham atravessado crises de angústia muito intensas, sem sofrer a menor alucinação; e, por outro, as pessoas cujas alucinações pareciam realmente coincidir com um fato superveniente, mais ou menos comovedor, tiveram suas alucinações sem ter experimentado qualquer conhecimento desse acontecimento.

Tratava-se, então, entre as pessoas desta última categoria, de alucinações telepáticas, isto é, de uma faculdade de representar-se acontecimentos que se realizavam distantes do espírito do

sujeito, de experimentar percepções *verídicas*, independentemente dos objetos com que se relacionava, em outras palavras, de uma verdadeira faculdade nova, antes que um sinal de degeneração.

E isso nos traz de novo a tese que formulamos com freqüência, ou seja: que a visão *ocular* só constitui um aspecto específico da faculdade visual, da qual a visão interna constitui uma expressão mais ampla.

A visão ocular consiste numa percepção de objetos materiais, conforme as leis óticas, num ponto definido do espaço. O estudo que fizemos das alucinações nos permitiu separar duas dessas limitações. Quando falo de figura alucinatória – e as que aparecem no sonho pertencem a esta categoria –, falo de algo que não é um objeto material e que é independente das leis óticas. Uma figura de sonho pode parecer estar de acordo com essas leis, mas isso será o efeito da auto-sugestão, ou de uma lembrança organizada, que irá avaliar segundo a faculdade visionária do que sonha. Enquanto que um pintor é capaz de pintar de memória, durante a vigília, um rosto que lhe apareceu em sonho, os sonhos dos homens comuns são em geral vagos, fugazes e escapam facilmente da memória.

De igual modo, quando vemos uma figura alucinatória subjetiva presente em nosso quarto, seu aspecto não está *determinado* pelas leis da ótica (pode, em particular, parecer que se encontra *atrás* do observador ou, de uma forma qualquer, *fora* de seu campo visual), mas está mais ou menos *de acordo*, em virtude de uma auto-sugestão, ou de outro modo, e essa figura é visível ainda desde um ponto fixo do espaço constituído pelo olho ou o cérebro do observador.

Tudo isso parece perfeitamente claro, até o ponto de supormos nos ver diante de alucinações nascidas no espírito do sujeito. Mas as dificuldades tornam-se maiores desde quando chegamos às quase-percepções, cuja existência ou origem está fora do espírito do observador.

Se existe uma certa origem externa para nossa visão interna (que por isso se torna *verídica*), seria errôneo supor que qualquer

visão interna tenha a mesma origem. Quando se apóia em fatos (em impressões verídicas ou em pinturas, não em ilusões subjetivas) nunca podemos dizer *a priori* se a visão vai em busca dos fatos ou se os fatos vão em sua busca. Por outro lado, nada prova que essas percepções tenham como objeto coisas imateriais ou fantasmagóricas. Desde o momento em que essa visão é suscetível de perceber coisas imateriais situadas fora do organismo, por que não há de poder perceber igualmente coisas materiais? Por que não há de ver as *casas* distantes tão bem como as imagens das almas ausentes?

Examinemos agora os meios que nos permitem compreender, desenvolver e controlar a visão interna.

A palavra *controle* significa tanto repressão como direção; e existe, com efeito, uma categoria de visões internas que necessitam ser reprimidas. O delírio alucinatório do ébrio e do maníaco, que representa o grau extremo de desintegração da visão interna, pode ser interrompido raramente, enquanto o cérebro continua envenenado e doente. Mas constitui um fato digno de observação que as alucinações degenerativas, enquanto curáveis, devem essa cura mais freqüentemente e com maior facilidade à sugestão hipnótica do que a qualquer outro meio. As mesmas influências que originam as alucinações anódinas podem destruir as alucinações perigosas. Essa extensão do poder das camadas profundas do espírito do paciente, essa possibilidade de alcançar uma fonte profunda, que a princípio parecia uma simples curiosidade científica, adquirem agora um uso prático novo.

Em nossa discussão relativa ao hipnotismo tratamos de demonstrar que a sugestão não implica uma simples obediência do indivíduo às ordens que se lhe sugerem, antes, que é unicamente eficaz quando o indivíduo adote minha sugestão, até o ponto de transformá-la em auto-sugestão, e de exercer a faculdade novamente desenvolvida no sentido desejado pelo hipnotizador. Não é, pois, a ordem do hipnotizador, trata-se da faculdade do sujeito, o que constitui o *quid* da questão.

Passamos em revista todas as faculdades suscetíveis de uma intensificação hipnótica: a faculdade profunda orgânica, a que preside o sistema de nutrição e à qual se dedica a psicoterapia;

assistimos, igualmente, ao aumento da sensibilidade aos estimulantes externos, à hiperestesia hipnótica, isto é, à intensificação que provavelmente pode ser levada a um grau desconhecido, da vista, do ouvido, do olfato e do paladar. Citamos os fenômenos da *heterestesia*, isto é, das percepções de um gênero novo, as dos campos magnéticos, e o contato dos metais específicos. Não discutiremos a questão de saber se trata-se, nesse caso, de estimulações da sensibilidade periférica ou da receptividade central, isto é, se os órgãos terminais transmitiam uma informação vinda do mundo exterior em termos novos, ou se o cérebro aplicava a uma informação comum uma nova qualidade mais requintada de interpretação.

Ocupamo-nos, finalmente, do fenômeno da exaltação dessa faculdade central, que não é unicamente sensorial, mas antes atinge mais ao sentido intelectual e moral; mas omitimos a referência à "exaltação da imaginação", da possibilidade que existe de dar às imagens que têm uma origem central um pouco mais dessa vivacidade que só podem alcançar as imagens advindas do mundo exterior.

Nosso estudo das alucinações leva-nos a considerar as possibilidades, os estímulos desta última categoria. Porque as alucinações que nos ocupam não são exteriorizações toscas de alguma comoção interna, assim como as sensações luminosas, através das quais os nervos óticos reagem a um traumatismo da cabeça. Na maioria dos casos são produtos elaborados e em cuja elaboração a inteligência deve ter tomado parte, ainda que de um modo obscuro para nós. De acordo com isso, as imagens de que tratamos lembram as inspirações do gênio, cujos caracteres apresentam: aparição de um produto intelectual complexo, pré-constituído sob o umbral da consciência e projetado, uma vez que já estava constituído, na consciência comum. No gênio, esta corrente subliminar perturba raramente, apesar de sua aparição brusca e inesperada, a corrente de idéias supraliminares à qual se adapta melhor. Mas, nos casos de alucinações induzidas, a incompatibilidade entre essas duas correntes de inteligência é mais pronunciada, e a corrente superficial consciente está mais oscilante, e com maior freqüência, pelas intervenções intermiten-

tes da corrente subliminar, como na sugestão alucinatória pós-hipnótica.

Considerando as alucinações, do ponto de vista geral, chegamos a compreender sua independência de qualquer degeneração ou doença corpórea. Freqüentemente acompanham, com efeito, a doença; mas isso prova somente que os trajetos centrais, a exemplo de todas as demais partes do organismo, estão, igualmente, sujeitas aos estímulos mórbidos e às excitações sadias. Tomado por si só, o simples fato da exteriorização de uma imagem que tenha uma origem central é unicamente o resultado de um forte estímulo interno e nada mais. Não existe lei fisiológica que nos possa informar sobre o grau de vivacidade que deve ter uma imagem central para ser compatível com a saúde, exceção dos casos em que essas imagens tornam-se impossíveis de distinguir das percepções externas, até o ponto de perturbar a maneira racional de viver, como na loucura. Nenhum dos casos de alucinações verídicas alcançou, que eu saiba, esse ponto.

Falei das alucinações que a sugestão é suscetível de produzir, quer durante o sono hipnótico, quer depois dele, ou em pessoas acordadas. Esses casos de quase-percepção são agora familiares para todos, ainda que seu verdadeiro significado não tenha recebido a devida atenção. Mas, esta forma de experiência pode variar e aperfeiçoar-se? Podemos livrá-la de seus elementos supérfluos e pôr em relevo de forma mais contundente a parte realmente interessante?

Estudamos as imagens alucinatórias, nascidas como conseqüência da sugestão feita por *A* no espírito do indivíduo hipnotizado *B*. Mas a questão de saber se a voz ou a ordem de *A* intervém na produção dessas imagens não nos interessa. Desejamos estudar o espírito de *B* e gostaríamos de deixar o espírito de *B* livre de qualquer sugestão verbal comum, mesmo desejando observar, no que for possível, uma influência telepática. Agradar-nos-ia, também, poder prescindir do hipnotismo e de mostrar e descrever a *B* suas alucinações durante a vigília. Pode *B* alcançar essas imagens subliminares mediante um mero esforço da vontade? Pode fazer algo além de provocar só essas imagens-lembrança, mediante combinações mais ou menos fantásticas?

Será que, além dos casos raros e verdadeiramente assombrosos de alucinações reais, é possível encontrar algum indício que permita supor a existência de um costume ou de uma faculdade de receber ou evocar as imagens da reserva subliminar? Alguma auto-sugestão, consciente ou inconsciente, que coloca diante da inteligência supraliminar imagens que parecem ter sido formadas em outra parte?

Esses indícios existem realmente. No capítulo sobre o gênio, e no capítulo sobre o sono, provamos a existência de determinadas categorias dessas imagens, cada uma das quais pronta a se manifestar ao menor estímulo, surgindo as *figuras do sonho*, durante um momentâneo obscurecer da consciência; as *inspirações* correspondentes ao desejo concentrado ou a emoção meramente passageira do homem de gênio; as *pós-imagens* que se reproduzem em condições desconhecidas, muito depois de desaparecida a excitação original; as *imagens-lembrança* que surgem em nosso espírito com uma vivacidade nem sempre desejada e, por fim, a exatidão das *ilusões hipnagógicas* feita para nos surpreender, ao revelar um estado de transição da vigília ao sono.

Trata-se agora de encontrar um meio empírico singelo que permita reunir todas essas variedades de visões subjacentes, de lhes encontrar uma base comum.

Esse meio nos proporciona, primeiramente, a *cristaloscopia* (cristal-visão). Eis no que consiste essa experiência: faz-se com que o indivíduo olhe atentamente, mas sem fatigá-lo, um espelho ou um fundo claro e transparente disposto de maneira que reflita, o menos possível, tanto o rosto do observador como os objetos que o rodeiam. O melhor modo de evitar os reflexos consiste em usar uma bola de cristal envolvida por um pano negro, colocada no fundo de um caixote entreaberto. Depois de olhá-la duas ou três vezes, durante dez minutos, cada vez, é preferível que o sujeito permaneça sozinho no quarto e que se encontre num estado de passividade mental: começará, talvez, a dar-se conta de que o espelho ou a bola estão opacos ou lhe parecerá ver algum rosto ou imagem na bola. Um homem ou uma mulher entre vinte terão, talvez, ocasião de realizar essa experiência e desses vinte

visionários somente um será capaz talvez de desenvolver essa faculdade de visão interna até o ponto de receber até informações que seria impossível obter pelos meios comuns.

E, antes de tudo, como é possível, em geral, ver figuras no cristal? Os experimentos hipnóticos comuns nos sugerem duas respostas, cada qual só explicando uma parte do fenômeno.

Sabemos, em primeiro lugar, que o sono hipnótico se produz, com freqüência, quando olhamos fixamente um pequeno objeto brilhante. Isso pode ser, ou não, um efeito da sugestão, mas o fato se produz, com segurança, em certos casos e o sujeito pode ser facilmente hipnotizado e colocado num estado que facilita as alucinações.

Em segundo lugar, pode-se sugerir a um indivíduo hipnotizado o ver (descrever) um retrato sobre um papel em branco; e continuará ele vendo esse retrato, mesmo depois que o papel tenha sido misturado com outros, mostrando assim que discerne com acuidade pouco comum *os sinais* ou signos indicadores que podem existir aparentemente na superfície de um papel em branco.

A primeira experiência mostra-nos que a cristaloscopia pode, às vezes, vir acompanhada de um estado de hipnotismo parcial, que dá lugar, talvez, à alucinação, e o segundo, que os sinais parecem, às vezes, provocar a cristaloscopia, mas também resulta dos testemunhos dos mesmos indivíduos que foram submetidos a essa experiência, e das observações do Dr. Hodgson e outros (compreendidas as minhas), que tiveram oportunidade de assistir às suas experiências, que o fato de olhar uma bola de cristal provoca, raras vezes, um sintoma hipnótico qualquer, tanto entre indivíduos nos quais teve êxito a experiência, como entre os indivíduos em que não se obteve resultado. Por outro lado, não existe nenhuma prova a favor de uma relação qualquer entre a faculdade da cristaloscopia e a sensibilidade hipnótica. Tudo o que se pode dizer é que essa faculdade está, com freqüência, associada à sensibilidade telepática e, embora esta última possa ser freqüentemente exaltada pelo hipnotismo, nada prova que essas duas formas de sensibilidade caminhem sempre juntas.

Outro fato: a conexão entre o cristal e a visão é das mais variáveis. Às vezes as figuras parecem claramente desenhadas no cristal e limitadas por ele; outras vezes qualquer percepção do cristal e do espelho desaparece e o sujeito se assemelha a um clarividente, introduzido num grupo de figuras animadas com vida. Ainda mais: os sujeitos nos quais esta faculdade é levada ao mais alto grau podem passar sem o espelho e são capazes de ver imagens na simples obscuridade, o que os aproxima aos casos de *ilusões hipnagógicas*.

Parece, pois, prudente, pelo momento, não ver na cristaloscopia mais do que um simples meio empírico de desenvolver a visão interna, de exteriorizar as imagens associadas às mudanças produzidas nos trajetos sensoriais do cérebro e provocados por estímulos vindos ou de dentro, ou de espíritos diversos do sujeito. As alucinações assim provocadas parecem absolutamente anódinas. Ao menos, não conheço casos em que elas se mostraram danosas em qualquer forma.

Num certo sentido, a cristaloscopia deveria encontrar, logicamente, seu lugar nesta parte de nossa exposição. Com efeito, ocupamo-nos do controle da visão interna, e a cristaloscopia constitui, juntamente com a sugestão hipnótica, um meio empírico de estabelecer esse controle.

Uma revisão geral dos resultados obtidos era necessária, do ponto de vista da comparação com os fenômenos da visão interna espontânea, com as alucinações verídicas de que vamos nos ocupar agora.

Mas, desde outro ponto de vista, a cristaloscopia chega aqui de um modo prematuro, porque poucos dos fenômenos são de natureza que não apareçam ao leitor fantásticos e inacreditáveis. Essas visões não parecem estar submetidas a lei alguma; depende do simples acaso que um indivíduo enxergue um esqueleto, que outro veja uma cena de sua infância, que um terceiro enxergue uma fila de letras, cujo conjunto não tem sentido algum; que um quarto veja uma representação do que um amigo distante está fazendo naquele momento.

As visões cristalinas, cujas causas determinantes não conhecemos, podem ser consideradas como claridades acidentais que iluminam a visão interna, como reflexos sob uma curvatura estranha, indeterminada, que desfigura o universo ao atravessar e iluminar um meio incognoscível, constituído por substância anímica específica. O conhecimento normal e o supranormal e os produtos da imaginação misturam-se e formam irradiações complexas, enfeixando lembranças, sonhos, percepções telepáticas, telestésicas, retrocognitivas, precognitivas, etc. Existem ainda indícios de comunicações espirituais e de uma espécie de êxtase.[64]

É-nos impossível estudar todos esses fenômenos de uma só vez. Para voltar aos casos de automatismo sensorial espontâneo, vemo-nos obrigados a separar algum fenômeno fundamental que contém o princípio do qual derivam os demais fenômenos mais raros e complexos. Isto é relativamente fácil, porque a teoria da experiência real postula o princípio de que se a visão e a audição internas, cuja importância demonstramos, possuem realmente esta importância e um valor qualquer e se, na realidade, representam alguma coisa mais do que os sonhos e as meditações, devem obter cognições e informações de espíritos ou objetos distanciados e recebê-las de outra forma, que por meio dos órgãos dos sentidos externos. Devem existir comunicações entre as porções subliminares, como existem entre as porções supraliminares de diferentes indivíduos. Em resumo, a telepatia deve constituir a condição essencial de todos esses fenômenos.

Vejamos como a experiência atual confirma esta opinião, em relação ao papel da telepatia; porque ao passar dos fenômenos provocados aos fenômenos espontâneos, veremos que estes últimos proporcionam, antes de tudo, uma prova a favor da transmissão de emoções e pensamentos, de um espírito a outro.

Primeiramente devemos reconhecer que a telepatia deve existir, com certeza, em alguma parte do universo, se este último contém, de modo geral, as inteligências não encarnadas. Somente supondo que toda a vida do Cosmos está encarnada em organismos semelhantes aos nossos, não podemos conceber outros meios de comunicação, senão através dos órgãos dos sentidos.

Mas, se existe outra vida, menos apegada à carne, mais espiritual (como o homem concebe a vida superior), apresentam-se ao espírito duas suposições: ou não existe troca de pensamentos, isto é, vida *social*, ou esta troca só pode ser produzida através de meios diversos da língua e do cérebro.

Esta verdade parecera evidente desde que o homem começou a tratar do tema. Mas os progressos da ciência agregaram uma nova hipótese a essas especulações. Falo da hipótese defendida pela idéia de *continuidade*. Ao verificarmos o vínculo estreito que une o homem aos seres inferiores, que anteriormente se consideravam como separados de nós por um abismo intransponível, chegamos a supor que um vínculo, da mesma maneira, estreito, deveria uni-lo às vidas superiores, que o todo deve formar uma série ininterrupta, que as qualidades essenciais devem ser as mesmas em qualquer parte. Pergunta-se, geralmente, se o homem assemelha-se a um macaco ou a um anjo. A isto respondo que só o fato de existir parentesco com o macaco é prova a favor de parentesco com o anjo.[65]

Os sentimentos instintivos anteciparam, de outro lado, esses raciocínios especulativos. Os homens acreditaram sempre, e acreditam ainda, na realidade da oração, isto é, na possibilidade de comunicações telepáticas entre nossos espíritos humanos e outros espíritos superiores aos nossos, dos quais supõe-se que não só compreendem nossos desejos e aspirações, como também que são capazes de exercer influências e agir internamente sobre nós.

Essa crença na eficácia da oração está tão difundida que é assombroso que os homens não tenham chegado a esta conclusão aparentemente natural, isto é: se nossos espíritos podem se comunicar por meios que superam os de nossos sentidos, podem, da mesma forma, ser capazes de se comunicar entre si, da mesma maneira. Esse fato foi estudado, em épocas diversas, por eminentes pensadores, desde Santo Agostinho a Bacon, de Bacon a Goethe e deste a Tennyson.

As experiências isoladas provam, de vez em quando, a verdade prática disto. Mas só há alguns anos essa noção vaga e flutu-

ante tomou a forma de uma teoria definida, como conseqüência de experiências sistemáticas.

A Edmund Gurney devemos o primeiro ensaio dessa experiência sistemática,[66] baseada num número considerável de observações cuidadosamente verificadas e em experimentos cercados de todas as garantias.

A explicação dos experimentos telepáticos não é fácil. Assinalaremos um que, se correto, seria capaz de colocar esta ciência à altura das ciências mais avançadas: é a teoria das "ondas cerebrais" ou, segundo a expressão mais precisa de Sir William Crookes, das "ondas etéreas" que possuiriam uma amplitude menor e uma freqüência maior das que transmitem os raios X. Essas ondas se propagariam de um cérebro a outro, produzindo neste ou fazendo surgir naquele uma imagem semelhante à excitação, ou à imagem que lhes serviu de origem. Essa hipótese é muito atraente porque relaciona uma atividade que, com certeza, existe, mas cujo efeito é desconhecido, a um efeito existente, mas cuja causa é desconhecida.

No mundo das vibrações, nada parece tão natural quanto invocar outra vibração. Seria, com efeito, arriscado afirmar que um fenômeno qualquer perceptível aos homens não possa ser expresso, ao menos em parte, nos termos das ondulações etéreas. Mas, no caso da telepatia, a semelhança que sugere essa explicação, isto é, a analogia aparente entre a imagem emitida, por assim dizer, pelo agente, e a que percebe o indivíduo submetido à sua influência, como quando concentra a atenção sobre pedaços de papel e o indivíduo vê o papel inteiro, essa analogia está longe de ser completa. Pode-se dizer que o espírito do indivíduo percebe, *modificada*, a imagem transmitida pelo agente, até que a semelhança entre as duas imagens torna-se puramente simbólica. Vimos que existe uma transição contínua da telepatia experimental para a telepatia espontânea, da transmissão das imagens de papel ao pressentimento da morte de um amigo distante. Esses pressentimentos podem muito bem ser as imagens do amigo moribundo, mas é pouco provável que essas imagens sejam emitidas pelo cérebro do moribundo na forma em que as percebe o cérebro do sujeito receptor. Para citar um caso bem conhecido

de nosso arquivo (*Phantasms of the Living*, I, pág. 210), M. L. morre de um enfarte, deitado em seu leito, nu. No mesmo momento, M. N. J. S. vê M. L. de pé, junto a ele, com ar de contentamento, vestido com traje de passeio e com uma bengala na mão. Não se compreende como as ondulações teriam podido transformar até esse ponto os fatos físicos.[67]

As alucinações telepáticas *coletivas* são ainda mais difíceis de serem explicadas pela teoria das ondulações. É difícil compreender como *A* é capaz de emitir vibrações que, ao se propagar por igual em todas as direções, afetam não somente ao amigo distante, *B*, como também aos estranhos *C* e *D*, que, por acaso, acham-se ao lado de *B*, sem influenciar, ao que se sabe, qualquer outra pessoa no mundo.

Todos esses pontos foram analisados e discutidos desde que iniciamos nossas investigações. Mas, à medida que nossas experiências se multiplicavam, nosso conceito da telepatia se generalizava, cada vez mais, em outras direções novas, cada vez menos compatíveis com a teoria das ondulações. Mencionamos aqui, com brevidade, três das citadas direções, em particular as relações entre a telepatia e *a)* a telestesia ou clarividência, *b)* o tempo e *c)* os espíritos desencarnados.

a) Cada vez torna-se mais difícil atribuir as cenas que o sujeito capta à atividade de um espírito determinado, que, na realidade, percebe essas cenas distantes. Isto torna-se evidente nas experiências da cristaloscopia.

b) As visões através do cristal mostram, igualmente, o que podemos, do ponto de vista estritamente telepático, considerar como uma elasticidade demasiada em suas relações com o tempo. O indivíduo escolhe, por si próprio, o momento em que deve olhar a bola, e ainda que, com freqüência, veja acontecimentos que se realizam no mesmo momento, pode igualmente ver acontecimentos passados e até, ao que parece, acontecimentos futuros. De minha parte, não posso negar o pré-conhecimento, nem traçar, através dessas visões tão complexas, uma linha demarcatória clara entre o pré-conhecimento e a telepatia.

c) O conhecimento antecipado pode, caso se queira, ser considerado como uma atividade telepática exercida por espíritos desencarnados e isto o coloca num grupo de fenômenos que todos os que se ocupam de nosso tema devem ter reconhecido de há muito tempo. Ao reconhecer, em virtude da causa, que recebemos de pessoas mortas comunicações que chamaríamos telepáticas, se partissem dos vivos, podemos pensar que estas mensagens foram, igualmente, transmitidas por ondas etéreas. Mas, como estas ondas não podem, de modo algum, emanar de cérebros materiais, afastamo-nos, de tal modo, da hipótese primitiva das ondas cerebrais, que se torna muito difícil defendê-las.

Tudo o que podemos dizer a respeito da telepatia é isto: *a vida possui a faculdade de se manifestar à vida*. As leis da vida, tal como as conhecemos, só são aplicáveis à vida, associada à matéria. Com esses limites, pouco sabemos sobre a verdadeira natureza da vida. Não sabemos se a vida é, unicamente, uma força dirigente, ou se é, ainda, uma energia efetiva. Não sabemos de que forma atua sobre a matéria. Tampouco podemos definir as relações que existem entre nossa consciência e nosso organismo. Atrevo-me a dizer que as observações telepáticas nos abrem determinados horizontes deste lado. Da mesma forma que certos elementos de um organismo individual, fazendo abstração da atividade material, influem sobre outro organismo, podemos aprender alguma coisa sobre a forma como nossa própria vida influi no nosso organismo e mantém, interrompe ou abandona sua curva orgânica.[68]

A hipótese que sugeri no *Phantasms of the Living* em minha "Nota sobre uma possível forma de atividade recíproca psíquica" parece-me que se tornou mais verossímil, em conseqüência das numerosas observações feitas desde essa época. Continuo acreditando, e agora com mais certeza do que em 1886, que se produz uma "invasão psíquica", estabelecendo no meio que cerca o sujeito perceptor um "centro fantasmogenético", que realiza um movimento de certa maneira relacionado com o espaço tal como o conhecemos, e um transporte da presença que pode ser discernido ou não pelas pessoas invadidas e que resulta da percepção

de uma cena distante, da qual a pessoa que age pode não se lembrar.

Mas os termos de que me sirvo, inicialmente, supõem associação de idéias cuja natureza pode chocar a vários leitores, mesmo os menos científicos. Valho-me da linguagem de uma *psicologia paleolítica* e pareço compartilhar dos hábitos de pensamento do selvagem, que crê poder viajar em sonhos e que o seu espírito pode perseguir e acossar o seu inimigo. Mesmo dando-se conta do que essas expressões contêm de chocante, e do retorno que parecem significar a conceitos tão antigos, não vejo outro meio de me desculpar senão percorrendo novamente, diante do leitor, o caminho que um crescimento gradativo de provas me obrigou, com o fim único de compreender todos os fenômenos, a usar frases e expressões tão diferentes das que Edmund Gurney e eu usamos em nossos primeiros trabalhos sobre esse tema, em 1883.

Eis, sucintamente, os fatos. Quando nosso pequeno grupo começou, em 1882, a colecionar os fatos relacionados com as "alucinações verídicas" ou as aparições coincidentes com outros acontecimentos, de modo a sugerir a idéia de um nexo causal, demo-nos logo conta de que o tema estava apenas abordado. É correto que se citaram, vagamente, casos de diferentes gêneros, mas apenas alguns deles alcançavam esse grau de evidência, de que queremos cercar nossa exposição. Nosso próprio arquivo era incrivelmente pobre, em comparação com a rica colheita que só pedia para ser colhida; mas era suficiente para mostrar essas variedades de aparições coincidentes, que, por sua vez, eram as mais comuns e convincentes. Particularmente, as aparições de pessoas vivas, coincidindo com alguma crise que essas mesmas pessoas sofriam à distância e, além do mais, de pessoas que ainda viviam, mas que estavam em perigo de morte. Esses casos foram os primeiros a alcançar número e valor suficientes para conquistar nossa confiança e em diversos artigos publicados no *Proceedings of the S. P. R.* e no *Phantasms of the Living*, foram expostos com a plena evidência que mereciam e relacionados com a telepatia experimental, sendo considerados, em si, como

exemplos espontâneos, mas muito mais surpreendentes, das transmissões de impressões de um espírito a outro.

Todavia, por outro lado, descobriu-se entre esses casos determinados exemplos que não se deixam reduzir à concepção da telepatia pura e simples, mesmo que se admita tenha este conceito recebido sua forma definitiva. Às vezes a aparição era vista por mais de uma pessoa, de uma só vez, cujo resultado não se teria produzido caso se tratasse somente da transmissão de um espírito a outro, o qual exteriorizava esta impressão, dando-lhe uma forma material concorde com as leis de sua própria estrutura. Existiam ainda outros casos em que a pessoa influenciada parecia ser a um só tempo a pessoa influenciadora, no sentido de que tinha a impressão de ter, de alguma maneira, visitado, ou percebido uma cena distante, cujo participante não estava, necessariamente, consciente de uma relação imediata com essa pessoa. Ou, às vezes, essa "clarividência telepática" se convertia em "reciprocidade" e cada uma das pessoas em questão estava consciente da outra, a cena de seu encontro era a mesma na visão de cada uma ou, ao menos, a experiência era de alguma maneira comum às duas. Estas e outras dificuldades semelhantes apresentaram-se ao meu espírito desde o início e na "nota", já mencionada, "sobre uma possível forma de ação psíquica recíproca", inserida no segundo volume do *Phantasms of the Living*, indiquei brevemente a extensão da teoria telepática que considerava necessária a ela.

Entretanto, continuavam chegando até nós casos de determinados grupos, ainda que, em número, menos consideráveis que os das aparições no instante da morte. Para não mencionar mais do que os dois grupos mais importantes, achamo-nos na presença de aparições chamadas de *mortos* e de casos de *conhecimento prévio*. Para cada um desses grupos, parecia razoável postergar qualquer conclusão, até que o tempo mostrasse se os casos deste gênero e de primeira mão poderiam acontecer de maneira contínua e se os testemunhos independentes continuariam a produzir-se em favor dos incidentes que essas hipóteses explicavam melhor do que outras. Antes da morte de Gurney, ocorrida em 1888, nossos casos de aparições e outras manifestações de mor-

tos adquiriram um valor e uma consistência que, como o atesta sua última obra, convenceram-no de seu caráter verídico, que se acentuou então desde aquela época. A possibilidade de comunicação com pessoas mortas parece, hoje, tão indiscutível como a das comunicações telepáticas entre os vivos; e esta nova possibilidade modifica e amplia, necessariamente, nosso conceito no que diz respeito à telepatia entre os vivos.

Os fatos que abonam o conhecimento prévio eram muito menos numerosos e a evidência, relativamente a esse grupo de fenômenos, aparecia mais vagarosamente. Mas, de qualquer forma, é o suficiente para me fazer acreditar que ter-se-á que contar com esses fatos, sem que se possa afirmar, como faço com as mensagens de pessoas *mortas*, que todos os que aceitam nossas provas no que diz respeito à telepatia estejam obrigados a aceitar, ao mesmo tempo, as que se referem ao *conhecimento prévio*. Alguns passarão antes que esses fatos adquiram um valor indiscutível.[69]

Mas, qualquer que seja o ponto de vista em que se coloca este ou aquele pesquisador de nossa época, afirmo que o único meio racional de se conseguir uma convicção consiste em decompor primeiro a corrente emaranhada de fatos em diversos grupos definidos e, em seguida, observar a freqüência com que esses grupos de fatos se reproduzem, atribuindo-lhes uma importância cada vez maior, dependendo do grau de evidência com que apareçam.

Essa forma de proceder exclui, evidentemente, qualquer opinião *a priori* e reduz nosso conceito a uma simples classificação a que os fatos já conhecidos devem ser submetidos, de forma que possam ser compreendidos em seu todo.

Minha "psicologia paleolítica" não tem outra ambição. Atenho-me, simplesmente, a exemplo de predecessores antropófagos, a encontrar uma fórmula que abarque todos os fatos observados. "Quais as razões que tenho para acreditar que isto *não* é correto?" Essa é a pergunta que sempre deve ser feita, quando se chegou a um convencimento, por meios diversos do que a especulação científica, da profunda ignorância com que encaramos o Universo, como ele realmente é.

Reconheço, em todo o caso, que minha própria ignorância é imensa, que minhas noções, no que concerne ao que é provável e ao que é improvável no Universo não me parecem suficientes para separar os fatos que acredito devidamente provados e que não estão em contradição com outros fatos e generalizações melhor estabelecidos. Por mais amplo que seja o domínio dos fatos estabelecidos cientificamente, não representam, de acordo com a confissão dos cientistas mais autorizados, mais do que uma rápida vista d'olhos no domínio desconhecido e infinito das leis.

Desse modo, me vi levado a abandonar minha primeira forma de ver e, em lugar de tomar como ponto de partida o conceito de um impulso telepático que simplesmente se transmite de um espírito a outro, a colocar na base de todos esses fenômenos o conceito da dissociabilidade do *eu*, admitindo que diferentes frações do *eu* são suscetíveis de operar independentemente umas das outras, até o ponto de que uma não tome consciência dos atos da outra.

No fundo esses dois conceitos em grande parte se equilibram. Nos lugares onde se encontra uma transmissão experimental de pensamentos e mesmo das variedades mais comuns de aparições coincidentes, a segunda fórmula aparece como uma variação inútil e não provada da primeira. Mas, desde que nos encontramos em presença de categorias difíceis, casos de reciprocidade, de clarividência, casos coletivos e, antes de tudo, manifestações de mortos, encontramos que o conceito de um impulso telepático, uma vez transmitido, fica abandonado a si mesmo, no que concerne ao efeito que deve produzir; esse conceito, dizemos, necessita, para tornar-se evidente, ser analisado, examinado, manipulado de diversas formas. Por outro lado, exatamente nestas difíceis regiões, é onde se observam as analogias com outras formas de desintegração da personalidade e onde os atos de aparição e automatismo nos lembram os atos através dos quais se manifestam os segmentos da personalidade dissociados da personalidade primitiva, mas que operam através de um organismo que é o mesmo em ambos os casos.

A inovação que pretendemos introduzir consiste em supor que os segmentos da personalidade são capazes de agir de uma forma independente, na aparência, da do organismo. Uma semelhante suposição não poderia ter aparecido em nosso espírito sem a prova da telepatia e só pode ser mantida, dificilmente, sem a prova da sobrevivência, após a morte corporal. Porque na telepatia temos um elemento psíquico que faz parte da personalidade, mas que opera independentemente do organismo, e na sobrevivência após a morte corporal achamo-nos na presença de um elemento da personalidade, digamos, de seu último elemento, que age após a destruição do organismo. Portanto, nada há de temerário em reconhecer que um elemento da personalidade pode operar independentemente do organismo, enquanto este último ainda viva.

Trata-se, em último lugar, de uma dissociação da personalidade que manifesta sua atividade num meio metaetéreo; esta será, respeitando a terminologia empregada neste livro, a fórmula que com mais clareza resume todos os casos de aparições verídicas, conhecidas até agora. Assim, a bem da clareza de minha exposição, vejo-me obrigado a usar de palavras mais simples e curtas, por discutível e vago que seja seu sentido. Por isso sirvo-me da palavra espírito para expressar essa fração desconhecida da personalidade humana, que não é a fração supraliminar e cuja atividade surpreendemos antes ou depois da morte num mundo metaetéreo. Não encontro outro termo para expressar este conceito, mas a palavra *espírito* não implica em qualquer outra coisa, para mim. Da mesma forma, o sentido dos termos *invasor* e *invadido*, por estranhos e bárbaros que possam parecer, dependerá de conceitos cuja evidência nos aparecerá cada vez mais patente.

Os fatos que atualmente possuímos apresentam, do ponto de vista do conteúdo e da qualidade, uma gama que nos deixa perplexos. Para a maioria deles, nada mais faço que recomendar aos leitores a obra de Gurney. Aqui, contentar-me-ei somente em discutir alguns pontos.

Recordarei, em primeiro lugar, que todos os casos verídicos de coincidência aparecem sob a forma de um grupo isolado de

um fundo de alucinações, que não têm qualquer pretensão de coincidência nem de veracidade. Se as alucinações exclusivamente subjetivas dos sentidos não afetam mais do que os cérebros doentes e desequilibrados, na afirmação corrente, mesmo em círculos científicos, no início de nossas investigações, nossa tarefa seria muito menos árdua. O estado salutar e normal da maioria dos indivíduos que se submeteram às experiências era indubitável e seria para nós de uma enorme simplificação poder dizer, por exemplo, no caso do escolar que viu o fantasma de seu irmão, enquanto jogava cricket: "Esse escolar está em perfeito estado de saúde; essa aparição é a única que teve, logo veio-lhe, necessariamente, de fora."

Assim pensa, com efeito, a maioria das pessoas, quando uma aparição, única na sua vida, se apresenta a elas num momento em que se sentem sadias de corpo como de espírito. Durante o curso de sua pesquisa, Edmund Gurney teve ocasião de se convencer de que as alucinações isoladas, únicas na vida, parciais, sem vinculação aparente com uma circunstância qualquer, observavam-se nas pessoas sadias e normais com uma freqüência que ninguém poderia supor.

E como as alucinações ocasionais nas pessoas normais são tão freqüentes, parece difícil reconhecer que todas sejam verídicas. E a existência de todas essas alucinações, talvez puramente subjetivas, complicam muito nossas investigações no que diz respeito às alucinações verídicas. Resulta disso que a existência pura e simples das alucinações, de qualquer gênero, com freqüência muito rara, interpostas na vida comum, não lhes confere valor algum objetivo e é fora delas, na coincidência, por exemplo, existente entre essa alucinação e esse acontecimento que se realiza à distância, onde devemos buscar os elementos de evidência. A sensação do sujeito capaz de perceber não nos proporciona critério algum que nos permita afirmar se, em determinado caso, uma alucinação foi provocada ou não por algo desconhecido, que existe à margem do sujeito. As alucinações hipnóticas, por exemplo, que não correspondem a nenhum fato externo além da ordem sugerida e percebida do modo usual, constituem, talvez, o grupo mais diferenciado e constante das alucinações

normais. Repito, não possuímos nenhum testemunho subjetivo que permita distinguir as alucinações falsas das verdadeiras, o que não quer dizer que devamos renunciar a encontrar esse testemunho. Alguns indivíduos, particularmente sensíveis e sujeitos às alucinações dos dois gêneros, crêem ter aprendido a distinguir, por si mesmos, as duas classes e mesmo a distinguir entre as alucinações verdadeiras, as que são devidas à ação das pessoas vivas, e as provocadas pelos espíritos desencarnados; e é de se esperar sensibilidade e a apreciá-la com maior seriedade, a faculdade discriminadora do próprio sujeito se converterá num fator cada vez mais importante na constatação da evidência dos fenômenos de que trata.

Todavia, só podemos contar com a evidência que emana da coincidência externa, com este simples fato, para expressar essa coincidência na sua forma mais singela, que eu veja o fantasma de meu amigo Smith, no momento em que Smith morre distante de mim e sem que eu seja prevenido de seu estado. Uma coincidência desse tipo geral, quando é produzida, não é difícil de constatar e a constatamos e verificamos, com efeito, em centenas de casos.

A conclusão que me parece mais lógica é a de uma relação causal entre a morte e a aparição. Para refutar essa conclusão temos que discutir a exatidão do testemunho do sujeito, ou mostrar que a coincidência em questão é um simples efeito do acaso.

Cada uma dessas questões foi objeto de uma discussão tão completa como freqüente. Encontra-se exposta no "Relatório da Comissão das Alucinações" (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. X). Não posso deixar de citar textualmente a conclusão da Comissão: "Entre a morte e a aparição dos moribundos existe uma relação que dificilmente se explica por mero acaso."

Ao formular essa conclusão, escolheram, com preferência, aparições no momento da morte, porque como a morte é um acontecimento único na existência humana, as coincidências entre a morte e as aparições proporcionam um elemento deveras favorável, do ponto de vista das investigações estatísticas. Mas as coincidências entre as aparições e outras crises que não a

morte, ainda que inacessíveis à própria estimativa, rigorosamente aritmética, são igualmente convincentes. Esse grande agrupamento de casos espontâneos é o que vamos agora considerar.

A classificação lógica desses casos não é coisa fácil, porque cada narração pode ser considerada sob diversos pontos de vista: inicialmente temos que considerar a natureza do acontecimento externo, morte ou crise, ao qual corresponde a aparição, em seguida a própria forma da aparição, conforme se apresente durante o sono, no estado de semi-sonolência ou durante a vigília; temos, igualmente, que levar em conta o sentido especial que se encontra afetado, quer seja a vista ou o ouvido, e finalmente o efeito produzido, quer se trate de uma percepção *coletiva* comum a diversas pessoas de uma vez, quer se ache uma pessoa na presença de uma percepção *eletiva* particular a determinada pessoa. Uma destas divisões, a distinção entre os casos *auditivos* e os casos *visuais*, que foi suficientemente considerada na primeira coleção do *Phantasms of the Living*, pode ser deixada de lado. Os dados estatísticos das alucinações visuais, auditivas, bi-sensoriais ou tri-sensoriais foram determinados com suficiência, no que permitiam os documentos de que se dispunha; e, uma vez que supomos não se tratar de visão *ocular* nem de audição *auricular*, a questão de saber que sentido interno se encontra mais facilmente estimulado em cada sujeito determinado perde sua importância. Essa distinção pode muito bem, com algumas outras, ser discutida no que diz respeito a cada caso individual; mas devemos colocar na base de nossa classificação geral um caráter mais fundamental.

Não obstante, uma das vantagens do conceito de *invasão* ou de *incursão psíquica*, à qual já fizemos alusão, consiste, com precisão, em que esse conceito é suficientemente fundamental, para servir de base à classificação geral de todos os casos narrados, talvez, de todos os casos de aparições. E, ainda que existam certos casos para os quais o termo metafórico de *invasão* possa parecer demasiadamente forte, enquanto que a antiga metáfora de influência telepática seria suficiente, esses casos, ainda que, de certa maneira, sejam incompletos, entram com semelhante naturalidade nas mesmas divisões.

Seja *A* o "agente" ou o espírito supostamente invasor ou incursivo, num determinado caso, e *P* o sujeito invadido, um espírito que desempenha papel mais passivo, que recebe e, às vezes, enxerga a visita de *A*. Naturalmente, *A* é, com freqüência, senão *sempre*, por sua vez, um sujeito capaz de perceber, que adquire os conhecimentos ao mesmo tempo em que os comunica, com a restrição de que seu *eu* subliminar, que realiza esta incursão, nem sempre dá notícia dos resultados ao *eu* supraliminar que é o único acessível à observação externa.

Temos necessidade de um esquema que compreenda, de acordo com o conceito da *invasão* ou *incursão*, todas as ações telepáticas observáveis, desde as correntes de pouca intensidade que imaginamos passando incessantemente de um homem a outro, até um ponto, reservado para os capítulos seguintes, em que uma das partes da ação recíproca telepática deixou, definitivamente, o invólucro carnal. O *primeiro* termo da série será, forçosamente, um pouco ambíguo; mas o *último* nos conduzirá ao limiar do mundo espiritual.

Iniciemos, pois, pelos casos em que a ação do fragmento incursivo da personalidade é a mais fraca, a menos capaz de afetar a outros observadores ou a ser mantida na memória do sujeito, inclusive durante a vigília.

É, naturalmente, difícil tornar esses casos evidentes. Freqüentemente, só por acaso se observam essas incursões psíquicas débeis e sem objetivo, e isto de forma a nos fazer considerar como algo que apenas vai mais além da ilusão subjetiva do observador. Como uma visão fortuita, por exemplo, de uma senhora sentada em seu quarto, ou de um homem que volta para casa às 6 horas, pode ser observada, por um lado, de uma imagem-lembrança, e por outro, do que se poderia chamar "imagens de espera"? A imagem da mulher pode ser uma reminiscência, algo modificada e exteriorizada; a do homem que se aproxima da porta, uma simples projeção daquilo que o observador espera ver.

Suponhamos que esses fantasmas não coincidem com qualquer acontecimento determinado. A mulher pode ter tido idéia de ir ao seu quarto, o homem poderia estar na iminência de voltar

para casa; estas são circunstâncias banais que se produzem diariamente.

Mas, por mais banal que seja, quase todo o acúmulo de circunstâncias humanas é suficientemente complexo para que aconteça uma coincidência. Se a pessoa sentada no quarto veste uma roupa que o sujeito invadido jamais tenha visto antes da alucinação, se o homem objeto da alucinação aparece carregando um pacote de aspecto inusual, que o homem real acha ter levado, de fato, para casa sem que ninguém o esperasse, estamos devidamente autorizados a reconhecer que existe um vínculo causal entre o estado aparente do "agente" nesse momento e a aparição.

Este é o caso do coronel Bigge que acreditou ver, certo dia, a alguns passos de distância, um de seus colegas, vestido com um traje especial, que Bigge jamais vira, e carregando utensílios de pesca, quando Bigge ignorava que seu camarada estivesse naquele dia se dedicando à pesca e isto, dez minutos antes da aparição *real* de seu camarada no lugar em questão. Deveras assombrado, Bigge constatou que seu amigo estava realmente vestido daquela forma e com os utensílios de pescaria com os quais *aparecera* dez minutos antes (*Phantasms of the Living*, II, 94).

A respeito dos casos desse gênero, existe motivo para acreditar que o espírito do homem pode fixar-se, realmente, no lugar onde deve voltar, de forma que seu fantasma aparece lá, onde ele e os demais acreditam ver o fim mais provável de seu percurso.

Mas existem outros casos em que o fantasma de um homem aparece num lugar sem que exista uma razão especial para que ali estivesse, ao invés de em outro lugar, ainda que este pareça encontrar-se nos limites de sua corrente habitual de idéias.

Também nesses casos existem circunstâncias cuja natureza nos faz pensar que a aparição esteja relacionada com o agente aparente, por um vínculo causal. O fantasma de uma determinada pessoa pode ser visto em *diversas ocasiões* por vários sujeitos ou *coletivamente* por várias pessoas de uma vez; ou pode reunir essas duas características e ser visto em diversas ocasiões por várias pessoas de uma vez.

Ou considerando-se a raridade das aparições fantasmais e o fato de que apenas uma pessoa entre cinco mil é suscetível de ser vista no estado fantasmal, só pelo fato de que o fantasma de uma pessoa determinada seja visto duas vezes, por diversas pessoas (porque uma segunda aparição *ao mesmo* sujeito não tem o mesmo valor) é já bastante notável; e quando se reproduz três ou quatro vezes, torna-se difícil explicá-lo mediante um simples acaso.

É o caso da senhora Hawkins, cujo fantasma foi visto por quatro pessoas (seus dois primos, sua empregada e seu filho) em intervalos mais ou menos distanciados e, na primeira vez, por duas pessoas simultaneamente e de forma absolutamente idêntica (*Phantasms of the Living*, II, 78).

Em outros casos, a percepção foi coletiva, ainda que não repetida. Foi o caso das duas irmãs C. J. E. e H. E., que se encontravam na igreja, uma tocando órgão e a outra escutando, e viram o fantasma de uma terceira irmã que, conforme foi mais tarde comprovado, encontrava-se nas proximidades da igreja, onde teve intenção de entrar mas não o fez, por ter-se atrasado na biblioteca paroquial onde estava, ocupada em estudar os documentos familiares de seu tio, pastor. Apareceu às suas irmãs com o mesmo traje que vestia enquanto permaneceu na biblioteca e trazendo nas mãos um rolo de papéis (informação da Comissão de Alucinações, *Proceedings of the S. P. R.*, X, pág. 306). É possível que neste caso a terceira irmã estivesse ocupada com alguma idéia supraliminar ou subliminar da cena em meio da qual aparecia seu espírito e que uma de suas irmãs a visse por um mero ato de tranqüilo reconhecimento, comunicando à outra sua impressão telepática, fazendo com que visse a mesma figura.

No caso da senhora Hall (*Phantasms of the Living*, II, pág. 217), apareceu seu próprio fantasma ao marido e a dois familiares, enquanto todas estas pessoas se encontravam sentadas à mesa. Ninguém pareceu assombrar-se com aquela aparição, parecendo a própria sra. Hall completamente estranha à sua personalidade, como se fora um quadro ou uma estátua.

A questão da verdadeira importância do coletivismo da percepção reconstitui, sob outra forma, o problema da *invasão* para

a qual nossa exposição amiúde nos encaminha. Quando duas ou três pessoas vêem o que parece ser o mesmo fantasma, no mesmo lugar e no mesmo instante, significa que esta porção especial do espaço seja, de algum modo, modificada ou que uma impressão mental transmitida por um agente distante, ao qual pertence o fantasma, a um dos sujeitos invadidos se reflita telepaticamente do espírito deste último no espírito de outros sujeitos invadidos, de sujeitos, por assim dizer, secundários? Prefiro a primeira dessas explicações e vejo uma objeção contra a segunda, que é a do contágio psíquico. Neste fato, como em certos casos coletivos, não discernimos qualquer vínculo provável entre o espírito de um sujeito invadido qualquer e o do agente distante.

Não existe, com efeito, nenhum indício de um vínculo necessário entre o estado de espírito do agente, no momento da aparição, e o fato de que estas ou aquelas pessoas percebam seu fantasma. A projeção deste último constitui um ato tão automático por parte do agente e tão pouco intencional como um sono ou sonho.

Reconhecendo, pois, que essas "bilocações" se produzem sem causa externa apreciável e em momentos de calma e de indiferença aparente, devemos nos perguntar: de que forma esse fato poderá modificar nossos conceitos anteriores?

Suponho que a vida de sonho que evolui de uma forma contínua, paralelamente à nossa vida de vigília, é suficientemente possante para determinar, de vez em quando, uma dissociação suficiente para que um elemento qualquer de nossa personalidade torne-se capaz de ser percebido a uma determinada distância do organismo. Esse conceito de um quase-sonho incoerente, que se torna perceptível para os demais, está em total concordância com as teorias expostas durante o desenvolver desta obra, porque considero as operações subliminares como realizando-se de maneira *contínua* e acredito que o grau de dissociação, suscetível de engendrar um fantasma perceptível, não equivale necessariamente a uma modificação muito profunda, pois a perceptibilidade depende da idiossincrasia, ainda inexplicável, do agente e do sujeito invadido.

Chamaria à idiossincrasia do agente, *psicorragia*, cuja tradução literal significa: desprendimento da alma. O que, de acordo com minha hipótese, se escapa ou se desprende não é (como no sentido grego da palavra) o princípio total da vida do organismo, antes um determinado elemento psíquico, de caráter provavelmente variável e que não pode ser definido senão pela sua propriedade de produzir fantasmas perceptíveis para uma ou diversas pessoas, nesta ou naquela porção do espaço. Esses efeitos fantasmogenéticos podem manifestar-se no espírito e, em conseqüência, no cérebro de outra pessoa, caso em que esta pessoa discerne o fantasma em alguma parte das imediações, de acordo com seus hábitos mentais ou sua predisposição, ou então esse efeito se manifesta diretamente numa porção do espaço, caso em que várias pessoas podem vislumbrar, simultaneamente, o mesmo fantasma no mesmo lugar.

Passemos agora desses casos de psicorragia, que não supõem, por assim dizer, qualquer conhecimento novo para o sujeito que aparece sob a forma de fantasma, aos casos em que existe, de qualquer forma, uma comunicação de um espírito a outro e que implicam a aquisição de conhecimentos novos para o espírito incursivo.

É impossível classificar esses casos em grupos logicamente contínuos. Mas, de modo geral, o grau em que nosso encontro psíquico fica na lembrança de *cada uma das duas partes* indica, de algum modo, sua intensidade e pode servir de guia para uma classificação provisória.

Adaptando-me a esse esquema, iniciarei por um grupo de casos que não parece dar senão uma informação muito incompleta, os casos em que, particularmente, o agente *A* influi ou invade ao sujeito invadido *P*, sem que *A* nem *P* conservem qualquer lembrança supraliminar do que se passou.

Esses casos são bastante freqüentes. A *aproximação* psíquica se produz, hipoteticamente, numa região subliminar para *A* e para *P* e desta região, só algumas impressões incomuns e fragmentadas atravessam o umbral da consciência. Dessa forma, a telepatia parece operar de uma maneira muito mais contínua da que estamos dispostos a acreditar.[70]

Mas como o observador externo pode saber algo desses incidentes telepáticos, dos quais nem sempre as partes envolvidas se recordam?

Na vida comum podemos, às vezes, saber, pelos assistentes, os incidentes que as partes envolvidas não nos comunicam. Pode existir assistência, testemunhos, dessas invasões psíquicas?

Essa questão é de grande importância teórica. Como considero que se produz uma transferência real de alguma coisa do agente, e essa transferência determina uma certa modificação em determinada porção do espaço, pode-se reconhecer, teoricamente, a presença de um assistente capaz de discernir essa modificação com maior clareza do que as pessoas em benefício das quais se produz a modificação. Mas se, por outro lado, o que se produz é a simples transferência de um impulso de um espírito a outro, resulta difícil compreender como um espírito diverso do espírito focalizado pôde perceber a impressão telepática. Sem dúvida, nos casos *coletivos*, de pessoas sobre as quais o agente não demonstra interesse algum, ou cuja presença, ao lado da pessoa a que se supõe se dirija, lhe é desconhecida, recebem realmente a impressão da mesma forma que a pessoa focalizada. Isto foi explicado por Gurney como uma nova transmissão telepática, que, nesse caso, é enviada do espírito da pessoa que impressiona ao de seu vizinho, no momento.[71]

Uma suposição desse teor, já bastante problemática em si, torna-se ainda mais, quando, como sucede freqüentemente, a impressão telepática não adentrou ao espírito da pessoa principalmente visada. Quando, nos casos desse gênero, um assistente percebe a figura do agente, supõe-se que a percebe como simples assistente, não como a pessoa que sofre a influência telepática do sujeito ao qual a comunicação se dirige, já que, na realidade, este nada percebe.

É o caso de Frances Reddell (*Phantasms of the Living*, I, 214), que certa noite, quando estava para adormecer uma das suas pacientes, gravemente enferma, percebeu o fantasma da mãe dela, que ele não conhecia e que não podia ter visto antes, mas de quem pôde fazer uma descrição muito exata mais tarde quando a genitora lá chegou por ter recebido a notícia da morte

da filha; todas as pessoas às quais Frances Reddell contou a sua visão ficaram assombradas da semelhança entre a visão e a pessoa real. Inclusive, descreveu determinado vestido, bem como um castiçal, dos quais foi confirmada a existência pelos pais da enferma.[72]

Eis o que deve ter se passado naquele caso: a mãe, inquieta pelo estado de sua filha, fez-lhe, por assim dizer, uma visita psíquica enquanto as duas dormiam; e, ao fazê-la, modificou um trecho do espaço, nem material nem oticamente, mas de tal forma que as pessoas suscetíveis que se encontravam naquele trecho do espaço puderam distinguir, de algum modo, uma imagem que correspondia, aproximadamente, ao conceito que existia no espírito da mãe, relativo ao seu próprio aspecto, enquanto que a mãe não se lembrava de ter pensado em sua filha naquela noite e, como a filha morrera, não se podia saber se ela, como Frances Reddell, percebeu a imagem de sua mãe.

Temos também o caso do marinheiro que, cuidando de um de seus companheiros moribundo (*Phantasms of the Living*, II, 144), enxergou ao redor de sua maca umas figuras enlutadas, que lhe pareceram representar a família do moribundo. A família, sem estar informada exatamente do estado de seu chefe, alarmou-se ante os rumores que pressentiu, com razão ou sem, por indício de algum perigo que a ameaçava. Suponho, então, que a mulher fez a seu marido uma visita psíquica e vejo, nos trajes de luto e nas figuras das crianças que acompanhavam a mãe, uma representação simbólica desta idéia: "Meus filhos vão ficar órfãos". Essa interpretação parece mais provável do que a que seria na aparição dos filhos um fato do mesmo gênero que a aparição da mãe. As figuras secundárias não são raras nas aparições telepáticas. Qualquer um pode representar a si mesmo, quer carregando uma criança nos braços ou passeando num coche puxado por dois cavalos, de forma tão viva como se transportasse um guarda-chuva ou caminhasse por um quarto; igualmente, pode vislumbrar outros.

Citarei, como exemplo dessa percepção *refratada*, o caso da senhora Clerke (*Phantasms of the Living*, II, 61), cujo irmão moribundo (ou morto) não conseguiu atrair sua atenção e só foi

percebido por uma enfermeira que não o conhecia nem o havia visto nunca em carne e osso.

Parece-me que a *enfermeira* foi simplesmente uma assistente dotada de sensibilidade especial, que deu mostras de ser mais eficaz do que o parentesco de sua ama.

Agora, abordo um novo grupo de casos, os de *telestesia*, onde o agente e o sujeito invadido estão reunidos na mesma pessoa, que faz uma incursão clarividente (de caráter mais sério do que as meras psicorragias descritas até aqui) e supõe uma certa recordação da cena vista psiquicamente. Essa lembrança pode não existir ou então a pessoa interessada não quer dar ciência dela. Nos casos desse gênero, como nos de telepatia de que já falei, acontece que o fantasma incursivo foi observado por um assistente e isso em circunstâncias que excluem qualquer idéia de uma alucinação subjetiva deste último.

A sra. Mc Alpine estava sentada, num belo dia de verão, às margens de um lago nos arredores de Castleblaney, aguardando sua irmã que devia chegar por trem, quando, de repente, sentiu um calafrio e uma rigidez nas pernas até o ponto de não poder levantar-se do lugar onde se encontrava e sentiu o olhar fixo, como através de uma força externa, na superfície do lago. A seguir, apareceu uma nuvem negra, no centro da qual encontrava-se um homem de enorme envergadura que caiu no lago e desapareceu. Dias depois inteirou-se de que um certo Espy, homem muito alto e que, de acordo com a descrição, vestia-se da mesma forma que o viu a sra. Alpine, afogara-se naquele lago, e isso vários dias após a visão de seu suicídio, tida pela referida senhora. Ao que parece, Espy concebera de há muito a idéia de suicidar-se, afogando-se no lago de Castleblaney (informação da Comissão de Alucinações, em *Proceedings of the S. P. R.*, X, pág. 332. O relato do suicídio apareceu no *Northern Standard*, de 6 de julho de 1889).

É possível explicar essa aparição como um simples pressentimento, como uma imagem do futuro que se apresentara, de uma forma desconhecida, diante da visão interna do sujeito. Logo, encontramo-nos na presença de casos que parecem justificar essa hipótese extrema. Mas aqui parece mais simples supor que o

infeliz premeditara o afogamento, no instante em que a senhora Alpine encontrava-se sentada na margem do lago, e sua idéia foi autoprojetada, consciente ou não, de uma parte do seu *eu*.

As reflexões desse gênero se referem a um suicídio projetado e proporcionam, talvez, o exemplo mais notável da preocupação mental, relacionada com um determinado lugar. Mas tendo em vista nossa ignorância da verdadeira qualidade do pensamento e da emoção necessária para auxiliar uma incursão psíquica, não é de surpreender que em certos casos essa incursão nos pareça idêntica à que se observa nos chamados casos de *aproximação*, como o do coronel Bigge, anteriormente citado. O que tornou notável este caso foi a roupa incomum, na qual estava metido o colega do coronel, enquanto que a chegada deste último ao lugar onde aparecera era um fato totalmente provável e possível. Citarei agora os casos em que a chegada de um homem é inesperada, de forma que o fato de seu fantasma ser visto num lugar para o qual se dirige, antes que chegue realmente, constitui uma verdadeira coincidência.

O senhor Carroll (*Phantasms of the Living*, II, pág. 96) viu, certa noite, em seu quarto, quando ainda não pensava em deitar-se, a imagem de seu irmão que vivia em Londres, enquanto que ele vivia em Sholebrook Lodge, Towcester, Northamptonshire. Assustou-se um pouco com a aparição e, antes que tivesse tempo de se recobrar da emoção, ouviu que o chamavam, através da janela do quarto: era seu irmão, desta vez em carne e osso, que viera expressamente de Londres para vê-lo, sem anunciar-lhe previamente sua visita. Temos de acrescentar que o irmão de Carroll desconhecia o local onde habitava este último e, como ele mesmo disse, encontrou a casa e chamou à janela, certo de encontrar o irmão naquela casa e atrás daquela janela.

Eis agora um caso de pressentimento *auditivo* de uma chegada (*Phantasms of the Living*, II, pág. 100).

O senhor Stevenson estava em sua casa, sentado junto à sua esposa. Eram 19 horas. O quarto encontrava-se em silêncio, quando distinguiu claramente estas palavras: “David chega”. Pensando que sua mulher as pronunciara, interrogou-a; mas ela assegurou-lhe que não dissera uma só palavra. David era o irmão

de Stevenson, que tinha o hábito de sair todas as tardes entre as 5 e 6 e não voltava nunca antes das 10. Mas não transcorreram mais do que três minutos, desde que Stevenson ouvira a frase citada anteriormente, quando a porta se abriu e David entrou, sem que o esperassem àquela hora.

Não acho necessário dizer que minha hipótese de uma manifestação real do espaço que se acha transformado num centro fantasmogenético aplica-se tanto à voz fantasmal como às figuras fantasmais. A voz não se distingue acusticamente, nem a figura é vista oticamente. Mas uma voz fantasmal pode *vir* de determinado lugar, no usual sentido da palavra. Sem dúvida, nos casos como o de Stevenson, onde a voz foi ouvida somente por uma pessoa, é mais simples supor que a trajetória auditiva do sujeito invadido foi o único trecho do espaço afetado.

Esses casos de telestesia e outros semelhantes têm como particularidade a incursão psíquica que não supõe qualquer aquisição de conhecimentos supraliminares. Existem, não obstante, casos caracterizados por uma verdadeira aquisição de novos conhecimentos. De que forma se realiza essa aquisição?

Esses conhecimentos podem, primeiramente, ser adquiridos graças ao acréscimo do potencial dos sentidos comuns. Outras vezes a aquisição é feita por intermédio de artifícios particulares que utilizam os sentidos comuns num caminho novo, como na cristaloscopia. Um terceiro modo é constituído pela telepatia, que freqüentemente adquire a forma da telestesia pura, quando o espírito incursivo é atraído não por outro *espírito* distante, antes por uma *cena* distante. Finalmente, acredito ser útil rememorar que os exemplos mais notáveis de telestesia aqui citados produziram-se principalmente sob a forma de *sonho* e *visão*. Existe um meio de relacionar entre si todos esses diversos meios de percepção? Podemos encontrar, no próprio estado do sujeito invadido, um elemento que seja comum a todos? [73]

Até determinado grau é possível essa coordenação. Assim, a telestesia é caracterizada quase sempre por uma tendência a algo semelhante ao sonho; e, ainda que a hiperestesia se observe, às vezes, entre pessoas totalmente acordadas, constitui um atributo característico dos estados sonambúlicos.

Durante o desenrolar de nossa discussão sobre o hipnotismo, vimos que às vezes era possível estender, mediante uma sugestão gradual, a potência perceptiva do sujeito, até o ponto de transformar uma hiperestesia, que pode inclusive aplicar-se pela ação dos órgãos dos sentidos, numa telestesia que não explica essa ação. Note-se que, nos casos desse gênero, os sujeitos, ao descreverem suas sensações, falam, com freqüência, de impressões recebidas ou de imagens vistas, como se estivessem colocados diante deles; outras vezes acreditam *estar viajando* e visitar cenas distantes; ou, igualmente, a sensação oscila entre os dois gêneros de impressão, da mesma forma que o sentido da *relação do tempo* na imagem vista oscila entre o presente, passado e futuro.

Os fenômenos de cristaloscopia apresentam analogias bastante estreitas com todas essas sensações tão complexas. Insisti sobre o fato curioso de que o simples artifício de olhar num cristal tem como efeito provocar fenômenos que pertencem a todos esses grupos diversos. Em si, as imagens que no cristal apresentam o mesmo aspecto podem ter origens diversas e estar acompanhadas de determinadas sensações, não só da sensação de *contemplação*, mas também (ainda que raramente) da *possessão*, *bilocação* e *presença* psíquicas entre as cenas desenhadas no cristal, mas que não estão limitadas nem contidas nele.

Essa idéia da incursão psíquica deve, portanto, ser reconciliada com o caráter freqüentemente *simbólico* dessas visões. Na cristaloscopia, trata-se, com freqüência, não de uma simples transcrição de fatos materiais, antes de uma seleção sucinta que age entre esses fatos e, inclusive, de uma modificação audaciosa desses mesmos fatos, com o fim de tornar o relato da história mais claro e completo. Conhecemos essa mesma sucessão de cenas simbólicas no sonho, no sono e na vigília.

Um elemento semelhante é comum a todas as visões telestésicas, indício de que o *espírito* colaborou na construção da imagem, de que a cena não foi apresentada, por assim dizer, na sua objetividade crua, antes com uma certa *seleção* de *detalhes* e um certo *simbolismo*, no modo em que estes foram apresentados.

Vejamos agora o modo pelo qual essas particularidades afetam as teorias que concernem ao mecanismo da clarividência. Suponhamos primeiro que existe uma certa transição entre hiperestesia e telestesia, de forma que quando a sensação periférica não é possível, a percepção central pode agir sempre através de obstáculos de outro modo invencíveis.

Assim sendo, é muito provável que a percepção central se adapte às formas de percepção a que estão acostumadas as trajetórias centrais do cérebro, e que o *conhecimento superior*, o conhecimento telestésico, de alguma forma adquirido, se apresente antes de tudo, quer como clarividência, quer como clariaudiência, como certa forma da vista e do ouvido. Mas essa vista e esse ouvido telestésicos guardam certos resquícios de sua origem inusitada. Apresentam, por exemplo, uma *coordenação imperfeita* com as sensações visuais e acústicas proporcionadas pelos órgãos externos e, como constituem, por assim dizer, uma tradução de impressões supranormais, em termos sensoriais, apresentam, com certeza, um caráter *simbólico*.

Em cada uma das etapas de nossas investigações tropeçamos com essa tendência ao simbolismo subliminar. Como exemplo de sua forma mais simples, citarei aqui o caso do estudante de botânica, que, passando distraidamente diante de um restaurante francês, acreditou ter lido no cartaz: *Verbascum Thapsus*. Mas a palavra que realmente estava impressa era *Bonillon*; e a palavra *Bonillon* constituía a designação francesa vulgar da planta *Verbascum Thapsus*. Aqui produziu-se uma transformação subliminar da percepção ótica real, e as palavras *Verbascum Thapsus* foram mensagem enviada ao *eu* supraliminar distraído, pelo *eu* subliminar, mais preocupado com a botânica do que com a comida.

Sabemos ainda que nossa própria percepção ótica é, no seu gênero, simbólica no mais alto grau. A cena que a criança vê instintivamente, que o pintor impressionista trata de ver, através de uma auto-simplificação forçada, é muito diferente da forma pela qual um homem maduro comum interpreta o mundo visível e se representa a distribuição das cores.

Mas nos adultos adotamos, a respeito do simbolismo subliminar, a mesma atitude que tem a criança sobre nosso simbolismo ótico aperfeiçoado. Da mesma forma que a criança não capta a terceira dimensão, nós não captamos a quarta, ou o que quer que seja a lei do conhecimento superior, que dá ao homem, de forma fragmentada, o que seus sentidos comuns são incapazes de discernir.

Não quero dizer, de forma alguma, que todo conhecimento simbólico seja um conhecimento que nos vem de um espírito externo ao nosso. O simbolismo pode ser a linguagem inevitável, através da qual uma das camadas de nossa personalidade se comunica com outra. Resumindo: o simbolismo pode ser a lembrança psíquica, mais fácil ou possível, dos fatos objetivos atuais, e esses fatos podem ter sido fornecidos nessa forma por outros espíritos, dispostos para serem digeridos pelo nosso, como o alimento normal é elaborado tendo em vista a nossa digestão corporal, a partir de um primitivo estado de crueza.

Mas, do ponto de vista idealista, podemos nos perguntar se nos casos desse gênero existe uma diferença real entre o simbolismo e a realidade, entre o subjetivo e o objetivo, no sentido comum dessa palavra. A matéria sensível, que vemos e tocamos, possui uma realidade "sólida" para os espíritos constituídos de forma que tenham a sensação subjetiva de sua solidez. Mas para os outros espíritos, dotados de outra forma de sensibilidade, para os espíritos talvez superiores aos nossos, e mais numerosos que os nossos, essa matéria sólida pode parecer discutível e irreal, enquanto o pensamento e a emoção, percebidos por vias desconhecidas para nós, representam para eles a única realidade.

Este mundo material constitui, com efeito, um "caso específico", um exemplo simplificado, entre todos os mundos perceptíveis aos espíritos encarnados. Para os espíritos desencarnados não é já um "caso específico"; é-lhes, aparentemente, mais fácil discernir os pensamentos e as emoções com ajuda de signos imateriais. Todavia não estão desprovidos totalmente da faculdade de perceber as coisas materiais, como os espíritos encarnados não estão desprovidos da faculdade de perceber as coisas imateriais, as emoções e as idéias, simbolizadas de forma fantasmal.

Parece emanar dessas reflexões a existência de uma contínua transição da telestesia à telepatia, da percepção supranormal de idéias existentes nos outros espíritos à percepção supranormal do que conhecemos como matéria. Toda matéria pode existir sob a forma de idéia num espírito cósmico, com o qual qualquer espírito individual pode encontrar-se relacionado, da mesma forma que com outros espíritos individuais. A diferença reside, talvez, antes no fato de que só em conseqüência de uma *chamada* vinda de um espírito similar, o do *agente* entra em ação; enquanto que as incursões entre os objetos inanimados estão, com freqüência, privadas de qualquer impulso. Esta suposição, sendo certa, explicaria o fato dessas incursões se realizarem, amiúde, sob a influência da sugestão hipnótica.

Se nos referirmos agora aos casos de clarividência à distância, encontraremos neles uma espécie de fusão de todas as manifestações das faculdades supranormais: telepatia, telestesia, retrocognição, precognição, coexistentes numa síntese incompreensível para nós. Só artificialmente podemos classificar esses casos de acordo com o predomínio deste ou daquele fenômeno.

Dessa forma obtemos, experimentalmente, casos onde parece manifestar-se uma faculdade independente de visitar qualquer lugar, cuja posição tenha sido, talvez, descrita anteriormente, seguindo sinais já conhecidos. A clarividente (emprego o gênero feminino, ainda que em certos casos os homens manifestem a mesma faculdade) errará, com freqüência, seu caminho e descreverá amiúde casas e cenas que se encontram próximas às que desejava visitar. Mas, quando tenha percebido, literalmente, a pista e encontrado o lugar que o homem que procura atravessou, seguirá a pista com a maior facilidade, reconhecendo, aparentemente, tanto os acontecimentos passados como as circunstâncias atuais de sua vida. Nesses casos experimentais prolongados dispomos de tempo suficiente para permitir à clarividente atravessar certos locais, como: quartos vazios, fábricas, etc., onde não a atraiu qualquer vínculo aparente com pessoas vivas; desse modo, a possibilidade da existência da *telestesia*, independentemente da telepatia, pôde ser comprovada, *incidentemente*, durante o desenrolar dos experimentos exclusivamente telepáticos.[74]

Essas viagens clarividentes prolongadas parecem, antes, *sonhos*, que alucinações da vigília.

Citaremos o caso de um médico que pretendeu guardar o anonimato, para que não o acusassem de "defender opiniões contrárias ao dogma científico geral". Atendia à mulher de um pastor, doente; durante o atendimento sobrevieram delírios que não pareciam ter relação alguma com a enfermidade principal. A paciente vivia numa casa que não possuía campainha externa e cuja porta permanecia fechada a partir da meia-noite. Certa noite, mais ou menos às nove horas, o médico voltara da casa de sua doente mais perplexo do que nunca; deitou-se cedo. Mas, mais ou menos à uma hora da madrugada, levantou-se dizendo para sua mulher que ia visitar sua cliente. Ao ouvir ela dizer-lhe que encontraria a porta fechada e que por isso não poderia entrar, respondeu que via o proprietário da casa conversando na rua com outro homem. A mulher não se espantou com a resposta, mormente quando o marido lhe disse estar totalmente desperto. Portanto, saiu e encontrou, de fato, diante da casa o proprietário, que lhe abriu a porta. Ao entrar no quarto da doente, encontrou-a prestes a engolir um copo cheio de licor alcoólico. Teve, dessa forma, a explicação dos delírios, que eram unicamente de natureza etílica. Falou sobre isso com o marido da doente, que o negou com energia e pediu ao médico que não voltasse. Três semanas mais tarde, o médico inteirou-se de que sua doente estava num asilo de alcoólatras (*Phantasms of the Living*, I, Pág. 267).[75]

É difícil afirmar se foi a enferma que se dispôs à embriaguez ou se foi o proprietário que desempenhou, em certo sentido, o papel de *agente*, no caso. De uma forma ou de outra, o desejo tenaz do médico de encontrar uma ocasião para esclarecer o caso de sua doente levou a uma colaboração do *eu* subliminar e do *eu* supraliminar, semelhante a uma inspiração genial; mas, enquanto o gênio age nos limites sensoriais comuns, o *eu* subliminar do médico desenvolveu suas forças supranormais num grau extremo.

Existem outros casos em que uma cena apenas percebida, como a luz de um relâmpago, apresenta um interesse especial

para o sujeito invadido, ainda que nenhum dos personagens da cena tenha o desejo de torná-la visível. Em outros casos ainda, os sujeitos assistem um acontecimento real, que se realiza à distância, aparecer subitamente como nas imagens cristaloscópicas, na parede, ou mesmo no ar, às vezes num círculo de luz, sem fundo aparente.

Pode-se, então, ver por clarividência um incidente muito tempo após ter se produzido? Pode-se dizer que se visitou uma cena em clarividência ou que se mostrou espiritualmente, quando essa cena representa um velório, onde toda emoção está apaziguada, mas para a qual o espírito livre deseja atrair a atenção e a simpatia de um amigo?

Possuímos observações desse gênero: por exemplo, a da Sra. Agnes Paquet, que teve, certo dia, a visão de seu irmão, marinheiro, que se afogou acidentalmente; visão clara até o ponto de poder descrever todos os detalhes da roupa e, inclusive, as circunstâncias mais insignificantes em que se produziu o acidente; e uma posterior verificação demonstrou a exatidão de sua narrativa e que a visão lhe apareceu horas após o acidente (*Proceedings of the S. P. R.*, VII, pág. 32-35).

Em outro caso, trata-se de uma mulher que teve, certo dia, a visão de seu médico, que há um ano não via e ao qual deixara gozando plena saúde, estendido, morto numa cama, num quarto vazio, sem móveis e cortinas. Mais tarde inteirou-se de que morrera naquele dia em que tivera a visão, horas antes desta, num pequeno hospital de província, num país estrangeiro, onde fora por seu clima tépido (*Phantasms of the Living*,, I, pág. 265).

Chegamos agora a um grupo de casos onde *B* invade *A* e este último percebe completamente essa invasão, enquanto *B* não mantém qualquer recordação supraliminar.

Já discutimos alguns casos do que chamamos *psicorragia*, onde a invasão é feita à margem da vontade ou intenção do invasor. Nos casos que vamos narrar trata-se provavelmente de uma projeção real da vontade ou do desejo do invasor, que possui como efeito a projeção de seu fantasma, reconhecível para algum amigo distante, sem que o próprio *agente* lembre-se,

posteriormente, do fato. Estes são casos intermediários entre os casos *psicorrágicos* já descritos e os *experimentais* de que falaremos a seguir.

Citarei, nesta categoria, a observação da Sra. Elgee, que teve, certo dia, no quarto que ocupava num hotel do Cairo, a visão de um de seus melhores amigos, que sabia, naquele instante, encontrar-se na Inglaterra; e, o que dá maior interesse a esta narração, uma moça que ela devia acompanhar à Índia, e que estava no mesmo quarto, teve igualmente, no mesmo momento, idêntica visão, com igual clareza, e ainda que não tivesse visto, vez alguma, o sujeito em questão, deu à Sra. Elgee uma descrição tão exata que esta não pôde duvidar da veracidade da visão. Soube mais tarde que seu amigo tivera naquela época enormes preocupações e que, nas vésperas de tomar uma importante decisão, lamentara não poder consultá-la; e, no mesmo momento em que vira o fantasma, o amigo, em sua casa, pensava nela (*Phantasms of the Living*, II, pág. 239).

Os casos que vêm a seguir, numa ordem crescente de *intensidade* aparente, são os casos em que um e outro sujeitos conservam a lembrança do ocorrido, de forma que a experiência é *recíproca*. Estes casos merecem ser estudados particularmente, porque ao perceber as circunstâncias em que são produzidos esses casos recíprocos, podemos reproduzi-los experimentalmente. Ver-se-á que se trata de graus variáveis da tensão do espírito, do lado do *agente*.

Outro grupo, bastante importante, ainda que pouco numeroso, é o da realização prematura de uniões póstumas, por assim dizer. Veremos, no capítulo seguinte, que a promessa que os amigos fazem de, se possível, aparecer um ao outro após a morte está longe de ser assunto simples, inútil e sentimentalóide. Essas aparições póstumas podem, é certo, ser impossíveis na maioria dos casos, mas existem razões sérias para acreditar que a tensão prévia da vontade nessa direção torne possível a realização do desejado encontro. Se, de fato, isso acontece, trata-se de uma espécie de experimento que todos podem realizar.

E, com efeito, experiências foram feitas desse gênero, com total êxito. Citaremos, unicamente, o caso de M. A. S. H., que

conseguiu, com enorme esforço de vontade, tornar-se visível a pessoas de suas relações, em dia determinado previamente e isto sem prevenir as pessoas. A primeira vez, sua aparição foi vista, simultaneamente, por duas pessoas, duas irmãs que se encontravam no mesmo quarto. "Ao realizar esse esforço de vontade, disse M. A. S. H., experimentava uma espécie de influência misteriosa que impregnava todo o meu corpo e uma impressão muito clara de que punha em movimento uma força desconhecida para mim, até aquele momento, mas que atualmente posso manifestar à vontade, em momentos precisos." (*Phantasms of the Living*, I, pág, 104-109).

Nessas autoprojeções, temos diante de nós a manifestação, não me atrevo a dizer a mais útil, mas a mais extraordinária da vontade humana. Qual das nossas faculdades conhecidas supera a capacidade de mostrar-se à distância? Existe uma ação mais *centralizada* que surja, de forma mais manifesta, da parte mais profunda e unitária do ser humano? Começa aqui a justificação do conceito que esboçamos no início deste capítulo, isto é, que o *eu* subliminar, longe de formar um simples encadeamento de redemoinhos e torvelinhos, isolados de qualquer maneira na corrente principal da existência humana, constitui, pelo contrário, a corrente principal e mais possante que podemos, sem dúvida, identificar com o homem. Outras manifestações têm seus limites precisos; quais são esses limites? O espírito mostrou-se dissociado, em parte, do organismo; até onde chega essa dissociação? Manifesta certa independência, inteligência, permanência. Que grau de independência, de inteligência e de permanência pode alcançar? De todos os fenômenos vitais, este é o mais significativo; a autoprojeção é o único ato definido que o homem parece capaz de realizar tanto antes como depois da morte corporal.[76]

VII
Os fantasmas dos mortos

Chegamos aqui, insensivelmente, a um ponto de importância fundamental. Um problema profundo e central que abordamos apenas de uma maneira irregular e intermitente nos capítulos anteriores e que agora vamos enfrentar diretamente. Das ações e percepções de espíritos encarnados ainda, que se comunicam uns com os outros, passaremos ao estudo das ações dos espíritos liberados de seu invólucro carnal e às formas de percepção, com a ajuda das quais os homens ainda vivos respondem a essas influências insólitas e misteriosas.

Essa transição é realizada sem solução de continuidade. O *eu* subliminar que já estudamos através das diferentes fases de sensibilidade crescente, que vimos adquirir uma independência cada vez maior dos laços orgânicos, será agora estudado do ponto de vista de sua sensibilidade, a respeito de influências ainda mais afastadas, como se fosse dotado de uma existência independente, mesmo depois da destruição do organismo. Nosso tema apresenta, naturalmente, três divisões principais:

- Em primeiro lugar, discutiremos brevemente o valor dos argumentos teóricos em favor da sobrevivência depois da morte e suas relações com os argumentos apresentados nos capítulos precedentes;
- Em segundo lugar, e isto constitui o ponto capital deste capítulo, precisamos fazer uma classificação racional dos argumentos em favor da sobrevivência, no que se refere especialmente ao automatismo sensorial, vozes ou aparições; e os fatos do automatismo motor, escrita automática e possessão ficam para uma discussão posterior;
- Em terceiro lugar, finalmente, examinaremos o significado do conjunto dos fatos em questão e sua importância do ponto de vista do futuro científico e moral da humanidade.

Primeiramente, no que concerne à evidência em relação à sobrevivência humana, esbarramos, na maioria dos casos, mesmo

tratando com pessoas inteligentes, com uma prevenção absoluta, com a resolução decidida de não acreditar nos fatos desse gênero. Essas pessoas dizem que só se deixarão convencer no dia em que tenham provas de que existe uma relação de continuidade entre os fenômenos em questão e os já reconhecidos e provados, e por enquanto se recusam a imaginar qualquer relação de continuidade entre a hipótese da existência do mundo espiritual e a evidência que aparece nas nossas experiências relacionadas com o mundo material. Eu reconheço essa necessidade de continuidade e reconheço também que os argumentos levantados até agora em favor da existência do mundo espiritual desconheceram e descuidaram demasiadamente dessa necessidade. O espírito popular desejou sempre qualquer coisa de extraordinário que fosse além das leis naturais; sempre professou o *Credo quia absurdum* ou o *Credo quia non probatum*. Disso resultou fatalmente uma grande insegurança na convicção assim adquirida. Se privado do apoio do sistema geral da ciência, o ato de fé parece retroceder e apagar-se na medida em que o sistema avança e cresce.

Não é demais voltar a dizer que o objetivo que eu procuro é de um caráter totalmente oposto. Acreditando que todo o espírito cognoscível é tão contínuo quanto toda a matéria cognoscível, eu gostaria da fazer no campo espiritual o que a análise espectral e a lei da gravitação fizeram no campo material e mostrar que nas operações do mundo espiritual desconhecido reina a mesma conformidade de substância e de ação recíprocas que no mundo conhecido da matéria. E para explorar estas atitudes inacessíveis não me colocarei, como os teólogos, sobre uma torre cuja parte superior se perde nas nuvens, mas sobre a terra firme e na bem medida base de uma figura trigonométrica.

Para poder medir esta base devemos começar limpando o terreno. Vejamos primeiro as definições mais simples, para esclarecer para nós mesmos as coisas que desejamos analisar e descobrir. Para falar a linguagem do povo, procuramos os espíritos. Qual é o significado que devemos dar à palavra *espírito*, em volta da qual desenvolveram-se teorias tão arbitrárias, e que provocaram tantos temores sem causa? Seria preferível, no

estado atual dos nossos conhecimentos, que nos limitássemos a reunir simplesmente os fatos, sem nenhum comentário especulativo. Mas é também necessário expor os erros manifestos do ponto de vista tradicional, o qual, se não for refutado, poderia parecer o único possível, até para aqueles que sempre se recusaram a aceitá-lo.

Porque, segundo a opinião do povo, *um espírito é uma pessoa morta autorizada pela Providência a manter-se em contato com os sobreviventes*. Esta breve definição inclui, na minha opinião, três afirmações desprovidas de base.

Em primeiro lugar, as palavras *Providência* ou *autorização* podem ser aplicadas ao fenômeno em questão tanto quanto a qualquer outro fenômeno. Reconhecemos que todos os fenômenos acontecem segundo as leis do universo, e portanto com a autorização da Potência Suprema do universo. Inegavelmente a realização dos fenômenos de que nos ocupamos está autorizada, mas não de uma maneira especial, que converteria este fato numa exceção da regra, sendo que é apenas uma de suas aplicações particulares. E ao mesmo tempo esses fenômenos encerram apenas uma justiça poética e não estão mais adaptados aos desejos e pregações humanas do que os fenômenos que se desenvolvem no acontecer comum da história da Terra.

Em segundo lugar, nada nos autoriza a afirmar que o fantasma ou o espectro que enxergamos, mesmo quando seja *provocado* por uma pessoa morta, *seja* esta mesma pessoa, no sentido comum da palavra. Trata-se, em todo caso, de uma dessas figuras alucinantes ou fantasmas, análogos aos que as pessoas vivas são capazes de projetar à distância, sem que seja possível afirmar que a aparição que enxergamos seja a *mesma* pessoa viva; igualmente, o que chamamos de um espectro ou uma aparição não é a *mesma* pessoa morta; existe, com certeza, uma ligação entre o espectro e a pessoa morta, ligação que a natureza deve determinar, mas que está longe de significar a identificação completa.

Em terceiro lugar, já que não devemos ver no fantasma a *mesma* pessoa morta, não deveremos atribuir ao primeiro as intenções que pensávamos que podíamos atribuir à última.

Devemos, pois, excluir da nossa definição de *espírito* tudo aquilo que possa ser uma alusão e uma intenção sua de comunicar-se com os vivos.

O espírito pode ter, com a pessoa morta, um tipo de relação que reflita o presumível desejo desta última de manter-se em comunicação com os vivos ou então essa comunicação pode não existir. Se, por exemplo, existir entre ele e sua vida *post-mortem* uma relação semelhante à que comprovamos entre nossos sonhos e nossa vida terrena, pode representar uma pequena parcela do que lhe pertence em propriedade, se se trata apenas de algumas lembranças e instintos vagos, daqueles que dão uma individualidade difusa e obscura aos nossos sonhos mais comuns.

Tentemos, pois, uma definição mais exata. Deixemos de ver o *espírito* como uma pessoa morta autorizada a entrar em comunicação com os vivos e vamos defini-lo como uma *manifestação de energia pessoal persistente*, ou como um indício de que uma certa potência, cuja idéia está unida à de uma pessoa que conhecemos antes, durante sua vida terrena, continua a se manifestar depois da morte. E para eliminar de nossa definição qualquer afirmação popular, devemos acrescentar que é teoricamente possível que essa força ou influência que, depois da morte de uma pessoa, cria uma impressão fantasmagórica desta pessoa, não seja devida a uma ação real da mesma, mas a qualquer resíduo da força ou da energia que produziu enquanto estava viva. Pode tratar-se de uma dessas *pós-imagens verídicas* de que falava Gurney, que, comentando as aparições repetidas de um fantasma de uma anciã na cama onde foi assassinada, observava que o dito fantasma "sugere menos a idéia de um interesse local contínuo da parte da pessoa morta, do que a sobrevivência de uma simples imagem impressa; não sabemos quanto, nem sobre o que, pelo organismo físico desta pessoa, é perceptível de vez em quando para pessoas dotadas de uma sensibilidade especial". (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. V, pág. 417).

Essa noção, apesar de estranha, parece porém confirmada por alguns dos casos de *obsessão* que mencionaremos mais tarde. Veremos, então, a freqüência do aparecimento das mesmas imagens alucinatórias nos mesmos locais, e como é inverossímil

a idéia de admitir uma intenção qualquer ligada a esses aparecimentos, uma relação qualquer entre elas e as pessoas mortas ou o gênero de tragédia que, no espírito do povo, são freqüentemente associadas ao fenômeno do aparecimento. Em alguns desses casos de aparecimento freqüente, injustificado, de determinada figura em determinado lugar, podemos perguntar-nos se foi a freqüência em outras ocasiões, pela pessoa morta no local em questão, ou se se trata então de algum ato recente que se manifestou depois da morte, que provocou o que eu chamei de *pós-imagem verídica*, na medida em que esta comunica informações desconhecidas até a data para a pessoa receptora, como antigo habitante da localidade assombrada.

Estas são algumas das questões levantadas por nosso tema. E o fato de que problemas tão estranhos possam apresentar-se a cada instante tende a demonstrar, de certa forma, que esses aparecimentos não são fenômenos puramente subjetivos, nascidos exclusivamente na imaginação da pessoa receptora. Eles não são absolutamente o que os homens pensam. A colheita infinita de lendas e histórias fictícias concernentes aos espíritos mostram como é grande a tendência do espírito humano para enfeitar esses temas e proporciona uma prova curiosa da persistência dos preconceitos, baseados num código particular e referindo-se a fenômenos imaginários, totalmente diversos dos fenômenos reais. É difícil revestir, por assim dizer, um fenômeno real de um caráter romântico. A maioria das "histórias de aparições" são semelhantes entre si e parecem tão fragmentárias quanto desprovidas de sentido. Pois seu verdadeiro sentido não está de acordo com o instinto místico e poético da humanidade, que produz e enfeita as histórias imaginárias, mas com alguma lei desconhecida, que nada tem a ver com os sentimentos e os convencionalismos humanos.

Assim, assistimos freqüentemente ao fato bastante absurdo de ouvirmos pessoas que ridicularizaram os fenômenos que se produzem realmente, apenas porque eles não estão de acordo com as suas noções preconcebidas a respeito das histórias de aparições; eles não percebem que é precisamente essa divergência, essa característica inesperada, que constitui um sério indício

de que os fenômenos em questão têm sua origem *fora* do espírito, incapazes de representar-se antecipadamente os fenômenos desse gênero.

Acho que pela primeira vez começamos a formar, sobre as comunicações espirituais, um conceito que esteja mais ou menos de acordo com os outros conceitos já provados e mais afirmados, e que possa, até a uma certa medida, ser apresentado como o desenvolvimento dos fatos verificados pela experiência. Precisamos dos conceitos preliminares, já conhecidos pelos antigos, o primeiro dos quais encontra lugar recentemente na ciência, enquanto o segundo ainda espera a sua patente de ortodoxia. O primeiro, com o qual o hipnotismo e os diversos tipos de automatismo nos familiarizaram, é o conceito da personalidade múltipla, da co-existência potencial de diversos estados e diversas memórias no mesmo indivíduo. O segundo conceito é o concernente à telepatia, isto é, à ação de um espírito sobre outro fora dos órgãos dos sentidos ordinários, e mais particularmente à ação por meio das alucinações, pela produção de fantasmas verídicos que constituem, por assim dizer, mensagens de parte de pessoas vivas. E acredito que esses conceitos estejam unidos porque as mensagens telepáticas têm, geralmente, seu ponto de partida na zona subconsciente ou submersa do agente e chegam à zona submersa ou subconsciente do receptor. Sempre que há uma alucinação, falsa ou verdadeira, trata-se de uma mensagem qualquer que abre caminho, de uma parte a outra da personalidade, mesmo a mensagem tomando a forma de um sonho incoerente, ou sonho-símbolo, de uma maneira qualquer, de um fato inacessível de outra maneira, para a pessoa receptora. O mecanismo é o mesmo quando a mensagem se desloca de uma zona para outra, no interior do mesmo indivíduo, e quando se transmite de um indivíduo para outro – no caso em que o *eu* consciente de *A* é estimulado pelo seu *eu* inconsciente e que *B* é estimulado telepaticamente pelas profundas e ocultas fontes de percepção de *A*. Se esta opinião é de alguma maneira verdadeira, parece aconselhável procurar dentro dos nossos conhecimentos sobre as comunicações anormais ou supranormais entre espíritos ainda encarnados ou nos estados anormais ou supranormais do mesmo

espírito ainda não liberado da envoltura da carne, as analogias que possam nos iluminar, mesmo parcialmente, sobre os fenômenos de comunicação entre os espíritos encarnados e os espíritos desencarnados.

Mas uma comunicação (sempre que for possível) entre uma pessoa morta e uma pessoa viva é uma comunicação entre um espírito em uma certa fase da existência, e outro espírito em uma fase completamente diferente; é, ainda, uma comunicação que se realiza por uma via diferente dos órgãos dos sentidos ordinários, desde que, de uma parte, os órgãos materiais dos sentidos não existem. Encontramo-nos, evidentemente, na presença de um exemplo extremado, tanto de comunicação entre os diversos estados do mesmo indivíduo, quanto de comunicações telepáticas; e poderíamos, quem sabe, formar uma idéia mais exata do fenômeno em questão, considerando as manifestações menos avançadas destas duas categorias.

Em que oportunidades vemos um espírito que se comunica com um outro espírito, em condições diferentes das que envolvem o primeiro, habitando num mundo diferente, considerando as mesmas coisas de um ponto de vista também diferente, todas essas diferenças exprimindo qualquer coisa além das divergências de caráter que existem entre as duas personagens?

Isto acontece primeiramente no sonambulismo espontâneo, nos diálogos entre uma pessoa adormecida e uma pessoa acordada. E vejamos como é fácil entrar em comunicação com um estado que, em princípio, se assemelha ao do isolamento completamente fechado. Um velho ditado diz: “Acordados possuímos o mundo em comum, mas cada pessoa que dorme vive num mundo particular.”

Porém essa pessoa que dorme, mesmo completamente fechada em si mesma, pode ser levada, suavemente, a uma comunicação espontânea com os homens acordados.

O sonâmbulo, ou melhor ainda, o soníloquo, pois o problema é mais de conversação do que de perambulação, representa assim o primeiro tipo natural da *aparição*.

Observando os hábitos dos sonâmbulos é possível perceber que a sua possibilidade de comunicar com outros espíritos varia de um caso para outro. Um sonâmbulo se dedica às suas ocupações habituais sem reconhecer a presença de qualquer pessoa; um outro reconhece apenas algumas pessoas, ou só dá uma resposta quando é interrogado sobre certos temas, pois seu espírito entra em contato com outros espíritos apenas sobre certos pontos pouco comuns. O sonâmbulo quase nunca presta atenção no que as outras pessoas fazem, para poder assim regular, conseqüentemente, sua conduta.

Passemos agora, do sonambulismo natural, ideopático ou espontâneo, para o sonambulismo provocado, o sonambulismo hipnótico. Aqui encontramos em cada etapa do sono uma faculdade de comunicação parcial e variável. Logo, o sujeito hipnotizado nada manifesta; parece capaz de ouvir só uma pessoa e de atender-lhe, excluindo as demais; conversará livremente com quem quer que seja, mas, mesmo neste caso, não é seu *eu* desperto que fala e geralmente só recorda, imperfeitamente, ou não se recorda, durante a vigília, o que fez ou disse durante o sono.

Por analogia com o que ocorre quanto às comunicações entre as pessoas vivas que se encontram em estados diferentes, podemos esperar que as comunicações entre os espíritos encarnados e os desencarnados, sendo possíveis, sejam restritas e limitadas e não façam parte da corrente comum da provável consciência desencarnada.

Estas considerações preliminares são aplicáveis a todos os modos de comunicação com as pessoas mortas, quer em sua forma motora, quer na sensorial.

Consideremos agora que os modos de comunicação com os mortos são de natureza que nos pareçam prováveis, por analogia, com o que se sabe sobre as comunicações entre os vivos. Parece-me existir um paralelismo rigoroso entre todas as formas de automatismo experimental, de um lado, e todas as variedades de fenômenos espontâneos, de outro. Podemos dizer, de uma maneira geral, que a experiência e a observação nos permitiram separar cinco categorias de fenômenos:

1) a sugestão hipnótica;
2) as experiências telepáticas;
3) a telepatia espontânea durante a vida;
4) os fantasmas que sobrevêm no momento da morte;
5) as aparições após a morte.

Achamos, além disso, que em cada uma destas fases se observam as mesmas formas de comunicação; de modo que esta semelhança constante de formas permite supor que o mecanismo que preside as manifestações é o mesmo em cada uma destas fases.

Adotando uma divisão sumária, podemos atribuir a cada fase três formas de manifestação:

a) alucinações dos sentidos;
b) impulsos emocionais e motores;
c) mensagens mentais determinadas.

1º) Iniciemos por um grupo de experiências em que está ausente a telepatia, mas que mostram em sua forma mais simples o mecanismo da transmissão automática de mensagens, de uma camada para outra da personalidade. Falo das sugestões pós-hipnóticas. Nestas o agente é representado por um homem vivo, que age pelos meios comuns, pela palavra direta. O traço característico é dado pelo estado da pessoa que recebe, hipnotizada nesse momento, e que, portanto, sofre uma forma de desintegração da personalidade, de afloramento momentâneo de uma parte do seu *eu* que no estado normal está profundamente oculto. Essa personalidade hipnótica, que atinge por momentos a superfície, recebe a sugestão verbal do agente, do que o *eu* desperto do sujeito que recebe não possui a menor idéia. Mais tarde, quando o *eu* desperto readquiriu sua posição superficial, o *eu* hipnótico realiza, no momento aprazado, a sugestão, um ato cuja origem é desconhecida da camada superficial da consciência, mas que constitui, na realidade, uma mensagem enviada à camada superficial pela camada que está, de fato, submersa ou subconsciente, que recebeu, de início, a sugestão.

E essa mensagem pode revestir uma das três formas principais, acima mencionadas: a de uma imagem alucinatória do hipnotizador ou de outra pessoal qualquer; de um impulso para realizar determinado ato; a de certa frase para que a escreva automaticamente o *eu* desperto, que apreende dessa forma a ordem que recebera o *eu* hipnótico durante a ausência da consciência desperta.

2º) Em nossas experiências relativas à transmissão do pensamento o agente continua sendo um homem vivo, mas que já não age pelos meios comuns, como a palavra falada ou os gestos visíveis. Atua sobre o *eu* subconsciente do sujeito que recebe, com auxílio de um impulso telepático que projeta intencionalmente, e que o próprio sujeito pode estar desejoso de receber, mas cujo *modus operandi* continua afastado do *eu* desperto de cada um deles.

As mensagens desta categoria podem, por sua vez, ser divididas em três grupos, idênticas as anteriores: figuras alucinatórias que representam sempre, ou quase, a imagem do agente que ele faz visível ao sujeito que recebe; impulsos de agir, comunicados telepaticamente, como no caso do hipnotizador que quer que o sujeito venha buscá-lo, a determinada hora, sem que o avise previamente; a escrita pós-hipnótica de palavras e de figuras definidas, como conseqüência de uma transmissão telepática de palavras, figuras, etc., por parte do agente, utilizando-se de meios de comunicação que não os comuns, ao sujeito que recebe, quer hipnotizado, quer desperto.

3º) Nas aparições espontâneas que advêm durante a vida, encontramos os mesmos três grandes grupos de mensagens, com a diferença de que as aparições reais, raras em nossas experiências telepáticas, se transformam, neste ponto, no grupo mais importante. Não tenho necessidade de recordar os casos citados nos capítulos IV e VI, onde um agente que sofre uma crise súbita parece, de algum modo, realizar uma aparição visível a um sujeito distante. Assemelham-se, também, a estes casos, não menos importantes, de dupla aparição, nos quais o agente é visto

diversas vezes sob a forma de fantasma, por pessoas diversas, em momentos desprovidos de crise.

Temos ainda, entre as impressões telepáticas produzidas (espontânea, não experimentalmente) pelos agentes vivos, casos que não há necessidade de recapitular aqui, em que existe uma profunda sensação de angústia ou um impulso a voltar para casa, semelhante ao impulso experimentado pelo sujeito que se aproxima do hipnotizador distante, no momento em que este o deseja.

4º) Encontramos também os três mesmos grupos de mensagens nos casos de aparições que se produzem no momento da morte. Nossos leitores já conhecem os casos *visuais*, em que a aparição de um homem moribundo é vista por uma ou mais pessoas, e os casos *emocionais* e *motores*, onde a impressão, ainda que muito poderosa, já não possui a característica sensória. E foram publicados inúmeros casos onde a mensagem consistia em palavras definidas que nem sempre eram exteriorizadas sob a forma de uma alucinação auditiva, senão que, às vezes, eram *pronunciadas* ou *escritas* automaticamente, como no caso relatado pelo Dr. Liébault, no qual uma jovem escreve uma mensagem, anunciando a morte de seu amigo, no momento em que este morria numa cidade distante. (*Phantasms of the Living*, I, pág. 293).

5º) Considero que os casos *post-mortem* podem ser classificados da mesma forma e que os três grupos principais se observarão na mesma proporção. Os mais notáveis são os das *aparições* reais, que constituirão o tema básico das páginas seguintes. É muito difícil encontrar uma aparição que implique numa mensagem verbal; o mais freqüente é que sejam automáticas na aparência e desprovidas de objetivo. Veremos também um grupo de casos *post-mortem* emocionais e motores, talvez mais numerosos do que parece indicar nossa coletânea, porque, tendo em vista o caráter vago e indeterminado da impressão, seu testemunho a favor de uma comunicação com uma pessoa morta só raramente é utilizado.

Gostaria agora de mostrar que ao lado desses grupos de manifestações póstumas existe um terceiro, constituído por mensa-

gens orais que, ao menos em certos casos, proporcionam prova de sua origem póstuma. Deixo, para a comodidade do leitor, esses casos motores para o capítulo seguinte, de modo que a prova que temos da sobrevivência será, por enquanto, muito incompleta. Em todo caso temos perante nós uma tarefa bem definida: devemos, neste capítulo, recordar e analisar as experiências sensoriais dos vivos que parecem poder ser atribuídas à ação de alguma individualidade humana que persiste após a morte.

Trataremos de verificar, pois a coisa não parece ser evidente à primeira vista, as condições que caracterizam um fantasma visual ou auditivo, para poder ser considerado como um indício da influência exercida por um espírito desencarnado. O melhor que nos resta é citar as palavras proferidas na *Sociedade de Investigações Psíquicas*, por Gurney, em 1888, quando se discutiu essa questão. Estas palavras conservam hoje em dia todo o seu valor, embora os anos que se passaram tenham multiplicado consideravelmente os testemunhos e acrescentado outras provas em favor das comunicações póstumas que agora vamos enfrentar. Diz Gurney:

> "Os que acompanharam as informações e discussões publicadas no *Compte-Rendu* e no *Diário* desta sociedade sabem, sem que haja necessidade de insistir nesse fato, como são escassas as provas que apareceram, inclusive às pessoas instruídas, em apoio da aparição real de amigos mortos, que justificam esta crença. A razão pode ser formulada em poucas palavras. Na maioria dos casos, em que a pessoa pretendia ter visto ou ter-se comunicado com amigos e parentes mortos, nada existe que permita diferenciar o fenômeno que se apresentou aos sentidos, de uma mera alucinação subjetiva. Apesar da simplicidade desta proposição, a verdade que encerra continuou fora de suspeita durante séculos. Só em época relativamente recente as alucinações sensoriais começaram a ser compreendidas e constatou-se que os objetos mais ilusórios podem conseguir, às vezes, um extremo grau de clareza. Mas esses conceitos não tiveram, ainda, tempo de penetrar no espírito do povo. A resposta comum, do sen-

tido comum, médio, a qualquer relato de aparição, é que a testemunha mente ou exagera, grosseiramente, está louca ou bêbada ou num estado de excitação emocional, naquele instante, ou também é vítima de uma ilusão, de uma falsa interpretação de um som ou de uma visão de caráter meramente objetivo. Mas um estudo aprofundado da questão não deve tardar, mostrando que na maioria dos casos há que eliminar todas essas hipóteses, que a testemunha goza de ótima saúde, sem apresentar qualquer desvio emocional e que o que vê e ouve pode ter uma origem exclusivamente subjetiva; ser uma projeção do próprio cérebro. E, naturalmente, pode esperar que, entre os objetos que desta maneira se apresentam, um certo número tome a forma de um vulto ou voz humana, que o sujeito reconhece como a de uma pessoa morta; porque a recordação desses vultos e vozes faz parte de sua bagagem mental, e as imagens latentes estão prontas para fornecer a matéria das alucinações da vigília, do mesmo modo que fornece aos sonhos.

É evidente, além disso, que nos casos conhecidos de aparições de mortos falta o elemento que permite distinguir certas aparições de pessoas vivas, das alucinações meramente subjetivas. Esse elemento consiste na *coincidência* entre a aparição e algum estado crítico ou excepcional da pessoa que aparentemente aparece; mas, no que concerne às pessoas mortas, não possuímos qualquer conhecimento de seu estado, nem, em conseqüência, a ocasião de observar uma coincidência desse gênero.

Restam três, e só três, condições que permitem estabelecer uma presunção a favor do fato de que uma aparição ou qualquer outra manifestação imediata de uma pessoa morta é algo além do que uma simples alucinação subjetiva:

1) diversas pessoas podem, independentes umas das outras, ser impressionadas pelo mesmo fenômeno;
2) o fantasma pode proporcionar informações, mais tarde, confirmadas como verdadeiras, sobre algo que a pessoa que recebe não possuía anteriormente qualquer idéia;

3) o sujeito que recebe pode fornecer uma descrição exata e precisa de uma pessoa que nunca viu, cujo aspecto lhe é totalmente desconhecido.

Mas, para que estas três condições, mesmo realizadas, sejam suficientes para permitir que se atribua a uma aparição uma causa que fica à margem do espírito do sujeito que recebe, os fatos desse gênero possuem uma característica muito geral, e que proporciona uma nova prova a favor da exteriorização da causa. É o número excepcionalmente grande de casos que surgem *pouco depois* da morte da pessoa representada.

Essa relação de tempo se repete com bastante freqüência, é de uma natureza a tornar provável a origem objetiva do fenômeno, de uma maneira análoga à que nos encaminha à conclusão de que tal aparição de uma pessoa viva possua alguma origem objetiva (telepática). Pois que, conforme a teoria das probabilidades, uma alucinação que representa uma pessoa conhecida não se apresentara como um acontecimento especial, como a morte dessa pessoa, uma relação de tempo determinada em proporção igual à das alucinações similares que se produzem; se a proporção é, de fato, deveras elevada, estamos autorizados a reconhecer a ação de um fator distinto do acaso, isto é, de uma causa objetiva externa.

A questão da relação de tempo adquire, assim, um significado particular. O espírito popular se apressa a dar uma explicação de um fato notável, antes mesmo que o fato se torne estável. Assim, diz-se que a pessoa morta vem consolar o coração dos familiares desesperados, enquanto que sua dor ainda está viva, ou que seu "espírito" está "ligado à terra" e só aos poucos pode-se libertar. Ou então é-nos apresentada uma teoria como a de Assier, segundo a qual restaria após a morte da consciência e da individualidade uma base para manifestação física que só aos poucos desaparece. Não discutirei qualquer dessas hipóteses. No momento vamos tratar das aparições póstumas e a única questão que nos interessa é a de saber se esses fatos podem ser relacionados a uma causa externa. De sua relação com esta questão capital, da pesqui-

sa relativa à freqüência com que esses fenômenos se produzem, logo após a morte, deriva toda a sua importância.

Reunindo um grande número de testemunhos originais, relativos às alucinações sensoriais, espantou-me, pela primeira vez, a enorme proporção de casos em que o fantasma representava um amigo ou parente, recém-falecido. De 231 alucinações que representavam seres humanos reconhecidos, 28, ou seja, uma oitava parte, surgiram várias semanas após a morte da pessoa representada. Portanto, possuímos duas razões para dar pouco valor a este fato. Em primeiro lugar, um fantasma que representa uma pessoa recém-falecida é mais suscetível de despertar o interesse e de ser notado e aquilatado, o que contribui para elevar a proporção dos casos desse gênero numa coletânea como a nossa. Em segundo lugar, o fato da morte era do conhecimento da pessoa que percebe, em todos os casos relatados. Parece, pois, natural concluir que o estado emocional desta pessoa basta para perceber a alucinação; e essa explicação será adotada pela maioria dos pesquisadores, psicólogos e médicos. A meu ver, contentar-me-ia se pudessem me citar um caso de aparição fantasmagórica de uma pessoa, que o amigo que viu a aparição acreditava morta, mas que, na realidade, estava bem viva e saudável. Os avisos falsos sobre a morte são raros para que se possam citar casos desse gênero. Acredito que a dor e o sentimento de terror, aliados à morte, podem ser considerados como a causa suficiente das experiências sensoriais anormais, relativas a pessoas cuja morte recente é deplorada, até que a realidade objetiva dos fantasmas dos mortos, em determinados casos, seja estabelecida através de provas independentes.[77]

Se, agora, vamos tirar alguma conclusão provável, no que diz respeito à natureza objetiva das aparições e das comunicações póstumas (ou de algumas delas), do fato da extrema freqüência com que é produzida, pouco tempo após a morte, deveríamos nos limitar ao caso em que o fato da morte era desconhecido do sujeito que recebe, no momento exato da experiência. Mas, nesta época de cartas e telegramas, a mai-

oria das pessoas toma conhecimento dessas notícias dias ou horas após o falecimento, de forma que as aparições, para estarem de acordo com as nossas condições, devem acontecer imediatamente após a morte. Possuímos um número suficiente de casos desse gênero?

Os leitores de *Phantasms of the Living* sabem da existência de tais casos. Em alguns deles, citados neste livro, como os exemplos de transmissão telepática, por parte de uma pessoa morta, a pessoa estava de fato morta, no momento em que se realizara a experiência; e a publicação destes casos sob o título comum de *Phantasms of the Living* (Fantasmas dos Vivos) despertou, e é natural, críticas. Note-se que a indicação que dei destes casos supõe uma condição que não pode de forma alguma ser considerada como certa. Devemos supor, certamente, que a transmissão telepática se produzira imediatamente antes da morte ou no momento exato dela, mas que a impressão ficou latente no espírito do sujeito, para não aflorar na sua consciência senão após um curto intervalo, quer como visão de vigília, quer como sonho, quer sob outra forma qualquer. Reconheçamos momentaneamente que esta hipótese se justifica. Que, com efeito, o momento da morte constitui, do ponto de vista do tempo, o ápice ao redor do qual se agrupam as experiências anormais que o sujeito experimenta à distância, e das quais algumas *antecedem* a morte, enquanto que outras a seguem; é, portanto, natural supor que a mesma explicação pode ser aplicada a todo o grupo e que em cada uma das divisões a força determinante é constituída pelo estado do *agente*, anterior à sua morte corporal. Alguns casos de transmissão experimental de pensamentos confirmam, além disso, a opinião segundo a qual as "impressões transmitidas" podem permanecer latentes durante certo tempo, antes que o sujeito que recebe as perceba; e as recentes descobertas, relativas ao automatismo e à *inteligência secundária* tornam muito provável o fato de que a telepatia manifesta seus primeiros efeitos sobre o pedaço "inconsciente" do espírito.[78] A esses dois argumentos devemos acrescentar que o período em que supostamente esteve

latente foi, num elevado número de casos, um período durante o qual a pessoa impressionada se achava ocupada e sua atenção dirigida a outros objetivos; e nos casos deste gênero é muito fácil supor que a impressão telepática, para adentrar a consciência, necessita de um período de silêncio e recolhimento.[79] Mas, ainda que a teoria do latente possua muitas probabilidades, meus colegas e eu achamos não se poder elevar a dogma o que no momento só deve ser considerado como uma hipótese. De todas as investigações, as psíquicas são as em que é mais necessário evitar os erros, mantendo o espírito preparado para aceitar as novas interpretações dos fatos. E, no estado atual da questão, podem-se opor várias objeções sérias à hipótese de que as impressões telepáticas provenientes de pessoas falecidas só seriam suscetíveis de aflorar após permanecerem durante horas em estado latente. Os casos experimentais que citei como análogos são pouco numerosos e seguros, e o período latente foi, além disso, cronometrado em segundos e minutos, não em horas. E ainda que, como já afirmei, a aparente demora observada em certos casos de aparições de mortos possa ser explicada pela necessidade de afastar o espírito e os sentidos do sujeito de outras preocupações, com o fito de que o fenômeno ocorra, conhecemos outros casos onde não ocorre o mesmo e onde nada parece autorizar um relacionamento entre a demora e o estado do sujeito que recebe. Desta forma, achamo-nos na presença da hipótese, que é a única que devemos considerar: trata-se de um estado (físico ou psíquico) do agente que se manifesta algum tempo depois da morte e do qual o sujeito toma, no mesmo instante e não antes, conhecimento da impressão.[80]

Até aqui só fiz referência aos casos em que o intervalo entre a morte e a aparição foi suficientemente curto para tornar provável a teoria do latente. Segundo a regra adotada em *Phantasms of the Living*, esse intervalo não devia ultrapassar mais de 17 horas. Mas conhecemos alguns casos em que esse intervalo foi bastante ultrapassado e os em que o próprio fato da morte era desconhecido do sujeito, nos instantes da

experiência. A teoria do latente não pode ser razoavelmente aplicada aos casos em que a aparição se acha separada por semanas ou meses do instante da morte, que é o último durante o qual uma idéia comum [81] transmitida telepaticamente pôde ter acesso, próximo ao sujeito. E a existência destes casos, enquanto tende a estabelecer a realidade de aparições de mortos, devidos a causas externas, diminui o valor das objeções que se opõem ao conceito que considera as aparições etc., que *seguiram* de perto a morte, como de causa diferente às que coincidem com a morte e a *antecedem*, também de perto." (*Proceedings of the S. P. R.*, V, pág. 403-408).

A hipótese do *latente* que encontramos aqui, no início de nossa pesquisa, é de importância relevante, embora, como veremos mais tarde, chega um momento em que não é capaz de englobar todos os fatos. Se pudéssemos traçar uma curva que expressasse o número relativo das aparições, antes e depois da morte, veríamos que este número aumenta rapidamente durante as horas que antecedem, para, gradativamente, diminuir durante as horas e dias que se seguem à morte. Após o primeiro ano, as aparições tornam-se raras e excepcionais.

"O momento da morte – diz Gurney – é o centro de um grupo de experiências anormais, das quais umas antecedem, enquanto outras seguem-se à morte". Esta frase não deve ser interpretada como se Gurney tivesse desejado afirmar que a morte é a causa dessas experiências. As que se produzem antes da morte podem ser motivadas ou determinadas não pela morte em si, mas pelo estado anormal (coma, delírio), que a antecede. Possuímos, com efeito, muitos exemplos de fantasmas verdadeiros, que coincidiram com crises, como acidentes de automóvel, etc., acontecidos a agentes distantes, mas que não foram seguidos de morte. Encontramos, além disso, que em quase todos os casos em que um fantasma, verdadeiro ou não, *antecedeu* a morte do agente, a morte foi motivada por uma doença, não por um acidente. Existem poucas exceções a esta regra. Num caso citado em *Phantasms of the Living* (II, pág. 52), o fantasma aparece antecedendo-se de meia hora à morte súbita, por afogamento; o sujeito que recebe mora numa granja de Norfolk, enquanto que a vítima, ou

o agente, pereceu durante uma tempestade nas proximidades da ilha de Tristão da Cunha; e imaginamos que um erro de hora ou de observação bastava para explicar esta pretensa exceção à regra. Em outro caso, tratava-se de uma morte violenta, suicídio; mas o estado de excitação mórbida em que se encontrava a vítima algumas horas antes da morte, isto é, no momento em que se deu a aparição, era só um estado de crise. Existem outros casos (não citados no *Phantasms*) em que o fantasma ou o duplo foi visto vários dias antes da morte acidental; mas os casos desse gênero são pouco numerosos para tornar viável a existência de um nexo causal entre a morte e a aparição.

Não é fácil chegar à certeza, no que concerne aos casos em que o intervalo foi cronometrado em *minutos*; porque se o sujeito está longe do agente, sempre podemos ter dúvidas quanto à exatidão com que foi anotada a hora e no que diz respeito à exatidão da observação; e, por outro lado, se o sujeito e o agente se encontram no mesmo lugar, podemos nos perguntar sempre se o fantasma observado não foi uma simples alucinação subjetiva. Desse modo, possuímos vários relatos de gritos horrorosos ouvidos pelas pessoas que velavam o cadáver, logo após a morte aparente, ou uma espécie de halo luminoso ao redor do morto; mas tudo isso se produziu num momento bastante propício às alucinações subjetivas e se os fenômenos em questão não afetaram senão um indivíduo é difícil atribuir-lhes algum valor. No caso em que o fenômeno parece afetar diversas pessoas, pode-se tratar de uma transmissão de pensamento entre os espíritos das pessoas presentes, seja ou não o fenômeno devido à pessoa do morto.

Existem também outras circunstâncias nas quais, mesmo sendo a morte conhecida, uma alucinação advinda logo após pode ter um valor subjetivo. É o caso de uma mulher que sabia da morte de sua irmã, há várias horas e que, sem estar num estado de excitação mórbida, pensou ter visto entrar alguém na sala de jantar, abrindo a porta e fechando-a atrás de si. Ficou assustada ao ver que não havia ninguém no cômodo; passado algum tempo, verificou que podia existir alguma relação entre a aparição e a morte da irmã. Isso nos lembra o caso de Hill, que viu entrar na

sua casa um vulto alto que, após tê-lo assustado e surpreendido, desapareceu sem que fosse possível seu reconhecimento. Mas um de seus tios, homem de estatura elevada, estava naquele momento moribundo e deve-se notar que Hill, mesmo sabendo desse fato, sua angústia não seria por si só suficiente para dar origem a essa assustadora aparição.

Há casos em que o sujeito viu a aparição de um amigo; logo após a morte deste último, teve outras alucinações *verdadeiras* e nunca qualquer alucinação subjetiva. Os sujeitos desta categoria supõem naturalmente que a aparição do amigo morto possui o mesmo caráter verídico que as alucinações anteriores, mesmo que a coisa não fosse evidente e sabendo-se da morte no momento da aparição.

Os casos em que a morte era desconhecida do sujeito são evidentemente mais eloqüentes e dotam a aparição de um grau muito maior de veracidade.

Um certo senhor Farler viu duas vezes, no espaço de uma noite, o fantasma gotejante de um de seus amigos que, como soube mais tarde, afogara-se na véspera. A primeira aparição produziu-se algumas horas após a morte, podendo ser explicada pela impressão que permaneceu latente até o instante favorável à sua manifestação, isto é, a calma e o silêncio da noite. A segunda aparição pode ter sido uma repetição da primeira; mas, se prescindirmos da teoria do latente, fazendo a primeira depender (caso não passe de mera coincidência) de uma certa energia emanada da pessoa morta, após o seu falecimento, estamos autorizados a considerar a *segunda* aparição como igualmente verdadeira. O mesmo vulto foi visto, quinze dias depois, com sua roupa usual, sem qualquer vestígio do acidente.

Em outros casos, a aparição é una e sobrevém algumas horas após a morte. Vejamos a aplicação da hipótese do latente a esses casos.

Onde não há alucinação propriamente dita, mas um sentimento *único* de mal-estar e angústia que advém algumas horas após a morte de um amigo distante, como no caso de Wilson (*Phantasms of the Living*, I, pág. 280), nos é difícil prever o que se

passa. Algum estímulo comunicado ao cérebro do sujeito no momento da morte do agente pode-se manifestar lentamente à consciência. A demora pode ser atribuída mais a causas fisiológicas do que psíquicas.

Nas observações em que uma alucinação auditiva ou visual clara sobrevém durante a noite, horas após a morte, podemos admitir a hipótese de uma impressão telepaticamente recebida durante o dia e que permaneceu latente até o aparecimento de outras excitações, exteriorizando-se a seguir, sob a forma de uma alucinação, após o primeiro sono, por algum fato suscetível de excitar em nós o interesse ou a angústia e que, esquecido durante o dia, invade de repente nossa consciência com uma força e uma clareza notáveis. No caso da Sra. Teale, pelo contrário (*Phantasms of the Living*, II, pág. 693), a alucinação sobreveio oito horas após a morte, quando esta senhora estava sentada, totalmente acordada, junto à sua família. Em outros casos trata-se de uma verdadeira "clarividência telepática", de uma imagem transmitida pelo espírito do defunto, mas enviada *após a morte*, porque assistimos a uma visão de um acidente (e de suas conseqüências) muito mais completa do que a que pôde atravessar o espírito do moribundo no momento da morte. Os casos desse gênero nos fazem pensar que o espírito do defunto continua presa das coisas terrestres e que é capaz de compartilhar com o sujeito as imagens que o preocupam. É o caso do famoso médico de Londres, morto no estrangeiro, num hospital do interior, deitado num quarto pobre e o qual surgiu a uma mulher dez horas após sua morte.

Vê-se que esses fenômenos não são suficientemente simples para que possamos considerá-los apenas do ponto de vista que os separa da morte. O que chamamos "um espírito" constitui provavelmente um dos fenômenos mais complexos da natureza. Constitui a função de dois fatores variáveis e desconhecidos: a sensibilidade do espírito encarnado e a capacidade do espírito desencarnado para manifestar-se. Nossa tentativa de estudar essa ação recíproca deve, pois, iniciar por um outro destes dois fatores, pelo sujeito, ou pelo agente. Devemos perguntar:

a) como recebe a mensagem o espírito encarnado?

b) como a produz e a transmite o espírito desencarnado?

Ao aprofundar a primeira destas perguntas, possuímos maiores probabilidades de obter uma certa claridade. Sempre que consideremos os espíritos encarnados, encontramo-nos, numa certa medida, num terreno conhecido; e podemos esperar encontrar em outras operações do espírito analogias que nos permitam entender essas operações, talvez as mais complexas, que consistem em ter conhecimento das mensagens procedentes dos espíritos desencarnados e de um mundo invisível. Acredito que "o meio mais seguro, se bem que o mais distanciado", como diria Bacon, "de compreender esses fenômenos súbitos e assombrosos consiste no estudo de fenômenos mentais menos raros, que se podem observar mais comodamente, da mesma forma que o meio "mais seguro, embora mais afastado," de estudar os astros inacessíveis consistiu no estudo dos espectros incandescentes de substâncias terrestres que se acham sob nossos pés. Espero que o estudo das diversas formas de consciência subliminar, das capacidades subliminares, da percepção subliminar, nos tenha permitido obter finalmente, no que concerne ao nosso ser e ao nosso modo de funcionamento, um conceito que provara que a percepção pelos espíritos encarnados de mensagens originadas nos espíritos desencarnados, longe de constituir uma anomalia isolada, é, talvez, o resultado do exercício de capacidades comuns e inatas.

Eu gostaria de iniciar o estudo de todos esses casos pelo lado humano e terrestre. Se pudéssemos não só compartilhar, mas também interpretar os sentimentos subjetivos dos sujeitos, se pudéssemos compará-los a outros sentimentos provocados pelas visões comuns, pela telepatia entre os vivos, obteríamos um conhecimento mais próximo do que sucede, do que o que nos pode proporcionar a observação externa dos detalhes de uma aparição. Mas um estudo sistemático desse teor não é possível no momento, enquanto que é relativamente fácil colocar todo o conjunto de casos em várias séries, segundo as características e detalhes externos, iniciando pelos que exprimem o conhecimento mais profundo e um objetivo definido, para terminar pelos que possuem indícios de uma inteligência qualquer cada vez mais

raros e débeis, até consubstanciar-se em sons e visões, sem significado marcante.

Possuímos poucos casos de aparições que testemunham que o espírito possui um conhecimento *contínuo* do que ocorre a seus amigos sobreviventes. Os testemunhos desse gênero são naturalmente proporcionados na maioria dos casos pela escrita ou palavra automáticas. Mas, no caso de Palladia, relatado por Mamtchiteh, publicado no Relatório da Comissão de Alucinações e anotado no *Proceedings of the S. P. R.*, X, pág. 387-391, trata-se de um espírito de aparições repetidas, que representa um papel de anjo da guarda que se interessa particularmente pelo futuro casamento do sobrevivente.

Mais freqüentes são os casos em que uma única aparição, não repetida, indica um acontecimento contínuo dos assuntos terrestres. Esse conhecimento se manifesta principalmente em duas direções. Apóia-se, com freqüência, em alguma circunstância relacionada com a morte da pessoa falecida, com a aparência de seu corpo após a desintegração, ou com o lugar de seu sepultamento temporal ou de sua inumação definitiva; e, por outro lado, baseia-se na morte iminente ou real de um amigo da pessoa falecida. Considero, particularmente, que uma certa parte da consciência póstuma pode estar, durante algum tempo, tomada por cenas terrestres. E, por outro lado, quando um amigo que sobrevive aproxima-se, aos poucos, ao mesmo estado de dissolução, esse fato pode ser percebido no mundo espiritual. Quando este amigo está realmente morto, o conhecimento que seu antecessor pôde ter dessa transmutação é um conhecimento dos fatos do outro mundo, como deste.

Ao lado dessas informações adquiridas, talvez, no limite entre os dois estados, existem aparições que implicam uma percepção de acontecimentos terrestres mais definidos, como as crises morais (matrimônios, discussões graves, ameaças de crime) que acontecem aos amigos sobreviventes.

Em alguns desses casos, em que o espírito parece ter conhecimento da *morte iminente* de um amigo, esse conhecimento antecipado em nada se assemelha à nossa previsão da morte. Ocupar-me-ei desses casos num outro capítulo onde será discuti-

do o problema da precognição espiritual. Mas, em outros casos, o grau de precognição não parece superior ao dos espectadores comuns e neste é onde resumirei em primeiro lugar a morte, que ainda não sendo prevista pela família, o foi por um médico que examinara o paciente.

M. B., viajante, pessoa decidida, teve uma manhã a visão de uma de suas irmãs, falecida há nove anos. Quando relatou o fato à família, o escutaram com incredulidade e ceticismo. Mas, ao descrever a visão mencionou a existência, no lado direito do rosto, de um arranhão vermelho, como se tivesse sido feito há pouco. Esse detalhe impressionou muito sua mãe, que desmaiou. Quando voltou a si, contou que ela própria fizera aquele arranhão ao colocar a filha no ataúde e que encobrira a mancha, cobrindo-a de pó-de-arroz, de forma que ninguém no mundo sabia do fato. O fato de que o seu filho visse o arranhão era, pois, uma prova incontestável da veracidade da visão e viu também nisto o prenúncio da própria morte, o que de fato aconteceu, poucas semanas depois.

Só é possível interpretar este caso como sendo a percepção, pelo espírito, da morte iminente da mãe.

Segue-se um pequeno grupo de casos cujo interesse principal consiste em servirem, por assim dizer, de nexo entre os casos relatados acima, em que os espíritos têm o conhecimento antecipado da morte de um amigo, e os casos, de que nos ocuparemos, em que o espírito parece saudar um amigo que partiu da terra. Este grupo forma, ao mesmo tempo, uma extensão natural da clarividência dos mortos, ilustrada por alguns casos de "reciprocidade", como por exemplo no caso da Sra. W., em que uma tia moribunda tem a visão de sua sobrinha, que tem no mesmo momento a visão de sua tia (vide *Phantasms of the Living*, II, pág. 253). Da mesma forma que a separação iminente do espírito e do corpo permite que o espírito projete seu fantasma entre os espíritos encarnados que se encontrem a certa distância na terra, aqui também a separação iminente permite à pessoa moribunda enxergar os espíritos que habitam o outro mundo. Não é difícil ouvir os moribundos dizerem ou mostrarem que vêem espíritos amigos, próximos a eles. Mas as visões desse gênero carecem de

valor, desde que a pessoa moribunda saiba que o amigo, cujo espírito vê, deixou a terra ou está prestes a deixá-la.

Passamos insensivelmente deste grupo ao dos em que os espíritos desencarnados manifestam o conhecimento que possuem da morte de um de seus parentes ou amigos. Essas manifestações se produzem raramente neste mundo, possuindo diversas formas, desde as manifestações de simpatia à simples presença silenciosa.

Certa noite, entre 11 e 12 horas, enquanto se achava totalmente desperta, a Sra. Lucy Dadson ouviu chamarem por seu nome, três vezes, e viu a seguir o vulto de sua mãe, morta há 16 anos, que carregava duas crianças nos braços e as estendia na sua direção, dizendo: "Cuide deles, porque acabam de perder a mãe." No dia seguinte, a senhora Dadson soube que sua cunhada morrera de parto, três semanas depois do nascimento de seu segundo filho. Note-se que as duas crianças que vira nos braços de sua mãe pareceram-lhe efetivamente da idade dos dois filhos de sua cunhada, cujo parto e nascimento do segundo filho ignorava. (*Proceedings of the S. P. R.*, pág. 380-382).

Neste ponto, deparamo-nos com um grupo considerável de casos em que o espírito desencarnado manifesta um preciso conhecimento de alguns fatos relacionados com sua vida terrestre, com sua morte, ou de conhecimentos ulteriores relacionados com a morte. O conhecimento desses fatos ulteriores, como a propagação da notícia da sua morte, ou o lugar de sua inumação, é de um caráter mais completo do que a simples recordação dos fatos que conhecera durante a vida. Mas todos esses graus de conhecimento se completam e sua conexão é mais bem apreciada se iniciamos pelo grau mais elementar, pelo da simples memória terrestre.

No caso seguinte, a informação transmitida por uma visão verificou-se ser precisa, exata e muito importante para os sobreviventes; encontrou-se um homem morto num lugar deveras distante de seu domicílio. Suas roupas, que estavam sujas de barro, foram substituídas por outras limpas e lançadas no fundo de um pátio. Quando a notícia de sua morte chegou à sua casa, uma de suas filhas desmaiou, e ao recobrar os sentidos disse que acabara

de ver seu pai vestindo umas roupas que não eram suas e das quais deu exata descrição, acrescentando que seu pai lhe revelara ao mesmo tempo ter costurado, depois de haver saído da casa, certa soma em dinheiro num dos bolsos, e que esta roupa fora jogada com as outras. Ao verificarem o fato viu-se que a descrição que deu da roupa nova de seu pai era exata e encontraram o dinheiro costurado na roupa que apontou. O fantasma revelou, pois, dois fatos, um dos quais só era do conhecimento de alguns e o outro só dele. No caso, parece que a filha estava em estado de êxtase e não de sonho, o que seria ideal ter verificado.

Este caso é semelhante ao do barão Von Driesen, que, nove dias depois da morte do sogro, com quem discutira, viu a aparição deste, que viera lhe pedir perdão pelas ofensas que lhe causara. A mesma aparição foi vista, no mesmo momento, pelo cura do povoado em que moravam o barão e o sogro, e o objetivo desta aparição era solicitar do padre que procurasse reconciliação entre o genro e o sogro. Vemos, nestes dois casos, os espíritos ocupados após a morte com deveres e compromissos, grandes ou pequenos, que assumiram durante a vida. Os laços desse gênero parecem favorecer ou facilitar a ação dos espíritos sobre os vivos. Podemos nos criar condições de modo a permitir que as almas que desejem aparecer se manifestem? Parece-me que isso é, até certo ponto, possível. Quando iniciamos a compilação, Edmund Gurney surpreendeu-se com o número enorme de casos em que o sujeito nos informava que se produzira entre ele e a pessoa falecida um compromisso, em virtude do qual o que falecesse apareceria ao outro. "*Considerando* – acrescenta – *o pequeno número de pessoas que assumem esse compromisso, é difícil deixar de concluir que o fato de ter assumido um compromisso desse gênero possui certa eficácia*".

Mas, nos doze casos desta categoria, citados no *Phantasms*, possuímos três nos quais o fantasma aparecera num momento em que o agente ainda estava vivo; na maioria dos outros, a determinação exata do tempo não pôde ser feita e sobre alguns só se sabe que o fantasma apareceu muito após a morte do agente. Resulta, pois, que a existência de uma promessa ou de um compromisso pode atuar com eficácia, quer sobre o *eu* subliminar,

antes da morte, quer sobre o espírito, o que é mais provável, após a morte.

Esta conclusão é confirmada por outros casos, dos quais só citaremos dois. O primeiro trata-se do cumprimento pela pessoa falecida de um compromisso imediato. É o caso de Edwin Russell, baixo do coro da igreja de São Lucas, em São Francisco, que caiu, numa sexta-feira, na rua, vítima de um ataque apoplético. Três horas após a morte, o senhor Reeves, diretor do coro, que desconhecia o fato ocorrido sob sua janela e que se preparava para escolher um *Te Deum* para o domingo seguinte, viu o fantasma de Russell, que lhe apareceu com uma das mãos sobre a fronte e estendendo a outra com um maço de músicas. A aparição durou uns segundos, deixando Reeves assustado e comovido. Mais tarde, tomou conhecimento da morte de Russell. Este deveria comparecer, no dia seguinte, na casa do maestro do coro, conforme prometera-lhe dias antes. Homem formal, seu último pensamento deve ter sido de que não poderia comparecer ao encontro e provavelmente com o desejo de apresentar sua demissão como membro do coro é que se dirigira à casa de Reeves. (*Proceedings of the S. P. R.*, VIII, pág. 214).

Em outro caso, mais notável ainda, um indivíduo tuberculoso trocara com uma jovem, que acabara de conhecer numa estação invernal, a promessa de que quem morresse primeiro apareceria ao outro, "*de uma maneira que não fosse desagradável ou assustadora*". Mais de um ano depois apareceu, com efeito, não à moça em questão, mas à sua irmã, e no momento em que se dispunha a subir num carro; a moça, que também se encontrava no carro, não tinha visto nada. As investigações deram como resultado que a aparição se produziu dois dias antes da morte do sujeito, quando este se achava em agonia. (*Proceedings of the S. P. R.*, X, pág. 284 – caso da condessa Kapnist). Este caso nos leva à seguinte reflexão: quando é feita a promessa de aparecer após a morte, a aparição não tem que ser vista, necessariamente, pela pessoa a quem se prometeu, senão pela pessoa mais fácil de ser impressionada que a rodeia.

Passo, a seguir, aos casos em que o conhecimento demonstrado pelos espíritos se relaciona com o aspecto de seu corpo após a

morte, ou com as cenas nas quais se acha enterrado temporalmente ou inumado definitivamente. Esse conhecimento pode parecer vulgar, indigno de espíritos transportados a um mundo superior. Porém, mais freqüentemente, trata-se de uma confusão de idéias que se seguem a uma morte súbita ou violenta, que rompe bruscamente os efeitos profundos. Os casos desse gênero são numerosos, mas vou apenas citar o seguinte:

M. D., rico industrial, tinha a seu serviço um tal Robert Mackenzie, que literalmente arrancara à miséria e que experimentava em relação a seu patrão um reconhecimento e uma fidelidade sem limites. Um dia em que M. D. se achava em Londres, teve a aparição de seu empregado (que estava na filial de Glasgow). Este vinha suplicar-lhe que não acreditasse nas acusações que lhe fariam. E a aparição se desvaneceu sem que M. D. nada mais soubesse sobre a acusação que pairava sobre Robert. Não teve tempo de sair de sua estupefação, quando sua mulher trouxe-lhe uma carta, dizendo a seu marido que acabava de receber a notícia do suicídio de Robert. Aquela era, sem dúvida, a acusação que pesava sobre o empregado e na qual M. D. decidiu não acreditar. Com efeito, o correio seguinte trouxe-lhe uma carta de seu administrador, que dizia que Robert não se suicidara, como se acreditara em princípio, mas que estava envenenado, pois bebera ácido sulfúrico, ao invés de aguardente. Após ter consultado um dicionário de medicina, M. D. não precisou de muito esforço para recordar que o aspecto da aparição correspondia exatamente à descrição do dicionário dos indivíduos envenenados pelo ácido sulfúrico. (*Proceedings of the S. P. R.*, XI, pág. 95).

No caso da Sra. Green achamo-nos frente a um problema interessante. Duas mulheres se afogaram em circunstâncias particulares. Um amigo teve, aparentemente, uma visão clarividente da cena, não no momento em que se deu, mas algumas horas depois, ao mesmo tempo em que outra pessoa, que tinha o maior interesse pelo destino das duas mulheres, soube do fato. Pode-se, pois, supor que a cena clarividente, em aparência, foi transmitida telepaticamente ao primeiro por outro espírito vivo. Acredito, porém, que a natureza da visão, tanto como outras analogias que poremos em relevo no decurso de nossa discussão, fazem prová-

vel uma demonstração diferente, que implica na ação simultânea dos mortos e dos vivos. Suponho que uma corrente de ação pode partir de uma pessoa morta, mas que não se torna bastante forte para ser perceptível ao sujeito senão quando está reforçada por uma corrente de emoção que tem como ponto de partida um espírito vivo.

Só através da acumulação progressiva de fatos, cheguei a acreditar que a estranha suposição que atribui aos espíritos desencarnados a capacidade de conhecer o momento em que a notícia de sua morte chega aos amigos, não está de todo desprovida de realidade. A possibilidade, para o amigo, de adivinhar, através da clarividência, a existência nas proximidades de uma carta que anuncia a morte, torna bastante difícil a prova desse conhecimento. Assim, como se demonstrou em *Phantasms of the Living*, pode-se tratar de um fenômeno da clarividência, inclusive nos casos em que a carta não apresente em si qualquer importância. Existirá uma ação recíproca entre a esfera do conhecimento do espírito desencarnado, de forma que a intuição de um esteja, numa certa medida, reforçada pela do outro?

É o caso do Sr. Tandy, que escolhe ao acaso um jornal, na casa de alguns amigos, e ao chegar em casa, enquanto procura na estante o livro que deseja, volta-se para a janela e enxerga o vulto de um velho amigo, que não via há uns dez anos; aproxima-se e o vulto se esvanece. Ao abrir o jornal, lê a notícia do falecimento desse amigo. (*Proceedings of the S. P. R.*, V, pág. 409).

Este incidente tomado isoladamente e sem conexão aparente com outras formas de ação manifestadas pelos mortos parece, inclusive, deveras raro para ser classificado num grupo coerente. Mas a sua inclusão é facilitada por certos casos em que o sujeito experimenta uma sensação de depressão inexplicável no momento da morte de seu amigo, que sobrevém a distância, sensação que persiste até a chegada da notícia, quando, em vez de intensificar-se, desaparece subitamente. Em um ou dois casos desse gênero, a aparição permanece até à chegada da notícia, desaparecendo imediatamente a seguir. E por outro lado a aparição parece preparar o espírito do sujeito para a notícia chocante que o

espera. Pode-se concluir que nestes casos a atenção do espírito está concentrada, de um modo mais ou menos contínuo, no sobrevivente, até que este receba a notícia. Isso não nos explica como o espírito sabe que chegou a notícia. Nesta hipótese o conhecimento desse gênero pareceria menos raro e isolado.

Citarei, a seguir, um caso ímpar, dado o caráter absurdo que pode ter para alguns.

Trata-se de duas moças, duas irmãs, que, após ficarem ao lado de sua mãe, que acabara de falecer, foram descansar no quarto vizinho. Era por volta das dez da noite. Repentinamente, ouviram a voz do irmão, que estava num lugar a 700 quilômetros deste, cantar um dueto com voz de soprano, acompanhado de harmônio. Distinguiram perfeitamente a música e a letra. Mais tarde ficaram sabendo que o irmão prestara um concurso para um concerto e cantara em dueto, com um soprano, o trecho que as irmãs ouviram. E o telegrama que elas enviaram não fora entregue senão quando ele concluíra sua participação (*Proceedings of the S. P. R.*, VIII, pág. 220).

Pode-se explicar este caso somente pela hipótese de que o espírito da mãe alertara as filhas da demora na entrega do telegrama.

Gostaríamos agora de abordar os casos onde a aparição é impotente para comunicar uma mensagem mais definida daquilo que constitui o fato mais importante, ou seja, a persistência de sua vida e de seu amor. Esses casos podem, porém, ser divididos em diversas categorias. Mas cada aparição, ainda que momentânea, é um fenômeno mais complexo do que parece.

Pode-se estabelecer uma primeira divisão em aparições *pessoais* e *locais*, as primeiras destinadas a agir sobre o espírito de certos sobreviventes, as segundas unidas a lugares determinados, freqüentemente, é certo, tendo por objetivo impressionar os sobreviventes, mas suscetível de degenerar e de manifestar-se por sons e visões que parecem excluir um objetivo e uma inteligência qualquer.

Consideremos, pois, essas propriedades sem esperar que nossas divisões apresentem uma simplicidade lógica, porque aconte-

cerá, com freqüência, que os caracteres locais e pessoais permanecerão confusos, como no caso em que o sujeito procurado pela aparição mora numa casa conhecida, familiar. Mas, em alguns casos, como no do *arranhão vermelho* (ver antes) ou o da condessa Kapnist (idem), a aparição se produz num meio estranho e desconhecido para a pessoa falecida. São manifestações de uma forma superior e mais desenvolvida, as que nesse caso se observam. Entre as aparições mais breves e menos desenvolvidas, as freqüentações pelo fantasma de meios desconhecidos são relativamente raras. Nos casos desta categoria, assim como nos casos em que a aparição atinja o sujeito *no meio do mar*, só a personalidade do sujeito é capaz de guiar a aparição em suas investigações. No caso de M. Keulemann (*Phantasms of the Living*, I, pág. 196), que viu o filho aparecer duas vezes: no momento da morte e após a morte. Dir-se-ia que na primeira vez o filho buscara o pai num meio conhecido e na segunda num meio desconhecido. Existem ainda casos auditivos em que a palavra do fantasma se produz em lugares desconhecidos da pessoa falecida.

Uma das características das aparições é que um grupo de pessoas pode, simultânea e conjuntamente, ver um vulto ou ouvir uma voz fantasmagórica. Não nos casos superiores, mas nos de mera "obsessão", quando a figura é vista simultânea ou sucessivamente por diversas pessoas. Não sei como explicar essa tendência aparente a não ser que se admita que os espíritos "familiares" são mais "apegados à terra" e mais próximos da matéria do que os outros. Mas os exemplos de coletividade abundam em todos os grupos de aparições; e a aparência irregular de uma característica que pareceu tão fundamental nos mostra até que ponto pode variar o mecanismo interno, nos casos que nos parecem compostos de acordo com o mesmo modelo.

Citarei a seguir o caso do Sr. Town, cuja aparição, sob a forma de um medalhão, de tamanho natural, refletido na superfície brilhante de um armário, foi vista uma noite, seis semanas após sua morte, num quarto iluminado a gás e, ao mesmo tempo, por seis pessoas, duas filhas, sua mulher e três empregados, de tal forma que cada uma destas pessoas viu-a de forma diferente, o

que exclui a possibilidade de sugestão (*Phantasms of the Living*, II, pág. 213).

Ao lado dessa aparição *coletiva* poderemos citar outros exemplos em que a aparição foi vista por uma só pessoa. É este, por exemplo, o caso do pequeno Gore Booth (*Proceedings of the S. P. R.*, VIII, pág. 173), que enxergou na parte baixa de uma escada de serviço, que ligava o restante da casa com a cozinha e, no umbral desta, isto é, num lugar em que o finado costumava ficar, um velho empregado que se fora há muito e que Gore sabia estar doente. As informações demonstraram que a aparição se produziu duas horas depois da morte do criado e quando ninguém na casa, nem Gore, estava a par do acontecimento. Deve-se acrescentar que a irmã de Gore, que o acompanhara à cozinha, nada viu. É possível que se tratasse de uma influência transmitida pelo espírito do defunto ao espírito do vivo e que só se manifestou quando o último se achou no lugar onde a lembrança do morto poderia facilmente ser evocada.

Esse caso assemelha-se ao da Sra. Freville (*Phantasms of the Living*, I, pág. 212), mulher excêntrica, que gostava de freqüentar o cemitério e rondar a tumba de seu marido e que foi vista certa noite por um jardineiro que atravessava o cemitério, dando-se este fato sete ou oito horas após a morte dela.

É evidente que a mulher não podia ter qualquer desejo de aparecer ao jardineiro. Achamo-nos, talvez, na presença de um caso de *obsessão* elementar, de um início destas reaparições sem objetivo e sem consciência nos lugares familiares que, com freqüência, persistem após a morte.

Um caso bastante semelhante é o do coronel Crealock (*Proceedings of the S. P. R.*, V, pág. 432), em que um soldado foi visto por seu superior, horas após a sua morte, enrolando e levando embora seu saco de viagem.

Insistindo sobre esses casos intermediários de aparições portadoras de mensagens e das obsessões sem objetivo, chegaremos rapidamente a entender as obsessões típicas, que, mesmo constituindo fenômenos populares entre os que nos interessam, não são de índole a satisfazer o observador. Existe uma tendência a

encontrar uma relação qualquer entre a história de uma casa mal-assombrada, de um lado, e as visões e sons diluídos e freqüentemente diversos que perturbam e aterrorizam seus habitantes vivos, de outro. Mas devemos nos libertar da idéia de que a causa principal desse tipo de obsessão é um crime hediondo ou uma catástrofe sem limites. Os casos que conhecemos confirmam esta idéia. Quase todas as vezes trata-se de uma aparição vista por um estranho, meses após a morte, sem qualquer razão para que se dê naquele momento e não em outro.

Considero que a ação contínua do espírito desencarnado constitui o principal fator determinante dessas aparições. Mas não é o *único* elemento, enquanto os pensamentos e as emoções das pessoas vivas intervenham para auxiliar ou condicionar a atividade independente dos espíritos. Acredito, inclusive, que é possível que a fixação intensa de meu espírito, por exemplo, sobre o espírito de uma pessoa falecida seja capaz de ajudá-la a se manifestar num momento dado, não para mim, mas para outra pessoa mais sensível do que eu.

Existe, todavia, outro elemento que desempenha papel relevante nesses grupos de aparições pouco claras, cuja significação é mais difícil de determinar do que a ação possível dos espíritos encarnados. Falo dos *resultados* possíveis da atividade mental passada, que, de acordo com o que sabemos, podem persistir, de alguma forma, num sentido perceptível, sem serem reforçados, da mesma forma que persistem os resultados da antiga atividade corpórea. Essa questão nos leva a outra mais ampla, a do *conhecimento póstumo* e as relações entre os fenômenos psíquicos e o *tempo* em geral, que não podemos tratar neste capítulo.

Devemos recordar que essas possibilidades existem e que elas nos fornecem a explicação de certos fenômenos nos quais as manifestações recentes de inteligência entram numa parcela mínima, como por exemplo, os sons despojados de significado que persistem durante anos num cômodo de determinada casa.

Porém, em alguns casos espaçados, em que são ouvidos sons de origem desconhecida, antes ou depois da morte de uma pessoa, pode-se supor que se trate de *sons de recepção* (de boas vindas), análogos às *aparições de boas vindas* de que já falamos,

isto é, de uma verdadeira manifestação da personalidade. Os sons em questão podem ser ou não articulados e tomar a forma de ruídos musicados ou imitar os que a pessoa falecida costumava emitir (no exercício da profissão, por exemplo).

Mas, afastando todos esses casos cuja principal característica consiste na produção de sons não articulados, achamo-nos diante de casos de obsessão, em que diversas pessoas viram espectros, e casos que, com freqüência, se assemelhavam. Sobre esse tema foram formuladas diversas hipóteses; a meu ver, considero que quando o mesmo fantasma é visto por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, trata-se de uma transposição da parte do espaço em que o fantasma foi percebido, sem que a matéria em si, que ocupa esse espaço, tenha sofrido qualquer transformação. Não se trata, pois, de percepção ótica ou acústica, de raios luminosos refletidos, ou de ondas sonoras postas em movimento; antes, de uma forma desconhecida de percepção supranormal, que não age, necessariamente, através dos órgãos terminais dos sentidos. Inclusive, vejo certa analogia entre esses relatos de assombração e os fantasmas dos vivos (denominados psicorrágicos). Parece-me que se produz, em cada caso, um deslocamento involuntário de um elemento do espírito, independentemente do centro principal da consciência. Estas "obsessões entre vivos", se assim podemos chamá-la, em que, por exemplo, um homem é visto sob a forma fantasmagórica, de pé, diante da lareira, são, talvez, suscetíveis de mais facilmente renovar-se, quando o espírito se separou do corpo.

Quanto à questão do papel desempenhado por certas *casas* na produção de aparições, faz parte da questão mais ampla do conhecimento póstumo; não se trata aqui de propriedades especiais destas casas, mas de um ramo do grande problema das relações existentes entre os fenômenos supranormais e o *tempo*. As manifestações que se produzem nas casas assombradas dependem de um antigo acontecimento. Essas manifestações são uma conseqüência ou mero resíduo? Qual é o gênero de dependência, nesse caso? Trata-se de operação atual ou apenas de percepção atual de acontecimentos já realizados? Podemos, nestes casos, estabelecer uma distinção real entre uma ação contínua e uma

percepção contínua de uma ação passada? Parece-me existir estreita analogia, ainda que não evidente à primeira vista, entre esses fenômenos de obsessão, esses sons e visões persistentes, e certos fenômenos de cristaloscopia e de escrita automática que também dependem de acontecimentos realizados há tempos, dos quais são conseqüência ou resíduo. Existem casos em que a relação entre a aparição obsessiva e uma pessoa morta há muito tempo parece verdadeira, e outros em que se torna cada vez menos evidente, até que a gente se encontra apenas na presença de cenas fantasmagóricas, que é impossível atribuir à atividade real de um espírito humano. Uma visão, por exemplo, como a de um animal fantasmagórico atravessando um vale, se foi vista, no mesmo lugar, por diversos espectadores, pode ser considerada como algo além de mera ilusão subjetiva. A significação real dessa imagem leva-nos às teorias sobre a permanência ou simultaneidade dos fenômenos que se desenvolvem no seio da alma universal, situada fora do tempo.

Estes conceitos pertencem aos mais elevados de nosso espírito. Se pudéssemos nos aproximar mais deles, seriam de natureza a influenciar profundamente a idéia que temos de nosso destino longínquo.

Talvez um dia isso aconteça. Por enquanto devemos contentar-nos com um simples golpe de vista sobre o véu impenetrável que até agora permanece ante a nossa visão.

Não nos parece necessário, nem prudente, terminar este capítulo sem acrescentar algumas palavras sobre o lado moral e estético do problema. Quem se propõe a trabalhar de acordo com a sua opinião e fazê-la avançar pelo caminho da verdade deve dar-se conta do seu estado real. Mas o que este livro encerra de novo está destinado a agir sobre preconceitos de caráter tanto moral quanto intelectual. Seria dar prova de pedantismo não querer mencionar as questões de ordem moral quando se tocam matérias que a maioria dos que pensam consideram antes do ponto de vista moral do que do ponto de vista científico. Quando fatos novos, de uma importância tão considerável, são chamados a penetrar profundamente na consciência de nossa raça, devem ser coerentes e aceitáveis tanto moral como intelectualmente.

Discutiremos a maioria das questões relacionadas a este tema no capítulo final. Mas há um ponto que se acha, desde já, acima de qualquer discussão, e sua importância é enorme, merecendo nossa atenção: de todos os fatos aqui citados tiramos uma conclusão que, aplicada às superstições e aos terrores humanos, constitui um poderoso remédio, mais poderoso do que o encontrado por Lucrécio.

Nesta imensa série de relatos, por mais complexos e raros que sejam seus detalhes, comprovamos que a natureza da aparição varia de acordo com seu grau de clareza e sua individualidade. Os fantasmas, de aparições incoerentes e ininteligíveis, podem parecer inquietantes e de mau augúrio, mas à medida que aumentam sua claridade, sua inteligência e sua individualidade, tornam-se fonte de amor e alegria. Nunca vi um só caso de combinação póstuma de inteligência e maldade.

Ao examinar a escrita automática, perguntar-nos-emos qual a origem das piadas vulgares e das mistificações absurdas que se encontram associadas aos fenômenos desse gênero. Teremos que estudar a questão para saber se se trata de uma espécie de sonho do próprio autômato, porquanto essas mistificações de piadas indicam a existência de inteligências desencarnadas ao nível do cão e do macaco.

Mas, por outro lado, a antiga concepção de espíritos malignos, de poderes maléficos que formam a base do estudo dos satanistas, e da maioria dos terrores sobrenaturais, desaparece insensivelmente do espírito, à medida que estudamos os fatos que se nos apresentam.

Nossos relatos nos foram transmitidos por homens e mulheres que representam as diversas variedades da opinião média, e todos esses relatos convergem para um só objetivo que é o de estabelecer uma diferença marcante entre o ponto de vista científico e o ponto de vista supersticioso, aplicados aos fenômenos espirituais. O terror que constitui a base das teologias primitivas se manifesta entre os povos, sempre que se faz alusão à possibilidade de comunicação com almas descorporificadas.

Mas a transformação do terror selvagem em curiosidade científica constitui a essência da civilização. Todos esses fatos tendem incontestavelmente a apressar essa transformação. Nesse mundo do espírito, que se abre diante de nós, creio distinguir, mais do que uma intensificação, uma desintegração do egoísmo, da malquerença e do orgulho. E não é este o resultado natural da evolução moral do mundo? Se o homem egoísta é, segundo a expressão de Marco Antônio, "um cancro, uma úlcera do Universo", esses impulsos egoístas não devem, num mundo melhor, sofrer uma queda definitiva, se bem que penosa, ao não encontrar qualquer apoio entre as forças permanentes que mantêm o curso das coisas? [82]

VIII
O automatismo motor

O leitor que me acompanhou até este ponto não pôde deixar de ter percebido que existe um extenso grupo de fenômenos, de enorme importância, dos quais ainda não me ocupei. O automatismo *motor*, ainda que menos familiar ao grande público do que os fantasmas classificados sob o nome de automatismo *sensorial*, compreende um conjunto de fenômenos, na realidade mais freqüentes e importantes.

Deparamo-nos já com mais de um exemplo de automatismo motor, durante o curso desta obra, primeiramente, e sob uma forma muito desenvolvida, no capítulo II, ao tratarmos da personalidade múltipla. Citamos, naquele, numerosos exemplos de efeitos motores produzidos pelo *eu* secundário sem a intervenção do *eu* primitivo, freqüentemente incluído, não obstante a sua resistência. Toda ação motriz do *eu* secundário é uma ação automática, com relação ao *eu* primitivo. E podemos, por analogia, ampliar o uso desta palavra e qualificar de automáticos não só os atos pós-epiléticos, mas também as manias, sempre que esses atos se realizem à margem da iniciativa da personalidade primitiva que se presume normal. Não nos ocuparemos, neste capítulo, desses fenômenos degenerativos. O automatismo, que constitui o tema, é um fenômeno *evolutivo*, do qual darei uma definição mais exata ao definir, ao mesmo tempo, as relações que tem com os fenômenos motores desagregantes que ocupam um lugar saliente na tradição popular.

Mas, antes de prosseguir, creio dever formular, de maneira mais clara, uma tese que foi sugerida, mais de uma vez, enquanto nos ocupávamos dos grupos especiais de nossos fenômenos: *pode-se esperar que os fenômenos vitais supranormais se manifestam pelos mesmos caminhos que os dos fenômenos vitais anormais ou mórbidos, quando os mesmos centros e as mesmas sinergias entram em ação*.

Para ilustrar o sentido desta tese, usarei de uma observação, há muito formulada por Gurney e por mim, a respeito dos “fan-

tasmas dos vivos” ou das alucinações verídicas produzidas (como sustentamos) não por um estado particular do cérebro do sujeito, mas pela ação telepática de um agente distante. Observamos que, quando uma alucinação ou uma imagem subjetiva deve ser provocada por essa energia distante, provavelmente será provocada com maior facilidade, do mesmo modo que as alucinações mórbidas derivadas de uma lesão cerebral. Demonstramos com numerosos argumentos que isso ocorria assim, efetivamente, tanto no que concerne ao modo da evolução do fantasma no cérebro do sujeito, como no modo pelo qual se apresenta aos seus sentidos.

Proponho-me a generalizar esse princípio mostrando que, se existe em nós um *eu* secundário que tende a se manifestar com o auxílio de meios fisiológicos, é provável que sua *via de exteriorização* mais curta, o caminho mais cômodo, do ponto de vista de sua manifestação em ação visível, se encontrara, freqüentemente, ao longo de um trajeto que os processos mórbidos de desintegração apresentaram como o caminho de menor resistência, ou melhor, modificando a metáfora, podemos supor que a separação entre o *eu* primário e o secundário se fará ao longo de uma superfície que as dissociações mórbidas de nossas sinergias psíquicas mostraram tendência a seguir. Se a epilepsia, a loucura, etc., tendem a dissociar nossas capacidades de forma determinada, o automatismo deve ser capaz de dissociá-las, por sua vez, de um modo mais ou menos semelhante.

Os selvagens encaram a epilepsia como inspiração. Têm razão quanto ao fato de que a epilepsia é uma destruição temporária da personalidade, em conseqüência de sua própria instabilidade, enquanto que a inspiração se considera como uma submissão temporária da personalidade, tomada por um poder externo. No primeiro caso, valendo-me de uma metáfora, existe uma combustão espontânea; no segundo, trata-se da ação de um fogo celeste. Falando menos metaforicamente, a explosão e o esgotamento dos centros nervosos devem possuir algo em comum, qualquer que seja a natureza do estímulo que quebrou sua estabilidade.

Mas como distinguir o que é supranormal do que é anormal? O que nos faz dizer que nesses estados de aberração existe algo além da histeria, da epilepsia, da loucura?

Nos capítulos anteriores já respondemos, em parte, estas perguntas. O leitor deve estar familiarizado com o ponto de vista que considera todas as atividades psíquicas e fisiológicas como tendentes, necessariamente, ou à evolução ou à dissolução. Nesse ponto, afastando qualquer especulação teleológica, proponho que hipoteticamente suponhamos que um *nisus* evolutivo, algo que possamos nos representar como um esforço dirigido ao desenvolvimento, dirigido à adaptação, à renovação pessoal, possa ser discernido particularmente do lado psíquico das formas superiores da vida. Nossa pergunta "supranormal ou anormal?" recebe, então, a seguinte modificação: "evolutivo ou dissolutivo?". E, ao estudar sucessivamente todos os fenômenos psíquicos, nos perguntamos se cada um deles constitui o indício de mera degeneração de forças já conquistadas ou "a promessa e a possibilidade", uma vez que não a posse real, de poderes desconhecidos ou não reconhecidos.

Dessa forma, por exemplo, a telepatia constitui, com certeza, um passo adiante na vida da *evolução*.[83] O fato de poder ler os pensamentos gerados em outros espíritos, sem o auxílio de sentidos especiais, indica, evidentemente, a possibilidade de uma extensão muito ampla de forças psíquicas. E todo conhecimento novo, relativo às condições nas quais a ação telepática é suscetível de se produzir, nos servirá como ponto de partida de inestimável valor para determinar-se o caráter evolutivo ou dissolutivo dos estados psíquicos pouco comuns.[84]

Resulta de nossos conhecimentos, relacionados à telepatia, que o aspecto superficial de certas fases da evolução psíquica pode, da mesma forma que o aspecto superficial de certas fases da evolução fisiológica, tomar a forma quer de uma *inibição*, quer de uma *perturbação*, a primeira indicativa de uma dinamogenia latente e a segunda vedando a evolução. O sujeito hipnotizado atravessa uma fase de letargia, antes de entrar na fase em que se encontra numa comunhão de sensações com o operador e a mão do autômato passa por uma fase de movimentos desorde-

nados que se assemelham aos movimentos da coréia antes de adquirir a capacidade da escrita ágil e inteligente. Da mesma forma, o surgir de um dente pode ser precedido por uma dor indefinida, cuja natureza faria crer na formação de um abcesso, se o dente não tivesse, mais tarde, surgido. Exemplos mais notáveis da *perturbação que oculta a evolução* poderiam ser tirados da história do organismo humano que progride em direção à maturidade ou preparando o aparecimento de um novo organismo destinado a sucedê-lo.

Assim, as analogias, tanto fisiológicas como psíquicas, nos impedem de concluir quanto ao caráter degenerativo de determinada psicose, enquanto um exame atento de seus resultados não tenha demonstrado que essa psicose não constitui, na realidade, uma ampliação das capacidades humanas, um novo limiar para captar a verdade objetiva, dito de outro modo, um fenômeno *evolutivo*.

No que concerne, particularmente, aos movimentos, não pretendemos que os que não dependem da vontade consciente sejam menos importantes e significativos do que os que dela dependem. Pelo contrário, comprovamos que em nossa região orgânica os movimentos independentes da vontade consciente são os mais importantes, ainda que os movimentos voluntários, com auxílio dos quais o homem busca alimentar-se ou defender-se de seus inimigos, sejam também de grande valor prático: é necessário, com efeito, que o homem viva e se multiplique, antes de estudar e aprender. Mas não podemos confundir o que é importante do ponto de vista da vida prática imediata, com o que o é do ponto de vista da ciência, da qual a própria vida prática, em última análise, depende. Desde o momento em que o problema da existência material e da multiplicação deixa de exercer domínio sobre os demais problemas, começamos a modificar nossa estimativa, no que diz respeito aos valores, e a considerar que não são os fenômenos mais imponentes e, na aparência, mais evidentes, senão os menos perceptíveis e os menores, os que são suscetíveis de nos revelar novas fontes de conhecimentos. E gostaria de persuadir nossos leitores de que isto ocorre também na psicologia e na física.

Devo dizer que alguns dos movimentos automáticos de que nos ocuparemos, certas manifestações e escritas obtidas durante o estado de "possessão" pertencem, a meu ver, aos fenômenos mais importantes que o homem tenha tido oportunidade de ver. Passemo-los em revista, sucessivamente, mostrando os laços que os unem aos demais, e a deduzir, paralelamente à sua significação, o grau de certeza que podemos considerar como adquirido no que concerne aos fenômenos em questão.

Uma primeira característica comum a todas as manifestações automáticas, não obstante as diferenças que as separam em outros aspectos, consiste na *independência*: é o que os médicos chamam de fenômeno *idiognomônico*, isto é, que não são sintomas de outra afecção nem constituem a expressão acidental de uma modificação mais profunda. O simples fato, por exemplo, de que um homem escreva uma mensagem da qual não é o autor consciente nada prova, em si mesmo, quanto ao estado do que escreve; este último pode estar perfeitamente sadio e não apresentar, afora o fenômeno da escrita inconsciente, qualquer outro fenômeno anormal passível de observação. Esta característica, que confirma a observação e a experiência, diferencia o automatismo de todos os demais fenômenos, aparentemente análogos. Podemos, dessa forma, classificar nessa categoria as emissões automáticas de palavras e de frases; enquanto que a contínua vociferação da mania aguda, que é um fenômeno meramente *sintomático*, se acha fora desta categoria, da mesma forma que o grito *hidrocefálico*, que também, longe de ser um fenômeno independente, é determinado por uma lesão definida. Compreenderemos também, nessa categoria, certos movimentos simples das mãos, coordenados, tendo em vista o ato da escrita, mas permanecerão excluídos, por definição, os movimentos *coréicos*, sintomáticos de certo estado mórbido do sistema nervoso, ou os movimentos que podemos chamar *idiopáticos*, visto constituírem uma enfermidade independente. Mas os movimentos automáticos de que nos ocupamos não são *idiopáticos* mas *idiognomônicos*; podem estar associados a certos estados do organismo ou por eles favorecidos, mas não são o sintoma de outra doença, nem constituem, por si sós, uma doença.

Outra característica comum a todos esses fenômenos é que constituem movimentos automáticos *portadores ou transmissores de mensagens e advertências*; o que não quer dizer que as mensagens das quais são portadores procedam todas de fontes externas ao espírito do sujeito; isso ocorre, provavelmente, em certos casos, mas o mais freqüente é que as mensagens tenham sua origem na própria personalidade do autômato e, neste último caso, são mensagens que uma camada qualquer da personalidade transmite a outra camada da mesma personalidade e que, gerados na região profunda do ser humano, afloram à superfície sob a forma de atos, visões, sonhos, palavras, sem que exista a menor percepção do processo que precedeu sua elaboração.

Consideremos, por exemplo, uma dessas experiências de *leitura de movimentos musculares*, indevidamente chamada leitura de pensamentos, sem dúvida mais familiares aos nossos leitores, e suponhamos que eu esconda um alfinete que um leitor treinado em movimentos musculares deve descobrir segurando minha mão e concentrando-se em meus movimentos musculares. Inicialmente, escondi o alfinete na almofada; mudando de idéia, coloquei-o numa estante da biblioteca. Fixo meu espírito neste último lugar, após resolver ficar estático. O outro segura minha mão, leva-me antes à almofada, depois à estante da biblioteca e encontra o alfinete. O que acontece nesse caso? Quais os movimentos que fiz?

Não fiz qualquer movimento *voluntário ou involuntário consciente*, antes um movimento *inconsciente involuntário* que se encontra sob a estrita dependência de uma *idealização consciente*. Pensei fixamente numa estante da biblioteca e ao caminhar pelo quarto chegamos a esse lugar, fiz um movimento, ou melhor, produziu-se uma contração muscular do braço, movimento inconsciente, mas suficiente para proporcionar à delicada sensibilidade de meu guia, as indicações que necessitava. Tudo isso está devidamente reconhecido e explicado até um certo ponto; definimos o fenômeno dizendo que minha idealização consciente comportava um elemento motor; este, todavia, liberto de uma manifestação consciente, encontrava-se, sem dúvida, exteriorizado sob a forma de uma contração periférica.

Mas, algo mais houve. Antes que meu guia parasse diante da biblioteca, deteve-se diante da almofada. Eu não possuía qualquer idéia consciente desta última; mas a idéia de alfinete na almofada deve ter se refugiado em meu subconsciente; e essa recordação inconsciente se revelou através de uma contração periférica tão diversa como a que correspondia à idéia consciente de alfinete colocado sobre a estante da biblioteca.

A contração era, pois, em certo sentido, um movimento automático transmissor de uma mensagem; a exteriorização de uma idéia que, consciente noutra oportunidade, se tornava inconsciente num grau muito ligeiro, já que bastaria um esforço mínimo para trazê-la ao campo de consciência.

Mas existem casos em que a demarcação entre zonas da personalidade é muito marcante, até o ponto em que a comunicação entre uma e outra é totalmente impossível. Assim, na sugestão hipnótica, quando se ordena, por exemplo, ao sujeito que escreva ao despertar, as palavras que lhe foram sugeridas durante o sono hipnótico, assistimos a movimentos automáticos, dos quais o sujeito, uma vez acordado, não tem a menor consciência.

Mas há mais. Adiante temos numerosos exemplos de transformações de comoções psíquicas em energia muscular de um gênero raro na aparência. Essas transformações de força, por assim dizer, psíquica em força física se operam em nós de uma maneira contínua. Mas sua natureza permanece, em geral, obscurecida pelo problema concernente à verdadeira eficácia da vontade e será interessante citar um ou dois exemplos dessas transformações em que se trata de um processo automático e onde nos encontramos na presença do equivalente motor de uma emoção ou de uma sensação que não parece encerrar qualquer elemento motor.

Um meio simples, embora grosseiro, de comprovar as transformações desse gênero nos é proporcionada pelo dinamômetro. É necessário, primeiro, determinar o grau de pressão que o sujeito é capaz de exercer sobre o dinamômetro, apertando-o com todas as forças de que dispõe no estado normal. Ao fim de algum exercício, o máximo de força de pressão se torna mais ou menos constante, sendo possível submetê-lo a diferentes influên-

cias e medir o grau de reação, isto é, o grau de compressão em maior ou menor escala, de acordo com a influência que sofre. Acompanho uma criança ao circo; senta-se ela junto a mim, segurando-me a mão; tiros ecoam e sua pressão torna-se mais forte; suponhamos que ao invés de me segurar a mão, tenta apertar com todas as forças um dinamômetro e que a excitação brusca, capacita-a a comprimir com mais força do que a empregada antes daquela excitação: devemos considerar esta exceção de contração muscular como automática ou voluntária?

Feré [85] e outros demonstraram que as excitações de qualquer gênero, bruscas ou prolongadas, agradáveis ou desagradáveis, tendem a aumentar a força dinamométrica do sujeito. Em primeiro lugar, e o fato assume grande importância, a força média com a qual se exerce a pressão é mais elevada no homem intelectual que no operário, o qual demonstra não se tratar tanto de musculatura bem desenvolvida, como de um cérebro mais ou menos ativo, que torna possível a concentração brusca da força muscular. Feré comprovou, consigo próprio, e com alguns amigos, que só o fato de ouvir uma conferência interessante, ou de empregar a livre-associação de pensamentos num lugar isolado, que o simples fato de falar ou escrever, produzem um indiscutível aumento de pressão, especialmente da mão direita. Da mesma forma, obtêm-se idênticos efeitos de dinamogenia entre os sujeitos hipnotizados, com auxílio de notas musicais, de luzes de cor, a luz vermelha em particular, e inclusive pela mera sugestão alucinatória da luz vermelha. “Todas as nossas sensações – conclui Feré – são acompanhadas de um desenvolvimento de energia potencial que passa ao estado quinético e se exterioriza em manifestações motrizes, que um aparelho tão grosseiro como o dinamômetro é capaz de observar e registrar.”

Quais são os caminhos seguidos pelas mensagens para passar de uma camada a outra da personalidade? Para responder a essa pergunta teríamos que considerar, primeiramente, algo mais do que as mensagens expressadas através da palavra ou da escrita, isto é, por meios bastante complicados, os que envolvem uma forma mais rudimentar. Mas o gesto constitui o meio de comunicação mais elementar, comum aos animais e aos homens; e o

som, por si só, constitui uma forma especializada do gesto. Os animais superiores diferenciam seus gritos; o homem desenvolve a palavra; e os impulsos que ocasionam a transmissão de mensagens se resolvem todos em movimentos: movimentos da garganta, movimentos da mão. Os gestos manuais se desenvolvem até poder produzir o grosseiro traçado dos objetos e esse impulso gráfico, ao se aperfeiçoar, espraia-se em duas direções: de um lado, converte-se em arte plástica e pictórica que transmite as mensagens com o auxílio de um simbolismo direto, oposto ao simbolismo arbitrário, e por outro lado, adapta-se às leis da palavra e torna-se ideográfico, para terminar, pouco a pouco, no simbolismo arbitrário que se expressa na escrita alfabética, na aritmética, na álgebra e na telegrafia.

Existem entre os meios de comunicação de que dispõe o *eu* subliminar, comportamentos análogos aos que acabamos de enumerar? É possível; e como o *eu* subliminar inicia seu esforço, como o telegrafista, com total conhecimento do alfabeto, é certo, mas dispondo unicamente de uma forma de ação débil e grosseira, sobre o mecanismo muscular, parece provável, *a priori*, que o meio de comunicação mais fácil consistia numa repetição de movimentos simples, dispostos de forma a que correspondam às letras do alfabeto.

Todos ouviram falar, ainda que de forma ridícula, do misterioso fenômeno das “mesas giratórias”, dos “espíritos que batem”, etc. Vejamos se as considerações anteriores podem proporcionar uma explicação suficiente, baseada sobre fatos mais ou menos sólidos.

Quando uma ou várias pessoas pertencentes a esta categoria especial que se designa através do termo pouco explícito e bárbaro de “médium” estão com as mãos em contato com um objeto facilmente movimentável e desejam que este se movimente, freqüentemente seu desejo é realizado. Quando desejam, também, que o objeto indique com seus movimentos as letras do alfabeto, indo, por exemplo, na direção do *a*, etc., isto se produz com freqüência e se obtêm respostas inesperadas.

Até aqui, e qualquer que seja nossa interpretação, nos encontramos na presença de fatos de fácil reprodução e que todos podem verificar.

Mas além desses movimentos simples de mesas giratórias e das respostas inteligíveis das mesas falantes, movimentos e respostas que se podem explicar, a rigor, pela pressão inconsciente que exercem as mãos das pessoas sentadas ao redor, e sem ter necessidade de postular a intervenção de alguma força física desconhecida, certas pessoas entendem que outros fenômenos físicos são produzidos, que as mesas se movem particularmente numa direção e com uma força que não basta para explicar qualquer pressão inconsciente, e freqüentemente dão respostas que nenhuma ação inconsciente e nenhuma das forças que conhecemos parece capaz de provocar. E os espíritas atribuem os movimentos e as respostas desta última categoria à ação de intelectos desencarnados; mas se uma mesa produz movimentos sem que uma pessoa a toque, não existe razão para atribuir esses movimentos à intervenção de meu falecido avô, mais do que à minha, porque se não se vê a maneira pela qual eu mesmo podia tê-la posto em movimento, tampouco se vê o modo pelo qual o teria feito o meu avô.

A explicação bastante conhecida de Faraday, segundo a qual os movimentos das mesas giratórias seriam o resultado de uma soma de diversos movimentos inconscientes, correta para os casos mais simples, deixa em aberto a questão mais difícil concernente à origem dessas mensagens inteligíveis transmitidas pelos movimentos diversificados e repetidos de objetos facilmente movíveis. Quando dizemos que os movimentos possuem a forma da palavra desejada e aguardada, só levamos em consideração a minoria dos casos, porque com maior freqüência, as respostas que as mesas propiciam são muito caprichosas e nunca relacionadas com o que delas se espera. A explicação mais verossímil, a meu ver, é a que admite que essas respostas são ditadas não pelo *eu* consciente, antes pela região profunda e oculta onde se elaboram os sonhos fragmentados e incoerentes.

Mas os movimentos das mesas constituem, numa determinada medida, a forma mais simples, a menos diferenciada, da resposta

motriz. São simplesmente um gênero de *gesto*, ainda que o gesto implique no conhecimento do alfabeto, e como o gesto, o movimento de resposta é suscetível de desenvolver-se em duas direções: o *desenho* automático e a *palavra*. Ocupamo-nos já, em parte, do primeiro, no capítulo III, e no capítulo IX trataremos, em especial, da palavra automática. Neste ponto, indicaremos brevemente o lugar que ocupa cada uma dessas formas de movimento, relacionada a outras manifestações análogas de automatismo.

Alguns leitores viram, sem dúvida, esses desenhos, às vezes em cores, cujos autores afirmam tê-los desenhado sem qualquer plano, sem ter consciência do que sua mão realizava. Essa afirmação podia ser perfeitamente válida e as pessoas que a formulavam totalmente sãs. Os desenhos feitos dessa forma estão de acordo com o que a opinião formulada nos autoriza a esperar; porque apresentam uma mistura de arabescos e ideografias, isto é, parecem-se, em parte, a essas formas de ornamentação que traça a mão do artista quando rabisca o papel sem um plano definido e, por outro lado, lembram as primeiras tentativas de expressão simbólica que se observam entre os selvagens que, todavia, não possuem o alfabeto. Como a escrita do selvagem, apresentam mudanças insensíveis do simbolismo pictórico direto, a uma ideografia abreviada.

Antes de abordar o estudo da escrita automática propriamente dita, seria interessante ilustrar com alguns exemplos essa influência que exerce o *eu* subliminar sobre o organismo inteiro que consideramos como o principal fator das manifestações automáticas. Os exemplos mais notáveis e conhecidos são os de Sócrates e Joana d'Arc: o demônio do primeiro atuava principalmente no sentido da *inibição*, enquanto que na segunda, as vozes que dizia ouvir determinavam um *impulso a trabalhar* de acordo com as ordens que formulavam. Tanto num caso como noutro, tratava-se, em última análise, de manifestações motrizes automáticas, ainda que à primeira vista o elemento sensorial, consistente em alucinações auditivas, parece desempenhar o principal papel. Na maioria dos outros casos desse gênero, o elemento motor e o elemento sensorial se encontram reunidos de um modo deveras

íntimo e sua separação é freqüentemente muito difícil, se não de todo impossível.

Seja lá como for, a inibição, que consiste na separação brusca da ação ou numa incapacidade repentina de agir, constitui a forma mais simples e rudimentar de automatismo motor; constitui o caminho natural pelo qual uma impressão forte, mas obscura, se manifesta ao exterior. Assim, por exemplo, a impressão de *alarme* sugerida por algum som ou algum cheiro percebidos só pelo *eu* subliminar; o automatismo motor se apresenta então como determinado por uma lembrança subliminar, por um estado de hiperestesia subliminar.

Uma ação realizada de maneira vacilante e incerta, por motivo de certas objeções que despertara em outros tempos e que desapareceram totalmente da memória supraliminar: os empregados de estrada de ferro que, bruscamente, freiam um trem, porque foram avisados por alguma coisa que desconhecem, e que nada mais, talvez, que a percepção subliminar de um som ou de um cheiro, que outro trem se dirige a toda velocidade em sentido contrário e que a catástrofe é inevitável; as pessoas que evitam os obstáculos e os perigos em meio à escuridão, graças, talvez, à percepção subliminar de uma diferença na pressão atmosférica, na resistência do ar, percepção que, em alguns casos, pode atingir um elevado grau de acuidade; estas são as principais formas de inibição motora, determinada pela lembrança subliminar ou a hiperestesia subliminar.

Paralelamente a essas formas, existem outras em que é impossível descobrir a menor sensação hiperestésica, e onde o aviso recebido pelo sujeito é de natureza telestésica, como se fosse devido à intervenção de um verdadeiro anjo da guarda. Este é o caso do Dr. Parsons, que, no momento de entrar num dos cômodos de sua casa, sentiu uma sensação de estupor que o deixou estático no lugar, obrigando-o a seguir, a virar-se; nem bem dera alguns passos para afastar-se da porta que dava àquele cômodo, quando ouviu um disparo e uma bala que entrou nesse cômodo pela janela que dava para a rua; soube, mais tarde, que a bala fora disparada por um indivíduo que se acreditava, há muito, ter ressentimentos contra Parsons, mas que este não

acreditava ser capaz de semelhante ato (*Proceedings of the S. P. R.*, XI, pág. 459).

Paralelamente a este caso de inibição motora, de natureza talvez telestésica, temos um grupo de casos caracterizados por impulso motor maciço, completamente independente de um elemento sensorial qualquer. Mencionaremos, sucintamente, entre numerosos, o caso de Thomas Garrison, que, assistindo com sua mulher a um ofício religioso, levanta-se, de repente, durante o sermão, sai do templo e, como que impulsionado irresistivelmente, percorre dezoito milhas a pé para ver sua mãe, e ao chegar encontra-a morta. Mas, sua mãe era relativamente jovem (58 anos) e não só não possuía qualquer indício que permitisse suspeitar sua morte iminente, como também sequer sabia estar doente (*Journal of the S. P. R.*, VIII, pág. 125).

Essa sensibilidade particular do elemento motor de um impulso lembra as especiais suscetibilidades às diversas formas de alucinações ou de sugestões manifestadas por diferentes indivíduos hipnotizados. Podem ser alguns capazes de ver, outros de ouvir, outros ainda de trabalhar de acordo com os conceitos que se lhes sugerir. O Dr. Berillon demonstrou, inclusive, que determinados indivíduos que, à primeira vista, pareciam totalmente refratários ao hipnotismo, não eram capazes de obedecer inclusive durante a vigília, a uma sugestão motora. Exemplo disso são os casos de um homem robusto, de homens e mulheres débeis e de um homem portador de ataxia locomotora. Dessa forma, a volição do controle supraliminar sobre certas combinações musculares não exclui a *sugestibilidade motora*, com relação a essas combinações; da mesma forma que a volição da sensibilidade supraliminar numa camada de anestesia não exclui a sensibilidade subliminar ao nível da mesma camada. Por outro lado, um controle supraliminar, especialmente bem desenvolvido, favorece a sugestibilidade motora; por exemplo, os indivíduos que sabem cantar obedecem com maior facilidade as sugestões relacionadas ao canto. Portanto, devemos esperar novas observações antes de poder dizer antecipadamente se, no caso de um sujeito determinado, a mensagem afetará a forma motora ou a forma sensorial.

Menos ainda podemos explicar a predisposição especial desse indivíduo a uma ou várias dessas formas comuns de automatismo motor: palavra automática, escrita automática, movimentos de mesas, etc. Essas formas de mensagens podem apresentar as mais diversas combinações; e o conteúdo de qualquer dessas mensagens pode ser fantástico ou caprichoso, ou verídico de alguma forma.

Vamos enumerar as diferentes formas de mensagens motoras subliminares, de conformidade, o mais possível, com sua crescente especialização:

1) Temos, primeiramente, os impulsos motores maciços (o caso de Garrison) intermediários das afecções cinestésicas e dos impulsos motores propriamente ditos. Nos casos deste gênero não existe um impulso especial para o movimento de um membro, senão o de atingir um certo lugar pelos meios comuns.

2) Vem, a seguir, por ordem de especialização, os impulsos musculares subliminares simples, que originam os movimentos de mesas e os fenômenos semelhantes.

3) Pode-se citar, em terceiro lugar, a execução musical iniciada subliminarmente; os casos desta categoria apresentam uma dificuldade especial, pois o umbral da consciência dos intérpretes musicais é muito vago e indefinido ("Na dúvida, deve-se tocar com os dedos, não com a cabeça").

4) O quarto grupo está formado pelos casos de desenho e pintura automáticos. Este curioso grupo de mensagens raras vezes possui um conteúdo telepático e se aproxima mais dos casos de *gênio* e outras formas não telepáticas de capacidade subliminar.

5) A escrita automática, à qual dedicaremos o restante deste capítulo, constitui o quinto grupo.

6) A *palavra* automática que não apresenta *em si* uma forma mais desenvolvida de mensagem motora que a escrita automática, e freqüentemente acompanhada de modificações profundas da memória ou da personalidade, que se

aproximam à “inspiração” e à “possessão”, que significam, apesar da diferença de seu sentido teológico, o mesmo do ponto de vista da psicologia experimental.

7) Posso encerrar esta enumeração com o grupo de fenômenos motores que só mencionarei de passagem, sem almejar explicá-los: trata-se destes movimentos telecinésicos cuja existência real está, ainda, sujeita a discussões.

Comparando essa lista das manifestações automáticas motoras com a das manifestações automáticas sensoriais que apresentei no capítulo VI, encontraremos na base de cada uma delas uma certa tendência geral. Os automatismos sensoriais iniciam por sensações vagas, não especializadas, que a seguir se tornam mais definidas e se especializam segundo a ordem dos sentidos conhecidos, para, finalmente, superar as formas de especialização comuns e abranger num ato de percepção, na aparência não analisável, uma verdade mais ampla do que todas as que nossas formas especializadas de percepção são capazes de nos proporcionar. As mensagens motoras mais elementares apresentam, por sua vez, um caráter dos mais vagos; igualmente, nascem das modificações do estado orgânico geral do sujeito ou cinestésico, e os primeiros impulsos telepáticos vagos, vacilam aparentemente entre diversas formas de expressão. A seguir, atravessam uma fase de especialização definida, para terminar, como na escrita automática, num ato de percepção não analisável, no qual desapareceu todo elemento motor.

Abordaremos agora o estudo da escrita automática. Com suas experiências sobre a escrita, obtidas durante as diferentes fases do sono hipnótico, Gurney iniciou esta larga série de investigações que, realizadas independentemente na França pelo Dr. Pierre Janet, adquiriram, a seguir, enorme importância psicológica e médica. O interesse principal consiste no fato indiscutível da possibilidade de criar artificialmente novas personalidades temporais que escrevem coisas totalmente estranhas ao caráter da personalidade primitiva e que esta jamais conhecera. Note-se, além disto, que essas personalidades artificiais prendem-se obstinadamente a seus nomes fictícios e negam-se a reconhecer que só constituem aspectos e porções do sujeito tomado em seu

todo. Deve-se recordar este fato quando a *pretensão* insistente de alguma identidade espiritual, por exemplo, como Napoleão, oferece-se como argumento para atribuir uma série de mensagens a esta fonte especial. O estudo desses automatismos autosugestionados é rico em ensinamentos interessantes e as discussões que encerram meus capítulos anteriores se relacionam com um vasto número de pontos que deveriam ser familiares a todos os que almejam compreender os fenômenos motores mais avançados e difíceis.

Para que o estudo desses casos avançados dê resultados concludentes, devemos nos esforçar, sem cessar, em aumentar seu número, em enriquecer nossas coleções. Animado pelos escritos de Moses, investiguei durante 25 anos os casos desse gênero e creio encontrar-me, atualmente, de posse de 50 observações pessoais de escrita automática idiognomônica. Ainda que a maior parte dessas observações não tragam grande interesse e sejam pouco prováveis, porém, me parecem suficientes para reconhecer que os efeitos observados nas pessoas sadias se prestam a conclusões mais adequadas que as inferidas através da observação dos doentes, ou as que tantos autores formulam *de orelhada*.

Em dois casos, o costume da escrita automática, desenvolvida não obstante minha proibição, por pessoas sobre as quais não possuía qualquer influência, demonstrou que, até certo ponto, inspirava aos sujeitos a convicção obstinada que de as bobagens que escreviam eram tão verídicas como importantes. Em outros casos não ocorreu nada semelhante e não só os sujeitos referidos não apresentavam qualquer enfermidade nem perturbação que se pudesse considerar como a causa do automatismo, senão que diversos deles apresentavam uma saúde física e intelectual acima da média.

No que diz respeito ao *conteúdo* das mensagens automáticas, este varia de acordo com as fontes aparentes dos últimos. De acordo com isso, pode-se distinguir as seguintes variações:

a) A mensagem pode ter sua origem no espírito do próprio sujeito e inferir seu conteúdo, quer dos recursos da memória comum, quer dos da memória subliminar mais

ampla; a *dramatização* da mensagem, isto é, o que se atribua a um espírito diverso do espírito do sujeito, se parece, nestes casos, à dramatização dos sonhos e da sugestão hipnótica.

b) O conteúdo da mensagem pode ter sua origem no espírito de outra pessoa ainda viva, cuja pessoa pode ser consciente ou não da sugestão que transmite.

c) A mensagem pode ser inspirada por uma inteligência desencarnada, de tipo desconhecido, de qualquer forma diversa da do agente invocado. Podem-se classificar sob esta epígrafe as mensagens atribuídas, por um lado, aos "maus espíritos" e, por outro, aos "guias" e "guardiães" de uma bondade e de uma sabedoria sobre-humanas.

d) Por último, é possível que a mensagem advenha, de modo mais ou menos direto, do espírito do agente (um amigo falecido) que ele pareça invocar.

Meu principal esforço tende, naturalmente, a mostrar que existem mensagens pertencentes a outras categorias que a categoria "a", na qual a maioria dos psicólogos gostariam de encaixá-las todas. A meu ver, ainda que reservando um certo número de mensagens aos outros grupos, estou deveras convencido de que a maioria deles representam os efeitos do trabalho subliminar do espírito do sujeito, unicamente. Isto não quer dizer que essas mensagens não sejam para nós algo novo ou interessante. Ao contrário, formam uma passagem instrutiva, indispensável da antiga introspecção psicológica aos métodos mais audazes sobre os quais me proponho insistir. A ação subliminar do espírito, que revelam, difere da atividade supraliminar de um modo que é impossível prevenir ou explicar. Dir-se-ia existirem tendências subliminares que se estendem em certas direções obscuras e que são, no respeitante aos rasgos individuais da pessoa que, às vezes, conseguimos entrever, o que as correntes profundas do oceano são no que respeita às ondas e aos ventos que se agitam sobre a superfície.

Mencionarei somente outro ponto de capital importância, com relação ao poder do *eu* subliminar. É particularmente óbvio que

as mensagens cujo conteúdo é formado pelos fatos que o autômato conhece ou pretende conhecer só podem ter sua origem no espírito do sujeito. Mas a proposição contrária não é da mesma forma verdadeira, isto é, que as mensagens cujo conteúdo é formado por fatos que o autômato desconhece não têm, necessariamente, que se originar de um espírito diverso do seu. Se o *eu* subliminar é capaz de adquirir conhecimentos supranormais, pode atingir esse resultado por outros meios, que não os da impressão telepática, que tenham a sua origem num espírito alheio ao seu. Pode assimilar sua alimentação supranormal por um processo mais direto, digeri-la crua. Se é possível que o sujeito receba os conhecimentos desse gênero graças à influência exercida sobre ele por outros espíritos, encarnados ou não, é também possível que os adquira como conseqüência de uma percepção clarividente ou de uma absorção ativa de fatos situados além de seu alcance supraliminar.

Sucede, com freqüência, aos que durante anos continuam investigações pouco familiares ao público, que os pontos de vista que de início não provocaram mais do que ataques e objeções acabam por ser, aos poucos, reconhecidos, enquanto que o investigador interessado em idéias novas apenas se apercebe da mudança produzida na opinião com respeito às antigas. Os leitores dos primeiros números dos "Relatórios da Sociedade de Investigações Psíquicas" poderão, igualmente, comprovar os progressos da opinião. Em seu livro *Des Indes a la planete Mars; études sur un cas de somnambulisme avec glossolalie* (Paris e Genebra, 1900), Flournoy mostra-nos, de forma notável, as mudanças ocorridas na psicologia durante os últimos vinte anos. Esse livro, ainda que sendo um modelo de imparcialidade, de uma a outra ponta, encerra, na sua maior parte, uma crítica *corrosiva* dos fenômenos quase-supranormais de que se ocupa. Mas não deixa de demonstrar a quantidade de conceitos tomados desse domínio, que o psicólogo competente considera hoje como estabelecidos e provados, enquanto que há vinte anos a ciência oficial quase não suportaria a menor alusão ao tema.

Devo, antes de tudo, mencionar um ponto importante que, de forma decisiva, corrobora uma constatação que fiz há muito

tempo e que, então, pareceria fantástica a diversos leitores. Afirmando a *continuidade* potencial da consciência subliminar (contrariamente aos que pretendem existir somente afloramentos acidentais do pensamento subliminar, semelhantes aos sonhos desligados e incoerentes) declarei que muito rapidamente se levaria a noção do *eu* subliminar até suas últimas conseqüências, se não se quisesse admitir a possibilidade de uma direção e de uma posse exteriores contínuas. Ora, toda a discussão sobre o tema Flournoy gira sobre esse ponto. Achamo-nos, indiscutivelmente, na presença de séries contínuas e complexas de sentimentos que se movimentam por sob o umbral da consciência de "Hélène Smith"; essa conscientização subliminar se deve, em qualquer grau, à atividade de outros espíritos, além do espírito da Srta. Smith? Esta é a principal questão; mas se enovela com outra, secundária, a de saber se as encarnações anteriores da Srta. Smith, se outras fases de sua história espiritual que agora afetam relações complexas com o passado, representam algo nessa multidão de personalidades que parecem lutar, umas com as outras, para expressar-se através do organismo sadio.

A Srta. Smith, deve-se dizer já, não foi nunca uma médium a soldo. No instante em que Flournoy escrevia seu livro, ocupava um posto elevado numa grande casa de comércio de Genebra e dava sessões a seus amigos simplesmente porque o exercício de suas capacidades mediúnicas lhe agradava e se interessava muito na sua aplicação.

Seu organismo era, segundo ela e os demais, totalmente sadio. A Srta. Smith, diz Flournoy, declara categoricamente que é sã de corpo e espírito, perfeitamente equilibrada e repele com indignação a idéia de que o papel do médium, tal como ela o desempenha, seja passível de supor uma anomalia perniciosa ou o menor perigo.

"Sou tão pouco anormal – escreve Hélène –, que nunca fui tão clarividente, tão lúcida, tão capaz de um juízo rápido, sobre um determinado assunto qualquer, como após ter desempenhado o papel de médium". Ninguém parece discutir esta apreciação, que os fatos revelados à medida dos progressos realizados pela Srta. Smith confirmam, com efeito, plenamente.

“É, com efeito, indiscutível – continua Flournoy (pág. 41) – que a Srta. Smith tem uma cabeça extremamente bem organizada e do ponto de vista dos negócios, por exemplo, dirige admiravelmente bem o importante e complicado departamento à cuja testa se encontra, no armazém onde está empregada; de forma que lhe atribuir um estado mórbido, pela simples razão de que é médium, equivale ao menos ao enunciado de uma petição de princípio inadmissível, já que a natureza do que constitui e caracteriza o médium é ainda mais obscura e passível de discussão.

“É evidente que existe entre os sábios espíritos estreitos e limitados, fortes cada qual na sua especialidade, mas prontos a lançar seu anátema sobre tudo o que não esteja de acordo com suas idéias preconcebidas e a tratar de mórbido, de patológico e de louco tudo o que se diferencie do tipo normal da natureza humana, tal como concebida segundo o modelo de sua própria personalidade.[86]

“Mas, em primeiro lugar, o critério essencial com o qual nos devemos ater para apreciar o valor de um ser humano nos é proporcionado, não pelo seu estado de boa ou má saúde, nem por seu grau de semelhança com outros indivíduos, senão pelo modo pelo qual realiza sua tarefa especial, por como desempenha as funções que lhe competem e pelo que dele se pode esperar. Não acredito que as capacidades psíquicas da Srta. Smith a tenham jamais impedido de cumprir seus deveres, antes, ajudaram-na nisso, pois sua atividade normal e consciente encontrou, freqüentemente, uma inesperada ajuda em suas inspirações subliminares e em suas manifestações automáticas.

“Em segundo lugar, está longe de ser demonstrado que o estado do médium seja um fenômeno patológico; é indubitavelmente um fenômeno anormal, no sentido de que é *raro, excepcional*, mas a raridade não significa morbidez. Os poucos anos durante os quais se estudaram esses fenômenos cientificamente não são suficientes para nos permitir que nos pronunciemos sobre sua natureza. Convém notar que nos países onde os estudos desse gênero foram levados além, Estados Unidos e Inglaterra, a opinião predominante entre os sábios que mais se aprofun-

daram na matéria não é contrária à mediunidade e que longe de considerar esta última como um caso especial de histeria, nele vêem uma capacidade superior, vantajosa, sadia, da qual a histeria é uma forma de degeneração, paródia-patológica, uma caricatura mórbida.[87]

Os fenômenos que apresenta esta sensitiva (à qual Flournoy dá o pseudônimo de Hélène Smith) parecem, à primeira vista, variados e múltiplos, mas essa variedade se vê em seguida ser mais aparente que real e é fácil comprovar que se podem explicar através da auto-sugestão.

Comprovamos, primeiramente, o aparecimento de toda classe de elementos subliminares na vida supraliminar. Como diz Flournoy (pág. 45): "fenômenos de hipermnesia, adivinhações, descobertas misteriosas de objetos perdidos, inspirações felizes, pressentimentos exatos, intuições justas, resumindo, automatismos teleológicos de todo o gênero: ela possui num alto grau a cunhagem do gênio que constitui uma compensação mais do que suficiente dos inconvenientes que resultam das distrações e ausências momentâneas que acompanham suas visões e que na maioria dos casos passam desapercebidas."

No desenvolver das sessões, em que as transformações mais profundas não apresentam qualquer inconveniente, sofria uma espécie de auto-hipnotização que produzia estados letárgicos e sonambúlicos variados. E quando se acha só e ao abrigo de qualquer interrupção, tem visões espontâneas, durante as quais aproxima-se ao estado de êxtase. Experimenta, durante as sessões, alucinações positivas e negativas e anestesias sistemáticas, de forma que, por exemplo, deixa de ver qualquer pessoa presente, especialmente a destinatária das mensagens que se elaboram durante o curso da sessão. "Dir-se-ia que uma incoerência como a que caracteriza os sonhos preside o trabalho preliminar da desagregação, graças à qual as percepções normais se acham arbitrariamente divididas ou absorvidas pela personalidade subconsciente, em busca de materiais para compor as alucinações que prepara." A seguir, ao se iniciar a sessão, o único ator é o guia de Hélène, *Leopold* (pseudônimo de Cagliostro) que fala e escreve através dela e que provavelmente não é, na realidade,

mais do que a forma desenvolvida de sua personalidade secundária.

Efetivamente, Hélène tem, às vezes, a impressão de *converter-se* momentaneamente em Leopold (pág. 117). Flournoy compara esta sensação com a experiência de Hill Tout (*Proceedings of the S. P. R.*, XI, pág. 399), que sente *converter-se* no seu próprio pai, manifestando-se através dele. "Leopold – diz Flournoy – manifesta, certamente, um aspecto muito honrado e amável do caráter da Srta. Smith, que, tomando-o por "guia", seguiu inspirações que se encontram, indiscutivelmente, entre as mais elevadas de sua natureza." (pág. 134).

O alto teor moral dessas comunicações automáticas, sobre as quais tanto insiste Flournoy, é um fenômeno digno de consideração. Não quero, com isso, dizer que pareça especialmente estranho no caso da Srta. Smith. Esta parece uma pessoa de espírito realmente equilibrado.

Não nos assombra encontrar seu *eu* subliminar tão isento de crítica como seu *eu* supraliminar. Mas, na realidade, a observação que Flournoy faz é de aplicação muito mais ampla. O alto valor moral, quase universal das manifestações automáticas primitivas, consideradas quer como comunicações espirituais, quer como procedentes do mesmo sujeito, não foi ainda, que eu saiba, devidamente esclarecido ou explicado de modo satisfatório. Mencionarei aqui dois pontos que me interessaram sobremaneira e que considero interessante destacar: em primeiro lugar, li numerosos sermões e outros ataques contra o "espiritismo", nome pelo qual se designam, geralmente, todas as manifestações automáticas, e não estou lembrado de um só exemplo em que se tenha citado em apoio desses ataques alguma passagem de teor imoral, baixa, cruel ou impura (e este é o segundo ponto sobre o qual quero chamar a atenção); os ataques foram sempre deste gênero que, aos olhos do filósofo, é, antes, elogioso para os escritos atacados, porque parece que nenhuma das diferentes igrejas conflitantes conseguiu apresentar em favor de seus dogmas as provas demonstradas pelas mensagens automáticas. Os diferentes controversistas, quando sinceros, admitiram o engran-

decimento moral, mas partindo de pontos de vista opostos, estão concordes em deplorar a ignorância teológica.

A doutrina da *reencarnação*, ou das vidas sucessivas transpassadas por cada alma neste planeta, inspira a maior parte das comunicações recebidas pela Srta. Smith.

O simples fato de que Platão e Virgílio compartilhassem dessa doutrina demonstra que não revela nada que contrarie a melhor razão e aos mais elevados instintos do homem. É certo que não é fácil estabelecer uma teoria que atribua a *criação direta* dos espíritos a fases tão diversas de adiantamento como aquelas em que esses espíritos entram na vida terrestre sob a forma de homens mortais; *deve* existir uma certa continuidade, uma certa forma de passado espiritual. No momento, não possuímos qualquer prova a favor da reencarnação e nosso dever é mostrar que sua confirmação num determinado caso, o da Srta. Smith, por exemplo, constitui um argumento a favor da auto-sugestão mais do que a inspiração exterior.

Todas as vezes que os homens civilizados receberam o que consideravam como uma revelação (que, em sua expressão mais pura, foi um pouco truncada) dedicaram-se, naturalmente, a completá-la e a sistematizá-la, na medida do possível. Com isto, almejavam três fins:

a) *compreender* o maior número possível de mistérios do universo;

b) *justificar*, no que fosse possível, a conduta do Céu, com respeito aos homens;

c) *apropriar-se*, no possível, do benefício e dos favores que os crentes deveriam poder retirar da revelação.

Por todas essas razões, a doutrina da reencarnação teve muito apoio em mais de um país e época. Mas, em caso algum parecia alcançar a sua finalidade como na revelação (por assim dizer) através da escrita automática.

Para citar um exemplo histórico, um vigoroso pregador da nova fé, conhecido pelo nome de Allan Kardec, retomou a doutrina da reencarnação, substituindo-a (segundo o que é passível de crédito) pela sugestão extrema exercida sobre o espírito de

diferentes escritores automáticos e a expõe em obras dogmáticas que exerceram enorme influência, principalmente nas nações latinas, graças à sua clareza, sua simetria e seu intrínseco bom-senso. Mas os dados compilados eram totalmente insuficientes e *O Livro dos Espíritos* deve ser considerado como um ensaio prematuro para formular uma nova religião, para sistematizar uma ciência nascente.[88]

Acredito, juntamente com Flournoy, que o estudo desta obra deve ter influenciado, diretamente ou não, o espírito da Srta. Smith, nela provocando a crença nas encarnações anteriores ao seu destino e às suas atuais sensações.

De modo geral, cada encarnação, tendo sido a última bem empregada, constitui um certo progresso na existência geral do ser. Se uma vida terrestre foi desperdiçada, a vida terrestre seguinte pode vir a ser a possibilidade de uma expiação ou do exercício mais amplo de uma virtude especial que não foi adquirida, senão de uma forma imperfeita. Dessa forma, a vida atual da Srta. Smith, numa posição bem humilde, pode ser considerada como uma expiação pelo excesso de orgulho de que dera mostra na sua última encarnação, quando foi Maria Antonieta.

Mas esta menção concernente a Maria Antonieta nos coloca no caminho do risco que faz correr essa teoria, favorecendo as pretensões dos sujeitos de descender de uma linhagem ilustre de antepassados espirituais. Pitágoras pretendia que seu *eu* passado encarnara num herói secundário, Euforbo. Em nossos dias, Anna Kingland e Edward Maitland pretendiam ter sido nada menos que a Virgem Maria e São João Batista. E Victor Hugo, deveras inclinado a essas automultiplicações, se apoderou da maioria dos personagens importantes da antigüidade que pode relacionar entre si, cronologicamente.

Em cada caso, a personificação apresenta notáveis rasgos; mas também em cada caso, basta uma análise mais ou menos atenta para afastar a idéia de que nos encontramos na presença de uma personalidade que realmente viveu numa época anterior, habitou outro planeta, fazer-nos ver através desses fatos os efeitos da “criptomnésia” (palavra pela qual Flournoy define a

memória subliminar) e desta capacidade inventiva subliminar que já nos é deveras conhecida.

Flournoy não foi o primeiro a se ocupar da Srta. Smith. Antes dele, Lefébure, de Genebra, publicou sobre o mesmo tema nos *Annales des Sciences Psychiques*, março-abril de 1897 e maio-junho de 1897,[89] artigos nos quais se esforçava por provar o caráter supranormal da capacidade da Srta. Smith, a qual acreditava-se realmente tomada por espíritos e admitia a realidade de suas encarnações anteriores, como de sua linguagem extraterrena ou marciana. Após a leitura de seus artigos, deixei-os de lado por se mostrarem pouco concludentes, especialmente por causa das considerações sobre a linguagem, à qual Lefébure parecia especialmente inclinado, considerações que me soaram falsas até o ponto de despertar dúvida sobre todos os argumentos formulados, por um autor que era capaz de acreditar que os habitantes de outros planetas falavam uma língua semelhante ao idioma francês e era formado por palavras como *quisa* por *quel*, *quisé* por *quelle*, *vétèche* por *voir*, *vèche* por *vu*, verdadeiras expressões do fantástico infantil. Como prova da consistência e realidade da linguagem extraterrestre, Lefébure cita o seguinte fato: "uma das primeiras que tivemos, *métiche*, que significa *monsieur*, é, mais tarde, encontrada com o sentido de *homme*". Isto é, através de uma ingênua imitação do idioma francês, Hélène, após transformar *monsieur* em *métiche*, mudou *les messieurs* em *cée métiché*. E o autor reconheceu que essa língua surgiu independentemente de todas as influências que formaram a gramática terrestre em geral e o idioma francês em particular! E inclusive, depois que Flournoy refutou esse absurdo, vi que os jornais falavam dessa língua marciana como de um assombroso fenômeno! Pareciam acreditar que se a evolução de outro planeta resultou no aparecimento da vida consciente, esta vida consciente devia ser de modo a nos proporcionar, sem dificuldades, que nela entremos trazendo na mão um livro de Ollendorff de conversação: "eni cee metiché oné quedé – aqui os homens são bons", etc.

Para quem estudou o automatismo, isto sugere a idéia irresistível de um trabalho subliminar realizado pelo próprio sujeito. É um caso de "glossolália", e nós desconhecemos qualquer caso

mais recente, desde o caso semi-místico dos Milagres de Cevennes, onde um linguajar desse gênero nada mais é do que um jargão ininteligível. Tive em minhas mãos diversos escritos hieróglifos, realizados automaticamente, acreditando que representavam a escrita japonesa ou a de um antigo dialeto do norte da China; mas os técnicos não avisados, aos quais submeti esses escritos, mostraram-me, rapidamente, que se tratava de vagas recordações de parágrafos que enfeitavam as bandejas de chá vindas do oriente.

Parece-me totalmente impossível que um cérebro possa receber, telepaticamente, qualquer fragmento de uma língua que não aprendeu. Pode-se dizer, de maneira geral, que tudo o que é elaborado, completo, audaz, parece obra subliminar; enquanto que tudo o que provém do exterior é fragmentado, confuso e tímido.

A particularidade mais interessante do idioma marciano é sua formação *exclusivamente francesa*; o que provaria ter sido elaborado por um espírito familiarizado com o idioma francês. Mas a Srta. Smith está longe de ser poliglota; recebera, quando criança, algumas aulas de alemão, o que nos induziria à curiosa suposição de que o idioma marciano foi inventado por algum elemento de sua personalidade, anterior às lições de alemão.

"O fato da natureza primitiva das diversas elucubrações hipnoidais da Srta. Smith – diz Flournoy (pág. 45) – e as diferentes etapas da vida às quais pertencem parecem-me constituir os pontos psicológicos mais interessantes de sua mediunidade, no que tende a mostrar que essas personalidades secundárias são provavelmente, quanto à sua origem e, ao menos em parte, fenômenos de reversão, relacionados à personalidade comum, sobrevivências ou retornos momentâneos a fases inferiores superadas após um tempo, mais ou menos longo, e que, normalmente, deveriam ter sido absorvidas pelo desenvolvimento do indivíduo, ao invés de se manifestar exteriormente através de estranhas proliferações. Da mesma forma que a teratologia esclarece a embriologia, que, por sua vez, explica a teratologia, e ambas, reunidas por sua vez esclarecem a anatomia, igualmente, se pode esperar que o estudo do mediunismo nos proporcionará

uma clara e fecunda noção no que concerne à psicogênese normal, que, por sua vez, nos permitirá compreender melhor as aparências desses fenômenos singulares; de forma que, finalmente, a psicologia terá um conceito melhor e mais exato da personalidade humana.”

A capacidade a que nos referimos, a de evocar estados emocionais há muito desaparecidos, parece-me eminentemente característica do gênio poético e artístico. O artista deve aspirar a viver no passado com maior intensidade do que no presente, a novamente sentir o que em outras ocasiões sentiu e, inclusive, a voltar a ver o que já vira. As recordações visuais e auditivas ativadas na sua totalidade se convertem em alucinações visuais e auditivas; e este ponto de absoluta alucinação poucos artistas desejam ou podem atingir. Mas a memória emocional e afetiva pode, em algumas naturezas privilegiadas, readquirir toda a sua antiga clareza, em benefício da arte; e inclusive, quando o próprio homem já é capaz de sentir as emoções que voltam (semelhantes nisto a certas imagens-lembranças óticas) podem superar as emoções originais.

Mas voltemos à Srta. Smith. Uma de suas encarnações anteriores foi a de uma princesa indiana, e essa encarnação oferece um problema lingüístico de um gênero algo diverso. Escreveu alguns caracteres sânscritos, pronunciou certas palavras sânscritas, misturadas, é certo, a um jargão quase-sânscrito e que não ultrapassava o que a boa memória pudesse reter olhando, durante algumas horas, uma gramática sânscrita. Porém, Hélène, cuja boa-fé é atestada em todas as partes, e que ela acreditava com toda a sinceridade na hipótese espírita, afirma não ter nunca consultado uma gramática dessa língua. Por outro lado, as minuciosas investigações realizadas por Flournoy sobre os incidentes da história ou pseudo-história hindu, nos quais está baseado o relato dessa encarnação, fazem parte de uma passagem de um livro raro e esgotado de Marlès sobre a Índia, livro que a Srta. Smith afirma jamais ter visto, coisa que nos parece bastante provável.[90]

Esse conhecimento se manifesta de modo a indicar uma grande familiaridade com as coisas do oriente, e os sons e os gestos quase indianos são empregados com grande verossimilhança.

Não necessito entrar nos detalhes da encarnação mais moderna e acessível de Maria Antonieta.

Nos fatos citados, esse problema se encontra reduzido à sua forma mais simples; e vou formular aqui, o mais breve possível, uma teoria que Flournoy não usou. Estou de acordo com ele em considerar fantástica toda a novela hindu. Mas não tiro a conclusão de que a Srta. Smith viu, sem ter consciência disso, a História de Marlès e uma gramática sânscrita e considero como provável que os fatos que o livro de Marlès e a gramática comportam tenham chegado a seu conhecimento por clarividência, através de seu *eu* subliminar.[91]

Passo dessas novelas reencarnacionistas para certos fenômenos menores, mas igualmente interessantes, que Flournoy chama *automatismos teleológicos*. "Certo dia – diz Flournoy (pág. 55) – em que a Srta. Smith se propunha a descer um objeto grande e pesado de uma estante alta, não o pôde fazer, pois ficou com o braço no ar durante alguns segundos, como que petrificada e incapaz de se movimentar. Considerou aquele fato como uma advertência e desistiu de seu intento. Numa sessão ulterior, Leopold confirmou que fora ele quem a impedira de alcançar o objeto, porque era demasiado pesado para ela e ter-lhe-ia causado algum acidente. Numa outra oportunidade, um vendedor que procurava, em vão, uma amostra, perguntou a Hélène se sabia onde teria ido parar. Mecanicamente, e sem refletir, ela disse que a enviaram a M. J. (diante da casa). No mesmo instante, viu traçado sobre o assoalho o número 18 e acrescentou inconscientemente: "há dezoito dias". Aquilo era totalmente improvável, mas resultou exato. Leopold não se recordava desse fato e não parece ter sido o autor desse automatismo criptomnésico."

A Srta. Smith viu também a *aparição* de Leopold, que lhe vedava um caminho que se propunha seguir e isto em circunstâncias tais que se houvesse tomado aquele caminho é provável que viesse a se arrepender.

A questão seguinte é saber se uma capacidade supranormal qualquer se manifesta nos fenômenos que nos apresenta o caso da Srta. Smith. Parece existir nele um certo grau de telepatia (pág. 363 e seguintes), como na sessão em que viu um lugarejo situado sobre uma colina coberta de vinhas e um ancião vestido burguesmente que descia a colina ao lado de um caminho de pedras; quando lhe perguntaram os nomes do lugarejo e do ancião, escreveu, para o primeiro, "Chessenaz" e para o segundo "Chammontet-Syndic"; dias depois viu o mesmo senhor acompanhado de outro que disse ser o cura do lugarejo, cujo nome escreveu: "Burniersalut". Das informações tomadas a seguir, constatou-se que Chessenaz é um lugarejo desconhecido situado na Alta Savoia, a 26 quilômetros de Genebra, que um homem de nome Jean-Chaumontet foi síndico desse lugarejo em 1838 e 1839 e um homem de nome André Burnier foi cura de 1824 a 1841; os dois nomes figuram num livro de registro de nascimentos, etc.; as assinaturas da Srta. Smith assemelham-se bastante às desses dois personagens.

A Srta. Smith havia realmente conhecido os arredores de Chessenaz, mas não se lembrava de os ter visto, nem acreditava ter ouvido falar deles, nem que lhes houvessem citado os nomes do síndico e do cura. Esses dois nomes são, porém, bastante divulgados na região e é possível que, durante o curso de suas visitas, seus amigos tivessem mostrado alguma ata onde figurassem aquelas duas assinaturas (o que podemos afirmar porque a sua probidade está acima de qualquer suspeita), tendo os nomes desaparecido completamente de sua memória supraliminar.

Este caso de Flournoy pode ser considerado como clássico, apresentando um notável exemplo de vôo livre e de atividade incessante do *eu* subliminar, independentes de qualquer influência externa. O elemento telepático, caso exista, é de pouca importância. O que observamos na Srta. Hélène Smith assemelha-se a uma espécie de exagero da capacidade construtiva subliminar, a uma hipertrofia do gênio, sem esta originalidade inata do espírito que faz dos sonhos de um R. L. Stevenson uma fonte de prazer para milhares de leitores.

Para nós, os casos desse gênero, por mais curiosos que sejam, só constituem uma introdução aos automatismos de um caráter mais profundo. Em nossa tentativa de descobrir as séries evolutivas dos fenômenos que determinam a existência de capacidades humanas cada vez mais elevadas, o menor incidente telepático, a prova mais banal, mesmo sendo prova de comunicações recebidas sem o auxílio dos sentidos, de um espírito encarnado ou desencarnado, superam em importância as ramificações e as produções mais complexas do próprio espírito do autômato.

Possuímos uma série enorme de casos em que as experiências realizadas com a *planchette* revelaram, de forma indiscutível, a intervenção de um elemento telepático; de uma influência à distância exercida inconscientemente por pessoas presentes no espírito dos operadores e que provocam, por seu lado, os movimentos automáticos registrados pela tabela, quer quando dizia o nome das pessoas no momento em que suas fotografias eram vistas pelos assistentes, quer quando adivinhava o número de moedas que se achavam no bolso de um auxiliar, quando ele próprio não conhecia exatamente esse número, quer quando calculasse previamente a soma em dinheiro que determinada pessoa devia receber de um amigo e o nome deste último. Inclusive nos casos em que a pessoa interessada parecia ignorar o fato anunciado, que dizia respeito a ela, era fácil convencer-se de que tal pessoa tinha, do fato em questão, um conhecimento essencialmente subliminar.

O fato mais notável desse gênero é o do casal Newton, que se entregava a experiências que consistiam em a mulher escrever as respostas às perguntas que o homem formulava, também por escrito, sem que ela tivesse visto ou ouvido nunca uma só dessas perguntas. Essas experiências foram repetidas durante muito tempo e se algumas das respostas escritas pela Sra. Newton não possuíam qualquer relação com as perguntas a que se destinavam, o número de respostas exatas e justas continua sendo ainda muito considerável e autoriza a concluir que se tratava de algo além da coincidência (ver *Proceedings of the S. P. R.*, IX, pág. 61-64).

Consideramos até aqui só os casos em que a ação telepática era exercida entre pessoas próximas, reunidas na mesma habitação. No caso da Sra. Kirby, que morava em Santa Cruz, Califórnia, os movimentos automáticos da mesa revelaram fatos concernentes a pessoas que moravam em Plymouth, Inglaterra, em particular a irmã de um criado da Sra. Kirby, criado este que participava das experiências e que era conhecido por um nome suposto e cujo verdadeiro nome foi revelado pela própria mesa (*Proceedings of the S. P. R.*, IX, pág. 48).

Ao lado destes casos de comunicações entre *pessoas vivas* existem outros em que a mensagem parece provir de uma pessoa falecida, quando, na realidade, na maioria dos casos a origem está no espírito de uma das pessoas presentes. É o caso citado freqüentemente, do Sr. Lewis (*Proceedings of the S. P. R.*, IX, pág. 64), no qual um médium que não podia, de modo algum, estar ao corrente dos assuntos da família de Lewis, que não conhecia, comunicou por intermédio de uma mesa uma mensagem procedente de uma das irmãs do último, falecida aos 2 anos de idade, antes do nascimento do Sr. Lewis. E o caso do Sr. Long (*Proceedings of the S. P. R.*, IX, pág. 65), ao qual um médium comunicou uma mensagem de um antigo criado, cujo nome estava escrito erradamente e cuja mensagem significava que o criado morrera há 14 ou 15 anos, enquanto que as informações tomadas mais tarde confirmaram que o criado ainda vivia no momento em que a mensagem foi transmitida ao Sr. Long. Pode-se, nesta mesma categoria, classificar o caso transmitido ao Sr. Barret (*Proceedings of the S. P. R.*, XI, pág. 236), relativo a um médium que, após implorar a uma sua amiga que pensasse numa pessoa qualquer, descreveu automaticamente certos fatos relacionados a essa pessoa.

Durante uma sessão espírita realizada na residência do Dr. Barallos, do Rio de Janeiro, a mesa anunciou que um vidro contendo ácido fênico quebrara-se às 8 horas da noite na casa da cunhada do médico, que também participava da sessão. Sua casa situava-se distante da de sua cunhada e ao voltar para sua residência pôde comprovar que aquilo era exato. Soube também que suas filhas, que ficaram em casa, ouviram um ruído numa habi-

tação próxima, onde dormia uma criança atacada de varíola e onde se achava o vidro contendo ácido fênico e entraram precipitadamente no quarto, gritando: “O vidro de ácido quebrou!” É possível, e esta é a explicação do Dr. Alexander do Rio de Janeiro, que nos comunicou o fato, que a impressão emocional experimentada pelas jovens ao lançar aquela exclamação exercesse uma influência telepática na mãe e conseqüentemente na mesa, trazendo à superfície a mensagem que a segunda recebeu subconscientemente (*Journal of the S. P. R.*, VI, pág. 112-115).

Temos, a seguir, uma série de casos que propiciam um interessante campo à discussão das duas hipóteses rivais: a da criptomnésia e a da influência exercida pelos espíritos. São, por exemplo, os casos observados por Wedgwood (*Journal of the S. P. R.*, V, pág. 174 e *Proceedings of the S. P. R.*, IX, pág. 99-109), nos quais desempenhou ativo papel, no sentido de que ele não apresentou nunca manifestações de automatismo, participou de sessões de escrita automática, acompanhado de uma jovem submetida a impulsos automáticos. A escrita obtida nestes casos constituía a relação de fatos concernentes a personagens históricas, mortas há algum tempo, mais ou menos célebres, mas desconhecidos de Wedgwood e de sua acompanhante, especialmente desta, que pouco lera e possuidora de parcos conhecimentos gerais. A única explicação possível nestes casos é a de que Wedgwood, primo e sogro de Charles Darwin, é ele mesmo conhecido sábio que lera muito e era possuidor de extensos conhecimentos, podia não possuir uma lembrança supraliminar das personagens históricas, cujas vidas e episódios descrevia através da mão, mas que se tratava de um afluxo de recordações subliminares.

Estes casos apresentam todas as dificuldades que apresenta a teoria das recordações esquecidas. Ver-se-á como um autômato de boa-fé pode, através da paciência, alcançar uma solução satisfatória da questão, bastando que nos propicie, com diversos companheiros, uma série de comunicações suficientemente extensas, cujo exame nos permitirá comprovar até que ponto os fatos que relatam essas comunicações foram vistos e ouvidos, sendo, a seguir, esquecidos. As comunicações semelhantes

proporcionadas por outros autômatos nos colocam em situação de tirar uma conclusão geral, quanto à origem desses fatos retrocognitivos, se a recordação esquecida não basta para explicar a todas. O fato mais importante sobre isto consiste no relato, absolutamente verídico, a meu ver, prolatado por Stainton Moses em *Spirit Identity*, de uma série de mensagens comunicadas por compositores de música, relatando os principais acontecimentos da vida de cada um, de modo semelhante ao dos dicionários biográficos. Se essas mensagens nos foram propiciadas por autômatos de duvidosa probidade ou incapazes de fornecer a prova de outras mensagens que não podiam, de forma alguma, estar previamente preparados, não deveríamos levá-los em conta. Mas, no caso de Moses, como no da jovem das experiências de Wedgwood, e num grau mais elevado, possuímos provas indiscutíveis da existência de capacidades subliminares que podemos considerar suas biografias musicais como parte das séries que nos interessam neste momento. Sua particular natureza excitou a curiosidade de Moses e de seus amigos que foram informados por "guias" que se tratava, de fato, de mensagens provenientes dos espíritos em questão, mas que esses espíritos reavivaram as recordações de sua vida terrestre consultando as fontes de informação escritas. Isso equivale a impossibilitar a prova que se deseja proporcionar. Se um espírito é capaz de consultar sua biografia impressa, outros espíritos podem, da mesma forma, fazê-lo, e o espírito encarnado do autômato, de igual maneira. Moses considerava isto, pois ele próprio contava-me que a sensação subjetiva que experimentava ao escrever as biografias era diferente da que nele gerava a comunicação direta e real com um espírito.[92]

Desses relatos históricos relacionados a fatos longínquos, passo às mensagens provenientes de pessoas recém-falecidas e que possuem um elemento pessoal mais ativo. Esse elemento é constituído especialmente pela *escrita*. E essa prova da identidade fornecida pela semelhança de escritas pode ser deveras concludente. Porém, na apreciação dessa semelhança devem-se ponderar as seguintes considerações: primeiro, a semelhança é freqüentemente confirmada e reconhecida após um exame super-

ficial e insuficiente. Para não haver dúvidas sobre isto é necessário, se não se quer recorrer a um perito, examinar minuciosamente as três escritas: a escrita automática do próprio sujeito, a deste em estado normal e a da pessoa de quem se acredita provenha a mensagem; isto, nos casos em que o sujeito jamais tenha visto a escrita da pessoa falecida. Ao contrário, nos casos em que se conhece esta escrita, devemos pensar, em segundo lugar, que um sujeito hipnotizado pode, freqüentemente, imitar qualquer escrita conhecida com maior facilidade do que durante a vigília e que muitas vezes pode-se tratar de uma capacidade mimética do sujeito subliminar que se manifesta nas mensagens sem a intervenção do *eu* supraliminar.

Citarei alguns casos, nos quais o principal intuito consiste no anúncio de uma morte, desconhecida do médium. É o caso observado pelo Dr. Liébault (*Phantasms of the Living*, I, pág. 293), sobre uma jovem americana que, passando uma temporada em Nancy, toma conhecimento, através da escrita automática, da morte de uma de suas amigas, que estava na América. Após colher informações, o fato foi confirmado. A amiga morrera, de fato, no dia em que o anúncio foi recebido em Nancy. No caso de Aksakof, uma jovem chamada Stramon, que vivia em Wilna, Rússia, recebe a notícia da morte de um jovem que vivia na Suíça e com o qual ela não desejara casar-se. Segundo a mensagem chegada cinco horas antes do falecimento, esta fora ocasionada por uma congestão. Mas, na realidade, tratava-se de um suicídio. Numa carta que a jovem recebeu três dias depois, de seu pai, que naquele momento se encontrava na Suíça, dizia-se, também, que a morte se produzira por congestão pelo qual o autor da carta não poderia saber a causa exata da morte. Aksakof supõe que a pessoa morta deve ter atuado, de um lado, sobre a Srta. Stramon, e, do outro, sobre o pai dela, fazendo com que recebesse a mensagem automática e impedindo que o outro desse em sua carta o motivo exato da morte (*Proceedings of the S. P. R.*, VI, pág. 343-348).

O caso de M. W. é dos mais curiosos (*Proceedings of the S. P. R.*, VIII, pág. 242-248). Homem correto, magistrado, assiste certo dia uma sessão de “mesas falantes”, onde constata possuir

o dom da escrita automática. Imediatamente põe-se a atuar e, após adquirir a convicção de realmente possuir o dom, o exerce sempre que tem ocasião e freqüentemente com assombrosos resultados; obtém, com auxílio da escrita automática, informações sobre uma infinidade de assuntos que o interessam: o estado de saúde das pessoas ausentes, a morte iminente de pessoas doentes que os médicos não acreditavam estar em perigo, descrição do exterior e de circunstâncias de vida e morte de pessoas que jamais vira, mas nas quais outro freqüentador das sessões estava *pensando*, etc. Vê-se que algumas dessas mensagens podem ser explicadas através da hipótese da telestesia subliminar, outros pela telepatia, com origem no espírito de pessoas vivas; outros ainda, pareciam provir do espírito de pessoas falecidas.

O caso que se segue, publicado por Aksakof, mostra até que ponto as pessoas falecidas podem continuar ao corrente das coisas terrestres. Uma jovem russa, Schura (diminutivo de Alexandra), envenenou-se aos 17 anos, ao perder seu noivo Michel que, preso como revolucionário, foi morto na prisão. O irmão de Michel, Nicola, estava, no momento em que foi feita esta observação, estudando no Instituto Tecnológico. Um dia, uma senhora Von Wiessler e sua filha (a primeira se ocupava em práticas espíritas), que mal conheciam a família de Michel e Nicola, e cujas relações com Schura e sua família vinham de longa data, mas que nunca foram muito íntimas, receberam através de uma mesa uma mensagem de Schura rogando-lhes que avisassem sem falta a família de Nicola de que este corria o mesmo perigo que custara a vida do irmão. Tendo em vista a dúvida das duas mulheres, Schura tornou-se cada vez mais insistente, pronunciando palavras encolerizadas, que estava acostumada a proferir em vida, e para dar uma prova de sua identidade, materializa-se certa noite a Sofia, com a cabeça e os ombros envoltos numa auréola de luz. Isso, entretanto, não foi suficiente para que a Sra. Von Wiessler e sua filha tomassem uma decisão. Finalmente, Schura comunica-lhes que tudo estava terminado, que Nicola será preso e que elas se arrependerão de não a obedecer. As duas mulheres resolvem, então, levar ao conhecimento da família de

Nicola os fatos a que, em virtude do comportamento exemplar deste último, não deram qualquer atenção ao que relataram as duas. Dois anos se passaram sem qualquer incidente, quando, certo dia, soube-se que Nicola fora detido por participar de reuniões revolucionárias, na mesma época das aparições e mensagens de Schura (*Proceedings of the S. P. R.*, VI, pág. 349-357).

O caso que relataremos pode ser considerado único no gênero. Trata-se do êxito de uma experiência direta, de uma mensagem projetada antes e comunicada após a morte, por um homem que considerava que a esperança de uma existência após a morte merecia um esforço hercúleo, não importando o resultado. O irmão da Sra. Finney (*Proceedings of the S. P. R.*, VIII, pág. 248-251), meses antes de sua morte, pintou um ladrilho, de modo determinado, partindo-o e dando a metade à sua irmã; depois disse-lhe que a avisaria, no dia em que morresse, onde escondera a outra metade do ladrilho, assim como o conteúdo de uma carta que estaria oculta no mesmo lugar. Após a morte do irmão, a Sra. Finney recebeu através de uma mesa as prometidas comunicações, concernentes tanto ao conteúdo da carta como ao lugar onde estava oculta a outra metade do ladrilho. Essas comunicações eram absolutamente corretas.

Todos podem tentar experiências desse gênero. E devo acrescentar que são as experiências de escrita automática, de cristaloscopia, etc., mais do que as concernentes às aparições espontâneas, as capazes de proporcionar uma informação real quanto ao grau em que os espíritos desencarnados guardam um conhecimento das coisas terrestres.

Antes de encerrar este capítulo façamos um retrospecto. Comprovaremos que os fenômenos motores nada mais fizeram do que confirmar e estender os resultados que o estudo dos fenômenos sensoriais nos fez entrever. Chamamos a atenção sobre o grau variável de amplitude das capacidades subliminares, quer no sono, quer na vigília. Assistimos a uma intensificação hiperestésica de uma capacidade comum terminar na telestesia e telepatia comuns, das quais as pessoas vivas ou mortas constituem o ponto de partida. Ao lado dessas capacidades que, na hipótese de uma existência independente da alma, nos parecem

suscetíveis de explicação, notamos, igualmente, a existência de uma capacidade pré-cognitiva de determinado gênero, que nenhum dos fatos científicos conhecidos é capaz de explicar.

Durante o estudo dos automatismos motores encontramos um *terceiro* grupo de casos que confirmam em todos os pontos os resultados fornecidos pela análise dos automatismos motores do sono e da vigília. As provas convergentes a este ponto supõem, ao serem colocadas em dúvida, uma audácia de negação incomum. Mas os automatismos motores ensinaram-nos coisa diversa, ao mesmo tempo mais enérgicos e persistentes que os automatismos sensórios colocando-nos na presença de certos problemas que a natureza superficial e fugidia das impressões sensoriais nos permite, de certo modo, afastar. Assim, através da discussão do mecanismo dos fantasmas visuais e auditivos se oferecem à nossa escolha conceitos opostos, o da *influência telepática* e o da *invasão psíquica*; dizíamos que devemos admitir ou uma ação exercida pelo agente sobre o espírito do sujeito que recebe, estimulando os trajetos sensoriais do cérebro deste último, de tal forma que a impressão exterioriza-se sob a forma de quase-percepção, ou então de uma modificação realizada pelo agente na parte de espaço onde se distingue uma aparição, talvez percebida por diversos indivíduos.

Naquele momento, a hipótese da influência telepática pareceu-nos a mais natural, a menos extremada, das duas, talvez porque as imagens de que nos ocupávamos eram tão vagas e obscuras. Mas agora, ao invés de alucinações flutuantes, defrontamo-nos com impulsos fortes e duradouros que parecem vir das profundezas do ser e que, igual à sugestão hipnótica, são capazes de vencer as resistências e repugnâncias do sujeito que desconhece o repouso quando não age de acordo com esse impulso. Podemos também falar de influência telepática, mas agora o termo não será distinto de *invasão psíquica*. Esse forte influxo nervomotor, ainda que aparente ser estranho, corresponde, na realidade, quase exatamente, à idéia que possuímos de *invasão*, não só do espaço em que está o sujeito, mas de seu corpo e de suas capacidades. Essa invasão, ao se prolongar indefinidamente, pode se converter em *possessão* e unir e intensificar, ao mesmo

tempo, as hipóteses anteriores: a da ação telepática sobre o espírito do sujeito e a presença fantasmogênica ao seu redor. O que, de início, parece uma simples influência, tende a se converter num comportamento persistente; o que, de início, parecia uma simples incursão no ambiente do sujeito, se converte numa incursão no próprio organismo. Esse ligeiro progresso do estado vago a uma relativa clareza da concepção apresenta-nos uma série de problemas novos. Mas não devíamos nos precipitar; alguns desses fenômenos precedentes podem servir para que compreendamos os fenômenos mais desenvolvidos.

Nos casos de desdobramento da personalidade vimos sobrevir os mesmos fenômenos, quando estava em jogo só a personalidade do sujeito. Vimos uma parte do *eu* subliminar dominar parcial ou temporariamente o organismo inteiro, quer dirigindo os movimentos de um braço, quer todo o sistema nervoso, e isso com graus variáveis de deslocamento da personalidade primitiva.

O mesmo sucede com a sugestão pós-hipnótica. Percebemos que o *eu* subliminar recebia a ordem de escrever, por exemplo: "Parou a chuva" e escrever imediatamente estas palavras sem considerar a vontade consciente do sujeito e desta vez também com graus variáveis de deslocamento do *eu* de vigília. Destes ao caso da Sra. Newman, não há mais do que um passo. O *eu* subliminar desta última, ao pôr em movimento as capacidades supranormais e realizar um esforço nesse sentido, adquire o conhecimento de certos fatos procedentes do espírito da Sra. Newman e serve-se da mão dela para os escrever automaticamente. O maior problema que surge, sobre isto, é o de saber como a Sra. Newman adquiriu o conhecimento dos fatos, ou melhor, de que forma conseguiu escrevê-los.

Mas, à medida que progredimos, torna-se mais difícil limitar o problema das atividades do *eu* subliminar do autômato. Nem sempre podemos afirmar que uma parte da personalidade do sujeito chegue ao conhecimento supranormal, através de um esforço pessoal. As provas a favor da influência ou da ação telepática externa parecem acumular-se cada vez mais. No caso de Kirby, pode-se supor que o espírito da irmã exerceu uma ação telepática *de fora*, que deu lugar a movimentos automáticos

totalmente idênticos aos nascidos *de dentro*. Então, qual é o mecanismo? Devemos supor que o *eu* subliminar do autômato executa os movimentos obedecendo a uma ordem ou influência externa? Ou, então, o agente externo que envia a mensagem telepática executa ele mesmo os movimentos telecinésicos que acompanham a mensagem (ponto capital, a ser discutido)? Devemos supor que estes são também executados pelo *eu* subliminar do sujeito, sob a direção de um espírito externo, encarnado ou desencarnado? Ou, então, são efetuados diretamente por esse espírito externo? É impossível dizer qual dessas duas hipóteses é a mais correta.

Sob certo ponto de vista, parece que o mais simples é atermonos o quanto possível a esta *vera causa* que é o *eu* subliminar do autômato e compilar as observações que atestam a existência nele de alguma faculdade capaz de produzir efeitos físicos que se estendem além do organismo. Sobre isto possuímos observações fragmentárias e inclusive a Sra. Newman acreditava que sua caneta, ao escrever as mensagens que recebia telepaticamente, de seu marido, estava sendo movimentada por algo mais do que a atividade muscular dos dedos que a sustinham. Por outro lado, parece improvável atribuir à ação de um espírito externo os impulsos e as impressões que, na realidade, pertencem ao próprio autômato e, ao mesmo tempo, negar-se a atribuir à mesma ação externa os fenômenos que se dão fora do organismo do autômato e que se lhe apresentam como dados objetivos, tão exteriores ao seu ser como a queda de uma maçã.

Ao refletirmos sobre estes pontos e admitir esse gênero de ação recíproca entre o espírito do autômato e um espírito exterior, encarnado ou desencarnado, obtemos uma variedade realmente desconcertante de combinações possíveis entre esses fatores, variedade de influências por parte do espírito ativo, variedade de efeitos que se manifestam no espírito e no organismo do sujeito passivo.

O que produz essas influências e o que é deslocado ou substituído por elas? De que modo colaboram dois espíritos na possessão e na direção de um organismo?

As palavras *possessão* e *direção* nos recordam o extenso número de tradições e crenças relacionadas aos efeitos que os espíritos das pessoas falecidas podem originar, graças à possessão e à direção que exercem sobre os vivos. A essas antigas crendices nos esforçaremos, no capítulo seguinte, para dar uma forma tão exata e estável quanto seja possível. Advirta-se que nos propomos a atingir esse intento com uma disposição espiritual inteiramente nova. O estudo da *possessão* não é para nós, como para o sábio civilizado comum, uma simples investigação arqueológica ou antropológica de formas de superstição, totalmente estranhas ao pensamento sadio e sistemático. Pelo contrário, esse estudo se depreende diretamente de nossa argumentação anterior. Esta nos é absolutamente necessária, tanto para a compreensão dos fatos já conhecidos, como para a descoberta de fatos ainda desconhecidos.

Sentimo-nos obrigados a examinar certos fenômenos definidos do mundo espiritual, com o fito de explicar certos fenômenos do mundo material.

IX
Possessão, arrebatamento, êxtase

Aguardando novos dados que veremos surgir durante o desenrolar deste capítulo, que nos permitam dar uma definição mais ampla da possessão, vamos defini-la dizendo que é somente uma forma mais desenvolta do automatismo motor. A diferença entre esses dois estados consiste em que na possessão, a personalidade do autômato desaparece completamente durante algum tempo, durante o qual se produz uma substituição, mais ou menos completa, da personalidade; a palavra e a escrita são manifestações de um espírito alheio ao organismo do qual se apossou. As mudanças produzidas na opinião, no que se refere a esta questão, desde 1888, ano em que concebemos, pela vez primeira, a idéia deste livro, são deveras significativas. Naquela época existia um certo número de provas a favor das idéias que defendemos, mas, por razões diversas, essas provas podiam ser interpretadas de maneiras diferentes. Inclusive no que concerne aos fenômenos apresentados por Moses, poder-se-ia dizer que a "direção" sob a qual falava e escrevia, no estado de possessão, reduzia-se a mera auto-sugestão ou a impulsos oriundos de sua personalidade mais profunda. Não tive ocasião, que a gentileza de seus executores testamentários me propiciaram depois, de estudar toda a série desses fenômenos de acordo com as anotações originais de Moses, e de adquirir a convicção, que agora tenho, de que um fator espiritual desempenhava um papel importante nessa extensa série de comunicações.[93] Em resumo, não suspeitava então que a teoria da possessão pudesse ser apresentada como algo mais do que uma especulação verossímil, como uma nova prova a favor da sobrevivência do homem após a morte corporal.

O estado de coisas, como sabe qualquer leitor dos relatórios da *Sociedade de Investigações Psíquicas*, sofreu uma mudança total durante os últimos dez anos. Os fenômenos de êxtase da senhora Piper, cuidadosamente observados, durante muito tempo, pelo Dr. Hodgson e outros, formavam, a meu ver, o conjunto

de provas psíquicas mais notáveis de todas as que se produziram em qualquer campo. E, mais recentemente, outras séries de fenômenos de êxtase, obtidas com outros "médiuns", ainda que incompletas, acrescentaram provas materiais às que se concluíram das experiências da Sra. Piper. Daí resulta que os fenômenos de possessão, atualmente, são os melhores testemunhos e, intrinsecamente, os mais avançados de todos os que nos ocupamos.

Mas o mero acréscimo de provas diretas, qualquer que seja a sua importância, está longe de ser a única causa das mudanças por nós referidas. Não só a evidência direta aumentou, senão que a evidência indireta, por seu lado, cresceu. A noção da personalidade, a da conduta ou orientação dada ao organismo pelos espíritos se modificaram, pouco a pouco, a tal ponto que a possessão, que até há pouco passava por mera sobrevivência do pensamento primitivo, pode ser agora considerada como o ápice, o desenvolvimento ulterior da maioria das experiências, observações e reflexões que nos mostraram os capítulos anteriores.

Vejamos o que significa, na realidade, a noção de possessão. É preferível considerar, desde o início, este significado em toda a sua extensão, tendo em conta que as provas obtidas, em diferentes épocas, nada mais fazem do que confirmar, em última análise, o antigo significado do termo. Os casos modernos mais espantosos, entre os quais os de Stainton Moses e da Sra. Piper, que podem ser considerados como os mais característicos, apresentam analogias entre si bastante íntimas e semelhanças que uma análise atenta não tarda a descobrir.

Pretende-se, pois, em primeiro lugar, que o autômato caia no êxtase, durante o qual "seu espírito abandona o corpo", ao menos em parte; que entre, em todo caso, num estado no qual o mundo espiritual se abre, mais ou menos, à sua percepção e no qual, igualmente – e aqui está um elemento novo –, o espírito ao abandonar o organismo favorece a invasão deste por outro espírito que dele se serve, mais ou menos da mesma forma que o próprio espírito do sujeito.[94]

O cérebro que se encontra parcial e temporalmente desprovido de direção, facilita que, às vezes, um espírito desencarnado se apodere dele e assuma, num grau que varia segundo os casos, a

sua orientação. Em casos como o da Sra. Piper, dois ou mais espíritos podem dirigir, simultaneamente, diferentes porções do mesmo organismo.

Os espíritos dirigentes provam sua identidade reproduzindo, através da palavra ou da escrita, fatos pertencentes às *suas* recordações, não às do autômato. Podem também dar provas de outras percepções supranormais.

As manifestações desses espíritos podem diferir consideravelmente das da personalidade normal do autômato. Mas até um certo ponto se trata aqui de um processo de seleção, antes que de adição; o espírito escolhe as partes do mecanismo cerebral de que deseja servir-se, mas não pode pedir a este mecanismo nada além daquilo de que seja capaz de proporcionar-lhe, em virtude de sua organização funcional. O espírito pode, é certo, reproduzir fatos e nomes desconhecidos para o autômato; mas esses fatos e nomes devem ser tais que o autômato seja capaz de repeti-los, facilmente, como se deles tivesse conhecimento: não pode tratar, por exemplo, de fórmulas matemáticas ou de frases chinesas, se o autômato desconhece matemática e chinês.

Ao fim de certo tempo, o espírito do autômato readquire seu lugar e sua atividade. Ao despertar, o autômato pode ou não lembrar o que lhe foi revelado no mundo espiritual, durante o êxtase. Em certos casos (Swedenborg) existe a lembrança do mundo espiritual, sem que tenha havido apossamento do organismo por um espírito exterior. Em outros casos (Cahagnet) o autômato expressa durante o êxtase o que experimenta, mas não o recorda uma vez desperto. Em outros casos ainda (Sra. Piper) o que se manifesta com maior assiduidade não é o espírito do autômato, e quando isso acontece, estas manifestações têm duração efêmera, pois, geralmente, o que fala e escreve é um espírito dirigente, sem que o autômato guarde a menor lembrança do que lhe ocorreu durante o êxtase.

Tal doutrina parece nos levar diretamente às crenças da idade da pedra. Leva-nos às práticas primitivas dos chamanes e feiticeiros, a uma doutrina de relações espirituais que foi ecumênica em outras épocas, mas que em nossos dias refugiou-se nos desertos da África e nos pântanos da Sibéria, nas planícies

nevadas dos pele-vermelhas e dos esquimós. Se, como às vezes acontece, quiséssemos julgar o valor das idéias de acordo com suas *origens*, não há conceito cujas origens tenham sido mais humildes e que pareça mais indigno do homem civilizado.

Felizmente, nossas discussões anteriores nos proporcionaram um critério mais agudo. Ao invés de perguntar-nos em que época nasceu esta ou aquela doutrina, com a opinião preconcebida de que a doutrina é melhor quanto mais recente seja sua origem, podemos perguntar-nos, agora, até que ponto está concorde ou em desacordo com essa enorme massa de provas recentes que se relacionam, mais ou menos, com todas as crenças que os homens ocidentais professaram a respeito do mundo invisível. Submetida a essa prova, a teoria da possessão dá um resultado notável. Não está em desacordo com qualquer dos fatos provados. Não conhecemos absolutamente nada que prove a sua impossibilidade.

Mas isso não é tudo. A teoria da possessão nos proporciona, na realidade, um poderoso método de coordenação e de explicação de alguns grupos de fenômenos anteriores, se concordamos em explicá-los de um modo que, a princípio, pareceu-nos empregar afirmações exageradas e que recorria com demasia ao maravilhoso. Mas, no que diz respeito a esta última dificuldade, sabemos também há algum tempo que não existem fenômenos psíquicos cuja explicação seja realmente simples e que a melhor maneira de chegar a uma explicação desse gênero consiste em extrair do conjunto um grupo que só admita uma explicação inequívoca para servir-nos dela como ponto de partida na apreciação dos problemas mais complexos.

Mas acredito que o grupo de fenômenos Moses-Piper só pode ser explicado de um modo mais ou menos verdadeiro pela teoria da possessão. E parece-me importante considerar por que caminhos os fenômenos anteriores nos conduziram à possessão e de que forma os fatos da possessão, por sua vez, são suscetíveis de transformar nossos critérios concernentes aos fenômenos anteriores.

Ao analisar nossas observações de possessão descobrimos nelas dois elementos primordiais: a operação central, isto é, a direção exercida por um espírito sobre o organismo de um sujei-

to sensível e a condição indispensável que consiste no abandono parcial e temporal do organismo pelo próprio espírito do sujeito.

Examinemos, primeiramente, até que ponto os dados já adquiridos tornam concebível essa separação entre o espírito e o organismo humano.

E, a seguir, a desagregação da personalidade e as substituições de certas fases suas por outras de que tomamos conhecimento no capítulo II, possuem enorme importância, também, do ponto de vista da *possessão*.

Vimos personalidades secundárias que se iniciam por manifestações sensoriais ou motrizes, ligeiras e isoladas, adquirir aos poucos um predomínio completo assegurando-se a direção total de todas as manifestações supraliminares.

A simples investigação e a descrição desses fenômenos foi considerada, até aqui, como possuidora de um certo sabor de audácia. A idéia de buscar o mecanismo possível que preside a essas transições apenas nascera.

Mas é evidente que deve existir um complexo conjunto de leis que condicionam esses usos alternados dos centros cerebrais e que não constituem provavelmente mais do que o desenvolvimento dessas leis físicas desconhecidas que presidem à memória comum.

Um caso de ecmnesia comum pode apresentar problemas tão insolúveis como os da possessão espiritual. Pode existir na ecmnesia períodos de vida totalmente desaparecidos da memória e outros que só desapareceram temporariamente.

No *gênio* podemos observar, em certos centros cerebrais importantes, uma substituição temporária de uma direção por outra. devemos considerar aqui o *eu* subliminar como um centro particularmente diverso do *eu* supraliminar e o fato de monopolizar esses centros cerebrais destinados a um trabalho supraliminar já é uma espécie de possessão. O gênio mais completo seria dessa forma a expressão da *autopossessão* mais completa, da ocupação e direção do organismo inteiro por elementos mais profundos do *eu* que atuam em virtude de um completo conhecimento e por caminhos mais seguros.

O sono, que é de todos os estados normais o que mais se aproxima à possessão, fez com que surgisse, há muito tempo, a questão cuja solução implica o reconhecimento da possibilidade de êxtase: que acontece à alma durante o sono? Os fatos citados demonstraram que freqüentemente durante o sono comum aparente, a alma abandona o corpo e traz uma recordação mais ou menos confusa do que viu durante sua excursão clarividente. Isso pode também ocorrer, mas com a rapidez de um raio, durante a vigília. Mas o sono comum parece favorecer esse fenômeno de forma particular, especialmente os estados de sono espontâneo ou provocado muito profundo. No estado comatoso, que precede a morte ou nessa "suspensão da vitalidade" que às vezes tomamos por morte, a capacidade em questão parece suscetível de alcançar seu mais elevado grau.[95]

Falo dos estados de sono "espontâneo ou provocado" muito profundo, e sobre isto o leitor lembrar-se-á, naturalmente, muito sobre o que se falou do sonambulismo comum e do sono hipnótico. Este último cria, com efeito, situações que, externamente, resultam difíceis de distinguir do que chamaria de verdadeira possessão. Uma quase-personalidade, arbitrariamente criada, pode ocupar o organismo, respondendo de certa forma característica à palavra ou aos sinais, até o ponto de fazer crer, às vezes, que nos encontramos em presença de uma personalidade nova. Por outro lado, o espírito do sujeito pretende ter estado ausente, como se imagina ausente no sono comum, mas com maior persistência e lucidez.

Os sujeitos afirmam freqüentemente ter visto novamente no sonho cenas terrestres e ter comprovado as mudanças produzidas, efetivamente, desde que o sujeito visitou pela última vez a mesma cena, durante a vigília. Mas às vezes une-se a isso um elemento aparentemente *simbólico*, a cena terrestre encerrando um elemento de ação humana apresentado em forma sintética, como se algum espírito se propusesse a tirar da história complexa um sentido especial. Com freqüência, esse elemento torna-se completamente dominante; o sujeito vê figuras fantasmagóricas ou pode ver uma representação simbólica prolongada de uma entrada no mundo espiritual.

Essas incursões psíquicas proporcionam, em último lugar, as mais fortes presunções a favor da existência de uma nova capacidade humana, a do *êxtase*, da visão à distância não confinada a esta terra nem a este mundo material, mas que introduz o vidente num mundo espiritual e em meios superiores aos conhecidos neste planeta. Mas a discussão relativa ao transporte será mais adequada quando citarmos os fatos e os dados a favor da possessão.

Ao voltar à análise da idéia de possessão, encontramos seu caráter específico que é a ocupação por um elemento espiritual do organismo adormecido e parcialmente abandonado. Aqui nossos estudos anteriores nos serão de grande utilidade. Ao invés de abordar imediatamente a questão de saber o que são os espíritos, o que podem ou não, a questão da possibilidade antecedente de reentrarem na matéria, etc., ser-nos-á mais conveniente começar por desenvolver a idéia da telepatia até suas últimas conseqüências, para representar-nos a telepatia no seu envolver mais intenso e centralizado que nos seja possível e encontraremos que essas duas variedades de telepatia que assim se nos apresentam conduzem uma delas à obsessão e a outra ao êxtase.

Qual é, no momento presente, nosso exato conceito de telepatia? A *noção central*, aquela de comunicação independente dos órgãos dos sentidos, encontra nesta *palavra* uma expressão deveras adequada. Todavia nada diz além de que a nossa real compreensão dos processos telepáticos seja mera definição verbal. Nosso conceito de telepatia, por nada dizer da telestesia, tinha necessidade de ser ampliado em cada nova etapa de nossa investigação. Esta última nos revelou inicialmente certas transmissões de pensamentos e de imagens que se podem explicar através da transmissão de vibrações etéreas de um cérebro para outro. Mas se é impossível dizer, num ponto qualquer de nossa argumentação, que tais fenômenos estão determinados pelas vibrações do éter, e se não sabemos até qual distância do mundo material chega a atividade possível dessas vibrações, não é menos correto que nossos fenômenos telepáticos adquiriram em seguida uma forma que a explicação por analogia, com auxílio de vibrações do éter, deixava em grande parte inexplicável.[96]

É que a simples transmissão de idéias e imagens isoladas termina, mediante uma progressão contínua, em impressões e impulsos muito mais persistentes e complexos. Finalmente, encontramo-nos na presença de uma influência que já não é o simples efeito de vibrações etéreas, senão que sugere a idéia de uma *presença* inteligente e de uma analogia arrancada às comunicações humanas entre pessoas próximas fisicamente. As visões e audições desse gênero, interiores ou exteriorizadas, inspiram, com freqüência, a idéia de um contato espiritual mais íntimo que o permitido pelas comunicações terrestres. Não se pode atribuir a causa disto às ondulações do éter, sem explicar pelo mesmo mecanismo as emoções que experimentamos uns diante dos outros ou inclusive o poder de controle que possuímos sobre nosso próprio organismo.

Isso não é tudo. Existe, como tentei demonstrar, uma progressão de avanço que vai das intercomunicações telepáticas de pessoas vivas às comunicações entre pessoas vivas e espíritos desencarnados. E esta nova tese, de importância vital sob todos os aspectos, resolvendo praticamente um dos problemas de que me ocupo, abre também uma possibilidade de determinação de outro problema que ainda não fora atingido. Inicialmente, podemos ter agora a certeza de que as comunicações telepáticas não são necessariamente propagadas pelas vibrações procedentes de um cérebro material comum, porque os espíritos desencarnados não possuem cérebro capaz de gerar vibrações desse gênero; isto no tocante ao modo de atividade do *agente*. No que concerne ao do sujeito temos, para maior clareza, que deixar de lado todos os casos em que a impressão telepática tomou uma forma exteriorizada e levar somente em conta as impressões intelectuais e os automatismos motores.

Esses automatismos e essas impressões podem passar por todos os graus de *centralidade* aparente. Quando um homem desperto e em plena posse de si sente um impulso para que a sua mão escreva palavras sobre o papel, sem ter consciência de um esforço motor *pessoal*, o impulso não lhe parece de origem *central*, embora uma porção de seu cérebro possa contribuir para esse esforço. Outrossim, uma invasão menos pronunciada é

freqüentemente suscetível de revestir um caráter central mais marcante, como por exemplo no pressentimento de um mal que se exprime através de um abatimento íntimo. O automatismo motor pode finalmente atingir um ponto em que se converte em *possessão*, isto é, em que a consciência pessoal do homem desapareceu completamente, e cada parte de seu corpo é utilizada pelo espírito ou os espíritos invasores. Veremos a seguir as condições que esse estado cria no espírito do sujeito. Mas no que concerne ao organismo, a invasão parece completa e indica uma potência com certeza telepática no verdadeiro sentido da palavra, mas não no sentido que demos até agora. Começamos representando a telepatia como a comunicação entre duas pessoas, enquanto no caso presente trata-se antes de uma comunicação entre o espírito e o corpo, cujo espírito é externo e alheio a respeito do corpo.

Não há comunicação aparente entre o espírito desencarnado e o espírito do autômato; antes há uma espécie de contato entre o primeiro e o *cérebro* do autômato, o espírito desencarnado perseguindo os seus próprios fins e servindo-se de certa maneira das capacidades acumuladas pelo cérebro do autômato, enquanto, por outro lado, é molestado pelas suas incapacidades.

Mas, repito, o elemento mais característico da telepatia parece ter desaparecido, pois não há comunhão perceptível entre o espírito do sujeito e outro espírito. O sujeito está *possuído*, mas inconsciente, e não recupera jamais a memória daquilo que disse durante a crise.

Mas será que explicamos destarte todos os fenômenos relacionados com a telepatia? Será que eles não encerram um elemento mais real, mais centralmente telepático?

Voltando às primeiras etapas das experiências telepáticas, vemos que o processo experimental encerra dois diferentes fatores. O espírito do sujeito deve, de uma maneira ou de outra, receber a impressão telepática, e não podemos dar a essa percepção nenhum corolário físico definido; e os centros motores e sensoriais do sujeito devem receber uma excitação que pode ser provocada, como já sabemos, pelo próprio espírito do sujeito e pelos processos comuns, ou pelo espírito do agente, e isso de

forma mais ou menos direta, que eu chamaria *telérgica*, dando assim um sentido mais exato à palavra que eu sugerira há longo tempo como correlato da palavra *telepático*. Isto significa que pode haver nesses casos, simples na aparência, inicialmente uma transmissão do agente para o sujeito no mundo espiritual, e depois uma ação sobre o cérebro físico do sujeito, do mesmo gênero da possessão espiritual. Esta ação sobre o cérebro físico pode ser devida tanto ao espírito do próprio sujeito, como diretamente à ação do espírito do agente. Pois devo repetir que os fenômenos de possessão parecem indicar que o espírito alheio age sobre o organismo do sujeito exatamente da mesma maneira que o próprio espírito do sujeito. Podemos, pois, considerar o corpo como um instrumento que o espírito toca, antiga metáfora que é na atualidade a mais próxima da verdade.

O mesmo caráter duplo, os mesmos vestígios dos dois elementos misturados, em proporções diversas, se manifestam em aparições telepáticas ou verídicas. Do ponto de vista espiritual, pode existir o que chamamos as visões clarividentes, as imagens manifestamente simbólicas e não localizadas pelo observador, no espaço comum das três dimensões. Parecem análogas às visões do mundo espiritual de que desfruta o sujeito durante o êxtase. Vem, a seguir, a categoria mais numerosa de aparições verídicas em que a imagem parece ter sido projetada fora do espírito do sujeito por algum estímulo aplicado ao centro cerebral apropriado. Esses casos de "automatismo sensorial" se parecem aos casos experimentais nos quais o sujeito adivinha, ou melhor, enxerga à distância, os naipes do baralho, etc. Após estes casos surgem, por ordem física, ou melhor, ultrafísica, essas aparições *coletivas*, que, a meu ver, implicam uma modificação de natureza desconhecida de uma certa porção do espaço ocupada por nosso organismo, opondo-se às modificações que ocorrem nos centros de um cérebro determinado. Realiza-se aqui a transição gradual do subjetivo ao objetivo e a porção de espaço se modifica de forma a afetar um número cada vez maior de sujeitos.

Passando dessas aparições de vivos às de mortos, encontramos, pode-se dizer, as mesmas categorias. Encontramos as *visões simbólicas* de pessoas falecidas e as circunstâncias nas

quais parecem achar-se. Deparamo-nos com *aparições* exteriorizadas dos fantasmas de pessoas falecidas, o que indica que um ponto determinado do cérebro do sujeito foi estimulado por seu próprio espírito ou por outro espírito diferente.

E encontramos, finalmente, como já dissemos, que em certos casos de possessões esses dois gêneros de influências foram levados, simultaneamente, ao extremo. O autômato ainda capaz de percepção, como vimos durante as primeiras fases, converte-se num autômato puro e simples, que já nada percebe, ao menos no que se refere ao seu corpo, porque seu cérebro, e não um ponto único, parece dirigido e estimulado por um espírito estranho, não se dando conta do que seu corpo escreve ou pronuncia. E durante esse tempo seu espírito, parcialmente liberto do corpo, pode ser acessível às percepções e gozar desta outra forma espiritual de comunicação, mais completamente que em qualquer dos gêneros de visão até aqui descritos.

Existe outro estado que demonstra certa analogia com o de possessão. Falamos, em particular, de *personalidades secundárias*, de dissociações e alternativas que afetam o próprio espírito do sujeito e apresentam relações diversas com o organismo. Mas o que é que nos permite concluir que, em cada caso, o organismo do sujeito está dirigido por sua própria personalidade modificada e não por uma personalidade estranha, exterior? Aqui é fácil a confusão, e pode-se dizer, de maneira geral, que todas as vezes que o estado de êxtase não vem acompanhado da aquisição de conhecimentos novos, podemos excluir a possibilidade de uma possessão por espírito estranho. Esta regra tem uma conseqüência muito importante e que modifica completamente a antiga idéia da possessão: não existe, a menos que a conheçamos, qualquer prova a favor da possessão angelical, diabólica ou hostil.

O diabo não é uma criatura cuja existência independente esteja reconhecida pela ciência; e todos os relatos concernentes ao comportamento de diabos invasores parecem ditados pela auto-sugestão. Devemos insistir sobre a regra segundo a qual só o conhecimento supranormal permite confirmar a intervenção de uma influência exterior. Pode-se-nos objetar que neste caso o

caráter manifestado pelo diabo era hostil à pessoa possuída e perguntarmo-nos se é possível que o satanizador fosse, na realidade, uma fração do satanizado. Ao que responderemos que esta última suposição, longe de ser absurda, está, ao contrário, sendo confirmada pelos fenômenos conhecidíssimos da loucura e da histeria.

Na Idade Média, em especial, nas auto-sugestões fortes e terríveis, onde o diabo era o personagem principal, essas quase-obsessões atingiam a uma intensidade e uma violência que a tranqüila e céptica atmosfera dos hospitais modernos dissipa e debilita. Os diabos de nomes terríveis que possuíam a sóror Angelica de Loudun figurariam, em nossos dias, na Salpêtrière, como simples manifestações de "palhaçadas" ou "atos passionais".

Atualmente, como no caso da Leonie, de Pierre Janet, essas desintegrações da personalidade parecem destruir, às vezes, até o menor vínculo de simpatia entre o indivíduo normal e uma de suas frações, donde parece resultar que nossa natureza moral está submetida às desintegrações no mesmo grau que nossa natureza intelectual, e quando uma corrente secundária de nossa personalidade toma nova direção, pode ocorrer que os vínculos, tanto os morais como os intelectuais, que a unem à personalidade principal se encontrem quebrados.

Sobre as possessões diabólicas observadas entre os chineses, conta-nos Nevius, sem citar argumentos convincentes, que os diabos possessivos manifestam, às vezes, um conhecimento supranormal. Isto seria uma prova de sua existência independente, mais importante que o argumento tomado de seu caráter hostil, mas ainda insuficiente para confirmar esta existência. O conhecimento em questão não parece totalmente apropriado ao espírito que se lhe atribui. Com freqüência, parece produto de um exagero da memória, acompanhado de certa aptidão às percepções telepáticas ou telestésicas. O exagero da memória é, particularmente, característica de certos estados histéricos e, inclusive, indícios possíveis de telepatia foram observados nos estados em que nada permitia o reconhecimento da intervenção de um espírito invasor.

A direção temporal do organismo por um fragmento relativamente importante, separado do resto da personalidade, que degenera, em virtude de uma auto-sugestão, numa hostilidade para com a personalidade principal, resulta, talvez, do fato desta última alcançar e manipular certas impressões de reserva ou inclusive certas influências supranormais. Seria essa a fórmula à qual se reduziriam, provavelmente, a maioria dos casos das chamadas obsessões diabólicas.

A maioria, mas talvez, não todas. Seria de fato assombroso que os fenômenos do gênero apresentado pela Sra. Piper tivessem surgido no mundo sem ter tido precedentes. Parece mais seguro reconhecer que os fenômenos do mesmo gênero produziram-se sempre esporadicamente, desde os mais remotos tempos, sem que os homens tenham tido a preocupação de analisá-los.

Seja o que for, pode-se afirmar que os únicos invasores do organismo humano que até aqui fizeram valer seus títulos foram em essência humanos e de caráter amistoso. Os "diabos de Loudun" e outros não conseguiram, repito-o, justificar sua existência independente. As influências superiores que inspiraram aos "mártires de Cevennes" se confundem, à distância, com as inspirações do gênio.

Todas essas considerações serão, espero-o, de natureza a fazer desaparecer essas associações toscas que se acumularam ao redor da palavra possessão. No que descrevemos, a seguir, podem existir, com freqüência, motivos de perplexidade, não de terror. E, na continuidade, ver-se-á até que ponto o sentimento final está longe do terror.

Reconhecendo, pois, como acredito estar agora autorizado, que nos achamos somente na presença de espíritos que foram, em outra época, homens iguais a nós e que estiveram sempre inspirados pelos mesmos motivos que nós, podemos examinar, sucintamente, a questão de saber quais os espíritos mais suscetíveis de chegar a nós e que dificuldades se antepõem à sua ação. Indubitavelmente, somente a experiência nos pode dar as respostas a estas perguntas; mas nossas antecipações podem ser modificadas utilmente, se, ao refletir sobre as mudanças da personali-

dade que conhecemos, tirarmos delas indicações quanto aos limites possíveis dessas substituições mais profundas.

Mas que sabemos sobre a adição de uma nova capacidade nos estados alternativos? Em que medida as modificações desse gênero parecem engendrar capacidades que não nos sejam familiares?

Reportando-nos aos casos já mencionados, veremos, primeiramente, que uma capacidade existente é suscetível de ser aumentada e exaltada. Pode haver exagero, tanto do poder de percepção real, como da lembrança e da reprodução do que foi percebido uma vez. Nos estados secundários existe, habitualmente, um poder de controle maior no que concerne aos movimentos musculares, que se manifesta, por exemplo, na maior segurança da mão, no caso do jogador de bilhar. Mas, aparte os fenômenos de telepatia, não existe prova alguma a favor da aquisição real de um conjunto de conhecimentos novos, como por exemplo um idioma desconhecido ou um nível desconhecido de conhecimentos matemáticos. Portanto, razão alguma temos de esperar que um espírito exterior que assumiu a direção do organismo seja capaz de facilmente modificá-lo, a ponto de fazer com que o sujeito fale uma língua que jamais aprendera. O funcionamento do cérebro se parece com o da máquina de escrever e de calcular. Exemplificando: as palavras alemãs não são mero conjuntos de letras, senão fórmulas específicas; só com muita dificuldade podemos reproduzi-las numa máquina que não tenha sido projetada para esse fim.

Consideremos as analogias relativas à *memória*. Nos casos de alternativas da personalidade a memória sucumbe e muda de uma forma que parece caprichosa. As lacunas que surgem, como já disse, assemelham-se às *amnésias* ou a esses espaços negros impossíveis de rememorar que, às vezes, seguem aos traumatismos da cabeça ou aos acessos de febre, quando todas as recordações relacionadas a uma pessoa determinada ou a um período da vida desapareceram, enquanto as demais permaneceram intactas. Analisemos agora a recordação da vigília tal como a possuímos no *sonho*. É, a princípio, absolutamente caprichosa; posso não lembrar meu nome, mas recordar perfeitamente a forma e dispo-

sição das cadeiras da sala de jantar; ou então, mesmo recordando-me das cadeiras, posso localizá-las em outra casa que não a minha. É impossível prever o grau de confusão que se pode produzir desse modo.

A *conversa dos sonâmbulos* nos proporciona outra analogia. Ao falar a um sonâmbulo, quer se trate de sonambulismo espontâneo ou provocado, não tardamos em constatar que é difícil manter com ele uma palestra contínua sobre os temas que nos interessam. E, a seguir, é incapaz de manter qualquer conversa contínua, porque não demora em cair num estado no qual torna-se completamente incapaz de expressar-se. Quando fala, só o faz sobre os temas que o atraem; segue o curso de suas próprias idéias, interrompido ao invés de influenciado pelo que dizemos. Existe entre os dois estados, o de vigília e o de sono, uma diferença inamovível.

Temos, dessa forma, três gêneros de analogias que nos permitem traçar os limites de nossas antecipações. Da analogia existente entre as possessões e as personalidades secundárias, podemos concluir que o espírito que possui não deve ser capaz de sugerir ao cérebro do sujeito idéias e palavras de um gênero que não lhe seja familiar. Da analogia entre a obsessão e o sonho podemos concluir que a memória do espírito que possui pode estar submetida a omissões e a confusões estranhas. Da analogia, finalmente, entre a obsessão e o sonambulismo, resulta que o colóquio entre o observador humano e o espírito possuidor não é nem completo nem livre, senão atrapalhado pela diferença existente entre os estados de um e de outro e sintetizado pela dificuldade de manter um prolongado contato psíquico.

As observações anteriores, assim espero, prepararão o leitor para considerar os problemas concernentes à possessão com a mesma amplitude de espírito que necessitaria o estudo dos demais problemas abordados nesta obra. Mostrei, com efeito, que este novo problema pode ser considerado como uma conseqüência, um efeito natural do antigo. Mostrei, nos movimentos e expressões do organismo obsedado, *manifestações motoras automáticas* levadas ao extremo, e na invasão do espírito obsedante a vitória total da *invasão telepática*, e desde o início pre-

veni contra determinadas confusões que no passado afastaram os homens do estudo sério das mensagens recebidas por esta via.

Antes de nos aprofundarmos mais, chamamos a atenção sobre outro aspecto da obsessão, que diz respeito a um grupo de fenômenos que de maneiras diversas deram origem a uma confusão e atrasaram nosso estudo, mas que, examinados no devido lugar e devidamente entendidos, parecem formar um elemento imprescindível de qualquer teoria que tenha por fim descobrir a influência exercida pelos fatores invisíveis sobre o mundo que conhecemos.

Considerei, até aqui, as influências telepáticas e supranormais só sob o ponto de vista psicológico, como se o campo de ação supranormal estivesse situado no mundo metaetéreo. Mas, apesar da profunda verdade desse ponto de vista, não representa *toda* a verdade "para os seres como nós e num mundo como este". Para nós todo fato psicológico tem seu lado físico e os acontecimentos metaetéreos, para que nos sejam perceptíveis, devem, de uma forma ou de outra, afetar o mundo e a matéria.

Nos automatismos sensoriais e motores, vemos efeitos que começam a manifestar-se de um modo supranormal e que chegam ao mundo da matéria.

Em primeiro lugar, na vida comum, nossos espíritos (uma vez que se admita sua existência) afetam nossos corpos e nos proporcionam o exemplo permanente do espírito que age sobre a matéria. Logo, quando um homem recebe uma influência telepática que tem sua origem em outro espírito encarnado e que determina a visão de espectros, podemos supor que o cérebro deste homem foi afetado pelo seu próprio espírito, mais do que pelo espírito do seu amigo distante. Mas nem sempre ocorre, inclusive nos casos de automatismo sensorial, que o espírito do sujeito seja um mero executor das sugestões que procedem de um espírito distante; e nos automatismos motores que terminam na possessão existem indícios cuja natureza faz reconhecer que a influência do espírito do agente é *telérgica* mais do que telepática e que certos espíritos exteriores são suscetíveis de influir sobre o cérebro e o organismo humano, isto é, de produzir movimentos da matéria,

inclusive quando se trata de matéria organizada e de movimentos moleculares.

Uma vez comprovado este fato, que nem sempre foi captado pelos homens dedicados a estabelecer uma diferença fundamental entre a influência espiritual que afeta nossos espíritos e a que afeta o mundo material, nos vemos impelidos a perguntar se a matéria inorgânica revela, tanto como a matéria orgânica, a ação, a influência de espíritos exteriores. A resposta parece, à primeira vista, negativa. Encontramo-nos constantemente diante da matéria inorgânica e não nos é necessária a hipótese da influência espiritual para explicar nossas experiências. Todavia, essa é uma proposição sumária, insuficiente para abarcar os raros e fugitivos fatos, como alguns dos expostos neste livro. Iniciemos pelo extremo oposto, não pela vasta experiência da vida, senão pelos casos excepcionais e delicados de *possessão*, de que ainda falaremos.

Suponhamos que um espírito desencarnado, na posse temporal de um organismo vivo, provoque, de seu lado, manifestações motrizes automáticas. Podemos dizer, *a priori*, onde irão se deter os movimentos automáticos do organismo, da mesma forma que podemos prever os limites de seus movimentos voluntários? O espírito exterior não poderia fazer com que o organismo manifestasse mais potência motriz do que a que pode arrancar de si um homem acordado? Não nos surpreenderia ver que os movimentos demonstrassem uma exagerada *concentração* durante o êxtase e ver o dinamômetro apertado com mais força pelo espírito que agia através do homem, mais do que pelo espírito deste último? Podemos imaginar outro meio que permita ao espírito que me possui empregar minha força vital de maneira mais hábil do que eu posso fazer?

Não sei como minha vontade põe em movimento meu braço; mas sei, por experiência, que minha vontade põe em movimento somente meu braço e os objetos que posso tocar, todos os objetos realmente em contato com o “esqueleto protoplasmático” que representa a vida de meu organismo. Todavia posso, às vezes, provocar movimentos nos objetos com os quais não estou em contato real, como ao fundi-los por meio do calor, ou aquecê-los

(no ar seco de Colorado) com auxílio da eletricidade que meus dedos desprendem. Desconheço todas as formas de energia que meus dedos são suscetíveis de desprender, através de um exercício apropriado.

Suponhamos que o espírito possuidor sirva-se de meu organismo mais habilmente do que eu o possa fazer. Não poderia fazer com que meu organismo irradiasse uma energia capaz de pôr em movimento objetos ponderáveis que não estão em contato real com minha carne? Este seria um fenômeno de possessão não muito diferenciado dos demais: seria *telecinesia*. Mediante esta palavra (proposta por Aksakof) se designam e descrevem o que se convencionou chamar "fenômenos físicos do espiritismo" e cuja existência, como realidade e não como um sistema de aparências mentirosas, deu lugar, durante meio século, às controvérsias ardentes que ainda persistem.

A simulação persistente da telecinesia inspirou, naturalmente, dúvidas sobre a realidade do fenômeno e isto, inclusive, nos casos em que foram tomadas todas as precauções contra a simulação e nas quais o caráter dos sujeitos tornava improvável qualquer suspeita de simulação. Apesar de toda a sua importância, este tema não está intimamente relacionado ao tema principal desta obra, para que acredite estar obrigado a fazer do mesmo um detalhado exame histórico. Ocupar-me-ei dele só na medida em que surja como um dos elementos da possessão espiritual, no caso de Stainton Moses, por exemplo.

* * *

(O restante deste capítulo foi composto com os fragmentos encontrados nos manuscritos de Myers, cuja morte o impediu de reunir e dar a eles uma forma definitiva.)

* * *

As analogias que podemos estabelecer entre os fenômenos da possessão e os descritos nos capítulos anteriores vão nos facilitar o entendimento dos primeiros e, sem que nos detenhamos nos casos de importância secundária, vamos expor os que concernem a Stainton Moses e à senhora Piper, que pudemos observar

pessoalmente e nos quais os fenômenos de possessão revestem a forma mais característica.

Stainton Moses era um sacerdote dogmático, cônscio, trabalhador, impregnado do desejo de fazer o bem e de pregar aos demais os melhores meios de alcançar esse fim. Ele próprio enxergava o elemento essencial daquilo que chamava suas "mensagens", nas palavras automaticamente pronunciadas ou escritas, não nos fenômenos que as acompanhavam e que por si sós davam a esses processos automáticos sua importância e seu único interesse, por assim dizer. Num livro intitulado *Spirit Teachings*,[97] reuniu o que considerava como os resultados reais de seus anos de misteriosa permanência no vestíbulo de um mundo desconhecido.

Sua vida foi uma das mais extraordinárias de nosso século e sua história, verídica, encontra-se consignada nesta série de manifestações físicas que foram anotadas durante 8 anos, desde 1872, e nas séries de manifestações automáticas, escritas ou faladas, que, iniciando em 1873, prolongaram-se durante 10 anos para cessar somente pouco antes de sua morte.

Os espíritos que Moses acreditava o possuíssem podem ser divididos em três categorias:

a) A primeira e mais importante categoria compunha-se de pessoas recentemente falecidas e que, com freqüência, se manifestavam durante as sessões, antes que a notícia de sua morte chegasse, através de caminho comum, a uma das pessoas que participavam da sessão. Esses espíritos proporcionaram muitas vezes provas de sua identidade, mencionando fatos relacionados à sua vida terrestre e que, mais tarde, se verificou serem exatos.

b) A seguir, um grupo de pessoas pertencentes a gerações mais antigas e que durante sua vida foram razoavelmente célebres. Grocyn, amigo de Erasmo de Roterdão, pode ser considerado como o típico representante deste grupo. Muitos deles proporcionaram, igualmente, como provas de sua identidade, fatos que eram mais exatos do que a idéia ou o conhecimento consciente que podiam ter dos mesmos as pessoas presentes na sessão. Todavia, nestes casos, a dificuldade de provar a identida-

de aumentava sensivelmente, pelo fato de que a maioria dos dados exatos se encontravam anotados em volumes que Moses poderia ter lido, esquecendo em seguida, ou talvez tomasse conhecimento de seu conteúdo através da clarividência.

c) O terceiro grupo compõe-se de espíritos que trazem nomes semelhantes a Rector, Doctor, Teófilo e, o mais importante, Imperator. De vez em quando revelam os nomes que pretendem ter tido durante sua vida terrestre. Esses nomes ocultos são freqüentemente mais antigos e ilustres do que os do grupo "*b*".

No que diz respeito às relações entre os espíritos e os fenômenos telecinésicos, não se pode esquecer que esses fenômenos, por estranhos e grotescos que possam parecer, às vezes, não podem ser considerados como absurdos e inúteis. Os presumíveis operadores se esforçam por descrever o que consideram como um *fim* e o que consideram como um *meio* tendo em vista aquele fim. Seu objetivo constante, confesso, é relatar, através de Moses, certas opiniões religiosas e filosóficas; e as manifestações físicas são descritas como se fossem somente uma prova de potência e uma base para a autoridade invocada a favor de ensinamentos sérios.

Considerações de ordem moral e o fato de que os fenômenos físicos se reproduziam sempre, quando Moses estava só, impedem-nos de os considerar como manobras fraudulentas produzidas por alguma pessoa presente à sessão. E, por outro lado, parece-me moral e fisicamente impossível considerá-los como fraudes do próprio Moses. E é fisicamente impossível e incompatível com seus próprios relatos e com os de seus amigos que tenham podido prepará-los e reproduzi-los durante o êxtase. Deve-se, pois, considerá-los como se tivessem ocorrido de uma forma realmente supranormal.

Examinarei rapidamente a natureza das provas que tendem a mostrar que os espíritos invocados eram realmente o que pareciam ser, julgando, ao menos, pelos cadernos onde se encontravam copiadas as escritas automáticas de Moses. O conteúdo desses cadernos constitui-se de mensagens cuja finalidade é provar a identidade dos espíritos, de discussões e explicações de fenômenos físicos e parábolas religiosas e morais.

Essas mensagens automáticas foram quase que totalmente escritas pela mão de Moses, em estado normal de vigília. As exceções referem-se a dois pontos:

a) existe uma passagem longa que Moses acreditava ter escrito durante o êxtase;

b) existem, às vezes, algumas palavras numa escrita que se poderia chamar "direta", isto é, grafadas por mãos invisíveis, na presença de Moses e descritas diversas vezes, nas atas das sessões, às quais assistiram outras pessoas.

Pondo de lado estas duas exceções, achamos que os escritos apresentam, na maioria dos casos, a forma de um diálogo, no qual Moses faz as perguntas com sua letra redonda e grande e escreve as respostas com a mesma pena, mas com uma letra que varia de um caso para o outro e difere da sua própria escrita.

Ninguém se atreverá a duvidar de que Moses escreveu estas mensagens com a convicção sincera de que emanavam das pessoas que as assinavam. Todavia, a dúvida é saber se emanavam realmente das pessoas invocadas. Tendo em vista as condições pelas quais se fizeram essas comunicações, não revelam uma capacidade dirigente e não ensinam qualquer verdade realmente nova, admitindo-se que essas manifestações são, hipoteticamente, limitadas, não pelos *conhecimentos* anteriores, mas pelas *capacidades* anteriores do sujeito. E se estas proporcionam fatores dos quais o sujeito-médium não tem conhecimento consciente, mas que apresentam um caráter acabado, pode-se supor que esses dados foram *adquiridos subliminarmente* pelo médium, como resultado de um olhar inconsciente lançado sobre uma página impressa, ou inclusive que foram *apreendidos por clarividência*, sem a intervenção de outro espírito que o do médium, ainda que funcionando de uma maneira supranormal. Esta hipótese não é nem fantástica, nem de natureza a pôr em dúvida a probidade de Moses, porque ele próprio confiou-me que, no seu relacionamento com os espíritos temporalmente distantes, não experimentava a mesma sensação que ao conversar com espíritos mais próximos. Nem repudiava qualquer idéia de memória subconsciente e afirmava que jamais pudera ver ou ler

com antecedência a maioria daquilo que escrevera automaticamente. E isto pode ser verdadeiro, uma vez que seus conhecimentos de literatura e de história não iam além dos de um professor de escola primária. E além do mais, entre todas as comunicações históricas que lhe foram feitas não existe uma sequer que não se encontre em fontes impressas, acessíveis a todos.

As provas de identidade proporcionadas por Moses nos casos referentes aos espíritos de pessoas mortas recentemente parecem mais satisfatórias. Mas, também neste ponto é difícil estabelecer se os fatos que afirma não fazem parte dos conhecimentos subliminares do autômato. Dá, às vezes, a impressão de que esses fatos puderam ser retidos percorrendo maquinalmente o necrológio dos jornais ou as inscrições sepulcrais. Ou talvez os nomes e os fatos conhecidos por uma das pessoas presentes à sessão, mas não de Moses, puderam ser mencionados na sua presença, gravando-se na sua memória subliminar. No caso de Hélène Smith, vimos o grau de acuidade que pode alcançar a hiperestesia e a hipermnésia do *eu* subliminar; mas, na presença da ignorância em que se encontrava o mundo científico, no que concerne a estes assuntos, não é de se estranhar que Moses e seus amigos se tenham negado a admitir a explicação que aqui propomos. Que os espíritos invocados tenham ou não manifestado sua ação diretamente, coisa que pode ter ocorrido, não nos impede de acreditar que o *eu* subliminar do médium deve ter desempenhado um papel bastante ativo nessas comunicações.

Duas vezes, Moses recebeu o aviso de um falecimento, quando era impossível que os recebesse pela via normal. Citarei um desses casos (conforme seu artigo publicado em *Proceedings of the S. P. R.*, XI, pág. 96 e seguintes), que, sob muitos aspectos, é dos mais notáveis. Trata-se de uma mulher que conhecera e que Moses não vira mais que uma vez. A publicação do verdadeiro nome está proibida pelo próprio espírito, por razões que me pareceram suficientes ao ler o caso, mas que Moses desconhecia e como o filho dessa mulher também se opôs, dar-lhe-ei o nome de Blanche Abercrombie.

Essa mulher morreu, numa tarde de domingo, há 26 anos, numa casa de campo situada a 200 milhas de Londres. A notícia

de seu falecimento, acontecimento de amplo interesse, foi telegrafada imediatamente a Londres e apareceu no *Times* na segunda-feira seguinte; é seguro que, excetuando-se a imprensa e familiares mais próximos, ninguém estava a par dessa notícia, no domingo à noite. Mas, naquela noite, por volta de meia-noite, uma comunicação que pretende-se partia dela chegou a Moses na sua isolada casa, ao norte de Londres. A identidade foi confirmada, dias depois, por algumas linhas que se supôs procedessem diretamente dela e escritas com a sua letra. Não existe qualquer motivo para supor que Moses vira sua letra. A única vez que se encontrou com aquela mulher e seu marido foi numa sessão, não numa das suas, em que Moses foi ferido pelo ceticismo que expressou o marido sobre os fenômenos dessa natureza.

Após receber essas mensagens, Moses não as referiu a ninguém, transcrevendo-as num livro que intitulou "Assuntos particulares". Quando, autorizado pelos executores testamentários, abri o livro, me surpreendeu encontrar uma breve epístola que, sem relatar fatos precisos, era, porém, característica da Blanche Abercrombie que conheci. Mas embora eu tivesse recebido cartas dela enquanto ela era viva, não lembrava sua letra, e como conhecia a um de seus filhos, pedi-lhe que me emprestasse uma das cartas escritas pela mãe, a fim de poder comparar as duas letras. Não tardei em comprovar a notável semelhança entre a escrita automática e a letra da carta que me foi emprestada, exceto no que concerne à letra *A* do nome da família. Permitiu-me o filho estudar uma série de cartas que sua mãe escrevera em épocas diferentes, até os últimos dias de sua vida. Convenci-me de que, nos últimos anos, ela adquirira o costume (de seu marido) de escrever o *A* do mesmo modo que o da escrita automática.

O Dr. Hodgson, a quem submeti as duas escritas, constatou que a automática, e em especial a assinatura, revelava a tentativa de imitar de memória, e não de acordo com um modelo, as principais características da escrita original.

Seria conveniente resumir aqui os principais caracteres que dão identidade às mensagens recebidas por Moses, isto é, que proporcionam a prova de que realmente procedem das fontes a

eles atribuídas. A esse respeito temos que distinguir diversos graus:

1 – Temos, primeiramente, as mensagens comuns, nas quais todos os fatos que encerram foram de conhecimento do autômato, de uma forma consciente. Nos casos desse gênero podemos supor tratar-se de sua própria personalidade e que as mensagens possuem uma fonte *subliminar*, não *exterior*.

2 – Vêm, a seguir, as mensagens compostas de fatos que parecem ter sido do conhecimento do espírito invocado, mas dos quais o autômato não possui conhecimento consciente, ainda que em outras ocasiões tenham sido percebidas por ele inconscientemente e gravadas na sua memória subliminar.

3 – No que diz respeito às mensagens do grupo seguinte, pode-se provar, com graus de certeza tão variados, como os admitidos pelas provas negativas deste gênero, que o autômato jamais as conheceu diretamente, mas que não se encontram facilmente nos livros, de forma que o autômato pode tê-las conhecido por clarividência, ou em conseqüência de uma comunicação feita por um espírito diverso do invocado por ele.

4 – Pode-se provar, com um grau variável de certeza, segundo as circunstâncias, que os fatos não foram nunca do conhecimento do autômato, nem estão impressos, senão que foram conhecidos pelos espíritos invocados e podem ser verificados pelas recordações das pessoas vivas.

5 – Poder-se-ia, em seguida, citar o grupo de mensagens *experimentais* ou de cartas póstumas, nas quais a pessoa falecida consignara, antes de seu falecimento, uma prova especial, um fato ou uma frase que só ela conhecia, para transmiti-la depois de sua morte, possivelmente, como um sinal de seu retorno (ver o caso de Finney, capítulo VIII).

6 – Tratamos, até aqui, somente de mensagens verbais que nos são de fácil manejo e análise. Mas, na realidade, não são as conclusões extraídas dessas mensagens escritas as que com maior freqüência serviram de inspiração ao sobrevivente para que acreditasse na aparição do amigo falecido. Logicamente ou não, a mensagem escrita não é tão evocadora como o fantasma

ou uma voz muito conhecida. É sobre esta presença que insistiram os sobreviventes, desde os tempos em que Aquiles buscava, em vão, abraçar a sombra de Pátroclo.

Até que ponto um fantasma constitui uma prova de uma ação real exercida pelo espírito? Discutimos acima esta questão.[98] Mas, ainda que a aparição de uma pessoa falecida não constitua, em si, uma prova de sua presença, não é, tampouco uma simples forma que os fantasmas meramente alucinatórios parecem assumir com bastante freqüência e quando existem provas suplementares, como por exemplo, uma escrita que pretende vir da mesma pessoa, as probabilidades a favor de sua presença real encontram-se consideravelmente aumentadas. No caso de Moses, quase todas as figuras que vira carregavam consigo uma confirmação desse gênero.

7 – Isso nos encaminha a um grupo de casos bastante representados nas séries de Moses, onde as mensagens escritas que pareciam vir de um determinado espírito estavam acompanhadas de fenômenos físicos, dos quais o próprio espírito pretendia ser o autor. Sendo ou não possível dar a esta prova um caráter rigorosamente lógico, é fácil imaginar mais de um caso em que a prova pareça decisiva a todos. Mas os fenômenos físicos não proporcionam uma prova a favor de outra inteligência que não a do sujeito e, como já disse, podem, em mais de um caso, constituir uma simples extensão de suas forças musculares comuns, ao invés de serem devidas a uma ação exterior qualquer.

Jungindo-nos às mensagens verbais, achamos que os casos mais representativos, nos relatos de Moses, pertencem aos três primeiros grupos; quanto aos do quarto grupo, que englobam fatos verificáveis, dos quais inexiste qualquer relato impresso, e dos que se tem certeza de que o médium não os conhecera nunca, são relativamente pouco numerosos. Isso, talvez, possa ser atribuído, em parte, ao escasso número dos que assistiam às sessões de Moses e que eram, todos, seus amigos pessoais. Ao contrário, os relatos da senhora Piper, dos quais nos ocuparemos agora, são particularmente ricos em incidentes pertencentes ao grupo quatro, e o valor evidente das mensagens verbais é, por isto, superior ao das mensagens de Moses. Enquanto que no caso

do último a identidade de um grande número de comunicações repousava, principalmente, no fato de estar garantida por Imperator e seu grupo de auxiliares, no caso da Sra. Piper os espíritos de alguns amigos, recentemente falecidos, que deram provas de sua identidade, surgem para manter a realidade independente e a direção que exercem sobre a Sra. Piper as mesmas inteligências, Imperator, Rector, Doctor e outras que, segundo Moses, intervinham nas suas experiências.

Duas importantes diferenças separam o caso da Sra. Piper do de Moses. Primeiro, suas manifestações supranormais não estão acompanhadas de qualquer fenômeno de telecinesia; e, depois, seu *eu* supraliminar não apresenta o menor vestígio de uma capacidade supranormal qualquer. Ela dá um exemplo de automatismo extremo, onde a possessão não é só local ou parcial, senão que afeta, por assim dizer, toda a região psíquica onde o *eu* supraliminar se encontra, momentaneamente, submerso de uma forma completa e onde toda a personalidade sofre intermitentes modificações. Em outros termos, entra num estado em que os órgãos da palavra e da escrita são guiados por outras personalidades que não a sua personalidade normal desperta. Às vezes, o *eu* subliminar aparece ou imediatamente antes, ou imediatamente após o êxtase, para assumir durante curto intervalo a direção do organismo; mas, com raras exceções, as personalidades que falam ou escrevem durante o êxtase pretendem ser espíritos desencarnados.

As "possessões" da Sra. Piper podem ser divididas em três períodos:

a) a primeira estendendo-se de 1884 a 1891 e durante a qual a principal personalidade diretora, que se conhece sob o nome de "Dr. Phinuit", serve-se, quase que exclusivamente, dos órgãos vocais, manifestando-se num estado de êxtase;

b) durante o segundo período, que se estende de 1892 a 1896, as comunicações se realizam, principalmente, por meio de escrita automática e sob uma direção que tem o nome de "Georges Pelham" ou "G. P.", ainda que o Dr.

Phinuit tivesse, nesse período, se manifestado com o auxílio da voz;

c) durante o terceiro período, que se inicia em 1897, a supervisão era exercida por Imperator, Doctor, Rector e outros, já mencionados, por ocasião das experiências de Moses, na maioria dos casos, através da escrita e, às vezes, através da palavra.

Não vou discutir aqui a hipótese de fraude que já discutimos e refutamos, juntamente com o Dr. Hodgson, o Prof. William James, o Prof. Newbold, da Universidade de Pensilvânia, o Dr. Walter Leaf e Sir Oliver Lodge,[99] e não analisarei a fundo o caráter da personalidade de Phinuit. Segundo minha própria experiência, durante a estada da Sra. Piper na Inglaterra, em 1889-90, diferentes êxtases e diferentes partes do mesmo êxtase apresentam uma qualidade desigual. Entrevistas houveram, durante o curso das quais Phinuit não fazia qualquer pergunta, nem formulava proposições que não fossem verdadeiras. Havia outras, durante as quais não manifestava o menor conhecimento real e se limitava a perguntas e respostas formuladas ao acaso. O êxtase nem sempre podia ser provocado pela vontade. Um estado de expectativa tranqüila favorecia, freqüentemente, a aparição, mas às vezes fracassava qualquer tentativa de provocá-la. O êxtase, uma vez provocado, durava aproximadamente uma hora e com freqüência existia uma diferença notável entre os primeiros minutos e o restante de sua duração. Nessas ocasiões, o que podia ter algum valor era dito durante os primeiros minutos, e o resto da conversação consistia em generalidades vagas ou simples repetições do que já se dissera. Phinuit pretendia sempre ser um espírito em comunicação com outros espíritos e possuía o costume de dizer que recordava suas mensagens somente durante alguns minutos, após “ter entrado no campo mediúnico” e que a seguir suas recordações se confundiam e não era capaz de partir sem esgotar sua provisão de fatos. Parecia que se produziria uma inútil descarga de energia, que durava até o momento em que o impulso primitivo terminava em incoerência. Minha conclusão geral nessa época era que as manifestações de Phinuit deviam ser consideradas como um elemento dessa extensa série de mensa-

gens automáticas de todo gênero que agora se começa a colecionar e analisar. Considerei como demonstrado que esses fenômenos testemunhavam uma enorme extensão, telepática ou clarividente, das faculdades normais do espírito humano e me pareceu possível que os conhecimentos de Phinuit derivassem de uma faculdade telepática ou clarividente, que a Sra. Piper possuía em estado latente e que se manifestava de uma forma pela qual não nos acostumaram nossas experiências anteriores. Por outro lado, as mensagens automáticas que estudamos compreendiam fenômenos deveras variados, dos quais uns pareciam, à primeira vista, devidos à intervenção, talvez indireta, da personalidade sobrevivente da pessoa falecida, e afirmo que se esses exemplos de comunicação, procedentes de espíritos extraterrenos, devem ser, um dia, aceitos pela ciência, as mensagens de Phinuit poderão, apesar de todos os defeitos e todas as suas inconseqüências, ser acrescentadas a esse número.

Não necessito dizer que esta última hipótese é a que acabei por adotar e, ainda que seja evidente que as dificuldades concernentes à identidade de Phinuit não desapareceram, parece possível considerá-la como uma inteligência exterior à da Sra. Piper, como um espírito desencarnado. Não se pode esquecer, porém, que fracassou completamente nas suas tentativas de estabelecer sua identidade pessoal e que, igualmente, não conseguiu provar sua pretensão de ser um médico francês. Infelizmente, não possuímos qualquer narração contemporânea relativa aos primeiros êxtases da Sra. Piper, nem qualquer informação concernente às primeiras manifestações da personalidade de Phinuit. Parece claro, no entanto, que o nome de Phinuit era o resultado de uma sugestão levada a cabo durante seus primeiros êxtases (ver *Proceedings of the S. P. R.*, VIII, pág. 46-58) e mais de um poderá pensar que a suposição mais provável é que a direção exercida por Phinuit nada mais era do que a de uma personalidade secundária da Sra. Piper. Mas, segundo as afirmações (das quais não existe qualquer prova) feitas por Imperator, Phinuit seria um espírito inferior “ligado à terra”, que foi confundido e perdido desde suas primeiras tentativas de comunicação e perdeu, por assim dizer, “a consciência de sua identidade pessoal”.

Mas os casos citados no capítulo II indicam que não é rara tal eventualidade nesta vida e que não é impossível sobrevirem perturbações profundas da memória a um espírito desencarnado inexperiente, como conseqüência de suas primeiras tentativas de se comunicar conosco através do mundo material. Seja como for, a personalidade Phinuit não se manifestou, direta ou indiretamente, desde o mês de janeiro de 1897, época na qual Imperator começou a presidir as supravisões da Sra. Piper.

Phinuit preenchia, geralmente, o papel de intermediário, reproduzindo as comunicações feitas por seus parentes e amigos falecidos às pessoas presentes às sessões, e numa série de sessões favoráveis, a impressão geral foi a descrita por Sir Oliver Lodge, no caso seguinte (*Proceedings of the S. P. R.*, VI, pág. 454): "Um dos melhores ajudantes foi meu vizinho mais próximo, Isaac C. Thompson, ao qual, e antes de ser apresentado, Phinuit enviou uma mensagem que dizia ser proveniente de seu pai. Três gerações de membros, vivos e mortos, de sua família e da de sua mulher, foram mencionadas com a maior exatidão, durante o curso de duas ou três sessões, caracterizando-se a cada membro com invejável precisão; o principal informante era seu falecido irmão, um jovem médico de Edimburgo, morto há vinte anos. O caráter familiar e comovedor dessas comunicações era extremamente notável e é impossível perceber-se isso nos informes impressos das sessões".

Os casos desse gênero não são freqüentes e ainda que pareça ter havido, durante o primeiro período da história da Sra. Piper, provas abundantes da existência de uma capacidade supranormal que exigia ao menos a hipótese da transmissão de pensamento de pessoas vivas, próximas ou distantes, e tornava provável a hipótese de uma capacidade telestésica ou, inclusive, de premonição, não é menos certo que a questão principal que nos interessa é saber se o organismo da Sra. Piper era guiado, direta ou indiretamente, por espíritos desencarnados, suscetíveis de proporcionar provas satisfatórias de sua identidade. Esta questão permanece em aberto.

Do ponto de vista da identidade pessoal, a série de sessões que deu à Sra. Piper durante o segundo período, de 1892 a 1896,

é muito mais importante. O informante, ou principal intermediário, durante este período, foi G. P. Este, cujo nome se bem que conhecido de diversas pessoas, foi transformado, em razão da publicação em "Georges Pelham", era um jovem muito capaz, dedicado a trabalhos literários. Cidadão americano, mas pertencente à nobreza londrina. Nunca o vi, mas tive a felicidade de ter amigos que eram dele também e consegui relacionar-me intimamente com alguns deles sobre a natureza das comunicações que recebiam. Dessa forma, colocaram-me a par das manifestações mais significativas de G. P. que foram julgadas de natureza demasiadamente íntima para a publicação e assisti a sessões em que G. P. se manifestou. Para a discussão completa das provas tendentes a mostrar a identidade de G. P., nada mais faço do que indicar a meus leitores os relatos originais publicados no *Proceedings of the S. P. R.*, XIII, págs. 284-582 e XIV, págs. 6-49.

Poderíamos citar outros exemplos extraídos da história da Sra. Piper, todos tendendo a mostrar que seu organismo corporal era possuído e guiado por espíritos desencarnados que tratavam de provar sua identidade, reproduzindo as recordações de sua vida terrenal.

Devemos tratar agora de formar uma idéia definida do processo de observação real dos fatos, ainda que não se necessite dizer que a idéia mais adequada que formaremos no momento receberá, necessariamente, de nossa própria existência material, inúmeras restrições e limitações e só poderá ser expressa com o auxílio de analogias sumárias.

Devo dizer, desde o início, que esta união de dois seres humanos tão diferenciados, que se expressa na *possessão* de um organismo, nada tem em si de fatídica ou alarmante. No caso da Sra. Piper o início e o fim de um êxtase que, segundo a expressão de James, ia no começo acompanhado de "perturbações respiratórias e de contrações musculares pronunciadas", se realiza agora tão tranqüilamente como o dormir e acordar, e sua vigília não se ressente em nada do êxtase, a não ser por uma fadiga passageira, quando o êxtase foi demasiadamente prolongado ou, noutras ocasiões, por um estado vago e difuso de bem-estar, semelhante ao que se experimenta, às vezes, ao acordar-

mos de um sono agradável. A influência sobre a saúde, longe de ser prejudicial, deve ter sido, melhor dizendo, saudável. Apesar disso, depois das graves alterações que experimentou, como conseqüência de um acidente de trenó e das consecutivas operações, a Sra. Piper é, atualmente, "uma mulher cuja saúde está em perfeito estado". Do ponto de vista do caráter, representa o tipo da mulher americana, tranqüila e que se ocupa muito da casa e dos filhos (casou-se em 1881 e tem duas filhas de 17 e 18 anos). Segundo o Dr. Hodgson, a direção que sofreu por parte de inteligências superiores à sua aumentou sua estabilidade e serenidade. Enquanto consideramos somente o lado material e carnal de suas estranhas relações, parece-nos assistir a um processo de evolução que ante nós se desenvolve, com facilidade inesperada, de forma que nosso dever é procurar, cuidadosamente, e exercitar outros indivíduos favorecidos que apresentem a mesma capacidade sempre latente talvez, mas que, em nossos dias, emerge, gradualmente, na raça humana. *Die Geisterwelt ist nicht verschlossen*; os sensíveis nada mais têm do que se submergir num profundo recolhimento para antever a porta que se abre ao mundo dos espíritos. E, de outro lado, dessas relações partem as dificuldades e perplexidades maiores.

Ao abordar as coisas que se encontram além da experiência humana, nossa finalidade principal deve ser a de estabelecer sua *continuidade*, com o que já conhecemos. Por exemplo, nos é impossível adquirir, independentemente do que já sabemos, um conceito satisfatório do mundo invisível. Entretanto, esse conceito jamais foi devidamente considerado, do ponto de vista de nossas idéias modernas de continuidade, de conservação da energia, de evolução. As noções principais relativas à sobrevivência foram formadas, primeiramente, pelos homens primitivos, depois pelos filósofos aprioristas. Aos olhos do homem de ciência, a questão não apresentava uma atualidade suficiente para que a julgassem digna de ser abordada com o auxílio dos métodos científicos. Contentavam-se, como o restante da humanidade, com qualquer teoria tradicional, de preferência sentimental, pela descrição que se considerasse mais satisfatória e elevada. Mas sabem que esse princípio subjetivo de escolha conduzira

na história à aceitação de diversos dogmas que nossas noções de homem civilizado nos levam a considerar como blasfemas e cruéis no mais alto grau.

A única diferença entre as concepções dos filósofos modernos e as do homem primitivo consiste em que enquanto o último admitia *escassas* diferenças entre o mundo material e o espiritual, o primeiro considera essa diferença *demasiado grande* e isso constitui, entre ambos, um abismo invencível que os opõe um aos outro de maneira quase absoluta.

Toda a questão gira ao redor da persistência da identidade pessoal além da morte. Como devemos conceber esta identidade: No curso da vida terrestre o corpo real de nosso amigo, por exemplo, na idéia que possuímos dele, constitui um elemento bastante subordinado e também não preenche, na sua continuidade física, como se fosse um símbolo, todas as lacunas da memória, todas as modificações do caráter. Mas a memória e o caráter, isto é, as impressões armazenadas, pelas quais reage, e sua maneira específica de reação eram o que constituíam nosso amigo, propriamente dito. Quais coisas deve conservar de sua memória e de seu caráter para ser por nós reconhecido?

Nossa memória (ou a dele) deve persistir inteiriça ou eterna? Sua memória deve ter uma extensão que confine com a onisciência e seu caráter revestir-se de uma qualidade divina? E, quaisquer que sejam as alturas que alcance, devemos exigir que se nos revele? As limitações que se depreendem de nosso mundo material não são, para ele, um obstáculo?

Recordemos os pontos que parecem advir das considerações que acima formulamos sobre as comunicações desse gênero. O espírito relaciona-se com uma pessoa viva, ocupando um determinado lugar, num momento determinado e constituído de certos pensamentos e emoções. Pode o espírito, em certos casos, achar a pessoa em questão e segui-la à vontade. Possui, pois, em certa medida, um conhecimento do espaço, mesmo não estando limitado pelo espaço; seu poder de orientação no espaço é, até certo ponto, para nossa vista, o que o tato é para um cego. Da mesma forma, o espírito parece possuir um conhecimento parcial do *tempo*, mesmo não estando limitado por ele. É capaz de ver, no

presente, coisas que, para nós, parecem estar situadas no passado e outras que situamos no futuro.

O espírito é, além do mais, consciente, ao menos em parte, dos pensamentos e emoções de seus amigos terrestres, na medida em que esses pensamentos e emoções se relacionem com ele, e isto não só quando o amigo está na presença do médium, mas também (como G. P. mostrou mais de uma vez) quando o amigo está na sua casa, vivendo sua vida rotineira.

Admitindo, pois, para as necessidades do caso, que este é o estado normal do espírito, com relação às coisas humanas, como pode e deve proceder para estabelecer comunicação com os vivos? Mas, se conserva não só a recordação dos amores terrenos, como, também, uma consciência real de todas as emoções amorosas de que é objeto após a morte, parece provável que terá, ao menos, *a vontade, o desejo*, de entrar em comunicação com os vivos.

Buscando então uma saída, começará por discernir algo que corresponda (segundo a expressão de G. P.) a uma *luz*, a um resplendor que atravesse a obscuridade confusa do mundo material. Esta "luz" nada mais é do que o médium, isto é, um organismo humano constituído de tal forma que o espírito possa, durante um certo tempo, proporcionar-lhe informação e dirigi-lo sem, necessariamente, interromper a corrente de sua consciência comum, servindo-se quer de sua mão, quer (como no caso da Sra. Piper) de sua mão e de sua voz e ocupando todos os condutos pelos quais o médium se manifesta. As dificuldades inerentes a esse estado de controle ou de direção são descritas pelo Dr. Hodgson da maneira seguinte: "Se, com efeito, cada um de nós é um "espírito" sobrevivente à morte do corpo carnal, existem certas suposições de que um espírito desencarnado se coloque em comunicação com os espíritos encarnados. Inclusive, nas melhores condições pode ocorrer que a aptidão para as comunicações seja tão rara como o dom que torna grande o artista, o matemático, o filósofo. Mas também pode ser que sob a influência das mudanças que a própria morte supõe o "espírito" se encontre, a princípio, confuso e perdido, e que isto se mantenha durante um tempo mais ou menos longo; e igualmente após

acostumar-se a seu novo meio, é possível que ao estabelecer com outro organismo vivo a mesma relação que teve antes com seu próprio organismo, esteja ainda confuso, como ao acordar num meio estranho, após um extenso período de inconsciência. Se meu próprio corpo pudesse conservar-se no seu estado atual e eu o pudesse abandonar durante meses e anos, levando uma existência em outras condições, é possível que ao juntar-me novamente com meu corpo após uma ausência tão prolongada, mostrar-me-ia, no início, confuso e incoerente nas manifestações que realizasse através dele. E essa confusão e incoerência seriam ainda mais profundas se me unisse a *outro* corpo humano. Ficaria confuso pelas diferentes formas de afasia e de agrafia, pelas perturbações da inibição, acharia as novas condições enevoadas e cansativas e meu espírito funcionaria de maneira automática e como que dominado por um sonho. Mas as comunicações que recebia a Sra. Piper apresentavam exatamente esse gênero de confusão e de incoerência que podemos esperar, *a priori*, se fossem realmente o que pretendiam ser".

Comparei, no início deste capítulo, os fenômenos da possessão com os da desintegração da personalidade, com os sonhos e com o sonambulismo. Mas parece provável que a teoria das múltiplas personalidades, através da qual se afirma que nenhuma das correntes conhecidas da personalidade esgota toda sua consciência e que nenhuma das manifestações conhecidas expressa toda a potencialidade de seu ser, pode aplicar-se quer aos homens desencarnados, quer aos encarnados e isto nos permite supor que as manifestações dos primeiros se assemelharão às comunicações fugidias e instáveis que existem entre as diferentes camadas da personalidade no homem vivo.

Mas essa mesma dificuldade e esse caráter fragmentário das comunicações são suscetíveis, em última análise, de nos proporcionar preciosas lições. Assistimos ao mistério central da vida humana que se desenvolve em novas condições, mais acessíveis que nunca à nossa observação. Vemos que um espírito se serve de um cérebro. Um cérebro humano é, em última análise, uma disposição de matéria adaptada de forma a ser influenciada e colocada em ação por um espírito, mas enquanto recebe os

impulsos do espírito ao qual está acostumado, a ação é demasiado débil para que nos permita captar o mecanismo. Mas ocupamo-nos agora de um espírito estranho ao cérebro, não acostumado ao instrumento em que se instala vacilante. Temos, assim, que saber coisas infinitamente mais profundas e importantes que as que nos ensinam as interrupções mórbidas da ação do espírito comum normal. Exemplificando: na afasia assistimos a certas perturbações cerebrais. Mas na *possessão* vemos o espírito diretor em luta contra dificuldades análogas, escrevendo ou pronunciando uma palavra inexata para substituí-la pela palavra adequada, e inclusive encontrando, às vezes, o meio de nos explicar algo desse mecanismo verbal minucioso, cuja interrupção ou desarranjo deu origem ao erro.

É possível que, com o progresso de nossas investigações, à medida que nós, de um lado, e os espíritos desencarnados do outro, estejamos cada vez mais iniciados nas condições indispensáveis ao domínio perfeito do cérebro e do sistema nervoso dos intermediários, é possível, afirmamos, que as comunicações se façam cada vez mais completas e coerentes e alcancem um nível cada vez mais elevado de consciência unitária. As dificuldades podem ser grandes e numerosas, mas pode ser de outro modo, quando se trate de reconciliar o espírito com a matéria, de abrir ao homem, no planeta em que se acha prisioneiro, uma porta do mundo espiritual?

* * *

Vimos, durante este capítulo, que os fenômenos da possessão se encontram intimamente ligados aos do êxtase. Isto se explica se pensarmos que, desde o momento em que um espírito exterior é suscetível de entrar num organismo, para apoderar-se dele, o espírito interior pode, por sua vez, ser capaz de abandonar o organismo a que está habitualmente unido, mudar seu centro de percepção e de ação, ainda que de uma forma menos irrevogável do que como conseqüência das mudanças produzidas pela morte. O êxtase converte-se, dessa forma, simplesmente num aspecto complementar e correlativo da possessão espiritual. Uma mudança semelhante não deve ser forçosamente *espacial*, como ocorre na invasão do organismo abandonado por um espírito

exterior. Pode-se ir mais longe e dizer que uma vez que o espírito encarnado é capaz de mudar desta forma seu centro de percepção, em resposta à invasão do organismo por um espírito desencarnado, não se sabe por que não poderia fazer o mesmo em outras ocasiões. Conhecemos a "clarividência migratória", que consiste em que o espírito mude de centro de percepção em meio às cenas do mundo material. Por que não pode haver uma extensão da clarividência migratória no mundo espiritual? Uma transmissão espontânea do centro de percepção nessa região onde os espíritos desencarnados parecem, por seu lado, capazes de comunicar-se com crescente liberdade?

O conceito de êxtase, no seu sentido mais literal e sublime, desprendeu-se, de modo quase insensível, de todo um conjunto de provas modernas; e decorrerá muito tempo até podermos separar de forma adequada, não digo o elemento objetivo da experiência, de seu elemento subjetivo, porque teremos deixado atrás a região em que estas palavras conservam ainda seu sentido, mas o elemento da experiência que pertence a espíritos estranhos ao do homem no êxtase, do elemento que pertence, propriamente, a este último.[100]

Não é paradoxo dizer que as provas que existem a favor do êxtase são mais sérias do que as que possuímos a favor de qualquer outra crença religiosa. De todas as experiências subjetivas da religião, o êxtase é a que foi confirmada, com maior força e convicção. Não constitui o monopólio de uma única religião e se, do ponto de vista psicológico, a prova principal da importância de um fenômeno subjetivo que faz parte da experiência religiosa consiste no fato de ser comum a todas as religiões, não existe nenhuma outra que responda a esta condição no mesmo grau que o êxtase. Desde o bruxo, dos selvagens, até São João, São Pedro e São Paulo, sem esquecer Buda e Maomé, possuímos dados que, mesmo apresentando diferenças consideráveis do prisma moral e intelectual, têm uma base psicológica comum.

Em todas as épocas concebeu-se o espírito como suscetível de abandonar o corpo ou, se não o abandona, de estender consideravelmente seu campo de percepção, originando um estado seme-

lhante ao êxtase. Todas as formas conhecidas de êxtase estão concordes neste ponto e todas elas repousam sobre um fato real.

Estabelecemos, dessa forma, a continuidade e a realidade de fenômenos que foram até aqui considerados sem conexão alguma e de modo quase ininteligível. Guiados por nosso ponto de vista, podemos estabelecer uma conexão entre as formas inferiores e as superiores, sem qualquer prejuízo para as segundas. O feiticeiro, o bruxo, quando não é um impostor, penetra tão eficazmente no mundo espiritual como São Pedro ou São Paulo; mas não penetra na mesma faixa desse mundo; as visões confusas e obscuras o assustam ao invés de exaltá-lo. Todavia, só o fato de acreditarmos em suas visões confirma e corrobora nossa fé, relativa à visão do "sétimo céu" dos apóstolos.

X
Conclusão

A tarefa que me propus, ao iniciar esta obra, pode considerar-se como realizada. Abordando sucessivamente cada um dos pontos de meu programa, apresentei, não todas as provas que possuo, e que gostaria de ter exposto, mas um número de dados suficientes para ilustrar uma exposição contínua, sem que meu livro corra os riscos de ultrapassar os limites além dos quais não teria encontrado leitores. Indiquei, igualmente, as condições principais que se depreendem, imediatamente, desses dados. As generalizações mais vastas, às quais posso entregar-me agora, são perigosamente especulativas; são de natureza a fazer com que se desviem desse gênero de investigações alguns espíritos científicos, cuja adesão me interessa especialmente. Sem dúvida, esse é um risco que prefiro correr, por duas razões, ou melhor, por uma razão capital, suscetível de ser considerada sob dois aspectos: é, em particular, impossível deixar esse acúmulo de informações obscuras e pouco familiares sem algumas palavras de generalização mais ampla, sem uma conclusão que estabeleça uma relação mais específica entre essas novas descobertas e os esquemas já existentes do pensamento e das crenças dos homens civilizados.

Considero, primeiramente, este ensaio de síntese como necessário para o fim prático, que consiste em arrolar o maior número possível de auxiliares nesse tipo de investigações. Como tive ocasião de dizer mais de uma vez, não é a oposição, antes a indiferença que tem sido o verdadeiro obstáculo ao seu progresso. Ou, se a palavra indiferença é demasiado forte, o interesse provocado por essas investigações não foi suficiente para suscitar as colaborações tão numerosas e eficazes como as que se manifestam em todas as ciências que o mundo acostumou-se a respeitar. Nossas investigações se referem a um tipo de fatos que não são os da religião, nem os da ciência e não podem pedir o apoio nem do “mundo religioso” nem da *Société Royale*. Mas, afora o instinto de curiosidade científica pura (que, com certeza,

raríssimas vezes viu abrir-se diante de si um campo tão amplo e pouco explorado), os problemas capitais, cujo mistério guardam esses fenômenos, constituem uma atração suficiente, excepcionalmente pujante. Proponho-me formular esta atração e não só provocar a convicção, antes suscitar a cooperação. E as conversas que mantive com numerosas pessoas fizeram-me concluir que para conseguir esta cooperação, inclusive da parte dos cientistas, é necessário dar uma visão de conjunto, ainda que seja de caráter especulativo e inseguro, das conseqüências morais de todos esses fenômenos.

De outro lado (e aqui a razão de ordem prática que demos acima toma um caráter mais amplo e profundo) seria injusto, frente aos dados adquiridos, terminar esta obra sem tocar de forma mais direta algumas das convicções mais profundas do homem. Sua influência não deve estar limitada às conclusões, por mais importantes que sejam algumas delas, que se depreendem imediatamente. Essas descobertas são de natureza a contribuir, em especial, para o acabamento final do programa de dominação científica que a *Instauratio Magna* formulou para a humanidade. Bacon previu a vitória progressiva da observação e da experiência, o triunfo do fato real e analisado, em todos os domínios do saber humano; em todos, menos um. Com efeito, abandonou à autoridade e à fé o domínio das "coisas divinas". Desejo mostrar que essa grande exceção não está ainda justificada. Acho que existe um método de chegar ao conhecimento dessas coisas divinas com a mesma certeza e segurança tranqüila que devemos aos progressos no conhecimento das coisas terrestres. A autoridade das religiões e das igrejas será, dessa forma, substituída pela observação e a experiência. Os impulsos da fé se transformarão em convicções racionais e solucionadas que farão nascer um ideal superior a todos os que a humanidade concebeu até hoje.

Na maioria, os leitores das páginas anteriores estarão, sem dúvida, preparados para uma opinião expressa com tanta franqueza. Mas serão poucos aos que esta opinião não parecerá, à primeira vista, estranha e inverossímil. A filosofia e a ortodoxia colocar-se-ão de acordo para torná-la presunçosa e a própria

ciência não aceitará sem objeção que se aceite em seus quadros fatos cuja existência costumava negar desde os tempos mais remotos e cujo valor desconhece. Não estou menos convencido de que a mudança de ponto de vista que proponho parecerá à reflexão como mais do que necessário, como inevitável.

Não necessito descrever aqui, extensamente, a inquietação profunda de nossa época. Em nenhuma outra o grau de satisfação espiritual do homem esteve tão baixo, no que diz respeito à intensidade de suas necessidades. O antigo alimento, ainda que administrado de modo mais circunspecto, é demasiadamente pouco substancioso para nós, modernos. Duas correntes opostas atravessam nossas sociedades civilizadas: de um lado a saúde, a inteligência, a moralidade, todos esses dons que os progressos rápidos da evolução planetária proporcionam ao homem, adquiriram proporções extraordinárias; do outro, esta mesma saúde e prosperidade ressaltaram ainda mais o *Welt-Schmers* [101] que corrói a vida moderna, a perda de toda a fé real na dignidade, no sentido, na infinidade da vida.

São muitos, com certeza, os que aceitam, com facilidade, essa limitação do horizonte, os que vêem sem pena que toda esperança elevada se dissipa e obscurece sob a influência das atividades e prazeres terrenos. Mas outros existem que não se dão por satisfeitos com tão pouco; parecem crianças demasiado grandes para os jogos com que se lhes divertem e que estão dispostos a cair na indiferença e no descontentamento, contra os quais o único remédio consiste na iniciação nos trabalhos sérios dos homens.

Conheceu a Europa uma crise semelhante. Época houve em que a candura alegre, os impulsos irrefletidos, do mundo primitivo desapareceram, onde a beleza deixou de ser o culto dos gregos e Roma a religião dos romanos. A decadência alexandrina, a desolação bizantina, encontraram sua expressão em diversos epigramas que poderiam ter sido escritos em nossos dias. Produziu-se, então, uma grande invasão do mundo espiritual e com as novas raças e os novos ideais a Europa recobrou a juventude.

O único efeito deste grande impulso cristão começa, talvez, a atenuar-se. Porém, mais benesses podem vir de uma região donde a graça viera certa vez. A agitação de nossa época é a da adolescência, não a da senilidade; anuncia antes a proximidade da puberdade, que a da morte.

O que nossa época exige não é o abandono de todo esforço, mas uma tensão de todos os nossos esforços; está madura para um estudo das coisas invisíveis tão sério e sincero como o que a ciência aplicou aos problemas terrestres. Em nossos dias, o instinto científico, desenvolvido há pouco na humanidade, parece tomar fôlego para adquirir a importância que o espírito religioso teve no passado, e se existe a menor fenda através da qual seja possível ver o que ocorre fora da cadeia planetária, nossos descendentes apressar-se-ão em se valer dela e desenvolvê-la. O esquema de conhecimentos que se impõe a esses investigadores deve ser tal que, mesmo *superando* nossos atuais conhecimentos, *dê-lhes seguimento*; por conseguinte, tratar-se-á de um esquema não-catastrófico, mas evolucionista, não promulgado e terminado num momento, mas que se desenvolve aos poucos em investigações progressivas.

Não deve, da mesma forma, existir uma mudança contínua, um progresso sem fim do ideal humano, de sorte que a fé abandone seu ponto de vista limitado para colocar-se no do futuro sem fim, menos para suprir as lacunas da tradição do que para tornar mais intensa a convicção de que existe uma vida superior, para a qual se deve trabalhar, uma santidade que se pode alcançar um dia, em virtude de uma graça e mediante esforços até aqui desconhecidos?

Pode ser que nas gerações vindouras a fé mais verdadeira consista nos incessantes esforços para encontrar entre os fenômenos confusos algum indício do mundo superior, de encontrar "a substância das coisas aguardadas, a prova das coisas invisíveis". Confesso, por meu lado, que, com freqüência, tenho a impressão de que nossa época foi favorecida de forma excepcional, que nenhuma revelação, nem certeza futuras, igualará a alegria desse grande esforço contra a dúvida em prol da certeza, contra o materialismo e o agnosticismo que acompanharam os

primeiros avanços da ciência, por uma convicção científica mais profunda de que o homem possui uma alma imortal. Não conheço outra crise de fascínio mais intenso; mas isto não é, talvez, depois de tudo, senão a incapacidade da criança faminta de imaginar coisa mais agradável que o primeiro pedaço de pão que leva à boca. Demos-lhe apenas *isto* e pouco se importará em saber se um dia será primeiro ministro ou trabalhador rural.

Por transitório e dependente que seja o lugar que ocupamos na história dos esforços humanos, é outra nuance de um sentimento que muitos conheceram. Sentiram especialmente que a incerteza comunica à fé um alcance e um valor que a certeza científica é incapaz de oferecer. Experimentaram uma alegria austera na escolha da virtude, sem alcançar qualquer recompensa da virtude. Essa alegria, semelhante à alegria de Colombo ao navegar a oeste de Hierro, não pode ser, talvez, reproduzida sob os mesmos aspectos. Todavia, para descer a uma comparação mais humilde, jamais o homem será capaz de se dedicar ao estudo com o mesmo espírito de fé pura, sem antecipação dos resultados, como ao aprender o alfabeto nos joelhos de sua mãe. Diminuiu, depois, nosso esforço intelectual? Sentimos que já era desnecessário lutar contra a inércia, porque soubemos que o conhecimento trazia uma recompensa segura?

As variedades das alegrias espirituais são infinitas. Na época de Tales, a Grécia experimentara a alegria da primeira noção vaga da unidade das leis cósmicas. Na época do Cristianismo a Europa recebera a primeira mensagem autêntica de um mundo situado além do nosso. Em nossa época prevalece a convicção de que as mensagens são capazes de se tornarem contínuas e progressivas, que entre o mundo visível e o invisível existe um caminho de comunicação que as gerações futuras desejarão alargar e iluminar. Nossa época pode parecer a melhor; as deles lhes parecerão igualmente melhores e maiores.

Evolução espiritual: esse é o nosso destino neste e no outro mundo; a evolução gradual em numerosas etapas, à qual é impossível designar um limite. E a paixão da vida não é a debilidade egoísta, antes, um fator de energia universal. Deve-se manter sua força intacta, mesmo quando nossa lassidão nos impulsione a

cruzar os braços num repouso eterno; deve sobreviver e aniquilar as “dores que conquistam a verdade”. Se os gregos consideravam como uma deserção do posto designado na batalha o fato de deixar através do suicídio a vida terrestre, quanto mais é covarde o desejo de desertar do cosmos, a resolução de nada esperar, não só do planeta, mas do conjunto das coisas!

Todavia, o homem pode sentir-se na sua casa no universo infinito; o pavor maior já passou; a verdadeira segurança começa a ser adquirida. O medo maior era o da extinção ou de solidão espiritual; a verdadeira segurança reside na lei da telepatia.

Elucidarei meu pensamento. À medida que consideramos os diversos aspectos sucessivos da telepatia, vimos que o conceito se alargava e se tornava mais profundo, gradualmente, durante o curso de nossos estudos. Ao princípio, se nos mostrou como uma transmissão quase mecânica de idéias e imagens de um cérebro a outro. E finalmente vimos que revestia uma forma mais variada e imponente, como se expressasse a verdadeira invasão por um espírito longínquo. Pudemos assinalar à sua atividade uma extensão maior que qualquer espaço da terra ou do oceano, preenchendo o abismo que separa os espíritos encarnados dos espíritos desencarnados, o mundo visível do invisível. Dir-se-ia não existir limite para a distância de suas operações, como não há para a intimidade de suas invasões.[102]

O amor, que segundo a definição de Sófocles, impulsiona “as bestas, os homens e os deuses”, com idêntica força, não é o efeito de um impulso carnal ou de um capricho emocional. Pode-se, agora, melhor definir o amor, como fizemos com o gênio, em termos que lhe dão um novo sentido, mas relacionando com os fenômenos que descrevemos. O gênio é uma espécie de clarividência exaltada, mas não desenvolvida. A invasão subliminar que inspira o poeta ou o músico dá-lhes uma profunda percepção, porém vaga, desse mundo invisível, no qual o vidente ou o médium lança um olhar mais restrito, porém mais exato. Da mesma forma, o amor é uma espécie de telepatia exaltada, mas não especializada, a expressão mais simples e universal dessa soberania dos espíritos, que são o fundamento da lei da telepatia.

Essa é a resposta ao medo de outros tempos. O medo tornou a sociabilidade do homem uma coisa exterior e a solidão uma coisa interior; fez-nos considerar os laços que nos unem a nossos semelhantes como resultado da luta pela existência, como gerados pelas necessidades do poder e coesão gregárias; e temia-se que o amor e a virtude desaparecessem como haviam nascido. Essa é a resposta aos que temem que pela separação dos centros da consciência estejamos condenados a ser sempre estranhos, quando não hostis uns aos outros, que as uniões e as sociedades sempre sejam interesseiras e ilusórias e o amor um armistício momentâneo no curso de uma guerra infinita e inevitável.

Esse medo desaparece desde que admitamos estarmos unidos pela alma aos nossos semelhantes, que o corpo separa, mesmo quando pareça unir, de sorte que "jamais o homem vive ou morre só", senão que num sentido mais amplo que o da metáfora, "todos somos membros uns dos outros". Como os átomos, como os sóis, como as vias-lácteas, nossos espíritos são sistemas de forças que vibram continuamente sob a dependência mútua de suas forças atrativas.

Tudo isso está apenas esboçado; são os primeiros contornos de um esquema de pensamento que demorará séculos para se desenvolver. Mas podemos supor que, quando o conceito do vínculo existente entre as almas tenha se enraizado, os homens desejarão voltar ao antigo egoísmo, ao antigo estado de beligerância? Não verão que esse conhecimento que alarga o mundo é, por sua vez, antigo e novo, que *die Geisterwelt ist nicht verschlossen*? [103] Que as revelações desse gênero sempre existiram, mas que agora adquirem para nós um sentido mais amplo, graças à ciência mais exata dos que as enviam e dos que as recebem?

Temos aqui, seguramente, um conceito mais amplo e exato do que todos os conhecidos, desta "educação religiosa do mundo", sobre a qual os teólogos gostavam de insistir. Não temos necessidade nem de "intervenção sobrenatural", nem de "plano de redenção". Apenas temos que admitir que o mesmo processo expresso em nossos dias sempre se manifestou neste e no outro mundo.

Suponhamos que enquanto os homens encarnados evoluíram do estado selvagem ao civilizado, os homens desencarnados fizeram o mesmo. Suponhamos que se tornaram mais capazes e ansiosos de servir-se, nas suas comunicações com a terra, das leis que presidem as relações entre o mundo material e o espiritual.

De acordo com esta hipótese, os fenômenos automáticos que se produzissem não seriam intencionalmente modificados pelo poder espiritual. Sempre devem ter existido pontos de contato em que as coisas invisíveis se chocassem com as visíveis. Sempre houve "migrações clarividentes", durante as quais o espírito do feiticeiro ou do bruxo distinguia coisas distantes da terra pelo poder incursivo do espírito. Sempre existiram aparições no momento da morte, efeitos conscientes ou inconscientes do choque que separa a alma do corpo e sempre houve *assombrações* quando o espírito já desencarnado voltava a ver, num sonho perceptível a outros, as cenas que assistira antes.

Com base nesses fenômenos desenvolveram-se (para não falar na Europa civilizada), a religião das adivinhações, antes, depois a religião cristã. As oferendas em ouro, de Creso ao oráculo de Delfos, nos proporcionam, a favor da clarividência de Pítias, o único testemunho que podemos esperar de uma tradição que nos vem dos primórdios da história.

E assim não compreenderemos melhor o caráter único e a realidade da revelação cristã, considerando-a como o grau culminante de uma evolução mais do que como uma exceção, como sendo chamada não para destruir a lei cósmica, senão para completar a sua efetivação? Pela primeira vez na história humana chegou do mundo invisível uma mensagem almejada por todos os corações, uma mensagem que satisfazia às necessidades fundamentais não só desta época, mas das que a seguem. *Intelectualmente* essa mensagem não podia satisfazer todas as épocas vindouras, em função da evolução do conhecimento e do poder que devia realizar-se quer do lado dos espíritos encarnados, quer dos desencarnados.

Ninguém, no momento da revelação, suspeitava dessa uniformidade, dessa continuidade do Universo que uma longa

experiência quase transformou num axioma. Ninguém poderia prever o dia em que a busca de um milagre se transformasse na busca de uma lei superior.

Essa nova orientação científica não constitui, a meu ver, privilégio exclusivo dos habitantes terrestres. O mundo espiritual, como creio ter demonstrado, apresenta manifestações dessa mesma índole. Mas essas manifestações se produzem e devem produzir-se de acordo com o esquema da evolução normal. Devem repousar na educação, na separação do que entre os mortais constitui parte do invisível e participa do mundo imortal. O processo deve ser rápido e contínuo de ambos os lados. Achamo-nos na presença não de alguns acontecimentos isolados no passado (suscetíveis de ser interpretados de uma ou de outra forma, mas nunca renováveis), mas de um estado de coisas real e que se confunde com o mundo, que reconhecemos com uma clareza crescente de ano para ano, e que se volta numa direção cada vez mais previsível. Esse novo aspecto das coisas tem necessidade de uma nova generalização, de uma nova disposição; mostra-nos a possibilidade de uma síntese provisória da fé religiosa que constituirá a verdadeira conclusão desta obra.

Esboço provisório de uma síntese religiosa

Tenho motivos para esperar que não estejamos longe de uma síntese religiosa que, apesar de seu caráter provisório e rudimentar, acabará estando mais relacionada com as necessidades racionais do homem do que qualquer das que a precederam. Esta síntese não pode ser obtida nem graças ao mero domínio de uma das religiões existentes, nem pelo processo de sincretismo ou de ecletismo. A condição prévia, necessária à sua existência, consiste na real aquisição, quer com o auxílio das descobertas, quer em conseqüência de revelações de novos conhecimentos, utilizados de modo que todas as principais formas de pensamento religioso possam, através de uma expansão e um desenvolvimento harmonioso, formar simples elementos constitutivos de um todo mais compreensível. E acredito que, até o presente, adquirimos conhecimentos suficientes para me permitirem submeter aos leitores as conseqüências religiosas que, a meu ver, deles decorrem.

Por isso o nosso conceito de religião deve ser ao mesmo tempo profundo e claro, conforme a definição que demos e que é a de uma resposta normal e sadia do espírito humano a tudo que conhecemos da lei cósmica, isto é, a todos os fenômenos conhecidos do universo, considerados como um *todo* inteligível. Porém, a resposta subjetiva da maioria dos homens a tudo o que os rodeia cai, com freqüência, sob o nível do verdadeiro pensamento religioso: espraia-se em desejos, aprisiona-se nos ressentimentos ou se deforma pelos medos supersticiosos. Não é, pois, desses homens que falo, senão daqueles a quem o grande espetáculo inspirou uma vaga tendência à fonte de todas as coisas, em direção às quais o conhecimento gerou a meditação e os desejos elevados. Queria ver a ciência, depurada pela filosofia, transformar-se em seguida pela religião numa chama abrasadora; porque, na minha opinião, nunca seríamos demasiadamente religiosos. Desejo que o universo que nos circunda e nos atravessa, sua energia, sua vida, seu amor, ilumine em nós, na medida que nos submetamos a ele, o que atribuímos à alma universal ao dizer: “Deus é amor”, “Deus é a luz”. A energia inesgotável da benevolência onisciente que reside na alma universal deve transformar-

se em nós numa adoração e numa colaboração entusiástica, numa obediência ardente ao que nossos melhores esforços nos permitem distinguir como o princípio regulador, em nós e fora de nós.

Mas, se tivermos da religião um ideal tão alto, elevando-a por sobre a cega obediência e o medo interesseiro, até o ponto de tornar a submissão a ela inteiramente voluntária, e de limitar suas exigências a respostas essencialmente espirituais, temos o direito de nos perguntar se é justo e razoável ser religioso, considerar com uma devoção tão completa um universo aparentemente incompleto e irresponsável em um princípio regulador que tantos ignoram ou colocam em dúvida.

O pessimista é da opinião de que os seres sensíveis são um erro no sistema das coisas. O egoísta *age* concorde com a máxima de que o universo carece de significação moral e que cada um por si "é a única lei indiscutível". Atrevo-me a pensar que da resposta ao pessimista e ao egoísta se depreende o ideal de nossos novos conhecimentos. Persiste, é certo, uma dificuldade mais sutil, que as almas generosas sentem instintivamente. "O mundo, dizem essas pessoas, é uma residência imperfeita e nosso dever é fazer o possível para melhorá-la. Mas o que é que nos impele a sentir (e a fração mínima de nossa felicidade pessoal justifica um sentimento semelhante) um *entusiasmo religioso* por um universo no qual um único ser esteja condenado pela sua sensibilidade às dores inevitáveis?

A resposta a esses escrúpulos morais não pode, em grande parte, ser ditada pela fé. Se, com efeito, soubéssemos que nada existe além da vida terrestre, ou (o que é pior) que esta vida só supôs infindáveis sofrimentos a uma só alma, seria, de nossa parte, uma fraude moral atribuir o poder e a bondade à primeira causa, pessoal ou impessoal, de semelhante destino. Mas se acreditássemos na existência de uma vida infinita, com infinitas possibilidades de aprimoramento humano e de justificação divina, então parece exato afirmar que o universo é (de um modo que nos escapa) ou perfeitamente bom, ou em vias de sê-lo, pois pode transformar-se, em parte, graças ao ardor de nossa fé e de nossa esperança.

Nada mais faço do que mencionar estas dificuldades do início; e não insistirei sobre elas. Falo aos homens decididos, em virtude de seu instinto ou de sua razão, a serem religiosos, a aproximarem-se com uma veneração devota a um Poder e a um Amor infinitos. Nosso desejo é, simplesmente, encontrar o meio menos indigno de pensar em coisas que, necessariamente, estão além de nosso pensamento finito.

Podemos dividir as melhores emoções religiosas em três variedades, três correntes que correm paralelamente e cada qual surge, em minha opinião, de alguma fonte oculta na realidade das coisas.

Colocarei, em primeiro lugar, o sentimento obscuro dos livres-pensadores, pertencentes a diferentes épocas e a diferentes países e que designarei para evitar qualquer definição discutível, com o nome de *religião dos antigos sábios*. Sob esta denominação (ainda que Lao-Tsé não seja, talvez, mais do que um nome) ele nos foi apresentado num escorço sumário do grande sábio e poeta de nossa época; e as expressões como religião natural, panteísmo, platonismo, misticismo, nada mais fazem do que exprimir ou intensificar os diversos aspectos do conceito primordial que forma a base do sentimento em causa.

É o conceito da coexistência e da interpenetração de um mundo real ou espiritual e de um mundo material ou fenomenológico, crença nascida em muitos espíritos como conseqüência de experiências ao mesmo tempo mais decisivas e mais coerentes de quantas eles já tivessem conhecido. Repito: mais decisivas porque supõem o aparecimento e a atividade de um sentido que é "o último e mais amplo" de uma capacidade que permite abraçar, não direi a Deus (pois qual é a faculdade finita que pode abraçar o infinito?), mas, ao menos, alguns indícios vagos e fragmentários de um verdadeiro mundo de vida e amor. E mais coerente também por uma razão que, até estes últimos anos, parecera um paradoxo. Porque a colaboração mútua desses signos e mensagens não depende somente da sua própria concordância fundamental, até um certo ponto, mas também da inevitável divergência além desse ponto, quando passam do domínio das coisas

sentidas ao das coisas imaginadas, da região da experiência real à da fé dogmática.

A religião dos sábios antigos é de uma antigüidade desconhecida, o mesmo acontecendo com as diferentes religiões orientais, que nos tempos históricos alcançaram seu ápice na religião de Buda. Para o budismo, todos os universos que se interpenetram formam outros tantos graus pelos quais o homem segue seu caminho ascendente, até ver-se livre de toda ilusão e desaparecer inefavelmente no todo impessoal. Mas a doutrina de Buda perdeu todo o contato com a realidade e não se fundamenta em fatos observáveis que se possam reproduzir.

O cristianismo, a mais jovem de todas as grandes religiões, repousa, incontestavelmente, sobre uma base formada por fatos observados. Esses fatos, tal como nos transmitiu a tradição, tendem seguramente a provar o caráter sobre-humano do fundador do cristianismo e seu triunfo sobre a morte, e ao mesmo tempo a existência e a influência de um mundo espiritual que é a verdadeira pátria do homem. Todos reconhecem que essas idéias se encontram na origem da fé. Mas desde os primórdios o cristianismo foi elaborado em códigos morais e rituais adaptados à civilização ocidental e crêem alguns que adquiriu, como regra de vida, o que perdeu como simplicidade espiritual.

Do ponto de vista do sábio antigo, as profundas igualdades de todos esses sistemas religiosos apagam suas oposições formais. Mas, advirto, não é da soldagem desses sistemas, nem do amálgama das melhores partes de cada uma das sínteses existentes que nascerá a nova síntese que prevejo. Nascerá do próprio renascimento de nossos conhecimentos e nesses conhecimentos novos cada uma das grandes formas do pensamento religioso encontrará seu desenvolvimento indispensável, diria mesmo quase predestinado. Desde seus albores nossa raça deparou-se com um caminho proibido; e, atualmente, as primeiras lições de sua primeira infância lhe revelam que grande parte do que acreditara instintivamente tem sua origem, sua raiz, na própria realidade.

Resumirei a conclusão religiosa que se depreende da observação e da experiência, antes que nossas descobertas possam ser

citadas diante do tribunal da ciência, para nele receber sua definitiva consagração.

Digo *conclusão religiosa* porque suponho que as observações e as experiências sobre as quais me apoio sejam conhecidas; essas observações, experiências e deduções levaram diversos pesquisadores, eu entre eles, a acreditar na intercomunicação direta ou telepática, não só entre os espíritos encarnados, mas também entre os espíritos encarnados de um lado e os desencarnados de outro. Uma semelhante *descoberta* abre, igualmente, as portas à *revelação*. Graças à descoberta e à revelação, certas opiniões foram provisoriamente formuladas, no que concerne ao destino das almas livres dos corpos. Primeiramente e antes de tudo, acredito que estejamos autorizados a considerar seu estado como o de uma evolução infinita na sabedoria e no amor. Seus amores terrestres persistem e, acima de tudo aqueles amores superiores que procuram se manifestar na adoração e no culto. Não me parece seja possível tirar de seu estado argumentos para favorecer qualquer das existentes teologias. Onde se encontram, as almas parecem bem menos resignadas do que nós mortais acreditamos. Todavia, das alturas da posição privilegiada que ocupam no universo enxergam o que é bom. Não quero com isto dizer que saibam o que se relaciona ao fim ou a explicação do mal. Mas acham que o mal não é uma coisa tão terrível, mas que se apodera de nós e nos escraviza. O mal não se encontra encarnado em nenhuma autoridade poderosa; é, antes, um estado de loucura isolada, do qual os espíritos superiores tentam livrar as almas desnaturadas. Não há necessidade, para isso, da purificação pelo fogo; o autoconhecimento é o único castigo e a única recompensa do homem. Neste mundo, o amor é, realmente, a condição da conservação pessoal; a comunhão com os santos não é só o encanto da vida, mas a segurança da eternidade. Mas a lei da telepatia nos mostra que essa comunhão já se produz, de tempo em tempo, neste mundo. Sempre o amor das almas responde às nossas invocações. Sempre o amor, associado às nossas lembranças, o amor que é por si uma prece, ampara e reconforta essas almas libertas no seu caminho ascendente. Isto nada tem de assombroso, porque somos, com relação a elas, como compa-

nheiros de jornada, envoltos na bruma; “nem a morte, nem a vida, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer criatura são capazes de nos distanciar do fogo central do universo, nem de ocultar, sequer por um momento, a inconcebível unidade das almas.

Qual é o sistema que nos forneceu uma confirmação tão profunda da própria essência da revelação cristã? Jesus Cristo gerou “a vida e a imortalidade”. Por sua aparição, após a morte corporal, provou a imortalidade do espírito. Por seu caráter e seus ensinamentos, provou a paternidade de Deus. Tudo o que sua mensagem continha de dados demonstráveis estão aqui demonstrados; todas as suas promessas de coisas indemonstráveis estão aqui renovadas.

Aventurar-me-ei a uma opinião e a predizer que, graças aos novos dados que possuímos, todos os homens ponderados acreditarão antes de um século na ressurreição de Cristo, enquanto que sem esses dados ninguém acreditaria nela antes de transcorrido esse século. As razões que ditam minha predição são suficientemente claras. Nossa convicção sempre crescente da continuidade e da uniformidade da lei cósmica nos impõe progressivamente esta conclusão de que a *singularidade* de um incidente constitui exatamente sua inevitável refutação. Nosso século científico é penetrado, cada vez mais, pela verdade de que as relações entre o mundo material e o mundo espiritual não podem ser de caráter meramente moral ou emocional; que devem ser a expressão de um grande fato fundamental do universo que supõe a ação de leis tão permanentes, tão idênticas de uma época a outra, como nossas leis conhecidas, no que diz respeito à energia e ao movimento. E no que se refere a esta afirmação central, a vida da alma que se manifesta após a morte corporal é evidente que poderá cada vez menos apoiar-se apenas na tradição e deve, cada vez mais, buscar sua confirmação na experiência e nos estudos modernos. Suponhamos, por exemplo, que colecionamos algumas dessas histórias e que elas não resistiram a uma análise crítica, atribuindo-se todos os fenômenos nelas relatados a alucinações ou a erros nas descrições; podemos esperar que os homens ponderados admitam que esse fenômeno maravilhoso,

que sempre se reduz a nada quando submetido à análise num ambiente inglês moderno, seja digno de fé, desde que se afirme que se produziu num país oriental, numa época distante e supersticiosa? Se os resultados das "investigações psíquicas" tivessem sido essencialmente negativos, os dados (não digo a *emoção*) do cristianismo não teriam recebido um irreparável golpe?

De acordo com minha opinião pessoal, nossas investigações deram resultados muito diferentes, grandemente positivos. Demonstramos que entre um grande número de fatos que se podem atribuir ao erro, à mentira, à fraude e à ilusão, existem manifestações indiscutíveis que nos vêm de além-túmulo. A afirmação capital do cristianismo recebe, dessa forma, uma concludente confirmação. Se nossos próprios amigos, homens como nós, podem às vezes vir para falar-nos de amor e de esperança, um espírito mais forte pode-se servir das leis eternas com maior intensidade. Nada nos impede de reconhecer que ainda que sejamos "filhos do Todo-poderoso", Cristo tenha podido aproximar-se mais que nós, por um caminho que não podemos conceber ao que está infinitamente distante.

Isto dá ensejo a uma veneração ainda maior, por parte do homem. A afirmação difusa e imperfeita da revelação e da ressurreição está confirmada, nos nossos dias, por novas descobertas e revelações; pela descoberta da telepatia, que nos diz serem possíveis comunicações diretas quer entre espíritos encarnados, quer entre espíritos desencarnados; pelas revelações contidas nas mensagens que se originam dos espíritos desencarnados e que mostram, de maneira direta, o que a filosofia só suspeitou: a existência de um mundo espiritual e a influência que exerce sobre nós.

Nossos recentes conhecimentos confirmam, dessa forma, as antigas correntes do pensamento, de um lado corroborando o relato da aparição de Cristo após a morte e nos fazendo ver, de outro, a possibilidade de uma encarnação benfazeja de almas que, antes de sua encarnação, eram superiores à do homem. Isto relativo ao passado. E, no que diz respeito ao futuro, confirmam o conceito budista de uma infinita evolução espiritual, à qual se submete todo o cosmos. Ao mesmo tempo, revestindo-se de um

caráter de realidade cada vez mais pronunciado, o fato de nossa comunicação com os espíritos libertos nos proporciona um sustentáculo imediato e nos deixa entrever a perspectiva de um desenvolvimento infinito, que consistirá num acréscimo da santidade, numa interpenetração cada vez mais íntima, dos mundos e das almas, numa evolução da energia e da vida na tríplice concepção da sabedoria, do amor e da alegria. Este processo, que se realiza de uma maneira diversa para cada alma em particular, é em si mesmo contínuo e cósmico, porque a vida que nasce da energia primitiva diviniza-se para se converter na alegria suprema.

FIM

Notas:

---

[1] Obra em dois volumes, publicada em Londres em 1886. Nela Myers, Gurney e Podmore estudam os curiosos fatos paranormais coletados pela *Society for Psychical Research*. (Nota da Editora.)

[2] "Nada ousar que não seja para desprezar as coisas inúteis." (N. E.)

[3] Esta posição de Myers legitimou-se cientificamente com os surtos posteriores de pesquisas em plano universitário, que deram origem aos sistemas de Metapsíquica e Parapsicologia, iniciados e desenvolvidos com todos os rigores da metodologia científica. (N. E.)

[4] As pesquisas do coronel Albert de Rochas, em Paris, apresentadas em seu livro *L'Exteriorisation de la Sensibilité* (publicado no Brasil com o título *Exteriorização da Sensibilidade*, pela editora Edicel), comprovaram em laboratório os efeitos sugestivos de práticas mágicas, mesmo a distância. (Nota do Revisor.)

[5] Os avanços atuais nesse campo são referidos e analisados no volume *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, de J. Herculano Pires. (N. E.)

[6] Tomei a liberdade de compor a palavra *paranormal* para aplicá-la aos fenômenos que se encontram *além do que ordinariamente acontece*, isto é, em virtude de leis psíquicas que suponho desconhecidas. Esta palavra formou-se por analogia com a palavra *normal*. Por fenômenos anormais designamos não os fenômenos contrários às leis naturais, antes os que nos apresentam estas leis sob uma forma inusitada e inexplicável. Igualmente, um fenômeno paranormal não é, para mim, um fenômeno que *excede* as leis da Natureza, porque, na minha opinião, tal fenômeno não existe, senão o fenômeno pelo qual se manifestam leis, do ponto de vista psíquico, *superiores* às que vigoram na vida cotidiana. E por superior (no sentido fisiológico ou psíquico da palavra) entendo o que corresponde a uma fase mais avançada da evolução.

[7] Outros sábios eminentes (entre eles Alfred Russel Wallace) estavam convencidos, igualmente, da realidade desses estranhos fenômenos, mas não verificaram essa realidade com o necessário cuidado (Richard Granvil, John Wesley, Samuel Johnson, etc.).

[8] Nesse ponto Myers se enganou, tomando por Espiritismo o Néo-Espiritualismo anglo-saxão. No Espiritismo, desde a primeira publicação de Kardec em 1857, os fenômenos paranormais têm duas causas: a *anímica*, ou seja, a alma humana, o psiquismo do médium, e a *espírita*, ou a ação dos espíritos sobre os médiuns. Ver isto no volume *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, de J. Herculano Pires. (N. E.)

[9] Faltava a Myers o conhecimento exato do trabalho de Kardec na *Société Parisienne d'Etudes Spirites*, hoje acessível ao leitor de língua portuguesa graças à tradução e edição da *Revue Spirite* (*Revista Espírita*) em São Paulo. (N. E.)

[10] Os fenômenos paranormais são por assim dizer uma continuidade natural do campo dos fenômenos chamados normais.

Charles Richet propôs a classificação de *fenômenos habituais e inabituais*. O estudo e a pesquisa do paranormal são, portanto, um desenvolvimento legítimo e necessário do processo científico, como Myers pretende. (N. E.)

[11] Reid apóia-se em Descartes e Leibniz: a essência da personalidade é espiritual e se manifesta pelo pensamento (posição cartesiana) e a sua forma ou estrutura, que é unitária, se define pelo conceito leibniziano da *mônada*, espécie de átomo espiritual que é a fonte de toda a vida. (N. E.)

[12] Th. Ribot, *Les maladies de la personalité*, 9ª edição, pág. 170-172, Paris, F. Alcan. A palavra *consenso* é aplicada nesse trecho em seu sentido filosófico de *unidade formada pela interdependência das partes*. Assim, a unidade consciencial, segundo a opinião materialista de Ribot, decorre da unidade corporal, formando ambas, em seu acordo somatopsíquico, a personalidade humana. A alma, nesse caso, seria um efeito da matéria. (N. E.)

[13] A posição atual da Parapsicologia, nos Estados Unidos e na Europa, através de seus principais expoentes, no tocante a esse problema, é exatamente a de Myers. O leitor encontrará as informações necessárias e as indicações bibliográficas no volume *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, de J. Herculano Pires.

[14] As críticas atuais do Prof. Rhine à Psicologia confirmam essa tese de Myers. Por trás do cérebro é que Rhine coloca a mente, não como produto cerebral, mas como a *entidade extrafísica* que se manifesta através do cérebro. E os grandes parapsicólogos europeus, como Soal, Carington, Price e Tischner, endossam com entusiasmo essa posição teórica mas bem fundada nos dados experimentais. (N. E.)

[15] Para atender a essas exigências de sutileza na investigação de fenômenos paranormais, os Profs. Joseph Banks Rhine e William Mac Dougal tiveram de criar novas formas metodológicas e apelar a rigorosos processos de controle nas pesquisas parapsicológicas. Graças a esses cuidados as provas de laboratório impuseram-se ao mundo científico. (N. E.)

[16] Por estranho que pareça, a franqueza de Myers, a sua ausência de preconceitos – em especial o preconceito científico do materialismo – ocasionou o desprezo do seu trabalho pelos meios *científicos*, empenhados num repúdio sistemático às teses espiritualistas ou neutras. Myers teria de esconder a sua aceitação racional da possível existência dos espíritos desencarnados para se fazer ouvir. Hoje, porém, o seu livro ressurge como um marco decisivo no campo das ciências psicológicas e as suas teses vêm socorrer os que abrem caminho em direção à Psicologia Integral, segundo os declarados objetivos da Parapsicologia em rápido desenvolvimento. (N. E.)

[17] As palavras *alma* e *espírito* se equivalem. No Espiritismo faz-se uma distinção relativa: *alma* é o espírito quando encarnado, *animando* um corpo. Após a morte o espírito volta à sua independência e não mais se chama *alma*. (N. E.)

[18] Negar uma possibilidade prática através de teorias, opondo a opinião a indícios constantes fornecidos pelos fatos, é atitude tipicamente anticientífica. Myers definiu bem essa questão no trecho acima. Hoje, com o avanço da própria Física além da matéria e com as conquistas da Parapsicologia, a posição de Myers adquire foros de inegável atualidade. (N. E.)

[19] A palavra *colonial* é aqui aplicada num sentido metafórico, definindo a constituição múltipla dos organismos como numa colônia, sob uma direção central. Em passagens anteriores a substituímos pela palavra *coletivo*, pois a metáfora dificultava a compreensão do texto. (N. E.)

[20] *L'État mental des hystériques*, pág. 171, Pierre Janet.

[21] Esta observação de Myers antecipou a tese de Joseph Nuttin sobre a personalidade normal, em oposição à doutrina freudiana da libido dominadora. Mas o próprio Freud teve vislumbres nesse sentido, e coube ao seu discípulo Karl Jung aprofundar os problemas relativos às forças de sublimação que elevam o homem acima da rede de instintos ligados à conservação da espécie. Assim, também nesse sentido é evidente a atualidade desta obra de Myers. (N. E.)

[22] *Hipnotisme, double conscience*, etc., Paris, 1887, reproduzido pelo Dr. Binet em *Alterations de la Personalité*, pág. 6-20, Paris, F. Alcan.

[23] *Transactions of the College of Physicians of Philadelphia*, 4 de abril de 1888, reproduzido por M. W. James no seu *Principies of Psychology*.

[24] Esse caso foi observado e descrito por Camuset, em *Annales médico-psychologiques*, 1882, pág. 15; por Voisin no *Archives de neurologie*, setembro de 1885; por Berjon, no *La grande hysterie chez L'homme*, Paris, 1886; e por Bourru e Burot no *De la sugestion mentale*, Paris, 1887 (Biblioteca Científica Contemporânea).

[25] Myers se esforça neste capítulo para isolar a personalidade em estudo, separá-la do contexto social em que vive ou viveu. Emprega o método de seccionamento visando ao exame exclusivo a personalidade em si. De certa maneira é um recurso de que se serviu para adequar um pouco mais o seu estudo às exigências da época. Mas esse isolamento é artificial, é a lenda de Robinson Crusoé transportada para a Psicologia. As pesquisas parapsicológicas atuais confirmam a tese espírita da interferência constante de entidades estranhas (vivas ou mortas) nos casos de personalidades múltiplas, seja por efeito telepático ou de presença espiritual junto ao paciente. No Espiritismo as variações de personalidade correspondem também a fenômenos de emersão de personalidades arcaicas, pertencentes a encarnações anteriores e que dormem no inconsciente. Nesses casos, a sua manifestação, se aproveitada terapeuticamente, equivale à catarse psicanalítica, livrando o paciente de sua influência profunda, que produz alterações no comportamento atual. Mas em todos esses casos não se pode excluir ou apagar o contexto, formado por entidades que conviveram no passado e atuam agora sobre o paciente. (N. E.)

[26] A existência de *duas categorias de percepções*, a consciente e a inconsciente, equivalentes à supraliminar e à subliminar,

é hoje ponto pacífico em Psicologia e objeto de intensas pesquisas em Parapsicologia. (N. E.)

[27] Refere-se o autor a Hénaut e não Henault (Jean-François Hénaut), presidente da Câmara de Paris. (N. E.)

[28] Do Prof. Scripture, no *American Journal of Psychology*, IV-I, abril de 1901; Binet, na *Revue Philosophique*, 1895. O artigo de Binet se refere principalmente a Jacques Inandi, o mais recente prodígio, que difere dos demais em ser do tipo auditivo ao invés de visual. Seu dom foi descoberto durante a infância. Sua inteligência geral está sob a mediana. Outro prodígio recente, Diamanti, ao contrário, parece ter uma inteligência mais aberta.

[29] Curioso dado sobre o problema de funcionamento dos hemisférios cerebrais, indicando, pelo menos, a pouca influência que deve ter nas relações da fenomenologia paranormal. Golpe objetivo em teorias que pretendem relacionar a correção do canhotismo ao aparecimento e desenvolvimento de faculdades dessa ordem. (N. E.)

[30] Mind, abril de 1892.

[31] *Le subconscient chez les artistes, les savants et les écrivains*, pelo Dr. Paul Chabaneix, Paris, 1897.

[32] Adolphe Ratté, autor de *La Forêt Bruissante*, poeta simbolista católico, que contou sua conversão num livro de título agressivo: *Du Diable a Dieu* (1863-1930). (N. E.)

[33] Sobre a palavra *demônio*, assim se expressa J. Herculano Pires, em sua obra *No Limiar do Amanhã*, capítulo "Santos e demônios":

"A palavra *demônio* vem do grego *daimon*, que significa espírito, gênio, e não diabo, como se pensa atualmente. *Demônio* quer dizer, simplesmente, *espírito*. (...) Quando havia qualquer problema grave de filosofia a ser resolvido, Sócrates consultava o seu *daimon*..." (N. R.)

[34] O *desdobramento da personalidade* é conhecido no Espiritismo como um fenômeno mediúnico. O médium se afasta do corpo e vai a grandes distâncias, mas não se desliga dele. É

também chamado de *bilocação*. Myers aplica o termo em sentido psicológico. Desdobra-se a mente em duas direções: a supraliminar e a subliminar. (N. E.)

[35] Grifamos esse tópico por sua importância na elucidação psicológica de um dos mais complexos problemas filosóficos de hoje, no campo da Gnoseologia ou Teoria do Conhecimento.

Nesta observação Myers antecipa a contestação científica à teoria existencialista de Karl Jaspers, em nossos dias, sobre a *lei diurna* e a *lei noturna* da existência. Segundo Jaspers, filósofo e psicólogo, essas duas leis são inconciliáveis e dividem a existência humana de maneira irreversível. A *lei diurna* se opõe à *paixão notâmbula*, segundo afirma, e "em nenhuma existência se realiza a sua síntese". Myers, com os dados positivos da observação científica, revela a dialética da vigília e do sono como poder criador, gerador de sínteses superiores. (N. E.)

[36] Nesse trecho Myers antecipou a moderna teoria psicológica, exposta inicialmente por Pietro Ubaldi em *A Grande Síntese*, de que a complexidade psíquica do homem projeta-se na complexidade das máquinas. Mas acrescentou o problema da reciprocidade com a influência das máquinas sobre os homens. (N. E.)

[37] Uma gentilimagem surgia no canto
Com a mesma forma de Vênus surgindo do mar.

[38] François Curel (Visconde de Curel) celebrizou-se por seus dramas psicológicos, repassados de lirismo e agudeza mental. Iniciou sua carreira como naturalista, evoluindo depois para a escola psicológica (1854-1928). (N. E.)

[39] Pertencendo à corrente da ciência psíquica inglesa, Myers não se aprofundara no conhecimento do Espiritismo, como já vimos anteriormente. Se houvesse estudado *O Livro dos Espíritos*, de Kardec, certamente se assustaria de ver que as suas hipóteses já se encontravam lá, de maneira mais racional e coerente. As potencialidades que ele atribui ao protoplasma –

criando uma dificuldade lógica para a lei da evolução – pertencem ao *princípio inteligente*, a substância espiritual do Universo, de onde se desenvolve a sensibilidade rudimentar dos vegetais primários. A teoria bergsoniana do *elã vital* que penetra na matéria e vai aos poucos dominando-a, como a teoria aristotélica de *forma e matéria*, ou as teorias mais recentes do Padre Teilhard de Chardin seguem essa mesma linha. Léon Denis, discípulo e continuador de Kardec, definiu esse mistério numa frase famosa: *A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem*. Eis "a mais humilde alusão à lei desconhecida" que Myers desejava. (N. E.)

[40] *Eneida*, XII, 908; *Ilíada* XXII, 199.

[41] *S. P. R. – Society for Psychical Research* (Sociedade de Investigações Psíquicas)

[42] *Brain*, janeiro 1887.

[43] *De l'Intelligence*, 1, pág. 119.

[44] *Archives de Medicine*, 1876, I, pág. 554.

[45] *An Experimental Study in Hypnotism*, pelo Dr. R. Von Kraft-Ebbing, versão inglesa de chaddock, pág. 91.

[46] *Revue d'Hypnotisme*, junho 1891, pág. 302.

[47] *Les Rêves*, pág. 136. Esse indivíduo notável apresenta, nas suas lembranças das diferentes fases de sua personalidade, diversas formas de comunicações. Ver pág. 192-200, onde figuram exemplos dessas lembranças complexas.

[48] *Revue de Medicine*, fevereiro 1892, e na obra de Pierre Janet, *Nevroses et Idées fixes*, I, pág. 116 e seguintes, Paris, F. Alcan.

[49] *Proceedings of the S. P. R.*, V, pág. 507.

[50] Essa faculdade é hoje explorada na propaganda subliminar do rádio, da televisão e do cinema, além de outras aplicações no campo didático. (N. E.)

[51] *Revue Scientifique*, 3ª série, XXXII, pág. 167.

[52] Esse problema está hoje praticamente resolvido na Parapsicologia atual. No Espiritismo, desde Kardec é observada a

divisão básica de *fenômenos anímicos* e *fenômenos espíritas*, não absoluta, pois em qualquer dos campos há geralmente influências provenientes do outro. (N. E.)

[53] Myers interpreta o caso como *telepático*. Mas pode ser *telestésico*, uma percepção à distância, o que evita o desvio e a intervenção da sogra e da esposa no fenômeno. Veja-se *Comunicações Mediúnicas entre Vivos* e *A Crise da Morte*, de Ernesto Bozzano. (N. E.)

[54] As pesquisas do Prof. Ernesto Bozzano, em *Comunicações Mediúnicas entre Vivos*, mostram que entre o sono e a vigília há uma área diurna de ação independente do espírito. Essa área se constitui dos chamados instantes de *ausência psíquica* – distração, cochilo, fuga mental –, que representam momentos hipnóticos de interferência na vigília. Assim, *as operações especiais do sono* a que Myers se refere não se restringem apenas ao tempo do sono. Bozzano demonstra, com fatos, que elas se realizam também, e às vezes de maneira bastante intensa, nos intervalos hipnóticos da vigília. As visões, as premonições, os fenômenos de hiperestesia, etc., só podem ocorrer graças a essa possibilidade de evasões efêmeras do espírito à pressão externa da vida de vigília. Somos *interexistentes*, vivendo ao mesmo tempo em dois mundos, o material e o espiritual, mas sempre atraídos por este último, que corresponde à nossa natureza de espíritos. (N. E.)

[55] *Recherches physiologiques sur l'homme*, Paris, 1811; *Memoires pour servir a l'histoire et à l'etablissement du magnetisme animal*; *Du magnetisme animal consideré dans ses rapports avec diverses branques de la physique general*, etc.

[56] Dr. Hill, em *British Med. Journ.*, 4 de julho de 1891.

[57] Neste caso Myers parece fazer uma concessão indevida à concepção materialista, e isso em virtude de sua teoria da dupla adaptação da consciência supraliminar ao mundo físico e da consciência subliminar ao mundo espiritual. São dois enganos tanto mais evidentes quanto quebram a lógica admirável dos seus estudos. A hiperestesia e a heterestesia, como hoje o de-

monstram as pesquisas parapsicológicas e como há um século já demonstraram as pesquisas espíritas (ver Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, segunda parte, capítulo VI, *Estudo sobre as sensações nos espíritos*), são fenômenos de exteriorização da alma, que nesses casos prescinde dos órgãos sensoriais. Ver também: J. Herculano Pires, *Parapsicologia Hoje e Amanhã*. (N. E.)

58 Os estudos e as pesquisas atuais não avançaram muito no campo da alucinação. O famoso livro de Tyrrell sobre a questão oferece uma teoria que pode ser considerada alucinatória com a estrutura de uma montagem de televisão para explicar o fenômeno. Myers coloca o problema nos termos da teoria espírita ao mostrar que se trata de efeito telestésico. A transferência de sentidos (hipótese absurda) foi também explicada por Kardec como percepção pelo espírito (direta e portanto telestésica), dando ao sujeito a impressão ilusória de que percebe pelas pontas dos dedos ou através de outros órgãos desprovidos de aparelhamento visual. (N. E.)

59 Ver *Bulletins de la Société de Psychologie Physiologique*, I, pág. 24 e *Revue Philosophique*, agosto 1886.

60 As experiências de ação hipnótica à distância foram repetidas com êxito na Parapsicologia atual. Ao mesmo tempo, a efluviografia desenvolveu-se amplamente, provando a existência das influências referidas por Myers. (N. E.)

61 A atual *Filosofia da Interexistência* foi aqui antecipada por Myers como extrema lucidez. O homem não é apenas o existente das Filosofias da Existência, mas o *interexistente*, vivendo entre dois mundos, entre duas hipóstases existenciais. (N. E.)

62 A teoria do elã vital, que Henri Bergson proporia em nossos dias, é a mesma solução aventada por Myers. O elã vital é o tipo *sui generis* que o pensamento do autor antecipava com inegável clarividência. (N. E.)

63 A expressão *mais além da abóbada celeste* é uma concessão de Myers à linguagem comum, com vistas à necessidade de

mais generalizada compreensão do problema. Vemos, neste final de capítulo, que Myers atingiu uma concepção da vida e do homem, induzida cientificamente das experiências e pesquisas psicológicas e hipnóticas, que o colocam acima dos conceitos vulgares. Sua concepção do mundo é monista-espiritual e de bases científicas – empíricas e indutivas – segundo o modelo kardecista. Merece anotação especial a sua definição da morte, que figura neste final de capítulo. (N. E.)

[64] As visões no cristal são projeções anímicas de fenômenos ideo-emotivos ou de percepções extra-sensoriais. Myers complicou de tal forma a questão nesse trecho que se tornou enigmático. Há também alguns fenômenos de projeções ideoplásticas. (N. E.)

[65] No item 540 de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, encontramos este princípio: "Tudo se encadeia no Universo, desde o átomo até o anjo, que também já foi átomo." (N. E.)

[66] Em seu livro *Phantasms of the Living* e na obra de Podmore, *Apparitions and Thougt-transference*.

[67] É evidente que se trata de uma tradução simbólica, na consciência supraliminar, de uma percepção da consciência subliminar. M. L. está em pé, contente, em traje de passeio e com sua bengala porque não está morto, mas inicia como espírito uma vida nova e melhor. (N. E.)

[68] É evidente que não existe razão alguma teórica para limitar a telepatia aos seres humanos. Pode existir tanto entre os homens e animais inferiores, como entre os animais. (*)

(*)Ver a situação atual desses problemas em *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, de J. Herculano Pires. (N. E.)

[69] Ver, em *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, de J. Herculano Pires, o capítulo sobre "precognição". (N. E.)

[70] Esta observação de Myers está hoje comprovada pelas pesquisas parapsicológicas. (N. Rev.)

[71] As pesquisas atuais demonstram que a transmissão telepática não se assemelha à telegráfica, como então se acreditava,

mas se abre como onda hertziana, podendo ser captada ao mesmo tempo por várias pessoas e em vários lugares. (N. E.)

[72] O caso é realmente curioso e merece maior confirmação. A paciente era a sra. Helen Alexander, que aliás morreu duas horas depois de assistida por Reddell. Uma irmã da falecida, que também acompanhara os pais, confirmou, na chegada deles a Antony, o pormenor a que faz referência o nosso autor, o qual, dizendo haver muita semelhança entre a visão e a genitora, acrescenta que não havia nenhuma semelhança entre mãe e filha, o que dá muito valor ao caso, pois se a filha se parecesse com a mãe, poderiam alegar os possíveis contraditores ter havido uma transmissão telepática (ou coisa parecida) por parte de Reddell. Mas sendo muito grande a dessemelhança, e não conhecendo ele a genitora da paciente, que transmissão telepática poderia haver ou ter havido? (N. E.)

[73] Hoje a Parapsicologia sustenta que todos os fenômenos paranormais se reduzem a um denominador comum, que é *psi*, a faculdade de percepção e comunicação do inconsciente (mente subliminar). *Psi* é una em essência e múltipla em manifestação. No Espiritismo, desde 1857 a faculdade mediúnica (*psi* em parapsicologia) é considerada una e múltipla. (N. E.)

[74] Essa diferenciação foi também obtida pela Parapsicologia moderna através de testes especialmente elaborados. (N. Rev.)

[75] Sabe-se hoje que o álcool é estimulante de faculdades paranormais, quando usado em excesso. (N. E.)

[76] A *autoprojeção*, hoje mais conhecida como *projeção do eu*, aparece assim como um traço de união entre as duas formas existenciais do homem: tanto em vida quanto após a morte podemos realizá-la com a mesma objetividade e as mesmas características. (N. E.)

[77] Ver *I morti ritornano* e *Comunicações mediúnicas entre vivos* (este em português, de Ernesto Bozzano); mais recentemente, *Os canais ocultos da mente* de Luiza Rhine. As objeções de Gurney e Myers à realidade dessas manifestações estão hoje superadas. Tanto as investigações psíquicas quanto os

fatos espontâneos investigados pela professora Rhine nos Estados unidos e as investigações atuais sobre a reencarnação provaram a autenticidade dessas manifestações. (N. E.)

[78] Lembremos que em certas experiências, como na escrita automática, a impressão se produz pelo sistema *motor* e não *sensorial* do sujeito, de modo que ele não se apercebeu nunca, diretamente, dela.

[79] Ver caso 500 no *Phantasms of the Living*, II, pág. 462.

[80] As pesquisas parapsicológicas atuais demonstraram que uma transmissão telepática pode ser captada antes ou depois da sua emissão pelo agente. Os fenômenos *psi* não estão sujeitos ao condicionamento espaço-temporal. (N. E.)

[81] Por "comuns" entendo os grupos reconhecidos e estudados em *Phantasms of the Living*. Mas, se as pessoas mortas sobrevivem, a possibilidade de uma transmissão de pensamentos entre elas e os vivos constitui uma hipótese plausível. Nossa teoria telepática, como é uma teoria psíquica, desprovida de qualquer interpretação física, é perfeitamente aplicável (ao menos *de nome*) aos estados de existência "desencarnada". (*Phantasms of the Living*, I, pág. 612).

[82] A área de pesquisa científica a que Myers se ateve isolou-o dos planos inferiores em que a maldade prevalece. A terapêutica espírita, os exorcismos religiosos e hoje as aplicações terapêuticas da Parapsicologia negam infelizmente esse otimismo do autor, só aplicável aos planos mais elevados da vida espiritual. Ver *30 anos entre os mortos*, de Karl Wickland (Sudamericana, Buenos Aires, 1939 - trad.) *A Study of Telepathy in Interpersonal Relationships*, de Jean Erenwald, George Allen, Ed., Londres, 1954, e *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, edição crítica, Edicel, Calvário ou Lake, São Paulo. (N. E.)

[83] Para evitar qualquer confusão, devo dizer que não penso negar que a telepatia (ou seu corolário, a telergia) possa, em certos aspectos, ser mais freqüente ou mais poderosa entre os selvagens do que entre nós. Os processos evolutivos não são necessariamente *contínuos*. A aquisição, por nossos ancestrais,

de organização inferior do sentido do *olfato*, por exemplo, foi um progresso no caminho da evolução. Mas o sentido do olfato alcançou, talvez, seu grau de energia mais elevado entre as raças inferiores ao homem e foi diminuindo insensivelmente sua potência, inclusive durante o curto intervalo que separa o homem civilizado do selvagem contemporâneo. Contudo, se alguma modificação de nosso meio tornar novamente útil o olfato, sua recuperação constituirá um processo evolutivo, tendo em vista que a evolução foi interrompida.

84 Não quero afirmar que *todos* os estados psíquicos pouco comuns sejam, necessariamente, evolutivos ou dissolutivos. Prefiro supor a existência de estados que estariam mais bem definidos com o nome de *alotrópicos*, isto é, das modificações na disposição dos elementos nervosos de que depende nossa identidade consciente, sem que seja *superior* ao outro, como não o é o carvão ao grafite e vice-versa. Mas pode existir estados em que o carvão converta-se em diamante, pela substituição da estrutura amorfa pela cristalina.

85 *Sensation et Mouvement*, Paris, 1887, F. Alcan.

86 O Prof. Remy Chauvin acusou recentemente, em artigo na revista *Planète*, Paris, os cientistas avessos a novidades de sofrerem de *alergia ao futuro*. (N. E.)

87 Cientificamente usa-se hoje a expressão *paranormal* para classificar a faculdade mediúnica. (N. E.)

88 Os dados históricos e a documentação a respeito não autorizam a suposição da influência exercida por Kardec sobre os médiuns. Pelo contrário, Kardec não era reencarnacionista ao iniciar no mundo a pesquisa dos fenômenos paranormais. (N. E.)

89 Houve um lapso do nosso autor, *currente calamo*: em o número de março-abril dos mencionados *Annales des Sciences Psychiques* o que há é um artigo de Aug. Lemaitre, *Contribution à l'étude des phénomènes psychiques*, aliás longo. Curiosamente Lemaitre omitiu o nome da médium por "discrição". Em o referido número nada há de E. Lefébure, que aparece em o

número seguinte de maio-junho (número três) com o artigo *Remarques sur les Expériences de M. Lemaitre*. Ainda curiosamente em o mesmo número três já vem a resposta de Lemaitre a Lefébure.

Lemaitre faz uma análise, pelo que parece muito profunda, da língua hindu, comparando-a com o francês pela apreciação de diversos termos. Em todos os artigos não se tocou nenhuma vez no personativo de Hélène Smith, cujo anonimato conservaram então. Em o número quatro do mesmo ano (1897), vem, na página 255, uma carta de Th. Flournoy, dirigida à redação da revista e em que ele, fazendo referência à questão, prometia explicar, sob o ponto de vista psicológico, o fenômeno sem recorrer à explicação espírita de encarnações, vidas anteriores e assim por diante...

Nestas condições, segundo a própria citação de Myers, quem tratou primeiramente de Hélène Smith foi Lemaitre e não Lefébure. (N. E.)

90 Ver, do mesmo autor, *Nouvelles Observations* (pág. 212-213), onde se afirma que um homem que habitava a casa onde a Srta. Smith costumava realizar suas sessões tinha uma gramática sânscrita que se encontrava no lugar exato onde as sessões eram realizadas. No mesmo livro (pág. 206-210), Flournoy demonstra a existência de outras fontes, fora o livro de Marlès (encontrado nas principais livrarias de Genebra) onde a Srta. Smith pôde obter suas informações sobre a Índia; e coloca em relevo (pág. 203-206) na novela hindu as numerosas contradições internas que a tornam incompatível com qualquer hipótese de reencarnação.

91 A obra de Marlès (Lacroix de), cuja primeira edição é de 1828, é a seguinte: *Histoire Générale de l'Inde ancienne et moderne, depuis l'an 2000 av. J. C. jusqu'a nos jours; avec carte*. (N. E.)

92 A diferença entre a captação telepática e a invasão subliminar, de um lado, e a comunicação espiritual, de outro lado, está no envolvimento do médium por uma entidade estranha, dotada

de vontade própria e capaz de caracterizar os seus pensamentos e ações com inteira independência, principalmente quando o médium conserva a sua plena consciência e capacidade crítica durante a manifestação. (N. E.)

[93] Moses é o Reverendo William Stainton Moses, ministro anglicano, pastor de Man e professor da *University School College*, que desenvolveu notável mediunidade psicográfica e de efeitos físicos. (N. E.)

[94] As pesquisas espiríticas mostraram que o espírito possessor não se "apodera" do corpo do possesso, mas se liga magneticamente, por meio de suas correntes energéticas (a *força psíquica* de Crookes) ao espírito do possesso, graças às afinidades com este, subjugando-o. É por meio do espírito do possesso que ele impõe a este a sua vontade. As pesquisas parapsicológicas atuais sobre ação hipnótica por via telepática e sobre os *fenômenos theta* (manifestações de espíritos) caminham na direção dessa teoria. (N. E.)

[95] Por *suspensão da vitalidade* devemos entender o estado de catalepsia ou morte aparente. (N. E.)

[96] Ver o conceito atual de telepatia em *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, de J. Herculano Pires. (N. E.)

[97] William Stainton Moses, *Spirit Teachings*, obra editada em português sob o título *Ensinos Espiritualistas*, pela editora FEB.

[98] Vide capítulo VII.

[99] Ver o capítulo de W. James, em *Psychological Review*, julho, 1898;

[100] A expressão *êxtase* foi substituída por *transe*, ficando aquela reservada para os fenômenos típicos de arrebatamento espiritual. Há também uma seqüência de fases no desenvolvimento do êxtase, que vai desde a simples *distração*, passando pelo *transe*, até o êxtase propriamente dito. (N. E.)

[101] Expressão popular alemã para designar o vazio, as desesperanças, o desengano da vida. (N. E.)

[102] As modernas pesquisas de telepatia à distância, em terra e no espaço cósmico, confirmaram em nossos dias essa esperança de Myers. (N. E.)

[103] Que o mundo espiritual não está fechado, não é indevassável. (N. E.)